



PPGEDUC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

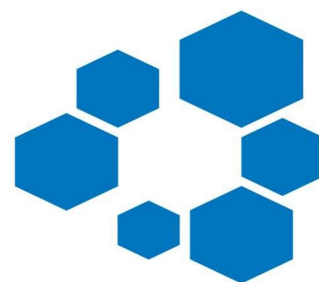
Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão

MILENE GARCIA SILVA

**A ESCOLA PROFESSOR ALBERTO DE MORAIS HOLANDA
EM CORUMBAÍBA-GO (1989/2019): O QUE DIZEM OS PAIS?**

CATALÃO - GO

2020



UFG

**UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese

2. Nome completo do autor

MILENE GARCIA SILVA

3. Título do trabalho

A ESCOLA PROFESSOR ALBERTO DE MORAIS HOLANDA EM CORUMBAÍBA-GO
(1989/2019): O QUE DIZEM OS PAIS?

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Wolney Honório Filho, Professor do Magistério Superior**, em 04/02/2021, às 21:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **MILENE GARCIA SILVA, Discente**, em 05/02/2021, às 00:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1856803** e o código CRC **0DB115F4**.

MILENE GARCIA SILVA

**A ESCOLA PROFESSOR ALBERTO DE MORAIS HOLANDA
EM CORUMBAÍBA-GO (1989/2019): O QUE DIZEM OS PAIS?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás – regional Catalão, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho

Linha de Pesquisa: Políticas Educacionais, História da Educação e Pesquisa (auto) biográfica.

CATALÃO - GO

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Milene Garcia

A ESCOLA PROFESSOR ALBERTO DE MORAIS HOLANDA:
CORUMBAÍBA-GO (1989/2019): O QUE DIZEM OS PAIS?
[manuscrito] / Milene Garcia Silva. - 2020.

CCXLI, 241 f.

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Catalão, 2020.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui siglas, fotografias, abreviaturas, lista de figuras.

1. Instituições escolares.. 2. Histórias de vidas.. 3. Pesquisa Biográfico-Narrativa.. 4. Narrativas. . 5. Biografização.. I. Honório Filho, Wolney, orient. II. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE EDUCAÇÃO

ATA FAE-RC 134/2020

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ATA DA 134ª. SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DESIGNADA PELA COORDENADORIA DO PPGEDUC PARA JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DE MILENE GARCIA SILVA.

Aos onze dias do mês de dezembro de dois mil e vinte, às dez horas (10 h), reuniram-se, por webconferência - RNP, os componentes da banca examinadora, o Prof. Dr. Wolney Honório Filho - PPGEDUC/UFG/UFCAT (em transição) - Orientador; Prof. Dra. Juliana Pereira de Araújo - PPGEDUC/UFG/UFCAT (em transição) - Membro Interno; Prof. Dr. Sebastião Silva Soares - Universidade Federal do Tocantins Campus Arraias - Membro Externo para sessão pública de exame de Defesa de mestrado de MILENE GARCIA SILVA, discente do Programa de Mestrado em Educação – PPGEDUC da UFG-RC/UFCAT (em transição), área de Concentração Educação, com trabalho intitulado "A ESCOLA PROFESSOR ALBERTO DE MORAIS HOLANDA EM CORUMBAÍBA-GO (1989/2019): O QUE DIZEM OS PAIS?". A sessão foi aberta pelo presidente da banca, que fez a apresentação formal dos membros da banca. Em seguida, a palavra foi concedida ao discente que procedeu a apresentação da Defesa. Terminada a apresentação, cada membro da banca arguiu a examinanda. Terminada a fase de arguição, foi suspensa a Sessão Pública e, em Sessão Secreta, os arguidores atribuíram seus conceitos. Reaberta a Sessão Pública foi anunciado o resultado final: DEFESA APROVADA fazendo jus, portanto, ao título de **Mestra em Educação**, de acordo com o artigo 57 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Educação - Regional Catalão/UFCAT (em transição). A Banca Examinadora de Defesa Pública de Dissertação foi realizada em conformidade com a Portaria da CAPES n. 36, de 19 de março de 2020, de acordo com seu segundo artigo: Art. 2. A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG-RC/UFCAT (em transição), aos onze dias do mês de dezembro de dois mil e vinte



Documento assinado eletronicamente por **Wolney Honório Filho, Professor do Magistério Superior**, em 12/12/2020, às 10:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **SEBASTIAO SILVA SOARES, Usuário Externo**, em 12/12/2020, às 19:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Pereira De Araújo, Professor do Magistério Superior**, em 14/12/2020, às 09:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1734818** e o código CRC **4AED8025**.

Referência: Processo nº 23070.051567/2020-78

SEI nº 1734818

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos pais, meus colaboradores de pesquisa: Ana Percília Lucas da Costa, Anésio Araújo de Castro, Divina Márcia Aparecida Vieira, Elcinéia Guimarães da Silva Castro, Elisângela Alves de Souza, Janãine Daniela Pimentel Lino Carneiro, Nívia Cristina da Silva. Sem a vossa solicitude em me ajudar seria impossível a construção desta dissertação.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus vivo e verdadeiro! Diante da sua eterna divindade, me curvo e me esforço.

Ao Espírito Santo, meu companheiro e ajudador fiel!

Aos meus pais, Maria Aparecida da Silva e Vasco Garcia da Silva, aos meus irmãos Lúcio Ivan, Tiago e minha irmã Michele.

À minha família, amigos, que me apoiaram nesse processo.

Às minhas amigas, Juliana Carrijo, Evelyn Ferreira de Andrade, Polliany Vieira de Andrade e Rosângela Carneiro Marques, pelas viagens, experiências, pela parceria e amizade, que deixaram tudo mais especial, não imagino essa trajetória sem elas.

Aos meus colegas de mestrado, em especial, à Marilene Aparecida Santana da Silva, minha companheira de orientação, pela amizade e companheirismo nesse percurso.

À Bethânia Oliveira Silva, por tudo que fez por mim! Muito obrigada!

Ao Prof. Dr. Wolney Honório Filho, meu orientador, que aceitou me conduzir nesse caminho, que agregou conhecimentos e experiências tão significativas à minha história de vida.

À Universidade Federal de Goiás/UFCAT.

À linha de pesquisa Políticas Educacionais, História da Educação e Pesquisa (Auto) biográfica, pela acolhida.

Às professoras Dr^a Aparecida Maria Almeida Barros, Dr^a Fernanda Barros, Dr^a Rita Tatiana Cardoso Erbs, Dr^a Juliana Pereira de Araújo, Dr^a Maria Zenaide, Dr^a Cláudia, e aos Professores Dr. Wolney Honório Filho, Dr. Wender Faleiros, pelo aprendizado e disposição em ensinar.

À Professora Dr^a Juliana Pereira de Araújo e ao Professor Dr. Sebastião Silva Soares, pela gentileza e disponibilidade em aceitar nosso convite, e por fazerem parte desse processo.

À Prefeitura e à Secretaria municipal de Educação em Corumbáiba - GO, em especial, à Escola Professor Alberto de Morais Holanda.

À Kênia Márcia Lemes Pardim, diretora da Escola Professor Alberto de Morais Holanda, pela gentileza e disposição em me ajudar.

Aos pais, pela dedicação, esforço e paciência comigo. Eles foram ótimos narradores!

Deus não nos deu espírito de medo; mas de poder, amor, e de uma mente sã (2 Timóteo 1.7)

RESUMO

O objeto alvo desta pesquisa é a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda, situada na zona rural do município de Corumbáiba/GO. O presente estudo se pautou pela compreensão da escola a partir das narrativas dos pais dos alunos. A intenção de biografização institucional, por intermédio dessa perspectiva, apoiou-se no entendimento de que os pais são protagonistas na educação e escolarização dos filhos, e pela necessidade de ouvir suas vozes dentro da instituição escolar. À vista disso, buscamos, nos documentos oficiais, localizados no acervo da escola e na secretaria de educação do município de Corumbáiba, registros históricos e legais que nos dessem subsídios para a caracterização Histórico, Cultural e Institucional da Escola. Contamos as histórias de vida dos narradores, baseadas em seus relatos, e, por fim, analisamos a Escola Professor Alberto a partir das narrativas dos pais. Todo esse processo interpretativo foi intermediado pelos estudos das (Auto) Biografias, utilizados na construção desta dissertação. Nosso recorte temporal é 1989/2019. Procuramos responder à pergunta norteadora, como se constitui a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda, a partir das narrativas dos pais dos alunos? Para fundamentação teórica desse estudo, que está situado no campo da História da Educação, com especificidade em Instituições escolares, fizemos conexões com os autores, Justino Pereira de Magalhães (2004); Miguel Gonzalez Arroyo (1999); Roseli Salette Caldart (2004); Antonio Bolívar (2012); Delory Momberger (2012); Maria da Conceição Passeggi (2010); Marie Christine Josso (2004); Wolney Honório Filho (2017) André Cellard (2008). O método utilizado foi o Biográfico-Narrativo. Procuramos, por intermédio das narrativas dos pais, a produção de dados, e, posteriormente, sua análise. Para tanto, recorreremos a Bardim (2016), Bolívar (2012), Delory Momberger (2011) o que viabilizou a escrita científica da dissertação.

Palavras-chave: Instituições escolares. Histórias de vidas. Pesquisa Biográfico-Narrativa. Narrativas. Escola Professor Alberto de Moraes Holanda. Biografização.

ABSTRACT

The object of this research is the Professor Alberto de Morais Holanda School, located in the rural area of the municipality of Corumbaíba / GO. The present study was guided by the understanding of the school based on the narratives of the students' parents. The intention of institutional biography, through this perspective, was based on the understanding that parents are protagonists in the education and schooling of their children, and the need to hear their voices within the school institution. In view of this, we searched, in official documents, located in the school collection and in the education department of the municipality of Corumbaíba, for historical and legal records that would give us subsidies for the Historical, Cultural and Institutional characterization of the School. We tell the life stories of the narrators, based on their reports, and, finally, we analyze the Professor Alberto School from the parents' narratives. This entire interpretative process was intermediated by the studies of (Auto) Biographies, used in the construction of this dissertation. Our time frame is 1989/2019. We try to answer the guiding question, how is the Professor Alberto de Morais Holanda School constituted, based on the narratives of the students' parents? For the theoretical foundation of this study, which is located in the field of History of Education, with specificity in school institutions, we made connections with the authors, Justino Pereira de Magalhães (2004); Miguel Gonzalez Arroyo (1999); Roseli Saete Caldart (2004); Antonio Bolívar (2012); Delory Momberger (2012); Maria da Conceição Passeggi (2010); Marie Christine Josso (2004); Wolney Honório Filho (2017) André Cellard (2008). The method used was Biographic-Narrative. We sought, through the parents' narratives, the production of data, and, later, its analysis. For that, we used Bardim (2016), Bolívar (2012), Delory Momberger (2011), which made the scientific writing of the dissertation feasible.

Keywords: School institutions. Stories of lives. Biographical-Narrative Research. Narratives. Professor Alberto de Morais Holanda School. Biography.

LISTA DE FIGURAS

Foto 1- Hall de entrada da Escola Municipal Professor Alberto Morais Holanda.....	34
Foto 2- Professor Alberto Morais Holanda.....	38
Foto 3- Nívia Cristina da Silva.....	56
Foto 4- Janãine Daniela Pimentel Lino Carneiro	61
Foto 6- Ana Percília Lucas da Costa	65
Foto 7- Anésio Araújo de Castro.....	69
Foto 8- Elcinéia Guimarães da Silva Castro	73
Foto 9- Divina Márcia Aparecida Vieira.....	76
Foto 10- Elisângela Alves de Souza.....	78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Escolas Municipais criadas na região rural de Corumbaíba-Goiás (1991).....	37
Quadro 2. Diretoras da Escola Professor Alberto de Moraes Holanda/ Período-Gestão	39
Quadro 3. Programas sociais e suas finalidades.....	47
Quadro 4. Principais diferenças entre agronegócio e agricultura camponesa.....	48

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Transcrição da Entrevista I.....	128
Apêndice B – Transcrição da Entrevista II.....	144
Apêndice C – Transcrição da Entrevista III.....	159
Apêndice D – Transcrição da Entrevista IV.....	173
Apêndice E – Transcrição da Entrevista V.....	199
Apêndice F – Transcrição da Entrevista VI.....	207
Apêndice G – Transcrição da Entrevista VII.....	212
Apêndice H – Transcrição da Entrevista VIII.....	220
Apêndice I – Transcrição da Entrevista IX.....	225
Apêndice J – Transcrição da Entrevista X.....	226
Apêndice k – Transcrição da Entrevista XI.....	231
Apêndice L - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.....	233

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNIP - Universidade Paulista

BDTD - Banco Digital de Teses e Dissertações

EBD - Escola Bíblica Dominical

CONAMAD - Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil

UFCAT- Universidade Federal de Catalão

UFG - Universidade Federal de Goiás

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. Método Biográfico-Narrativo	16
1.1. Biografia Institucional	20
1.2. As fontes de dados, sua produção e análise	22
1.3. A Entrevista Narrativa	23
1.4. As Fontes documentais	24
1.5. Análise dos dados	25
1.6. Por que ouvir os pais dos alunos?.....	26
CAPÍTULO I	29
A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ESCOLA PROFESSOR ALBERTO DE MORAIS HOLANDA	29
A História da Educação e os Estudos sobre as Instituições Escolares	29
O Processo de Institucionalização da Escola Professor Alberto de Moraes Holanda...	33
A Educação Rural/e a Educação no/do Campo	41
Considerações parciais sobre o capítulo	52
CAPÍTULO II.....	54
OS NARRADORES	54
Histórias de vidas	54
Apresentando os narradores	55
Nívia Cristina da Silva.....	56
Janãine Daniela Pimentel Lino Carneiro	61
Ana Percília Lucas da Costa.....	65
Anésio Araújo de Castro	69
Elcinéia Guimarães da Silva Castro	73
Divina Márcia Aparecida Vieira	76
Elisângela Alves de Souza.....	78
Considerações parciais do capítulo	81
CAPÍTULO III.....	83
A ESCOLA PROFESSOR ALBERTO DE MORAIS HOLANDA A PARTIR DAS NARRATIVAS DOS PAIS DOS ALUNOS	83

A Escola Professor Alberto de Moraes Holanda a partir das Narrativas dos Pais dos Alunos. 85

As percepções dos pais sobre a participação da comunidade escolar e o diálogo na escola Professor Alberto.....	86
A falta de adaptação na escola da cidade e as desigualdades sociais.....	93
A segurança escolar e a disciplina dos alunos.....	99
Família, comunidade e afetividade na escola.....	104
Considerações Parciais do capítulo III.....	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS.....	118

INTRODUÇÃO

Nas linhas introdutórias desta dissertação, começo me autobiografando, uma tarefa difícil para qualquer contador de histórias, e, como num enredo, vou construindo uma personagem, tecendo alguns significados da minha trajetória de vida. Não o faço de maneira linear, mas fazendo recortes significativos, como nas narrativas biográficas.

O processo pelo qual vou construindo minha história de vida, tem início na infância, uma época muito significativa para mim. Fui uma criança extremamente agitada, gostava de subir em árvores, de brincar de pique-pega, andar de carrinhos de rolimã, da correria mesmo, quanto maiores as aventuras nas brincadeiras, mais eu as apreciava, na verdade, as bonecas nunca foram prioridade para mim, as considerava sem emoção.

O tempo foi passando, e, na adolescência, as experiências que mais me marcaram foram as que estiveram relacionadas à fé e às atividades que sempre desenvolvi na igreja. Sou evangélica desde a infância, cresci cantando nos corais, participando dos grupos de teatro, de crianças, adolescentes e jovens. As lembranças sempre se remetem aos retiros e congressos de que participava.

Meu contato com as biografias começou nas leituras que fazia nos estudos teológicos, e, por meio da Bíblia, a grande narrativa do mundo.

Nessa época, meu trabalho na igreja foi se desenvolvendo, fui líder de adolescentes e jovens por mais de uma década, professora da EBD¹, por vários anos, e, atualmente, sou missionária ordenada pela CONAMAD².

Nesse sentido, a Teologia³, Missiologia⁴ e estudos relacionados a elas, fazem parte da minha história de vida desde a infância. Sou natural de Corumbáiba/GO, cidade interiorana do Estado de Goiás. Não venho de uma família de acadêmicos, e nem abastada de recursos econômicos, fato que não me dava muitas possibilidades de pensar uma carreira acadêmica.

A arte de interpretar minha própria trajetória como universitária iniciou-se no ano de dois mil e treze, quando ingressei na UNIP (Universidade Paulista), no curso de Pedagogia, o curso não era minha primeira opção. No entanto, no processo formativo, fui me apaixonando

¹ Escola Bíblica Dominical.

² Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil.

³ Ciência ou estudo que se ocupa de/sobre Deus, sua natureza e seus atributos.

⁴ Estudo das Missões.

pelas disciplinas e percebi que estava para além das minhas expectativas. Em 2017, recebi o título de Pedagoga, logo, iniciei uma especialização em Psicopedagogia clínica, institucional e educação especial, a qual carece de conclusão.

Em meados de 2018, frequentei, como aluna especial, o PPGEDUC, na linha de pesquisa Políticas educacionais, História da Educação e Pesquisa (auto) biográfica. Cursei a disciplina “Cultura escolar”, e, a partir de então, iniciei o processo para a seleção do PPGEDUC. Aprovada, iniciei no Programa no ano de 2019.

Precisei me reinventar, me reinterpretar, e, nesse sentido, poderia contar histórias bonitas, mas a trajetória nem sempre é fácil, precisei trabalhar arduamente para ir à universidade. Todo esse processo formativo me exigiu um exercício de retomada de lembranças, compreensão da minha subjetividade e de revisitação do enredo passado, que trouxe arte e vida à trama na qual me fiz e ainda me faço protagonista.

Rememorar e ressignificar a trajetória da vida é uma tarefa complexa e delicada, na medida em que me autorretratar, dentro de uma produção acadêmica, é, no mínimo, desafiador. Para Abrahão (2004, p. 202) “as (Auto) Biografias são constituídas por narrativas em que se desvelam trajetórias de vida. Esse processo de construção tem na narrativa a qualidade de possibilitar a auto compreensão, o conhecimento de si, àquele que narra sua trajetória”. Nesse sentido, meu processo autobiográfico leva-me a refazer um caminho, desvelar percursos e sentidos guardados dentro de singelas emoções.

É a apropriação do eu que se foi e que retorna para interpretar o presente, pensando o futuro. Vejo-me pensando a partir de lembranças carregadas de sentidos, memória que rememora, que tece a história, que costura encontros e desencontros, que faz nascer a própria trama.

Minha história de vida é um enredo, uma trama, com construções e reconstruções como a de todo ser humano. Contudo, ao falar de mim mesma, faço um exercício interpretativo, um processo de autoconhecimento, e, ao colocar no papel as minhas representações, elas dizem, com verdade, o que sou, como uma personagem.

Se há algo que descobri, nesse percurso de estudar as narrativas, é que o significado que damos a todas as coisas é, na verdade, a interpretação que damos a nós mesmos, às nossas identidades, construídas por meio das narrativas das nossas vidas, mesmo quando selecionamos momentos da trajetória.

Os silêncios, as negações, as afirmações, os encantos e desencantos, as paragens e as reinterpretções, todas essas coisas fazem parte da narrativa humana.

Pode ser que amanhã eu acrescente detalhes à minha personagem, e tenha outro palco de atuação, mas as marcas indeléveis aparecerão, para que sejam possíveis futuras reinterpretações, não faço ressalvas, nem considerações, mas sim reflexões.

Essas memórias se fazem presentes também no meu objeto de estudo, no campo das Instituições Escolares, com lócus de pesquisa na Escola do campo, a saber: A Escola Professor Alberto de Moraes Holanda: Corumbaíba (1989/2019): O que dizem os pais? Buscamos entender a escola a partir das narrativas dos pais dos alunos e suas percepções da escola.

Portanto, o objeto alvo desta pesquisa é a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda, situada na zona rural do município de Corumbaíba-GO. Esta investigação nasceu a partir de inquietações mediante observações do contexto educacional, no qual estou inserida, que é o do município de Corumbaíba-GO. O município está situado no interior de Goiás, Região Centro-oeste do país.

É de praxe, em Corumbaíba, as escolas receberem alunos da zona rural, no decorrer dos anos. Contudo, observando as trajetórias dos alunos de zona rural, constatei algo que logo me chamou atenção! Observei que crianças e adolescentes do município de Corumbaíba deixavam as escolas na cidade para estudarem na Escola Professor Alberto de Moraes Holanda, situada na zona rural de Corumbaíba, fazendo, assim, um deslocamento inverso.

Isso não é porque os alunos não têm oportunidade de se escolarizarem nas escolas urbanas, que, por vez, se situam muito próximas a suas casas, totalmente acessíveis a eles. Os pais optaram por matricularem seus filhos na referida escola no campo, deixando o conforto e a facilidade de estarem nas escolas urbanas, além de renunciarem a outros benefícios distintos que elas ofereciam aos alunos em comparação à escola localizada no campo.

Ao realizarmos um levantamento bibliográfico, recorreremos ao Banco Digital de Teses e Dissertações – BDTD/UFG, ao Banco Digital de Teses e Dissertações – BDTD/Nacional. Buscamos pelos termos: Narrativas sobre Instituições Escolares; Instituições Escolares; Escola do Campo; História de Instituições Escolares. Encontramos, em média, 20 produções, que, de alguma maneira, se aproximam do nosso estudo, sendo 2 teses e 18 dissertações.

Ao procurarmos por produções sobre o tema, relacionadas a nossa pesquisa como: “História de Instituições Escolares”, observamos Naves (2013), Santee (2017), França (2016), Peixoto (2013), Jacob (2016) e Santos (2009) entre outros. Referente ao tema Escola do/No Campo, encontramos os trabalhos de Castro (2012), Alves (2014), Moreira (2016), Silva (2019), Faria (2015), Peizini (2016). A dissertação defendida por Michele Maria da Silva (2019); que traz como tema: O Ensino médio para os jovens do campo na região de Uberlândia-

MG, trouxe contribuições que nos levaram a pensarmos nas questões camponesas. A produção de Renata Cristine Santos Vaz (2018), “Narrativas de “alunas professoras” sobre o Grupo de Aplicação do C. F. P. P. de Catalão/Go (1964 – 1983)”, traz reflexões sobre as Histórias de vida; e a Dissertação de Nelsimar José Naves (2013): “História e Memória do Ginásio Simon Bolívar em Corumbáiba-GO (1956 a 1974)”, contribuiu para o aprofundamento no que diz respeito aos assuntos concernentes ao estudo das Instituições Escolares.

À vista disso, a partir dos estudos mencionados acima, não foram identificadas pesquisas sobre a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda, objeto da nossa pesquisa. Também não foram identificados, nos levantamentos que fizemos, nenhum trabalho que historicize uma Instituição escolar a partir das narrativas dos pais dos alunos, o que faz dessa pesquisa pioneira na História da Educação no Brasil. O recorte temporal que estabelecemos está entre 1989, ano de sua institucionalização, a 2019, início desta pesquisa.

Esta pesquisa buscou lançar luzes no que tange à compreensão da História da Escola Professor Alberto de Moraes Holanda, pautando-se na perspectiva Histórica das Instituições Escolares e se situando na linha de pesquisa: Políticas educacionais, História da Educação e Pesquisa (Auto) biográfica, do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, sob orientação do Professor Dr. Wolney Honório Filho.

Nesse ínterim, para a fundamentação teórica da pesquisa, faremos conexões, por exemplo, com os autores: Justino Pereira de Magalhães (2004); Miguel Gonzalez Arroyo (1999); Roseli Salete Caldart (2004); Antonio Bolívar (2012); Delory Momberger (2012); Maria da Conceição Passeggi (2010); Marie Christine Josso (2004); Wolney Honório Filho (2017) André Cellard (2008).

Nessa perspectiva, tivemos como ponto de partida a seguinte questão: Como se constituiu a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda a partir das narrativas dos pais dos alunos?

Constituímos como objetivo geral: Compreender a escola Professor Alberto de Moraes Holanda a partir das narrativas dos pais dos alunos.

Os objetivos específicos foram: I - Caracterizar o Contexto Institucional Histórico e Cultural da Escola Professor Alberto de Moraes Holanda. II - Conhecer os narradores, pais e mães, que optaram por matricular seus filhos na Escola Professor Alberto de Moraes Holanda, mesmo tendo a opção de matriculá-los em escolas próximas as suas residências. III - Analisar a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda a partir das narrativas dos pais dos alunos.

A escola da “Ponte”, como é conhecida a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda,

está localizada no município de Corumbaíba/GO⁵. O município está localizado no Sudeste de Goiás, sendo banhado pelos rios Corumbá e Paranaíba, o que levou a cidade a receber esse nome. A cidade tem origem no povoado Arraial Novo dos Paulistas, localizado na fazenda dos arrendidos, cujo proprietário era Manoel Francisco das Neves e família Ferreira de Cubas. O povoado se tornou Vila Xavier de Almeida no ano de 1905, e, posteriormente, com a Lei Estadual N.º 351, de 20 de julho de 1909, Vila Corumbaíba, e, por fim, em 8 de maio de 1912, desmembrou do município de Catalão, passando a ser Município.

A estimativa populacional de Corumbaíba, em 2010, era de 8.181 habitantes, segundo o Instituto de Geografia e Estatística. Sua principal atividade é a agroindústria, destacando-se a pecuária leiteira. O atual prefeito é Wisner Araújo de Almeida. Assim, além da instrução, esta dissertação está estruturada da seguinte forma:

No primeiro capítulo, tivemos como proposta a caracterização institucional, histórico e cultural da Escola Professor Alberto de Moraes Holanda, e de como podemos identificar essa escola como Escola no/do Campo. Para isso utilizamos as fontes documentais e a revisão bibliográfica.

Para a construção do segundo capítulo, tivemos como prioridade conhecer os narradores, pais e mães, que optaram por matricular seus filhos na Escola Professor Alberto de Moraes Holanda, mesmo tendo a opção de matriculá-los em escolas próximas às suas residências. Procuramos escrever a História de vida dos pais, a partir das narrativas biográficas.

Nossa intenção para o terceiro capítulo foi analisar a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda a partir das narrativas dos pais dos alunos. Buscamos compreender as percepções dos pais sobre a escola por meio do processo de biografização institucional.

1. Método Biográfico-Narrativo:

A multiplicidade de maneiras de fazer pesquisa em educação nos lança desafios no que diz respeito ao processo de utilização de um método adequado ou que alcance, de maneira satisfatória, a investigação na qual nos debruçamos. Optamos pelo método biográfico-narrativo, partindo do pressuposto que historiar a Escola Professor Alberto, através das narrativas dos pais dos alunos, é uma oportunidade de trazer as impressões de pessoas que também são construtores dessa História.

⁵ Informações sobre do Histórico de Corumbaíba, retiradas da página oficial da prefeitura do município de Corumbaíba/GO (ver referências).

Antônio Bolívar nos diz que:

Não se trata apenas que os narradores contam suas vidas, mas que eles as mantenham no palco e descubram o significado de sua trajetória. Portanto, na pesquisa narrativa, trata-se de viver a história onde as duas narrativas (pesquisador e participante) se reúnam em uma construção narrativa compartilhada (BOLÍVAR, 2012, p. 83, *tradução nossa*)

A narrativa não é só relatar acontecimentos, mas também dar sentido ao vivido, interpretando-o a partir de um relato de experiências vividas, construindo uma narrativa compartilhada.

A escolha do método biográfico-narrativo se deu a partir do que julgamos ser um instrumento histórico, na medida em que reproduz histórias de vida ou história de uma Instituição escolar. Para Delory Momberger (2012, p.525), “o falar de si recobre, por sua vez, formas diversas que têm relação com a pluralidade dos objetivos enunciativos e dos tipos discursivos que elas põem em funcionamento”. As narrativas dão conta, dentro desse processo plural discursivo, de narrar uma história a partir de um tempo, de uma perspectiva, e de inúmeras expectativas, que vão se formando a partir de uma construção de vida. Nas palavras de Paul Ricoeur:

A operação da construção do enredo pode ser definida, em sentido amplo, como uma síntese de elementos heterogêneos. Mas síntese de quê? Primeiro, síntese entre eventos ou múltiplos eventos e a história completa e singular. De acordo com esse primeiro ponto de vista, o enredo tem a virtude de obter uma história a partir de diversos eventos ou, se preferir, de transformar vários eventos em uma história. Nesse sentido, um evento é muito mais que uma ocorrência, ou seja, algo que simplesmente acontece: o evento é aquele que contribui para o desenvolvimento da história, tanto quanto para o seu início e seu resultado. (RICOEUR, 2006, p.10)

Para Ricoeur (2006), essa trama é, na verdade, um enredo cheio de acontecimentos descortinados a partir do processo da fala, trata-se de memórias que, mesmo não escritas em documentos oficiais, ou guardadas em acervos institucionais, quando ouvidas, passam a ser representadas a partir de uma identidade narrada, biografada. É a biografização do passado, presente e futuro, capaz de comunicar uma cultura a um povo, e fortalecê-la pelo movimento do narrar, do ouvir, do relatar.

Partindo da premissa de historiar uma instituição escolar, recorreremos ao método biográfico-narrativo por entender que investigar a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda, através das narrativas dos pais dos alunos, é reconhecê-los como atores da escola, sujeitos que a representam em suas narrativas, cuja atuação está presente no cotidiano escolar, uma vez que

são os responsáveis diretos pelos alunos. Referente à pesquisa biográfica, Delory Momberger (2012, p. 524, *grifos da autora*), diz:

O objeto da pesquisa biográfica é explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência. E, conjuntamente, como os indivíduos – pelas linguagens culturais e sociais que atualizam nas operações de biografização – contribuem para dar existência, para reproduzir e produzir a realidade social (“linguagens” tem aqui um sentido muito amplo: códigos, repertórios, figuras de discurso; esquemas, scripts de ação etc.).

A narrativa se elege como uma maneira desses indivíduos poderem dar sentido a si mesmos dentro de um contexto histórico, social, cultural e escolar. Compartilhando, com os demais, suas experiências vividas, como diz o autor:

Os pesquisadores narrativos podem se concentrar nas histórias que as pessoas contam, com uma sequência temporal de eventos (começo, intermediário e fim). Como tal, é uma forma de discurso que dá sentido à experiência vivida através da ordenação de objetos e eventos em um todo significativo. Entendemos a narrativa como uma maneira pela qual os indivíduos fazem sentido de si mesmos e do mundo (BOLÍVAR, 2012, p. 33, *grifos do autor, tradução nossa*).

Para além de um conjunto de informações sucessivas, a narrativa dá forma, sentimento, dá sentido ao vivido. Nas narrativas, os atores se reconhecem dentro desse processo institucional. Nesse sentido, encontramos, no método biográfico-narrativo, suporte para a nossa pesquisa. Como diz Delory Momberger (2012, s/p.) “as experiências que temos, são, de fato, construídas; constroem-se biograficamente”. É a partir de suas próprias vivências, processo de interação com os pares, e, através das experiências que vão se formando ao longo do tempo e da história de vida, ou história de uma instituição escolar, que essas experiências criam forma, por meio das narrativas que podem conceder vida ao vivido.

A pesquisa biográfica reconhece, todavia, um lugar particular à enunciação e ao discurso narrativo, na medida em que o narrativo, pelas suas características específicas, é a forma de discurso que mantém a relação mais direta com a dimensão temporal da existência e da experiência humana. Esclareçamos, aliás, que o relato, cujo fundamento e princípio de organização é constituído pelo discurso narrativo, acolhe muitas outras formas de discurso que descrevem, explicam, argumentam, avaliam as “ações” relatadas. É da maior importância reconhecer essa pluralidade discursiva do relato, pois é no entrecruzamento das formas de discurso que ele apresenta que se tornam potencialmente acessíveis os sistemas de tematização e de valorização utilizados pelo narrador. (MOMBERGER, 2012, p. 525-526, *grifos da autora*).

A narrativa é o modo que o ser humano encontra de expressar sua singularidade, sua visão de mundo, ou como o mundo é visto por ele, e, ao mesmo tempo, quando acontece esse processo de pensamento reflexivo e de biografização.

Como diz Bolívar (2007, p.37), “o que exige um esforço reflexivo para encontrar um enredo, argumento ou significado que relacione e vincule as diferentes experiências, em uma síntese do heterogêneo como Ricoeur (2006) a chama, ao longo do tempo através de uma história”. Recriamos história quando entrelaçamos as experiências de vida, daquilo que foi sentido, vivido, e, de forma subjetiva, silenciado, até que, com o relato compartilhado, se transforma em enredos passivos de investigação. As múltiplas experiências dão forma ao heterogêneo e levam à interpretação do vivido.

[...] a narrativa de vida não tem em si poder transformador, mas, em compensação, a metodologia de trabalho sobre a narrativa de vida pode ser a oportunidade de uma transformação, segundo a natureza das tomadas de consciência que aí são feitas e o grau de abertura à experiência das pessoas envolvidas no processo (JOSSO, 2004, p. 153).

A investigação narrativa perpassa por um processo de associação, quando contamos e recontamos histórias de vida, construímos, mutualmente, um relato compartilhado, e, a partir desse relato, identificamos a subjetividade dos atores, que, pelas suas narrativas, constroem tramas, colocando em cena trajetórias de vida.

A pesquisa narrativo-biográfica, como um ramo da pesquisa narrativa, compartilha alguns dos princípios metodológicos gerais da pesquisa qualitativa, especialmente a perspectiva interpretativa ou hermenêutica, cujo objeto são textos essencialmente discursivos. Em um sentido amplo, pode-se entender que, no final, toda pesquisa qualitativa é de fato uma investigação narrativa. Os próprios relatórios de pesquisa, como apontou Gudmundsdottir (1996), são compostos de narrativas integradas de quatro elementos: dados observacionais, histórias contadas pelos informantes, histórias ouvidas pelo pesquisador e modelos de estrutura narrativa que norteiam a pesquisa. (BOLÍVAR, 2012, p.79,80. *Tradução nossa*).

A construção e utilização do método biográfico-narrativo perpassa pelos crivos de observação e hermenêutica, desde os primeiros contatos com os relatos até as análises que dão forma ao documento e a informação narrativa. O investigador como mediador usa a hermenêutica para articular com as complexidades do objeto estudado e com os textos discursivos narrados.

Nesse sentido, o método biográfico-narrativo sinaliza para uma compreensão, não só a partir de um tempo histórico, social e cultural, mas aponta também para aquilo que é intrínseco aos seres humanos e próprio de cada um, a sua subjetividade e as experiências num dado recorte

temporal de sua trajetória de vida. Os sujeitos usufruem das narrativas para reconstituírem ou recontarem história, através de um lugar no tempo e espaço. Delory Momberger sinaliza:

Se tal é o objeto conceitual que a pesquisa biográfica pode fixar para si, resta ainda definir o “terreno”, o “material” mais apropriado para apreender esse objeto, para permitir sua observação e análise. Esse terreno e esse material são de natureza bem particular, já que o pesquisador não pode ter acesso a eles a não ser pelas entradas que os sujeitos lhe dão mediante os atos de biografização a que se entregam. Esses atos podem, evidentemente, assumir uma pluralidade de manifestações – mentais, comportamentais, gestuais –, mas a mediação privilegiada para se chegar às modalidades singulares segundo as quais o sujeito atualiza os processos de biografização é, incontestavelmente, a atividade linguajeira, a fala que o sujeito mantém sobre si próprio. O falar de si recobre, por sua vez, formas diversas que têm relação com a pluralidade dos objetivos enunciativos e dos tipos discursivos que elas põem em funcionamento. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 525, *grifos da autora*).

A autora fala a partir de um processo narrativo que dá entrada aos sujeitos pelo exercício da fala, assumindo, assim, conceitos que, antes, eram só experiências sem voz, mas que, a partir do processo de biografização, possibilitam os processos mentais a estabelecerem elos com a história a partir dos relatos. Essa diversidade e pluralidade ocorrem por meio do que a autora diz de “atividade linguajeira”, que coloca em processo de investigação o discurso da trama que as narrativas transformam em informação. Para além de processos históricos somente determinados no passado, mas, projeta a história através do exercício do pensar na reconfiguração do processo histórico através dos relatos de vida.

1.1. Biografia Institucional

Contar a História de uma instituição escolar é também retratar a História de um povo de culturas e modos de vida diferentes. Uma maneira não só de retratar o passado, mas também de fazer projeções. Para Honório Filho:

[...] pesquisas sobre instituições escolares no Brasil cresceram significativamente nos últimos trinta anos, incorporando importantes conhecimentos no campo da História da Educação. Nosela e Buffa (2013) dizem que apesar de terem seu primeiro momento nas décadas de 1950 e 1960, essa modalidade de pesquisa ganhou consistência em 1990. Porém, há poucas pesquisas sobre história das instituições escolares que adotam as biografias narrativas como metodologia. (HONÓRIO FILHO, 2017, p. 56)

As biografias narrativas têm como efeito historiar as instituições a partir dos relatos e das falas dos narradores, que dão a elas um novo sentido interpretativo. É também um processo

de revisitação da memória institucional. Nas palavras de Paul Ricoeur (2007, p. 24), "lembrar-se é ter uma lembrança ou ir em busca de uma lembrança". Contar a história de uma instituição, através de um processo narrativo, é buscar essa lembrança. Para Josso:

Não é inútil lembrar aqui que a narração é orientada pela reconstituição do que as pessoas pensam ser experiências significativas (situações, encontros, atividades, acontecimentos) para explicar e compreender o que, hoje, elas se tornam no que diz respeito às suas competências, aos seus recursos, as suas intenções, aos seus valores, às suas escolhas de vida, aos seus projetos, às suas ideias sobre elas próprias e sobre o seu meio humano e natural. (JOSSE, 2004, p. 148)

Nesse sentido, a biografia institucional pode ser reconhecida como um processo de experiências de vida que se encontram e se entrelaçam. Para Nascimento (2015, p. 08) "a narrativa supõe uma sequência de acontecimentos que nos presenteia com a possibilidade de revelar fios que ficaram esquecidos no tempo, mas que, ao serem lembrados, nos inscrevem numa história bem próxima da realidade". Na narrativa institucional, podemos verificar esses fios, que fazem conexões com os vestígios de identidade deixados para trás, e, assim, através dos relatos, percebermos essa organização identitária.

[...] identidade de um estabelecimento escolar pode ser entendida como "a maneira pela qual os atores apresentam ou definem socialmente seu estabelecimento". As organizações de sucesso geralmente têm uma concepção poderosa de sua identidade, ou seja, uma maneira coerente de se apresentarem a seus membros e ao público (Schultz et.al., 2012). Bem, essa identidade é constituída e se manifesta através das histórias, portanto, como defendeu Ricoeur podemos chamá-la de "identidade narrativa". (BOLÍVAR, 2014, p. 333, *grifos do autor, tradução nossa*).

Para o autor, a compreensão de identidade de uma instituição escolar passa pelo entendimento de seus agentes, ou de como essas pessoas percebem a escola, qual é a representação da instituição para elas. Desse modo, representar ou biografar uma instituição escolar é bem mais que contar sua história a partir de relatos formais ou resumidos em documentos engessados.

Os relatos servem para examinar o comportamento e a cultura organizacionais, compreender as experiências passadas e os eventos atuais, distinguir uma organização da outra e socializar aos novos membros, na medida em que constituam imagens compartilhadas da organização em que trabalham (BOLÍVAR 2012, p. 339, *tradução nossa*).

Para Bolívar (2012), através de um relato, podemos entender a identidade institucional por seus elementos próprios, seja através da fala, tempo, personagens ou situações. Quando compete a alguém narrar o que viu, sentiu e ouviu, atravessa-se o sentido formal de

institucionalização, abrindo um caminho no qual a subjetividade pode ser revisitada, e uma história contada, também, através das impressões e experiências que formaram a instituição a partir de um grupo de pessoas. Segundo Bolívar (2012), essa identidade pode ser compreendida através dos relatos que os agentes da escola fazem dela mesma, se tornando, segundo o autor, “uma narrativa de identidade”, dando forma e voz aos vestígios do trabalho humano, elencando uma cultura através de memórias, uma vez que essa identidade vai modelar as novas instituições escolares.

1.2. As fontes de dados, sua produção e análise

Agendamos uma conversa com os pais dos alunos, apresentamos a eles a pesquisa e os convidamos para serem nossos colaboradores. O encontro teve início às 17:30 h do dia 29 de janeiro de 2020, no Centro Pró-Menor, localizado na Rua Maria Luíza Velotti s/n, Setor Vila /Nova.

Estiveram presentes na reunião o Professor Dr. Wolney Honório Filho, orientador da pesquisa; os pais: Anésio Araújo de Castro; Elcinéia Guimarães da Silva Castro; Elisângela Alves de Souza; Nívea Cristina da Silva; Divina Márcia Aparecida Vieira Gomes; Ana Percília Lucas Costa; eu e minha irmã Michele Garcia Silva, que acompanhou a reunião.

A reunião, em formato de roda de conversa, iniciou-se com as apresentações, logo, em seguida, foi apresentada, por mim e pelo orientador, a proposta da pesquisa (Auto) biográfica sobre a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda.

A conversa foi mediada pelo Orientador professor Wolney, e, durante a conversa, ao observarmos as narrativas dos pais, percebemos algumas características que julgamos importantes em uma escola, como: quantitativo de alunos em sala de aula, e o modo como isso se tornou relevante para eles no processo de ensino/aprendizagem.

Outro fator preponderante, segundo eles, é a maneira como a Escola Professor Alberto recebe as crianças e adolescentes, o acolhimento e o afeto, foram prioritariamente mencionados por eles. Segundo as narrativas dos pais, o processo de socialização e adaptação na instituição, por parte dos alunos, acontece por conta de fatores que envolvem a convivência, o diálogo. Percebemos, também, a menção dos termos “família” e “comunidade” com muita ênfase.

Segundo eles, a parceria e comunicação das famílias com a instituição faz com que os alunos da Escola Professor Alberto tenham ânimo e vontade de estar na escola, de pertencer a um grupo educacional, social e familiar. Foi ressaltada a importância do processo de resistência

das Escolas do Campo, seus enfrentamentos e conquistas, mesmo diante de políticas que tentam extingui-la, e a necessidade de permanência na terra e da escola na terra.

Foram feitas ressalvas sobre a cultura do lugar, que culmina na cultura da escola, e de como os pais priorizam questões como costumes, valores e disciplina. Observamos que, mesmo num mundo tecnológico e midiático, onde o capitalismo dita as regras, para que a aprendizagem aconteça, num processo de desenvolvimento acelerado, notamos que, para os nossos narradores, a formação pessoal, cognitiva e social, devem caminhar a seu tempo, e, melhor que acúmulo de informações, é o aprender! Aprender sentindo, aprender valorizando o outro, se sentindo pertencente a uma comunidade, aprender valores, sentidos e sabores! No final do encontro, depois de troca de informações, apresentação e conhecimento da pesquisa narrativa, fizemos o convite aos pais para serem nossos colaboradores. À vista de termos nosso convite aceito, iniciamos o processo de agendamento das entrevistas/conversa⁶.

1.3. A Entrevista Narrativa

Agendamos com os pais as entrevistas, que aconteceram em suas residências, com ressalvas das mães, Elisângela e Nívia, cujas conversas aconteceram via (WhatsApp), e a conversa com a Ana Percília, que foi realizada na casa de Câmara Municipal, em Corumbáiba/GO. As conversas foram gravadas em áudio, e, posteriormente, transcritas.

Procuramos conhecer um pouco sobre suas histórias de vidas e sobre a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda a partir dos seus relatos.

Desse modo, esta pesquisa produziu dados a partir das narrativas dos pais dos alunos da escola professor Alberto de Moraes Holanda. Em nossa abordagem, exploramos o olhar dos pais dos alunos sobre a instituição, ou seja, por meio do enfoque biográfico-narrativo, procuramos vislumbrar uma biografia institucional. Por conseguinte, como suporte para o desenvolvimento desta pesquisa, foi elaborada uma revisão bibliográfica fundamentada em teóricos que poderiam contribuir com o tema.

⁶ Esta pesquisa faz parte do projeto Guarda Chuva DE HISTÓRIAS DE VIDA E DE INSTITUIÇÕES ESCOLARES: INVESTIGAÇÕES BIOGRÁFICAS E NARRATIVAS EM EDUCAÇÃO, que tem PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP/UFG: Instituição Proponente: Campus Catalão. Responsável: Wolney Honório Filho. CAAE: 60989816.3.0000.5083. DADOS DO PROJETO DE PESQUISA. Número do Parecer: 1.997.188 - 03 de abril de 2017.

Recorremos à entrevista narrativa como instrumento na produção de informações para nossa investigação.

A entrevista narrativa é um procedimento de construção de dados que busca compreender as experiências do indivíduo, inseridas em uma realidade social determinada. Assim, privilegia a introspecção do entrevistado que, pela linguagem, atribui significado às suas experiências, por meio de narrativas construídas segundo seus próprios critérios de utilização e relevância (RAVAGNOLI, 2018, p. 09).

Para Ravagnoli (2018), na entrevista narrativa, é o relato do entrevistado que conduz a entrevista. Clandinin e Connelly (2000, p. 20) definem pesquisa narrativa como “uma forma de entender a experiência” em um processo de colaboração entre pesquisador e pesquisado. A entrevista narrativa é um exercício de escuta que o pesquisador faz através do relato produzido pelo narrador, configura uma oportunidade de ouvirmos as experiências e as subjetividades dos narradores. Ainda, para os autores, “[...] a pesquisa narrativa mais comum pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno” (CLANDININ e CONNELLY, 2000, p. 20). Na pesquisa narrativa, “O papel do pesquisador é apresentar ao entrevistado uma questão gerativa não direcionada a respostas pontuais e que encoraje uma narração extemporânea, ou seja, improvisada, não previamente elaborada” (RAVAGNOLI, 2018, p. 02). Na perspectiva da entrevista narrativa, pautamos, como fonte principal de produção de informações, as narrativas dos pais.

Utilizamos como ferramenta narrativa as entrevistas semiestruturadas, que, para Triviños (1987, p. 146), tem como característica questionamentos básicos, que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos podem dar frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal é colocado pelo investigador-entrevistador. Essas entrevistas têm como alvo os pais dos alunos, pois nos proporcionam informações que vão além dos documentos formais.

1.4. As Fontes documentais

Também, para produção de dados, recorremos à análise documental como suporte da pesquisa, a partir dos documentos localizados no acervo da escola e na secretaria de educação

de Corumbáiba, tais como; Projeto Político Pedagógico da Escola, as fichas de matrículas dos alunos, as produções literárias do Professor Alberto de Moraes Holanda (*in memoriam*), de quem a instituição recebeu o nome.

À vista disso, esses materiais nos deram subsídios históricos e institucionais, oferecendo suporte para a construção colaborativa de conhecimentos, conforme explica Cellard (2008, p. 295):

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente.

Esse suporte documental e bibliográfico possibilitou riquezas de informações, estabelecendo condições de pesquisa, que, em conjunto com as narrativas, nos deram dados importantes, como a formação da Escola Professor Alberto de Moraes Holanda, seus fundamentos históricos, institucionais, sua consolidação legal.

1.5. Análise dos dados

Para a Caracterização do Contexto Institucional, Histórico e Cultural da Escola Professor Alberto de Moraes Holanda, que foi proposto para o primeiro capítulo da dissertação, recorreremos às fontes documentais, nos pautamos pelos registros oficiais, institucionais e históricos da instituição. Também, para a análise, foi realizada a revisão bibliográfica.

Para a análise do segundo capítulo, cujo objetivo foi conhecer as histórias de vidas dos narradores, e, posteriormente, a análise do terceiro capítulo, que tinha por finalidade a análise da Escola Professor Alberto, a partir das narrativas dos pais, utilizamos os relatos, por meio do enfoque Biográfico-Narrativo. Com os áudios das narrativas, as transcrições das entrevistas em posse, observações do diário de campo, fizemos várias leituras, comparamos, refletimos, problematizamos, para selecionarmos os conteúdos mais significativos à vista dos pais, para a biografização da Escola Professor Alberto. Utilizamos, para análise de biografia institucional, Bolívar (2012). Para o autor, a pesquisa é criada durante o seu processo investigativo.

Segundo Bolívar (2002, p. 4.), “a narrativa não apenas expressa dimensões importantes da experiência vivida, mas também mais radicalmente, ela medeia a própria experiência e molda a construção social da realidade”. Nesse sentido, buscamos, por meio das narrativas,

compreender a Escola Professor Alberto, pois a narrativa não se constitui apenas como método, mas como uma maneira de construir a realidade. (BOLÍVAR, 2002).

Segundo Weller e Otte (2014, p. 338), o papel do pesquisador, no momento da interpretação, é direcionar-se a essas marcas que “moldam [suas] biografias e que são relevantes para a compreensão das posições e papéis ocupados pelos indivíduos na estrutura social”. O pesquisador recria os textos, para que o leitor possa compreender as construções sociais a partir das experiências narradas.

1.6. Por que ouvir os pais dos alunos?

O primeiro contato social que a criança tem é com seus pais, os laços de afetividade e ontologia se estabelecem com eles ainda em tenra idade. Pensando no processo formativo das crianças junto a uma instituição escolar, percebemos a importância de dar voz àqueles que, indivisivelmente, estão entrelaçados com os filhos, e, assim, com a instituição que eles estudam.

Segundo Vygotsky:

O princípio de contínua interação entre a base biológica do comportamento e as mutáveis condições sociais; os fatores biológicos preponderam sobre os sociais apenas no início da vida. Com o desenvolvimento do pensamento, o próprio comportamento da criança passa a ser orientado pelas interações que estabelece (VYGOTSKY apud FERREIRO, 2003, p. 130).

Para o autor, à medida que a criança vai se desenvolvendo, a interação com o meio social vai moldando seu comportamento. Nesse sentido, a família é a primeira instituição com a qual a criança tem contato direto, ou seja, os pais são os primeiros mediadores que a criança tem. Quando chega à idade de escolarização, ela interage com uma nova sociedade institucional, e são os pais que vão escolher essa instituição escolar. Para aprender a ler e escrever, a criança deve estar envolvida no processo; a formação da intelectualidade da criança depende da sua vida social e das suas relações com pessoas, das quais a afetividade é aspecto inseparável. Assim, não há linguagem sem emoção; não há movimento sem emoção (MENEZES, 2009, p. 1674). Nesse sentido, pensamos que os pais são atores indispensáveis na escolarização dos filhos e colaboradores da instituição escolar.

A vida contemporânea tem demandado uma escolha criteriosa da escola, uma vez que os pais estão completamente envolvidos no mercado de trabalho, e têm estado atentos à escolha da escola, porque sabem que boa parte da formação intelectual de seus filhos estará ligada à

instituição escolar, e, assim, buscam conhecer a história da instituição a que vão confiar seus filhos.

À vista disso, vemos que os olhos maternos e paternos têm se voltado para a escola no sentido de conhecê-la, partindo do pressuposto de que os pais escolhem uma escola pela estrutura afetiva, intelectual, bem como pela sua própria participação dentro dela.

Nesse sentido, acontece um conhecimento dessa instituição por parte dos pais, que, a todo momento, estão historiando e fazendo história dentro dessa instituição. A princípio, fazem uma investigação sobre essa instituição, estabelecendo critérios de escolha, logo após, tornam eles mesmos, em conjunto com todos os agentes da escola, construtores dela.

Ouvir os pais é conhecer aqueles que são ouvintes genuínos, penso que ninguém mais que os pais ouve relatos dos acontecimentos escolares, desde a matrícula, a série, a professora, o lanche, as tarefas, o recreio, as angústias, as dores, as alegrias, as festinhas comemorativas, etc...Tudo isso é transformado em relatos e ouvido diariamente pelos pais: a experiência vivida ali, as experiências que constroem a vida, a memória individual, a memória coletiva, a memória institucional.

O que dá forma ao vivido e à experiência dos homens são as narrativas que eles fazem de si. A narração não é apenas o instrumento da formação, a linguagem na qual esta se expressaria: a narração é o lugar no qual o indivíduo toma forma, no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 56).

Há relatos que perpassam as paredes da escola e são ouvidos pelos pais, que, na maioria das vezes, tem seus filhos matriculados durante anos numa mesma instituição. São relatos que não vão para relatórios e documentos oficiais da escola, mas que ficam guardados na memória dos pais e filhos, e, posteriormente, se transformam em relatos sociais. São narrativas do cotidiano que dão forma à história de uma instituição. Para Bolívar (2014, p. 351) “o relato polifônico de vários atores, por exemplo em um grupo de discussão, ou várias histórias individuais combinadas pelo pesquisador ou avaliador, permite que a história da instituição seja construída”. Nessa visão, ouvir os pais se difere de ouvir os demais membros ordinários da escola, pois estamos falando de pessoas que se envolvem num sentido mais amplo, confiando à instituição escolar, a aprendizagem e o futuro de seus filhos.

E isso ultrapassa quesitos formais, pois requer, desde um processo de afetividade e amor até a formação dos filhos, o que os tornam atores legítimos, tanto na história de vida de seus filhos como na de participantes diretos na história e memória da instituição escolar.

Para Passeggi (2010, p. 112. *grifos da autora*) “a pesquisa autobiográfica tem por ambição compreender como os indivíduos (a criança, o jovem, o adulto,) e/os grupos (familiares, profissionais, gregários...) atribuem sentido ao curso da vida, no percurso da vida, no percurso de sua formação humana, no decurso da história”. É esse olhar de fora, e, ao mesmo tempo, tão presente, que liga as teias que vão construindo a memória de uma sociedade. E são os pais que, muitas vezes, veem as dores, os desafios dos seus filhos, dentro de uma instituição escolar.

Construo-me, assim, na projeção do olhar do outro, na antecipação da leitura do outro. De certo modo, não paro de me escrever, isto é, de compor os efeitos de escrita que vêm, ao mesmo tempo, modelar e autenticar meu estilo, permitindo reconhecer-me a mim mesmo e ser reconhecido pelos outros. (DELORY MOMBERGER, 2008, p. 65)

É a construção do outro que esbarra na nossa própria construção, e, nesse sentido, conseguimos perceber os pais como integrantes ativos da escola, que transitam entre a formação e o afeto. São eles os maiores torcedores para que a escola prospere, o que os torna construtores institucionais.

CAPÍTULO I

A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ESCOLA PROFESSOR ALBERTO DE MORAIS HOLANDA

O objetivo deste capítulo é caracterizar o contexto institucional histórico e cultural da Escola Professor Alberto de Moraes Holanda. Aqui, serão levantados alguns aspectos sobre o processo de institucionalização da Escola Professor Alberto de Moraes Holanda, bem como os marcos históricos de fundação que deram autenticidade à escola, que, anos depois, seria vista como modelo educacional pelo município Corumbaibense.

A História da Educação e os Estudos sobre as Instituições Escolares

Para Carlota Botto (2014), a pesquisa de uma instituição escolar, no campo da história da educação no Brasil, é um processo de investigação, organização e conhecimento, através dos quais se conhecem as tradições da escola como saberes, valores e outros movimentos de aprendizagem. A autora ainda afirma “[...] a História da educação ainda é território privilegiado para tomar do passado as pistas que podem nos conduzir à iluminação do presente” (BOTTO, 2014, p. 115). A partir dessa atitude de descortinar o passado institucional, observa-se os indícios que construíram os elementos, que, hoje, predominam na escola, pois não existiria uma história institucional sem um processo de formação realizado ao longo do tempo.

Segundo Justino Magalhães, historiar uma instituição é:

[...] compreender e explicar os processos e os “compromissos” sociais como condição instituinte, de regulação e de manutenção normativa, analisando os comportamentos, representações e projetos de sujeitos na relação com a realidade material e sociocultural de contexto (MAGALHÃES, 2004 p. 58).

Compreendemos que a educação acontece tanto em ambientes escolares e não escolares. No entanto, as instituições escolares ainda continuam sendo o referencial de escolarização e transmissão de conhecimentos da sociedade. Segundo Sanfelice (2007, p.78), “nenhuma instituição manifesta sua identidade plena apenas no interior dos seus muros, por isso é fundamental olhar para seu entorno. Um entorno que se inicia bem junto a ela, mas que pode ser uma caminhada para uma dimensão cada vez mais macro”. A escola pode ser entendida como um lugar que reúne elementos culturais diversos, uma vez que cada agente dessa escola tem uma leitura de mundo diferente.

Pensando assim, cada instituição carrega valores e aprendizados distintos, que nos habilitam dizer que estudar uma instituição escolar é um processo de construção social. “[...] As lembranças e os esquecimentos que constroem nossas instituições (e que são igualmente construídos por elas) são constantemente permeados por relações de poderes que se estabelecem entre os seus diversos grupos” (OLIVEIRA, 2009, p. 2). Desse modo, o estudo das instituições escolares se torna relevante no sentido da compreensão dos espaços formadores da sociedade, e, logo, da educação brasileira.

Conforme Justino Magalhães,

As instituições educativas são organismos vivos, cuja integração numa política normativa e numa estrutura educativa de dimensão nacional e internacional é fator de conflito entre os campos da liberdade, criatividade, sentido crítico e autonomização dos atores e o normativismo burocrático e político-ideológico estruturante (MAGALHÃES; 2004, p. 124).

Estudar instituições escolares é também ressignificar os valores de uma sociedade, é apresentar um caminho de possibilidades de fazer história, seja no campo político, social, educativo. Halbwachs (2003, p. 69) afirma: “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes”. As instituições escolares têm essa possibilidade de interação formativa, ou seja, a escola é capaz de, através de suas práticas, dar condições de problematização ao presente, na mesma medida que desvela o passado.

A história das instituições educativas cumpre este triplo registro de conhecimento do passado, problematização do presente, perspectivação do futuro. Organismos vivos, as instituições educativas como grupos sociais e como as pessoas angustiam-se, pensam tomam decisões, analisando o presente na sua complexidade e no jogo de probabilidades de desenvolvimento, perspectivando o futuro e inquirindo, fazendo balanço, atualizando o seu próprio passado. É uma história material, social, cultural, biográfica, reflexiva, que procura uma objetividade e um sentido de inquérito, na conceitualização, descrição, narrativa, compreendendo e explicando o presente-passado por referência ao destino dos sujeitos e à evolução da realidade (MAGALHÃES, 2004, p. 71).

O processo reflexivo que se faz na escola e da escola está presente desde o primeiro contato que os indivíduos experimentam dentro dela. Esse processo se torna a porta de entrada para um caminho narrativo e interpretativo do ser que está em formação. “[...] as instituições não são recortes autônomos de uma realidade social, política, cultural, econômica e

educacional. Por mais que se estude o interior de uma instituição, a explicação daquilo que se constata não está dada de forma imediata em si mesma” (SANFELICE, 2007, p. 78-79).

Por meio das interlocuções que os pais/narradores relatam sobre a escola professor Alberto, as experiências que vivenciaram através da instituição, constatamos que a instituição projeta em cada um, símbolos e vivências que levam os narradores a falarem da instituição pelos olhos da subjetividade. Segundo Antônio Bolívar (2014, p. 330):

Las organizaciones, como construcciones sociales, están constituídas por conjuntos de relatos coletivos, vividos y transmitidos que circulan en la cultura interior y en la imagen exterior. Las narrativas, como nudos estratégicos en la construcción del sentido comunitario, son los medios por los que se manifiesta la memoria institucional, la historia y se constituye la identidad organizacional y profesional⁷.

Para o autor, as narrativas são um modo de articulação da cultura de uma instituição escolar com a sociedade. Esse movimento narrativo, através dos relatos, molda a percepção e a memória coletiva, construindo a identidade da instituição.

Por meio da construção dessa identidade é que são possíveis os meios de interação eficazes para a construção cultural e histórica de uma instituição escolar, uma vez que “Quando a organização é vista como uma cultura, na qual os processos de interação social que nela se realizam se impõem prioritariamente, ela adquire um papel protagonista para a compreensão de normas, crenças e histórias, como dimensões essenciais daquilo que são” (BOLÍVAR, 2014, p.

330. *tradução nossa*). O autor assegura que esse entendimento compartilhado produz significado à história institucional, no sentido de que a realidade da organização se dá mediante os processos vivenciados nela, e, posteriormente, narrados, culminando no seu processo de desenvolvimento. Pensando assim, percebemos os atores dessa instituição através dos relatos de suas experiências, e pelos significados que dão a eles mesmos e a essa realidade institucional.

Essa estrutura construída através da narrativa permite, na mesma proporção, a construção das histórias de vida dentro dela, pois os relatos entre experiência e instituição se tornam indissociáveis.

⁷ As organizações, como construções sociais, são constituídas por conjuntos de histórias coletivas, vividas e transmitidas, que circulam na cultura interna e na imagem externa. As narrativas, como nós estratégicos na construção do sentido comunitário, são os meios pelos quais a memória e a história institucionais se manifestam e como se constitui a identidade organizacional e profissional. (BOLÍVAR, 2014, p.330, *tradução da pesquisadora*).

Para Bolívar (2014), quando historiamos uma instituição, damos significado a ela e a todos que fizeram parte dessa organização, e o contar dessa história, através dos relatos, dá forma à sua realidade social, aos acontecimentos que perpassam pela história da organização e de seus membros. “Os indivíduos constroem organizações nas formas como as percebem, vivem e expressam; para que possamos estudá-los por meio de (auto) biografias e histórias”. (BOLÍVAR, 2014, p. 331. *tradução nossa*). Para o autor, é esse olhar subjetivo que é capaz de tornar a história plural, coletiva, pois ela é construída através das maneiras pelas quais os indivíduos os percebem.

É esse movimento hermenêutico que os membros de uma instituição realizam, e, através da fala, socializam, dão forma a uma organização. O processo narrativo dá sentido a todas as ações vivenciadas na escola. Segundo Bolívar (2014), a memória institucional e sua cultura é única, pois cada agente a percebe de maneira intrínseca aos acontecimentos. Contudo, uma vez que as experiências dos personagens, dentro da escola são subjetivas, a história de uma instituição também é plural, pois a leitura de mundo e as experiências de cada ser são indivisíveis e plurais, e se desenvolvem ao longo da vida. “[...] Contar los hechos pasados está intrínsecamente unido a lo que para el informante y el ayente les concierne en el presente o en sus vidas futuras (BOLÍVAR, 2014, p. 333)⁸. Para o autor, esse processo de rememoração do passado, através dos relatos que preconizam as leituras de mundo, possibilita esse olhar interpretativo do presente e permite projetar o futuro.

Esse olhar biográfico traz consigo elementos capazes de reproduzir uma identidade narrativa. Onde o belo narrado e as expectativas sobre uma instituição escolar dizem dos anseios dos próprios narradores.

A concepção aqui é que uma Instituição Escolar é uma realidade construída socialmente, e que tem sua própria história. Ou seja, ela não é uma realidade puramente objetiva, mas é atravessada por regras, estruturas, gestão, significados, rituais que indicam uma cultura organizativa. Ou seja, ela tem sua biografia institucional, que significa que seus processos e modo de ser podem ser ou se tornarem objetos de estudo de pesquisa científica, onde sua memória organizacional emerge de relatos da vida organizativa, o que coloca em jogo tanto memórias individuais quanto coletivas. E estas relações é o que caracteriza tanto a identidade da instituição quanto a identidade das pessoas que a constroem, enquanto parte da instituição. (HONÓRIO FILHO; JACOB, 2015, p. 148)

⁸ “Contar eventos passados está intrinsecamente ligado ao que diz respeito ao informante e ao ouvinte no presente ou em suas vidas futuras” (BOLÍVAR, 2014, p. 333, *tradução da pesquisadora*).

Esse olhar biográfico traz consigo elementos capazes de reproduzir a memória institucional, que compreende as estruturas de uma instituição, em conjunto com a singularidade de cada ator da escola. As Histórias de vidas que se constroem dentro dessa organização nos dá um caminho para a sua compreensão, no sentido que, a História de uma instituição escolar é rodeada por traços da vida cotidiana, daqueles que foram e que são formadores dela. E ao se tratar de narrativas, as subjetividades e as expressões das experiências de cada colaborador educacional trazem significados para o passado, presente e futuro dessa organização.

O Processo de Institucionalização da Escola Professor Alberto de Moraes Holanda

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (LARROSA, 2002, p. 21).

Quando pensamos escola, pensamos na pluralidade do ser, do sentir, do pensar, suas experiências. Nossas lembranças sobre ela são repletas de significados, e o que é a vida sem significado? Significado coletivo, interpretativo, assim como descreveu Larrosa (2002), que nos toca, nos alcança.

A Escola Professor Alberto conquistou a comunidade corumbaibense, não pelos aspectos físicos e mensuráveis, mas pelo acolhimento diferenciado, na maneira de ensinar e amar ao mesmo tempo, de levarem os alunos a um processo de construção de significados, a partir de experiências educacionais que se alinham com práticas de respeito e companheirismo, dando sentido à trajetória da vida escolar.

Foto 1- Hall de entrada da Escola Professor Alberto de Morais Holanda



Fonte: pesquisa de campo, fevereiro de 2020.

A palavra escola nos remete a tantas lembranças, que vão desde o imaginário dos contos de fadas às lembranças mais sutis e encantadoras, que começam na infância e vão se desenrolando pela adolescência. E o que é adolecer sem a escola? Sem as experiências indeléveis registradas através dela e nela?

Comprender el centro escolar como una realidade construída socialmente, conduce a verlo como una institución que tiene su propia historia, que por eso mismo ha generado estructuras, roles, patrones de acción, significados, rituales etc.; es decir, su cultura organizativa. Las escuelas, en lugar de realidades objetivas, tienen su propia biografía institucional, historia y procesos de desarrollo, que pueden ser objeto de estudio. (BOLÍVAR, 2014, p. 332)⁹.

Ao historiarmos uma instituição escolar, também são desveladas a nós histórias de vida, na medida que vão contando a história institucional. São experiências que se entrelaçam, que se mesclam. “Portanto, o desenvolvimento de nossa autocompreensão dependerá de nossa participação em redes de comunicação onde se produzem, se interpretam e se medeiam

⁹ Compreender a escola como uma realidade socialmente construída leva a vê-la como uma instituição que tem uma história própria, que, por isso mesmo, - gerou estruturas, papéis, padrões de ação, significados, rituais etc.; ou seja, sua cultura organizacional. As escolas, ao invés de realidades objetivas, têm sua própria biografia institucional, história e processos de desenvolvimento, que podem ser estudados. (BOLÍVAR, 2014, p. 332, tradução da pesquisadora).

histórias” (LARROSA, 2004, p.19). A experiência dos narradores, pais, nos mostram uma história viva, longe da prisão do papel, do documento oficial.

Nesse sentido, contar a história da Escola Professor Alberto de Moraes Holanda é revisitar experiências que ficam registradas não somente em documentos legais, mas nas lembranças daqueles que fizeram acontecer a história dessa instituição, através de suas histórias de vidas.

Não compreendemos a escola como uma instituição que seja capaz de promover a educação de maneira solitária. Percebemos a escola como parte de um processo educacional transformador, que interage com a família no processo de socialização e ensino aprendizagem. Para Bolívar (2019, p.14):

[...] en lugar de delegar la responsabilidad al centro educativo, se precisa más que nunca la colaboración de las familias y de la “comunidad educativa” barrios, municipios con el centro educativo. Establecer redes intercentros, con las familias y otros actores de la comunidad incrementa el capital social y facilita que la escuela pueda mejorar la educación de los alumnos, al tiempo que todos se hacen cargo conjuntamente de la responsabilidad de educar a la ciudadanía.¹⁰

Bolívar (2019) percebe a escola, através de uma educação comunitária, conjunta, também plural, que só exerce uma prática educacional promissora, quando toda a comunidade escolar está em sintonia para um bem comum.

É a partir desses registros memoráveis que queremos contar essa história, e, para isso, contamos com documentos legais, como: leis municipais de criação, Projeto Político Pedagógico da Escola Professor Alberto de Moraes Holanda, Atas, Decreto, Regimento interno.

E para dar vida a essa escola, convidamos os pais dos alunos, para que expressem o que viram e viveram a partir das suas próprias experiências e de seus filhos. Esses olhares diversos, plurais, nos fazem revisitar e projetar a história dessa instituição escolar e descobrir como uma instituição se ergue dentro dos muros escolares, em que o motorista desempenha um papel educacional, a professora opina no transporte e a merendeira também é professora.

As multifaces dessa escola conquistaram a comunidade corumbaibense e se tornaram referência educacional, contrapondo olhares dos centros urbanos vistos como mais eficazes. É

¹⁰ [...] em vez de delegar ao centro educacional a colaboração das famílias e dos bairros da "comunidade educativa", mais do que nunca, os municípios com o centro educacional. O estabelecimento de redes intercentros, com famílias e outros atores da comunidade, aumenta o capital social e facilita, para a escola, a melhoria da educação dos alunos, enquanto todos assumem conjuntamente a responsabilidade de formar os cidadãos .(Bolívar, 2019, p.14, tradução da pesquisadora).

numa conjuntura campesina, no interior de Goiás, que descobrimos a fama da Escola Professor Alberto de Moraes Holanda. O todo jamais poderemos relatar, contudo, esses fragmentos de uma história nos fazem rememorar e refazer o percurso institucional.

A história das práticas discursivas de autonarração é também uma história social e uma história política. Daí a importância de considerar os lugares sociais e institucionais nos quais os textos autonarrativos se produzem, se reproduzem, se medeiam, se avaliam e se utilizam para fazer coisas, para fazermos coisas. (LARROSA, 2004, p. 21).

Compreender a escola é também um exercício de rememoração, uma vez que da escola levamos lembranças para a vida toda. Mas, também, como diz Honório Filho (2011, p. 189), “a memória vem elegantemente acompanhada pelo esquecimento, quando ousamos navegar pelo pandemônio turvo das nossas recordações”.

No Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Rural Professor Alberto de Moraes Holanda (2018, p. 9), encontramos a informação de que, no ano de 1989, se deu o início das atividades da escola. Na época, as atividades pedagógicas foram inauguradas pela professora Cláudia de Fátima Almeida. O surgimento e funcionamento da escola só foi possível mediante as solicitações da comunidade Quinca Mariano, que pertencia ao município de Corumbaíba/GO, ao prefeito na época, o senhor Sebastião Moraes de Oliveira, que designasse uma professora para atender à comunidade. Inicialmente, nessa época, a citada professora enfrentou desafios referentes ao sistema de regime multisseriado. Nas palavras da Professora Janãine, secretária da educação em Corumbaíba, no período de (2018/2019), e uma das mães entrevistadas:

Até o início dos anos 1990, até praticamente 1993,1994 todas as escolas rurais eram chamadas de escolas isoladas. Eram escolas que se localizavam nas fazendas nas diferentes regiões do município, muitas vezes um fazendeiro ou proprietário de terra que tinham filhos em idade escolar doavam o terreno e a própria comunidade ou outras vezes a prefeitura construíam o prédio. Esse prédio geralmente era formado por uma sala de aula e uma cozinha e tinham as casinhas que eram as antigas privadas, duas, para os meninos e para as meninas, que eram os banheiros. Basicamente a estrutura das escolas eram essas, claro que tinham outras que funcionavam nas sedes das fazendas, eu conheço relatos que dizem que algumas se localizavam até nos barracões de algumas propriedades e tudo (JANÃINE, 2020).

Segundo o PPP da escola, a instituição é mantida pelo Poder Público Municipal, administrada pela Secretaria Municipal da Educação, sob a jurisdição da Subsecretaria Regional da Educação de Catalão - GO; foi criada pela Lei nº 109, registrada nas folhas 25 e 25v do livro próprio, no gabinete do Prefeito Municipal Sebastião Moraes de Oliveira, aos 13

dias do mês de novembro de 1991. O PPP ainda cita que a escola, além do atendimento à população local, recebe também alunos das fazendas vizinhas e da cidade de Corumbaíba.

Destaca-se, ainda, que a escola não possuía um prédio próprio, funcionando, a princípio, na casa do senhor Toninho, morador da Ponte Quinca Mariano. Em 1992, a escola transferiu-se para um rancho de pau a pique, e a professora Sandra Maria dos Santos assumiu as funções pedagógicas até o final do corrente ano.

De início, a escola funcionava na residência do Sr. Toninho, morador da Ponte Quinca Mariano, sendo transferida em 1992, para um rancho de pau a pique próximo ao antigo local quando a professora Sandra Maria dos Santos foi designada para atuar até o final do corrente ano. No ano de 1993, na gestão do prefeito Romário Vieira da Rocha, foi construído o prédio da escola em um terreno cedido pelo Estado, após o mesmo presenciar as precárias condições de funcionamento. Neste mesmo ano assumiu a escola a professora Maildes Beraldo Martins de Souza (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2018, p. 9).

Sobre a criação das Escolas municipais em Corumbaíba, entre elas, a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda, citamos a criação da seguinte Lei: n 109/91 de 13 de novembro de 1991. Sobre o documento: “Cria Escolas Municipais”. Faço saber que a câmara municipal de Corumbaíba, Estado de Goiás, aprovou, e eu, Sebastiao Moraes de Oliveira, Prefeito municipal, sanciono a seguinte lei:

Art. 1º Ficam criadas, no município de Corumbaíba, Estado de Goiás, as seguintes escolas municipais:

Quadro 1. Escolas Municipais criadas na região rural de Corumbaíba-Goiás (1991)

Nome da Escola	Localização
Escola Municipal São Benedito	Fazenda Serra do Taperão
Escola Municipal Tibúrcio Carlos de Resende	Fazenda São Jerônimo
Escola Municipal Justino Rodriguês de Araújo	Fazenda Serra Negra
Escola Municipal Justino Carlos de Deus	Fazenda Ladeira
Escola Municipal José Monteiro de Araújo	Fazenda Serra Negra
Escola Municipal Salviano Naves de Almeida	Fazenda Corcovado
Escola Municipal Santa Luzia	Fazenda Moeda
Escola Municipal Pedro Coelho Ribeiro	Fazenda Bálsamo
Escola Municipal Gérson Carneiro Ribeiro	Fazenda Bom sucesso
Escola Municipal Getúlio Vargas	Fazenda Terra Vermelha

Escola Municipal Hortêncio Carneiro de Pádua	Fazenda Bom Jardim
Escola Municipal Américo Abílio de Araújo	Fazenda Cana Brava
Escola Municipal Tancredo Neves	Fazenda Lenda de Ouro
Escola Municipal Professor Alberto de Moraes Holanda	Fazenda Quinca Mariano
Escola Municipal Orozimbo Fernandes	Fazenda Palmares
Escola Municipal Maria Marieta Celestino da Silva	Avenida Barão do Rio Branco n. 445, Centro - Corumbaíba/Go

Fonte: Dados organizados pela pesquisadora, com base nos dados da Secretaria de Educação do Município de Corumbaíba, 2020.

Em 1993, o senhor Romário Vieira da Rocha assumiu a prefeitura de Corumbaíba, e, diante da inadequada estrutura física da escola, a atual gestão, em parceria com o governo do Estado, que, na ocasião, cedeu o terreno, construiu um prédio para a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda. Nesse novo prédio, a professora Maildes Beraldo Martins de Souza assume as atividades pedagógicas da escola.

Com base no documento da instituição, a escola recebeu esse nome em homenagem a um antigo professor chamado Alberto de Moraes Holanda, por sua contribuição intelectual à região. Segundo o PPP (2018, p.09), “era um homem culto que deixou sua terra natal e veio residir no município de Corumbaíba, contribuindo decisivamente para a formação de muitas pessoas”.

Foto 2 – Professor Alberto Moraes Holanda



Fonte: Acervo Escola Professor Alberto de Moraes Holanda

O professor Alberto de Moraes Holanda deixou sua família no Ceará e chegou à Corumbaíba por volta de 1942. O documento ressalta:

Professor Alberto era um homem inteligente e esforçado, começou a trabalhar em uma escola na região da Bocaína. Vale registrar que a iniciativa para a homenagem partiu da vereadora Doramas Lemes de Almeida, na gestão de 1993 a 1996. Em 1994, após ter sido aprovado em um concurso do Estado de Goiás, assumiu a Escola Isolada José Pires da Costa, cursou o Projeto Lúmem, formando-se no magistério. Ficou na “Fazendinha” até se aposentar. Muito contribuiu com a Educação do município, escreveu poemas, crônicas e poesias com o crescente número de alunos, a escola transformou-se em uma escola pólo, tendo como primeira diretora Nelziene do Vale Fernandes, que permaneceu na escola até 1996 (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2018, p. 09).

Embora o PPP pontue que as atividades da escola começaram com professora Cláudia de Fátima Almeida, destaca que a primeira diretora foi a professora Nelziene do Vale Fernandes. A escola não iniciou suas atividades num prédio formal, e, naquela época, as professoras atuaram em diversas funções na escola, como: Merendeira, faxineira, professora, secretária e diretora.

Quadro 2. Diretoras da Escola Professor Alberto de Morais Holanda/ Período-Gestão

Prof. ^a . Nelziene do Vale Fernandes	Gestão 1994-1996);
Prof. ^a . Adriana Correa Lopes	Gestão 1997-2000);
Prof. ^a . Clélia Canêdo Gomes	Gestão 2001-março de 2005;
Prof. ^a . Márcia de Carvalho Vieira Martins	Gestão (2005-2008) ;(2009–2012) ;(2012 – 2014);
Prof. ^a . Cleuza Aparecida Fagundes Vaz	Gestão 2015 – 2016);
Prof. ^a . Kenya Márcia Lemes Dias Pardim	Gestão 2017- 2020).

Fonte: Dados organizados pela pesquisadora, com base nos dados do Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Professor Alberto Morais Holanda, 2020.

Desde sua fundação, a Escola Professor Alberto tem atendido uma diversidade considerável de crianças. Dentre essas crianças, estão uma porcentagem considerável do município de Corumbaíba, que, diariamente, se deslocam para se escolarizarem nessa escola. Esses alunos encontram, nessa instituição escolar, um acolhimento, para além do quesito institucional, mais afetiva e cultural. Bock *et al* (1999, p. 124) escreve que:

A escola surgirá, então, como um lugar privilegiado para este desenvolvimento, pois é o espaço em que o contato com a cultura é feito de forma sistemática, intencional e planejada. O desenvolvimento – que só ocorre quando situações de aprendizagem o provocam – tem ritmo acelerado no ambiente escolar. O professor e os colegas formam um conjunto de mediadores da cultura que possibilita um grande avanço no desenvolvimento da criança.

A afetividade na escola e as condições sob as quais são recebidas essas crianças provocam uma aproximação mais ampla com o processo de ensino-aprendizagem, com a cultura do lugar e nas relações com seus pares, provocando, nessas crianças e adolescentes, uma leitura de mundo significativa e formativa.

Pode-se supor, também, que a afetividade se constrói como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (alunos) e os diversos objetos do conhecimento (áreas e conteúdos escolares), bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas (LEITE e TASSONI, 2000, p. 9-10).

A presença do afeto nos relacionamentos sociais ajuda nas condições de aprendizado, uma vez que o desenvolvimento cognitivo é estimulado pelas emoções. Para Henrique Wallon (1975, p. 159), “O eu e o outro constituem-se, então, simultaneamente, a partir, de um processo gradual de diferenciação, oposição e complementaridade recíproca”. Essa socialização, que é construída através das diferenças e similaridades, torna o indivíduo esse ser em constante desenvolvimento. A ação desse processo é realizada através dos relacionamentos sociais e afetivos. Nessa perspectiva, a interação da família e da escola se torna indispensável. De acordo com Dessen e Polonia (2007, p. 22):

A família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsores ou inibidores do seu crescimento físico, intelectual e social. A escola constitui-se um contexto no qual as crianças investem seu tempo, envolvem-se em atividades diferenciadas ligadas às tarefas formais (pesquisa, leitura dirigida, por ex.) e aos espaços informais de aprendizagem (hora do recreio, excursões, atividades de lazer). Neste ambiente, o atendimento às necessidades cognitivas, psicológicas, sociais e culturais da criança é realizado de uma maneira mais estruturada e pedagógica que no ambiente de casa. A família não é, portanto, o único contexto em que a criança tem oportunidade de experienciar e ampliar o seu repertório como sujeito de aprendizagem e desenvolvimento (POLONIA; DESSEN, 2005, p. 304).

O contexto de socialização, que envolve toda a comunidade escolar, assim como a família, também é ressaltado por Antonio Bolívar (2019). Para o autor, é necessário redesenhar o contexto burocrático da escola, oportunizando a todos o desenvolvimento da aprendizagem, interação, de maneira a abranger a todos seus agentes.

Educación para el ejercicio de una ciudadanía democrática, al que también tienen que contribuir las propias familias, supone primar la participación en todos los ámbitos escolares, como una comunidad que comparte por igual un conjunto de derechos democráticos de participación y comunicación. (BOLIVAR, 2019, s/p)¹¹.

¹¹ Educar para o exercício da cidadania democrática, para o qual também as próprias famílias devem contribuir, implica dar prioridade à participação em todos os espaços escolares, como comunidade que partilha igualmente

Conforme Bolívar (2019), a comunicação entre todas essas esferas educativas e sociais é indispensável, e o exercício da cidadania, numa escola democrática, requer a participação de todos os atores da escola. Também, segundo o RCNEI (1998, vol.1, p. 21-22),

“as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação”.

É a partir desse processo de interação afetivo, social e democrático que as instituições escolares se constroem também como instituições sociais, formadoras de agentes capazes de construir suas próprias histórias dentro do contexto em que vivem.

A Educação Rural/e a Educação no/do Campo

Desde o final do Império brasileiro, a Educação rural já era um assunto em discussão. Contudo, o tema não foi abordado nas constituições de 1824, 1891. E mesmo em seus termos fundantes, não foi contemplada com as mesmas intencionalidades pensadas para a Educação urbana. Segundo Simões e Torres (2011), em 1917, quando as migrações começam a tomar maiores proporções, a proposta de Educação rural foi uma maneira de conter esse movimento migratório, que passou a ser significativo no contexto da época. Em consequência disso, o ensino, para o meio rural, se tornou uma reprodução da escola urbana, na expectativa de que os camponeses permanecessem no campo.

Acreditava-se, e era disseminado o pensamento excludente, de que os povos do campo, tais como pequenos proprietários de terra, assentados, posseiros, boias-frias, ribeirinhos, atingidos por barragens, acampados, arrendatários, sitiantes, ou seja, trabalhadores rurais ou braçais, não necessitavam de uma escolarização nos moldes de outros segmentos da sociedade. Fundamentadas nesse pensamento, as ações educativas brasileiras, por um período histórico considerável, foram destinadas às classes sociais mais elevadas, como os comerciantes, os artistas, os filhos dos grandes latifundiários.

Nessa perspectiva de concentração de poder, que compreendeu as esferas da sociedade nos âmbitos políticos, sociais, intelectuais, educativos e econômicos, podemos dizer que o

um conjunto de direitos democráticos de participação e comunicação. (BOLIVAR, 2019, s / p. Tradução da pesquisadora).

homem e a mulher do campo não eram contemplados por esse sistema elitizado de Educação no Brasil, um modelo educacional que, inquestionavelmente, era sustentado por um modo de reprodução capitalista hegemônico, que distanciava, cada vez mais, os trabalhadores do campo de uma educação de qualidade, que respondia as suas especificidades.

Observamos, entre outros fatores, o fato de que, somente na criação da terceira constituição brasileira, a Constituição de 1934, promulgada pela Assembleia Nacional Constituinte, que é redigido, pela primeira vez, um texto que dispõe a Educação como direito de todos. A mesma lei cita o trabalho agrícola e a Educação Rural, a qual dispõe a responsabilidade de financiamento a cargo da União. Nota-se, na leitura constitucional de 1934, no artigo 121, parágrafo 4º, e no artigo 156:

O trabalho agrícola será objeto de regulamentação especial em que se atenderá, quanto possível, ao disposto nesse artigo. Procurar-se-á fixar o homem ao campo, cuidar de sua educação rural, e assegurar ao trabalhador nacional a preferência na colonização e aproveitamento das terras públicas/Para realização do ensino nas zonas rurais, a União reservará, no mínimo, vinte por cento das quotas destinadas a educação no respectivo orçamento anual.

O texto de Lei, referenciado por democrático, seria substituído nos anos seguintes, especificamente, em novembro de 1937. Com a Era Vargas/ Estado Novo, ocorreu uma ruptura política, social, educacional. O texto constitucional, elaborado por Francisco Campos, ocupa o lugar do documento constitucional de 1934, simultaneamente, com o estabelecimento do Estado Novo, a Lei de 1934 foi substituída por ideologias totalitárias, o que culminou na vinculação do campo educacional ao trabalho. Em 1942, o Então Ministro da Educação Gustavo Capanema surge com as leis orgânicas ou Reforma Capanema leis/decretos, que normatizaram o ensino primário, secundário, industrial, comercial, normal e agrícola. Posteriormente, na Constituição Federal de 1946, o Estado se exime da responsabilidade pela educação desses trabalhadores, deixando a cargo do setor privado.

[...] III - as empresas industriais, comerciais e agrícolas, em que trabalhem mais de cem pessoas, são obrigadas a manter ensino primário gratuito para os seus servidores e os filhos destes; IV - as empresas indústrias e comerciais são obrigadas a ministrar, em cooperação, aprendizagem aos seus trabalhadores menores, pela forma que a lei estabelecer, respeitados os direitos dos professores. [...] (BRASIL, 1946, Art. 168).

A implantação da lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 4024/61, de 1961, não contemplou a educação dos povos do campo a partir de suas especificidades, oferecendo a esses trabalhadores um plano educacional urbano. Esse ensino ficou sob a orientação dos municípios, o que provocou um comprometimento ainda maior na escolarização realizada no campo, uma

vez que a estrutura desses municípios era incompatível com a realidade e as necessidades educacionais e estruturais do campo.

Com a transferência da responsabilidade da Educação para o setor privado, essa educação passa a ter uma característica de reprodução industrial, sucessivamente, na constituição de 1967 / 1969 (emenda). O êxodo rural passou a ter proporções consideráveis a partir da década de 50, o que preocupava, de maneira mais intensa, as classes hegemônicas, pois não queriam perder a mão de obra que servia ao Agronegócio, e, logo, aos latifundiários. Desse modo, os latifundiários exerciam, cada vez mais, domínio sobre a terra, e, conseqüentemente, sobre a economia, a política e o País.

Então, passou a ser pensada e planejada uma educação para os trabalhadores rurais, como forma de contê-los no campo e evitar o êxodo rural. Essa educação era descontextualizada do homem e da mulher do campo, pois não levava em conta o sujeito que ali residia, sua cultura, seus modos de vida e leitura de mundo. Um contexto educacional refletido no social, político, econômico, que se baseava num conceito autoritário, fundamentado em programas de políticas públicas, que, mesmo depois da abolição da escravidão, continuavam a reproduzi-lo sob a égide industrial.

Sobre a Escola rural, Souza e Meireles (2014, p. 72) dizem que:

As escolas rurais, de modo geral, desde o seu surgimento, centram-se num modelo de educação com princípios e políticas voltadas para a educação urbana. Trata-se, pois, de uma lógica urbana transferida para a escola rural, atentando para uma perspectiva que desconsidera o contexto rural e cultura local.

À semelhança disso, o intuito da Educação Rural não era formar cidadãos letrados e articulados socialmente, capazes de permanecerem na terra, produzirem o seu próprio meio de subsistência, mas sim dar aos trabalhadores do campo apenas instruções que propiciassem o manuseio das máquinas agrícolas, e o mínimo de conhecimento possível para a produção que sustentava o setor industrial. Para Ribeiro (2012), essa educação se consolida nos anos 1930, se fortalecendo nos anos 1950, 1960 e 1970, por conta do processo de industrialização. Segundo a autora:

Assim se compreende que o sistema capitalista tenha incorporado[...], a Reforma Agrária, porém, associada aos interesses de classe, visando a modernização do campo, pela introdução de máquinas, insumos agrícolas, métodos de administração rural etc.; e isso requeria alguma forma de escolarização, o que explica a relação entre educação rural, o desenvolvimento econômico e a Reforma Agrária. (RIBEIRO, 2012b, p. 295)

Os interesses econômicos e a concentração de poder dos coronéis e das indústrias comprometeriam décadas, e, ainda hoje, causam impactos assustadores na conjuntura em que os homens e mulheres do campo estão inseridos. À vista disso, o setor educacional foi e ainda é o mais comprometido. Nesse sentido, Souza e Meireles (2014) compreendem essa escola rural como uma maneira de transferência do modelo educacional urbano, que, em nenhum aspecto, atende às necessidades da escola do campo.

A Educação rural no Brasil, historicamente, reproduziu um modelo educacional urbano para alimentarem a proposta capitalista, ficando desamparada no sentido de suas especificidades educacionais serem ignoradas. Segundo Leite (1999), estiveram sempre numa posição de segundo plano, não sendo atribuída a elas o mesmo tratamento dado à escola urbana. Conforme Simões e Torres (2011, p. 02-03), durante esse movimento da Educação rural “esse tipo de instituição se diferencia por levar o ensino à escola rural, algumas vezes em salas multisseriadas, não recebendo aperfeiçoamento pedagógico necessário, contribuindo assim com uma educação fundamentada somente no ato de ler, escrever e fazer conta”. Ou seja, uma maneira de encaixar para atender à industrialização no meio rural, mas sem um processo educacional que o favorecesse no sentido de uma escolarização continuada.

Na Constituição de 1988, temos determinado “[...] a responsabilidade da União, dos Estados, Distrito Federal e Municípios em regime de colaboração, garantido uma educação de qualidade” (BRASIL, 1988, Art. 211), a qual também se destina à população do campo, uma vez que a educação é um direito de todos, sendo dever do Estado ofertá-la (BRASIL, 1988, Art.205). Começavam, na década de 80, alguns movimentos sociais significativos, que tomariam força nos anos noventa, e consolidavam a proposta de Educação do Campo, que viria para contrapor a Educação rural.

Logo, a Educação do Campo surge como um segmento dentro desses movimentos sociais, como uma forma de emancipação educacional, uma maneira de superar os modos de tratamento destinados aos povos do campo. Essa maneira emancipatória se inicia, primeiro, pela luta, pela conquista da terra, e se estende às outras esferas sociais.

Segundo Fernandes (1998), há dois motivos que sustentam esse movimento: primeiro, para conquistar, e, depois, permanecer na terra. Mas, para a permanência na terra, exigiu-se uma nova configuração de vida dos povos que habitavam no campo. A Educação do Campo surge nessa perspectiva, excedendo a educação rural e o seu modo de produção capitalista, buscando a contemplação dos direitos dos povos do campo, bem como um novo modelo educacional que atenda às especificidades daqueles que vivem e se escolarizam nas instituições

de ensino campesinas. Essa luta dos povos do campo ganhou força nos últimos anos, e, embora cercada de dicotomias, obtiveram alguns avanços.

Os movimentos sociais populares do campo, nas décadas mais recentes, têm participado ativamente das disputas que envolvem a conquista da terra, o fortalecimento da produção familiar e a garantia do direito à vida com dignidade”; na intensão de superar com essas estruturas sociais que foram se desenhando ao longo de décadas. E nesse cenário vêm se constituindo enquanto sujeito de direitos e de produção de novas formas de sociedade, entre os quais se encontra o direito à educação (HAGE, 2015, p.174).

A Educação do Campo tem como protagonista o trabalhador do campo, é através dele que esse modelo educacional terá significado, pois, nessa perspectiva, são levados em conta todos os aspectos fundamentais para o seu pleno desenvolvimento. A sua cultura, os modos de subsistência, seus conhecimentos sobre a terra, e o direito de produção e desenvolvimento sem exploração. É nesse sentido que “[...] ao nascer lutando por direitos coletivos que dizem respeito à esfera do público, nasceu afirmando que não se trata de qualquer política pública: o debate é de forma, conteúdo e sujeitos envolvidos” (CALDART, 2008, p.71-72). O movimento da Educação do campo e para o campo diz respeito a um rompimento com uma lógica de trabalho capitalista, que usurpava de uma condição política e cultural no Brasil para obterem seus lucros.

Para Caldart (2012), a Educação do Campo precisou tomar posição, um termo que remete a um pensamento de ruptura com um sistema capitalista, que tem como visão o campo como um lugar de produção de capital, a atender às demandas do Agronegócio e enriquecer, cada vez mais, os latifundiários.

Outras práticas, como a negação da agricultura familiar, que, cada vez mais, fortalece a monocultura e os impactos ambientais, mexem não só com o campo, mas chegam à região urbana com alimentos adoecidos e um consumo de agrotóxicos assustador. Esses movimentos sociais dos trabalhadores do campo vêm questionando esses processos, que são estruturais, no sentido da vida.

Segundo Caldart (2004, p. 17), surge um “processo de construção de um projeto de educação dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo, gestado desde o ponto de vista dos camponeses e da trajetória de luta de suas organizações”. A Educação do campo carrega, no seu sentido primordial, o protagonismo do trabalhador do campo no lugar onde vive, através da afirmativa de não precisar sair do campo para melhores condições de vida. Pelo contrário, o urbano necessita mais do campo que o campo precisa do urbano, pois dele vem a sua subsistência. Esses paradigmas de exploração foram criados historicamente, no Brasil, para deixar à margem os povos do campo e os subjugá-los.

Nesse contexto, emerge, com relevância, a escola do campo, como evidência de um pluralismo social, e, com ela, a necessidade de um novo olhar para as instituições escolares localizadas no campo, que, por um período considerável, foram tidas como “escolinhas da roça”. Frisar que a educação é DO campo é acentuar a reconstrução social desse espaço pelos seus sujeitos, fato que antecede a prática educativa formal (MARTINS, 2009, s/p grifos *do autor*). Essa reconfiguração de pensamento, que projeta um novo sentido interpretativo para os povos do campo, traz consigo um novo sentido para a estrutura da vida.

Nessa perspectiva, podemos pensar a educação do campo como um modo de dar oportunidade àqueles que vivenciam uma cultura diferente. O termo campo é utilizado para reforçar as lutas camponesas sociais, que se acentuaram, a fim de garantir às populações do campo, um sistema educacional apropriado a eles. Segundo Rosa e Caetano (2008, p. 23), “Com implantação do conceito ‘educação do campo’, ocorre uma inclusão e conseqüente valorização das pessoas que habitam o meio rural, oferecendo-lhes oportunidade de participarem, por meio de suas experiências, de programas produtivos, atuando na sociedade de forma igualitária”.

Vemos a priorização da população do campo, seu modo de vida, seus interesses singulares, bem como sua cultura. Partindo dessa premissa de cultura da escola, ela se torna esse lugar de reprodução cultural. Pensamos a escola como um lugar múltiplo e plural, cujo desenho educacional deve ser pensado intencionalmente para aquele ambiente. Essa é a lógica da Educação do Campo, uma lógica educacional que abrange, especificamente, o campo e o contexto estrito desse campo. É uma questão de equidade e construção e não de reprodução e transmissão de saberes.

Uma das características que diferem o urbano do rural são as atividades que permeiam o lugar “[...] a sociedade rural diferencia-se de outras populações, particularmente da urbana, envolvida em atividades ocupacionais diferentes [...] (SOROKIN; ZIMMERMAN; GALPIN, 1981, p. 200). Nos dias atuais, com a crescente tecnologia, é preciso pensar essas atividades, que diferem rural e urbano, uma vez que atividades, anteriormente realizadas nas cidades, são também exercidas hoje, pelas populações de contexto camponês, e vice-versa. Em muitas áreas camponesas, hoje, a tecnologia é acessível e pode ser uma ferramenta educacional transformadora, uma oportunidade de acesso ao conhecimento, não no sentido de reproduzir as práticas urbanas, mas no sentido de potencializar os conhecimentos necessários para a permanência na terra.

Nesse sentido, a educação rural visava apenas atender uma demanda de aceleração industrial, não atendendo às necessidades camponesas e seus trabalhadores. Mas sim, a mão de

obra e o capital. Para Molina (2010), a Educação do Campo segue esse viés que contempla o movimento de diferenciação da Educação rural e Educação do Campo, através dos movimentos sociais, que lutam por esse direito. Segundo, ainda, a autora “[...] Para continuar como uma prática pedagógica contra hegemônica, a Educação do Campo precisa manter o vínculo e o protagonismo dos sujeitos coletivos organizados, ser parte da luta da classe trabalhadora do campo por um projeto de campo, sociedade e educação” (MOLINA, 2010, p. 139).

Visto que a Educação do Campo também é resguardada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96 (LDB), de 20 de dezembro de 1996, ela traz, como oferta de ensino, a educação básica para a população rural, e o sistema de ensino deve promover adaptações necessárias para atendê-la.

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996, Art. 28).

A Educação do Campo, como um movimento de lutas sociais que se dedica a levar o ensino, tem como proposta de educação o atendimento às necessidades distintas do povo camponês e do seu trabalho. Identificamos que: “[...] uma escola do campo é a que defende os interesses da agricultura camponesa, que construa conhecimentos, tecnologias na direção do desenvolvimento social e econômico dessa população” (ARROYO; FERNANDES, 1999, p. 47).

Ao observarmos essas questões, podemos pensar que a Escola do Campo está ligada com a cultura, trabalho, educação de qualidade, a partir de um desdobramento de lutas sociais que contemplam os trabalhadores do campo. Utilizamos as palavras de Hage (2015, p. 178): “Esse esforço coletivo tem contribuído para ampliar o reconhecimento da Educação do Campo enquanto política pública e se materializa na efetivação de programas e ações que viabilizam a garantia do direito à educação e à escola com o protagonismo das populações e sujeitos que vivem no campo”. Alguns exemplos de programas citados pelo autor, como direitos conquistados pelos trabalhadores e para os trabalhadores do campo, são uma amostragem do sujeito do campo na condição de protagonista da sua realidade.

Quadro 3. Programas sociais e suas finalidades:

PROGRAMAS SOCIAIS	FINALIDADES
-------------------	-------------

Programa Projovem Campo	Destina-se a agricultores de 18 a 29 anos, que não tenham concluído o Ensino Fundamental, utilizando a formação em regime de alternância, para certificá-los no ensino fundamental, com qualificação em agricultura familiar,
Procampo-Programação de apoio à formação Superior em Licenciatura em Educação no Campo	Oferece graduação a professores das escolas rurais, que lecionam nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio; o Programa Escola da terra responsabiliza-se pela formação dos professores que atuam nas escolas multisseriadas do campo e quilombola, os quais atendem, em uma mesma sala de aula, estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental;
Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária	Que oferece graduação aos jovens e adultos das famílias Beneficiárias dos projetos de assentamento criados ou reconhecidos pelo INCRA, em todos os níveis de ensino.

Fonte: Hage (2015 p.178).

É através desse pensamento de Educação que o campo recria sua identidade, uma identidade que valoriza sua práxis, suas necessidades e suas perspectivas. Uma Educação organizada pelas pessoas que ali habitam, e que articulam conhecimento com o mundo. Para Freire (1999, p.28), é importante que “se tornem sujeitos da sua própria educação”. Não falamos de uma alienação, em que os povos do campo não se envolvam com os modos de vida urbano. Partimos do pensamento de emancipação e oportunidade de comunicar seus valores, crenças, sua cultura e modos de vida.

Nas palavras de Forquin (1993, p. 197) “[...] existe uma relação íntima, orgânica entre educação e cultura, considerando a escola como ‘mundo social’, com características e vida próprias, o que ele nomeia de cultura de escola”. A construção de uma cultura escolar específica diz respeito a um conjunto de valores próprios de uma comunidade.

No viés da Educação do campo, as questões de especificidades para a população camponesa são marcadas por lutas de direitos sociais, que envolvem a conquista do direito de estarem fora dos centros urbanos e garantirem seus direitos.

A concepção de Educação do Campo necessita de uma compreensão mais abrangente em termos sociais, políticos e econômicos. Segundo Molina (s/d), o campo é um lugar produtor de vida, e está para além de conceitos econômicos e sociais. A autora cita algumas especificidades e diferenças entre as propostas da cultura camponesa, que está para uma lógica emancipatória, e de preservação da vida, e o Agronegócio, que sustenta o sistema hegemônico capitalista e o latifúndio. Algumas considerações de Fernandes e Molina:

Quadro 4 : Principais diferenças entre Agronegócio e Agricultura Camponesa.

AGRONEGÓCIO	AGRICULTURA CAMPONESA
--------------------	------------------------------

Monocultura – <i>Commodities</i> .	Policultura – uso múltiplo dos recursos naturais.
Paisagem homogênea e simplificada	Paisagem heterogênea e complexa
Produção para exportação (preferencialmente)	Produção para o mercado interno e para exportação
Cultivo e criação em que predominam as espécies exóticas	Cultivo e criação em que predominam as espécies nativas e da cultura local.
Erosão genética	Conservação e enriquecimento da diversidade biológica.
Tecnologia de exceção com elevado nível de insumos externos	Tecnologia apropriada, apoiada no saber local, com base no uso da produtividade biológica primária da natureza.
Competitividade e eliminação de empregos	Trabalho familiar e geração de emprego
Concentração de riquezas, aumento da miséria e da injustiça social	Democratização das riquezas – desenvolvimento local
Êxodo rural e periferias urbanas inchadas	Permanência, resistência na terra e migração urbano-rural
Campo com pouca gente	Campo com muita gente, com casa, com escola...
Campo do trabalho assalariado (em decréscimo)	Campo do trabalho familiar e da reciprocidade
Paradigma da Educação rural	Paradigma da Educação do Campo
Perda da diversidade cultural	Riqueza cultural diversificada – festas, danças, poesia, música – exemplo: o Mato Grosso é o maior produtor brasileiro de milho e não comemora as festas juninas. Já no Nordeste ...

Fonte: Fernandes e Molina (s/d, p.30-31).

Essas são as principais diferenças que estabelecem entre o agronegócio e a agricultura camponesa. Percebemos as contradições históricas, que, ao longo do tempo, foram se estabelecendo na nação brasileira, de como esses conceitos relacionados ao agronegócio estão intrínsecos nas pessoas. Entendemos que a superação cultural rural é um processo de rupturas e paragens, mas que, no seu sentido mais amplo, é emancipatório.

A Escola Professor Alberto de Moraes Holanda se encaixa num perfil que retrata a diversidade do trabalho, que não só se resume nas lavouras, mas também se compõe de famílias rancheiras, que, muito frequentemente, mudam para outras regiões, traçando, assim, um percurso ainda mais complexo, que é o de receber alunos de diferentes níveis de aprendizagem e permanência inconstante, trilhando uma série de desafios, tais como: a aplicação do currículo escolar, uma tarefa que desafia até os mais hábeis professores, as dificuldades da escola em estabelecer contato com as famílias, principalmente, daqueles que vêm da cidade para o campo.

A cultura escolar é descrita como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (JULIA, 2001, p. 9).

A história da Escola Professor Alberto de Moraes Holanda é marcada pela presença de alunos que vieram de várias regiões do País para residirem na região onde está situada, e isso pode ser verificado no registro de matrícula do ano de 1992.

Há alunos que nasceram ou vieram dos municípios de: Araguari – MG; Catanduva – SP; Monte Carmelo –MG; Santa Helena – GO; Goiânia – GO; Santa Vitória - MG, além de Corumbáiba/GO. Culturas se misturam, fazendo nascer outras; bem como novos desdobramentos e maneiras diferentes de pensar e fazer educação, uma vez que pensamos educação como instrumento de desenvolvimento humano, num momento de pluralidade social, econômico e educacional. Fenômenos permeiam e desafiam o conceito de formar cidadãos pensantes e letrados.

[...] a vida escolar se desenrola no tabuleiro social como um rito, como uma liturgia. Há uma maneira de ser escola, que se expressa mediante rituais, mobilizando sentimentos, experiências e símbolos. Há um script, uma coreografia, que a escola estrutura em seu dia a dia e com a qual apenas os que passam por ela se familiarizam. Nenhuma outra instituição no cenário social é capaz de ocupar esse papel (BOTO, 2014, p. 102).

Para a autora, a escola vai sendo construída a partir de experiências que acontecem no chão da escola, dentro de um processo social, no qual cada ator da escola é um participante essencial nessa construção individual/coletiva.

Existe uma diferenciação nas nomenclaturas NO e DO/ campo. As escolas NO campo são aquelas que, mesmo estando localizadas no campo, partilham de uma perspectiva curricular urbana. Já as DO/ campo contemplam uma educação totalmente voltada ao camponês. Sobre essas nomenclaturas, Fernandes (2004, p.142) diz que “[...] enquanto escola no campo representa um modo pedagógico ligado a uma tradição ruralista de dominação, a escola do campo representa uma proposta de construção de uma pedagogia, tomando como referências as diferentes experiências dos seus sujeitos: os povos do campo”. Há no contexto educacional da escola um movimento para que ela permaneça no campo, por exemplo, a fruta colhida e levada para a merenda, as práticas de assistência social que a escola desenvolve em parceria com a comunidade, para aquisição de materiais, para que essa escola permaneça no campo, a adequação pedagógica por ter séries multisseriadas, e por conta da rotatividade dos alunos, ou,

até mesmo, seu percurso histórico, marcado pela constante luta dos moradores para que a Escola Alberto permanecesse em funcionamento. Todos esses fatores nos fazem pensar que existe um empenho para que a escola se mantenha no campo. Contudo, não entendemos esses movimentos como específicos para o campo, ou que contemple uma Educação Do Campo.

Nesse sentido, no processo de biografização da Escola Professor Alberto de Moraes Holanda, não há situamos em nenhuma dessas perspectivas, uma vez que não está pautada por movimentos sociais, nem na pedagogia da alternância, e mesmo que haja nela um movimento da comunidade e dos pais para que permaneça no campo, esses fatores não foram suficientes para os considerarmos como pertencimento e identidade DO/NO/ campo.

No Brasil, existem números expressivos de escolas em localidades rurais que não se enquadram nos parâmetros de Educação DO/NO Campo. Essa mescla urbano/campo fazem essas escolas transitarem nesses dois terrenos simultaneamente.

Nesse sentido, a compreensão da cultura e dos significados de uma instituição escolar se torna cada vez mais diversa e complexa, são teias que fazem de cada instituição única. Percebemos que cada escola indiscutivelmente traça seu próprio perfil educacional e nascem as pluralidades educativas. “Um contraste com a tradição é inerente à ideia de modernidade. Como já foi observado, muitas combinações do moderno e do tradicional podem ser encontradas nos cenários sociais concretos”. (GUIDDENS, 1991, p. 43). Nesse cenário, as instituições são capazes de desenvolver culturas diversas, o que torna a compreensão de uma instituição escolar tão singular.

Percebemos nas narrativas dos pais um movimento tradicional/ moderno. De certa maneira o retrato da escola ainda remete ao modelo tradicional de instituição escolar, baseados em crenças, tradições familiares. Uma cultura específica da comunidade que foi ao longo dos anos se constituindo no lugar.

Mas, em contrapartida, os pais buscam esse modelo de confiança em sistemas peritos trazidos com a modernidade. Para Guiddens (1991) o modelo de confiança tradicional foi se fragmentando na era moderna onde foram estabelecidos novas maneiras de pensar o que chama de confiança em sistemas abstratos. Esse entrelaçamento moderno tradicional destoante e, em simultâneo, complementares, uma dinâmica que “[...] não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada a cada nova geração conforme esta assume a herança cultural dos precedentes” (GUIDDENS, 1991, p. 44). As narrativas dos pais trouxeram essas características tradicionais e modernas, enquanto procuram na modernidade o desenvolvimento e conhecimento rápidos e dinâmicos, se amparam nas tradições e nas culturas familiares.

Considerações parciais sobre o capítulo

O processo de institucionalização da Escola Professor Alberto de Moraes Holanda se deu a partir de uma longa trajetória, desde suas primeiras atividades educacionais. A escola, localizada na zona rural do município de Corumbáiba, teve seus primeiros anos de exercício marcados por diversas dificuldades, a começar pela falta de estrutura física, bem como pela dificuldade de locomoção docente. Num contexto desafiador, a escola sobreviveu pelos esforços de moradores da região, que organizavam as aulas desde o rancho de pau a pique, bem como pela generosidade de seu Toninho, um fazendeiro da região que cedia um barracão para que as aulas fossem realizadas.

Nesse contexto, foi se construindo a História institucional da Escola Professor Alberto de Moraes Holanda. Sua cultura, mesclada com histórias de vida de camponeses, que, no decorrer do caminho, buscavam a escolarização para os filhos, que não podiam chegar às escolas da cidade.

Esse momento de sobrevivência da escola Professor Alberto, culminou, no ano de 1993, na construção de uma sede própria, o que embalaria o ensino naquela região. A Escola recebe o nome de um admirado professor, que, com um olhar à frente da sua época, deixou um legado na região corumbaibense, como militante pela educação.

A partir de histórias singulares, foram se construindo a história da escola e sua ligação com a comunidade. Nesse aspecto, a escolha e o convite para a participação dos pais dos alunos como narradores foram fatores específicos para compreendermos a fama dessa escola no campo e seu prestígio educacional junto ao município corumbaibense.

Naturalmente, a perspectiva sobre uma instituição de qualidade, por vezes, está ligada aos grandes centros. Contudo, percebemos que o saber nem sempre é sinônimo de crescimento industrial ou de um processo de globalização acelerado. A Escola Professor Alberto de Moraes Holanda se cercou de “gente” do cabo de enxada, que frequentou à escola de pau a pique, assim como a maioria dos trabalhadores do campo, desde as primeiras discussões sobre Educação rural.

Nesse sentido, ao passo que a Educação rural surge, emerge um modelo moderno de escravidão. Escravidão exercida pelos poderes hegemônicos que lideravam a nação, num cenário de arbitrariedades que sustentariam, e ainda sustentam um modelo de pensamento colonial. A partir do século XX, a Educação rural trouxe consigo características de cunho

capitalista, sustentado por um poder hegemônico e latifundiário, cujo principal objetivo era preparar o trabalhador do campo para o trabalho na indústria, e para o desenvolvimento da agricultura, cuja maior parte da produção era destinada à exportação. Logo, a concentração de riquezas dos coronéis e da classe industrial estava garantida.

Com o propósito de romper com esses paradigmas, a Educação do Campo nasce a partir de movimentos sociais que lutavam pela terra. Acreditou-se que seria possível um novo modelo de Educação do campo, e, apesar de todas as implicações que, ainda hoje, essas lutas enfrentam, muito já foi feito, e a resistência desses trabalhadores poderá romper maiores barreiras.

Igualmente, esse modelo de Educação do Campo coloca o homem e a mulher do campo como protagonistas das suas próprias histórias de vida, os fazendo acreditar na sua cultura, no desenvolvimento da agricultura familiar como meio de subsistência. Como cidadãos que se posicionam contra o domínio do agronegócio e da concentração latifundiária, e que acreditam que suas leituras de mundo não são menores, apenas diferentes do meio urbano, e que podem, dentro desse universo de múltiplos saberes, se comunicar com o mundo.

Pensar essa construção histórica desde os marcos iniciais da instituição é um modo de pensar sobre a consciência histórica dessa instituição. Para Certeau (2011), a história é como um morto, que não pode ser refeito, mudado ou resgatado, mas a consciência histórica é capaz de compreender essa história através de uma construção historiográfica. “[...] Faço história no sentido em que não só produzo textos historiográficos, mas tenho acesso, por meu trabalho, à consciência de que algo se passou, atualmente morto, inacessível como vivo. A estrutura defende e exprime esta aquisição da experiência histórica; ela diz que houve algo diferente”(CERTEAU 2011, p. 166-167, grifo do autor).

CAPÍTULO II

OS NARRADORES

O objetivo deste capítulo é conhecer os narradores, pais e mães, que optaram por matricular seus filhos na Escola Professor Alberto de Moraes Holanda, mesmo tendo a opção de matriculá-los em escolas próximas às suas residências.

Histórias de vidas

Partindo do pensamento de Brandão (2008), somos um conjunto daquilo que lembramos, do que fica registrado na memória e do que esquecemos. Narrar a própria história leva a pessoa a uma atividade de rememoração do passado, configuração do presente e projeção do futuro. Nesse sentido, contar histórias de si mesmo é um processo que exige o exercício do pensamento crítico. É relatando a própria história que as teias da memória vão se ligando, e, assim, construindo uma linha de percepções sobre a própria consciência histórica.

Narrar histórias, literaturizar a vida, contar experiências cotidianas é fazer emergir vozes e memórias de sujeitos, agregando-lhes sentidos e significados. Através da arte de narrar, o narrador, enquanto um sujeito e coletivo incorpora os fatos (narrados) às suas experiências, que irão se entrelaçar com conhecimentos e histórias daqueles para os quais ele re (cria) seus modos de estar no mundo ao fazer ecoar pelas narrativas, as lembranças (também recriadas) até então submersas em sua memória (OLIVEIRA, 2011, p. 17).

Contar a história da própria vida poderá ser um momento propício para indagações, estranhamentos e transformações. Esse exercício de autoconhecimento e projeções não é uma tarefa fácil, mas necessária para a formação social, pois é, através do processo de transformação do pensamento, que vão se construindo os elos que determinam o perfil social¹².

Segundo o pensamento de Brandão (2008, p. 10), “um acontecimento só é mantido na memória, e passível de ser recuperado, se for modulado pela emoção e, assim, lembramos porque muitos desses fatos são acompanhados de uma forte carga emocional”. Para além de lembranças, as histórias de vida carregam significados e subjetividades, que, ao serem narradas,

¹² Cabe lembrar que, nesta pesquisa, as narrativas de histórias de vida, feitas pelos pais, a partir da solicitação da pesquisadora, tiveram a intenção não diretamente de formação, mas de produzir dados sobre a biografia da Escola Professor Alberto.

contam ao mundo o percurso da nossa história. Nessa construção individual, e, ao mesmo tempo coletiva, vão sendo construídas histórias sociais e institucionais.

[...] começando por reconstituir o itinerário e os diferentes cruzamentos com os caminhos de outrem, as paragens mais ou menos longas no decurso do caminho, os encontros, os acontecimentos, as explorações e as atividades que permitem ao viajante não apenas localizar-se no espaço-tempo do aqui-agora, mas, ainda, compreender o que o orientou, fazer o inventário da sua bagagem, recordar os seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percurso, descrever as suas atitudes interiores e os seus comportamentos. Em outras palavras, ir ao encontro de si visa à descoberta e a compreensão de que a viagem e viajante são apenas um. (JOSSO, 2004, p. 58)

As recordações, que são transmitidas através dos relatos biográficos, revelam os sonhos, as intenções esquecidas, configuram a própria história de vida. A descoberta da compreensão do eu, ao narrar as dores e as conquistas, ressignifica até paragens do caminho. Para Delory-Momberger (2006, p. 363), “poderíamos dizer da história de vida, tal qual ela é construída na narrativa, que é a ficção verdadeira do sujeito: ela é a história que o narrador, no momento em que a enuncia, tem por verdadeira, e ele se constrói como sujeito (individual e social) no ato de sua enunciação”. A interpretação, quanto à própria narrativa, pode sofrer alterações com o passar do tempo, pois o sujeito se transforma. Fazemos ressalvas do que, hoje, pensamos de nós mesmos, pois esse processo hermenêutico é capaz de transformar e ressignificar a vida.

Apresentando os narradores

Conhecer requer mais que uma leitura, mais que um parecer científico, conhecer é desvelar aquilo que ficou registrado na memória e é plausível de ser narrado, identificado, biografado. As histórias de vida são impressões, experiências e percepções daquilo que foi vivido, experimentado na pele.

A “história de vida” não é a história da vida, mas a ficção apropriada pela qual o sujeito se produz como projeto dele mesmo. Só pode haver sujeito de uma história a ser feita e é, à emergência desse sujeito, que intenta sua história e que se experimenta como projeto, que responde o movimento da biografização. (DELORY-MOMBERGER 2008, p. 66)

O enredo de uma história é caracterizado a partir do olhar individual sobre a trama da vida. E, assim, como um escritor vai construindo seus personagens a partir dos acontecimentos, assim o fazemos. Vamos construindo a trama que embala as nossas histórias de vida. O exercício de narração dos pais nos possibilitou visitar o enredo das suas vidas, suas dores,

alegrias, o embargo na voz e as discretas lágrimas. Nesse trajeto de revisitar o passado, fomos levadas às salas de suas casas, os quintais da infância, e até ao receio do Papai Noel. Compartilhamos da emoção de lembrar do primeiro emprego, das lembranças dos pais jovens, e de como foram se desenhando seus caminhos, ao se casarem e criarem os filhos. E como ouvintes, participamos dessas impressões cheias de significado, que contaremos a partir de alguns fragmentos das histórias de vida dos personagens da nossa pesquisa, os pais.

Nívia Cristina da Silva

“A única coisa que a gente pode fazer ainda é sonhar, não pagamos impostos ainda em sonhar, sonhar é utópico” (NÍVIA, 2020).



Foto 3 –Fonte: pesquisa de campo, março de 2020 – acervo pessoal da participante.

Atenciosa, Nívia não hesitou em partilhar conosco suas experiências e expectativas de vida, e, através dos seus relatos, revisita as memórias da infância, adolescência, construindo pontes para o futuro. Nívia é natural de Corumbaíba/GO, casada com Ricardo Vieira da Silva Machado, filha do seu João e da dona Cândida, ela e mais cinco irmãos foram criados no campo, na região das vassouras, próximo ao Povoado do Areião, região rural de Corumbaíba.

É mãe do Renan e do Davi, de origem católica, relata que, quando criança, ela e a família esperavam ansiosos as festas religiosas, como os terços de São João, que eram tradições na família. Nívia também lembra com saudades dos “bailes de roça” e de como se divertiam na época.

Sobre o tempo que moraram na fazenda, ela afirma que viveu uma infância inesquecível. Lembra que o brincar, muitas vezes, era inventado. Recorda que, na época, a televisão só transmitia a TV Globo e a TV Bandeirantes, e isso quando funcionava, de modo que a diversão e o passatempo ficavam por conta das brincadeiras, dos jogos, e eram muitos, tais como baliza, caixeta, cartas, truco, esses eram os preferidos dela e da família.

Contudo, brincadeira tinha data para começar e terminar, como a baliza, a caixeta, que não podiam jogar na quaresma, por conta das lendas das assombrações, os “causos” eram muitos e traziam medo. O pai era rígido em relação a isso, tinham que esperar até o sábado de aleluia, segundo a tradição religiosa.

Foi no embalo das festas religiosas que Nívia e os irmãos foram crescendo, se desenvolvendo e consolidando suas maneiras de pensar o mundo. Nívia conta que, em certa ocasião, após a colheita de arroz da lavoura do pai, uma chuva forte caiu e molhou toda a sua colheita, prejudicando a qualidade do alimento. Eram dias difíceis, em plena recessão do então presidente da República Fernando Collor de Melo, as finanças estavam comprometidas.

O arroz, mesmo assim, precisou ser o alimento da família. Ela conta que teve uma contaminação, e, desde aqueles dias, não conseguiu comer de novo o alimento.

Ela gosta de música sertaneja, como ela mesma diz: “as músicas apaixonadas do Goiás”. Como toda goiana raiz, o pequi faz parte da sua culinária. Para ela se tornou uma espécie de tradição, cultivada com o pai, desde criança, a arte de colher o pequi.

Ela tem um orquidário e diz ter encontrado nas plantas uma paixão. Faz crochê, borda. “Toda atividade artística, quando priorizada se torna real” (NÍVIA, 2020). Mas diz que, apesar de todas essas virtudes, ela não tem muita paciência não! Gosta de resolver logo as situações que carecem de posicionamento.

As artes visuais a fizeram gostar das representações em pinturas, em quadros, fotografias, nas paisagens, na natureza, a aplicação de cores em desenhos, os dégradés. A arte se tornou uma representação daquilo que é um modo de expressar sua existência. O visual tornou-se, para ela, uma maneira de pensar o mundo. Tudo que se expressa em cores é representativo para ela.

Contudo, ao se reportar a esse processo de construção de identidade e revisitação da memória, percebemos emoção em sua voz, ela sempre rememora o tempo de infância, faz ligações com a infância e a vida adulta, fala, com muito carinho, do lugar onde ela e os irmãos foram criados, e de onde veio o sustento da família. Cita os nomes dos pais com orgulho, e mesmo quando faz menção das dificuldades e da falta de recursos vividos pela família, notamos

que essas lembranças carregam significados que a marcaram de maneira expressiva. Sua narrativa, iniciada em terceira pessoa, a descreve:

[...] a Nívea é filha do seu João e da Dona Cândida, meus pais viveram, nós vivemos uma boa parte na fazenda. Meu pai criou os cinco filhos dele do trabalho rural. Eu nasci desse casal: senhor João e senhora cândida, na região das vassouras, que é a região do Areião. Eu nasci, sou natural daqui de Corumbaíba, nasci e vivi até os dezoito anos na fazenda com meus pais, e quando eu completei dezoito anos, eu mudei para Corumbaíba para dar continuidade aos meus estudos, é... eu fiz até o início do colegial, o início do primário, eu fiz em escolas daquelas de zona rural mesmo (NÍVIA, 2020).

As lembranças da infância e da origem simples da família de Nívea são destacadas por ela. É perceptível, na sua fala, e no tom da sua descrição, o sentimento de pertencimento às raízes do campo. E de como sua escolarização foi marcada por condições impostas às famílias que vivem nele.

“[...] é, na época, até engraçado, eu terminei a quarta série muito novinha e meu pai não... não tinha condições, eu não tinha lugar para onde ir para dar continuidade aos meus estudos e na época, meu pai tinha tomado a decisão assim: ela não vai sair da escola, ela vai ficar repetindo a quarta série” (NÍVIA, 2020).

A decisão do pai de não retirar a filha da escola, mesmo que fosse repetindo a série, retrata o desejo dele de vê-la avançar nos estudos, mesmo que fosse repetindo o ano escolar.

Ela se refere à figura paterna, de modo que o identifica como alguém que acreditava que a filha tinha condições intelectuais para continuar os estudos, e mesmo que, naquele momento, não houvesse outras opções, a alternativa era ficar ali mesmo, até surgir possibilidade de avanço educacional.

Desse modo, com o primário concluído na escola instalada na fazenda, em 1993, ela dá continuidade aos estudos na escola Santa Terezinha, no Povoado do Areião. Isso se deu por conta da criação das escolas polo, e, ali, permaneceu até o primeiro ano do magistério.

Com o sonho de cursar Direito, ela se muda para a cidade de Corumbaíba, para tentar a formação acadêmica. “[...] eu conclui o magistério na Escola Santa Terezinha, só que eu sempre tive a vontade de seguir a carreira... eu gostaria de fazer Direito e não queria a área da Educação. Então, por isso, eu resolvi vir embora para Corumbaíba” (NÍVIA, 2020). É sabido que pessoas que nascem em famílias com baixas condições econômicas, no Brasil, enfrentam inúmeras dificuldades na busca por uma formação acadêmica.

Na narrativa, é perceptível essa questão, como ela mesma coloca: “[...], mas, infelizmente, não tive condições de fazer a faculdade que eu almejava, prestando vestibular

para licenciatura em Artes Visuais pela UFG, modalidade a distância” (NÍVIA, 2020). Devido às dificuldades de custear uma universidade e viver o dilema de não poder cursar Direito, ela decide abraçar a oportunidade que chega para ela. Ingressa no curso de Artes Visuais, ofertado pela UFG, na modalidade EAD, o qual concluiu com sucesso.

[...] depois do meu casamento, eh... nós, no começo, nós somos de família humilde, e, hoje, assim, tudo que nós temos, o pouquinho que nós temos, foi assim, conquista com muita dificuldade, com muito trabalho, quando a gente, no início, pra mim, estudar, a gente, alunos de zona rural, a gente tinha nossa condução, que pegava a gente nos pontos para poder levar para a escola. Mas, a gente andava, em média, de seis quilômetros, para gente chegar nos pontos, pra gente chegar até no Areião, para poder estudar. Então, minha vida, assim, nunca foi muito fácil, mas, graças a Deus, a gente tendo Deus e determinação, a gente vai conseguindo. Eu consegui, estudei do jeito que queria, casei, tenho os meus filhos” (NÍVIA, 2020).

As dificuldades nunca foram impedimentos para que Nívea desistisse, mesmo quando as coisas não se adequavam, ela e a família se reinventavam. Eles se reinventaram quando o pai decidiu que ela iria repetir a série, se reinventaram quando percorriam quilômetros para pegarem a condução e chegarem à escola. Pois, reinventar-se é também acreditar em possibilidades, que não vemos no presente. O vislumbre do pai, que acreditava no potencial da filha, e, mesmo sem condições de mudar a história presente, já a preparava para as intempéries da vida.

Nos relatos de Nívea, percebemos a formação de uma mulher forte, que soube refazer seus caminhos e traçar uma história de possibilidades, mesmo diante de tantas impossibilidades. Seu relato mostra sua persistência e o modo como foi construída sua história de vida:

[...] tenho a minha casa, que foi meu marido e eu que construímos. Por cinco anos, nós trabalhamos todos os finais de semana e feriados, construindo nossa casa, graças a Deus. Nesse período, eu prestei um concurso da Câmara, e, graças a Deus, passei. E eu sou funcionária pública do legislativo” (NÍVIA, 2020).

Na sua narrativa, ela relata a origem humilde de sua família e um percurso de muito trabalho percorrido por eles. Percebemos, em seus relatos, as dificuldades enfrentadas por ela e sua família, e de como o trabalho árduo foi presente na sua história de vida.

Hoje, funcionária pública, ela faz a reconfiguração da sua história com leveza, no sentido de ter valido a pena suas experiências, que culminaram na formação de uma mulher cheia de sonhos e esperança.

A relevância que a narradora dá às suas origens e o modo que ela se refere aos costumes, cultura e prioridades, identificam seus valores e o seu modo de pensar o mundo. São essas teias que vão construindo perspectivas, saberes e construção do ser humano. É a ideia de si mesma, dentro de um contexto familiar, social, que vai costurando os acontecimentos, e, assim, construindo sua história de vida.

Conforme Queiroz (1988, p. 20), “a história de vida, no que lhe concerne, se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou [...]”. A narrativa de Nívea nos leva a uma reflexão sobre sua identidade, seus anseios e suas prioridades. Recriamos uma imagem dela, através dos seus próprios relatos, e de como sua existência foi sendo construída a partir de cada detalhe que viveu.

Visualizamos um quadro de sonhos nos relatos da Nívia. Alguns, por conta das circunstâncias da vida, não puderam se realizar. Contudo, foram essenciais, pois, quando reinventados, tomaram forma, dentro de um novo contexto, das oportunidades que chegaram até ela, e que a levaram a escrever os seus caminhos.

Nesse sentido, percebemos que as dificuldades constantes deram a ela resistência e capacidade para fazer novas projeções. Projeções que se solidificaram através dos percalços que enfrentou. “O resignificar os fatos narrados nos indicam que, ao trabalharmos com memória, fazemo-lo conscientes de que tentamos capturar o fato sabendo-o reconstruído por uma memória seletiva, intencional ou não” (ABRAHÃO, 2004, p. 211). Resignificar as próprias experiências é a arte de selecionar trechos na trajetória da vida, apontando para o que construímos e para aquilo que nos construiu.

Janãine Daniela Pimentel Lino Carneiro

*Quando a gente mexe com as memórias de escola,
de quem vinha da roça, sabe,
isso aí é muito presente (JANÃINE, 2020).*



Foto 2 –Fonte: pesquisa de campo, março de 2020 – acervo pessoal da participante

Janãine abriu as portas da sua casa, e, durante a entrevista/conversa, compartilhou suas experiências e impressões que ficaram marcadas em sua memória. “[...] Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrando é sem limites, porque apenas é uma chave para tudo o que veio antes e depois [...]” (BENJAMIN, 1994, p. 37). Usamos as palavras de Walter Benjamin para iniciarmos, a partir de ouvidos atentos, os relatos da Janãine, para compreendermos, através da sua narrativa, os sentidos que ela dá à sua história de vida, e, por meio dessa história, as conexões que faz desde suas origens, até seu processo formativo e o seu modo de pensar o mundo.

Janãine tem trinta e seis anos, é casada, tem dois filhos, a Estela e o João Daniel. Nasceu no dia dois de setembro de mil novecentos e oitenta e três. Na época, a família residia em Nova Aurora, mas foi em Goiandira que Janãine nasceu, pois, era, na época, a cidade mais próxima que tinha um hospital.

Por volta do ano de 1992, moradores do município de Catalão/GO, a família de Janãine se muda para o município de Corumbáiba. Ela conta que a avó faleceu, e como o avô era proprietário de algumas terras na região, o pai dela recebeu essas terras em herança, e para

tomar conta da propriedade, era necessária a mudança. A família, então, passa a viver na zona rural do município de Corumbáiba por cerca de nove anos.

Das memórias de criança e adolescente, ela conta que viveu no campo dos seis aos quinze anos, e que a cultura da família partilha do modo de vida do camponês, o andar a cavalo, as festas da roça, as rezas dos terços, as reuniões comunitárias, as festas juninas, e, em seus relatos, diz que tanto os homens quanto as mulheres conhecem a lida e o trabalho camponês.

Gosta de música internacional romântica, apreciação que herdou da tia, que amava o gênero musical. Com a entrada na universidade, e a relação com outras vivências, teve contato com a MPB, entre outros gêneros musicais. No entanto, revela gostar bastante de música sertaneja, como o gênero era muito presente na infância, tem um significado especial na sua memória.

Memória que a remete às comidas típicas do campo, a famosa galinha caipira, os doces feitos no fogão a lenha, as quitandas, o paladar de criança! Mesmo tendo contato com outras culturas e culinárias, são as lembranças das comidas da infância que marcaram a sua trajetória de vida.

Janãine conta que teve contato com várias religiões cristãs. A mãe veio de uma família evangélica, e o pai de família kardecista, viabilizando o contato da família com a doutrina e a literatura espírita, que, segundo seu relato, estiveram sempre presentes na sua família.

Na fazenda onde moravam, a Igreja católica é que realizava os trabalhos religiosos. As reuniões de comunidade eram realizadas a partir da liturgia católica. Ela relata ter todos os sacramentos da Igreja, e, para deixar esse universo religioso bem amplo, quando chegavam as férias, era a Igreja evangélica que ela frequentava, por conta da tia.

Hoje, ela busca a religião por um outro olhar, acreditando na necessidade de praticar o bem, desenvolvendo, assim, uma filosofia pautada na solidariedade e equidade.

Janãine é uma mulher determinada. Ela gosta da disciplina e dos seus momentos de solidão, que diz serem necessários para o seu equilíbrio, passar o tempo com ela mesma é uma forma de se fortalecer, de revigorar suas energias, ou, por que não dizer, de interpretar-se a si mesma. Convicta nas suas crenças, segue seu caminho de reinterpretações e significados.

Das lembranças prazerosas, ficaram os registros das pamonhadas na casa dos avós, da lua clara na estrada, quando ia com a família a cavalo para as reuniões das sextas-feiras na comunidade.

Relembra a época que foi aprovada no curso de geografia na UFG/RC, de como esse acontecimento representou uma transição na sua trajetória de vida. Um novo ciclo se iniciava,

tempo de novas experiências, novos significados, novas oportunidades, era a formação de uma geógrafa e a construção de uma profissional. Geógrafa que é, encontra na natureza o bem-estar, gosta das florestas, das águas e dos modos de vida camponês. A memória que vem construindo representações a partir das lembranças, são pontes com a infância, a adolescência, gerando significado na sua História de vida.

Esses significados deram origem à sua paixão pelas causas camponesas, e ao modo como ela tem levado essas questões para sua história de vida. Essa compreensão está diretamente ligada à sua formação acadêmica.

Hoje, residente em Corumbáiba, Janãine é funcionária pública, Professora do curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Sudeste, e professora na rede de Educação em Corumbáiba/GO.

Foi Secretária de Educação, no município de Corumbáiba/Go, em 2016/2017. Licenciada em Geografia pela (UFG – Regional Catalão), Mestre em Geografia também pela UFG, atualmente, é aluna do doutorado do Instituto de Estudos Socioambientais – (IESA), da UFG/Goiânia. Suas pesquisas atuais são pautadas nas práticas de resistência camponesa, seja nos assentamentos com a policultura, com as organizações coletivas, cooperativas, associações, papel do sindicato, até a função da educação do campo das escolas rurais e a influência delas nesse processo de permanência de reprodução social dos camponeses na terra.

Desde a infância, a professora Janãine tem contato com a educação no campo, pois um período considerável de sua escolarização, no Fundamental, aconteceu na escola rural, que, na época, fazia parte das escolas isoladas.

Eu já estudei em escola rural... estudei, fiz parte do Ensino Fundamental I numa escola rural, numa escola... era chamada de escola isolada. Essa escola até faz parte do histórico, da dinâmica histórica da Escola Professor Alberto, porque, aqui, em Corumbáiba, até os anos 1980... até os anos 1990, início dos anos 1990, até, praticamente, 1993, 1994, todas as escolas rurais eram chamadas de escolas isoladas. Eram escolas que se localizavam nas fazendas, nas diferentes regiões do município... Muitas vezes algum fazendeiro, ou algum proprietário, que tinha filho em idade escolar, doava um terreno à própria comunidade, ou, outras vezes, à Prefeitura, e construía um prédio, dessa escola (JANÃINE, 2020).

Como ex-aluna do campo, e uma pesquisadora das práticas camponesas, Janãine percebe o movimento pela permanência no campo como práticas de resistências sociais, e, embora não existam muitos incentivos por parte dos governos federais, há um empenho considerável da comunidade camponesa, e até dos próprios municípios, para que as práticas no

campo prossigam. Ela faz referência a esse processo de lutas, citando Ariovaldo Umbelino de Oliveira,¹³ no que se refere à luta de permanência na terra.

A entrevistada levanta também a questão das dificuldades enfrentadas pelas escolas públicas como um todo na reprodução do pensamento: “[...] é aquela ideia de que na escola pública, nada que é feito nela é bom né..., que a escola pública é ruim, que é um espaço precário, e esse discurso, ele tem sido reproduzido muito forte na sociedade, tem sido reforçado nas mídias” (JANÃINE, 2020). Nas narrativas de Janãine percebemos que sua formação como professora é reflexionada a todo momento. Sua história de vida e suas memórias falam muito de seus ideais e daquilo que acredita como docente. Ela faz referências sobre o cenário político atual “[...] e a gente está vivendo um momento que o próprio Ministério da Educação vem reproduzido nisso né... e, assim, abertamente, e a sociedade tem aceitado muito isso né, que a escola pública não é uma boa escola” (JANÃINE, 2020). A narrativa de Janãine remete, a todo momento, à fala docente e às experiências da sua vida, que também foram forjadas no chão da escola. Ora professora, ora pesquisadora.

O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). (LARROSA, 2002, p. 27).

Como diz o autor, a personalidade, uma sensibilidade, não se pode separar do indivíduo e da forma única com que ele interpreta sua experiência. Percebemos, na narrativa de Janãine, que o processo de interpretação das questões sociais e das próprias escolhas formativas faz parte de um desenvolvimento reflexivo que vem desde a infância. As lembranças da escola onde estudou, no campo, as vivências e experiências que foram costurando sua personalidade ao longo dos anos, nos leva a visualizar suas expectativas e percepções sociais na vida adulta. O modo de perceber as esferas governamentais, e de como a escola é vista por ela, hoje, tem muito a ver com suas próprias experiências educativas.

¹³ Ariovaldo Umbelino de Oliveira é professor titular de Geografia Agrária, orientador do programa de pós-graduação em Geografia Humana da FFLCH-USP.

Ana Percília Lucas da Costa

“Espero que, no futuro, sejamos mais humanos, que possamos nos colocar no lugar do outro” (ANA, 2020).



Foto 3 Fonte: pesquisa de campo, março de 2020 – acervo pessoal da participante

No dia dezoito de fevereiro de dois mil e vinte, eu tive o encontro com a Ana Percília, que aconteceu na Casa da Câmara Municipal, em Corumbáiba/GO. Ela tem trinta e um anos e é natural de Recife (PE). Ela é casada, tem três filhos. A mais velha, Ana Carolliny, tem dezesseis anos; José Wilson é o filho do meio e tem onze anos; e um bebê, de um ano e sete meses.

Na tradição de sua família, diz não poder faltar aos almoços de domingo na casa da sua mãe, um momento em que a matriarca da família reúne todos. Esses almoços se tornaram o lugar de encontro da família, tradição válida também para o Natal, “minha mãe não abre mão” (ANA, 2020). Ela diz ter, em Deus, sua fé, faz suas orações, suas obras sociais, e encontrou, no seu relacionamento individual com Deus e com a Bíblia, seu caminho de realização espiritual.

Ana gosta de artesanato, das plantas, e diz apreciar os cactos, uma forma visual de perceber que nem tudo são flores na vida! Ela é caseira, gosta de ir pescar com o marido: “adoro andar de moto em rodovias. Isso me desestressa. O vento batendo em meu rosto me ajuda colocar os pensamentos no lugar” (ANA, 2020). Sobre uma realização: “saber que não está faltando nada em casa, meus filhos estão saudáveis, as contas estão pagas” (ANA, 2020). Ela é uma mulher batalhadora, forte, que vê na família a esperança que precisa.

As lembranças que Ana evidencia em seus relatos nos levam à cidade de Recife, especificamente, ao ano de 1988, ano de seu nascimento. A pouca idade, na época, não a permite recordações sólidas, mas as histórias de família, registradas por seus pais, a fazem compreender o cenário da sua vida.

Ana conta que seus primeiros dias de vida se passaram num barraco de madeira, lugar onde seus pais moravam e trabalhavam, uma vez que tinham um bar no local. Em virtude da violência constante do lugar, seus pais decidiram deixar a cidade de Recife, e, sem muitos recursos, no ano de 1990, vieram para Goiás, onde tinham familiares. Enquanto buscavam uma transição geográfica, aspiravam também oportunidades econômicas e sociais para a família, um caminho difícil, que exigiria muita dedicação e trabalho.

Com o propósito de se estabelecerem em Goiás, chegaram à cidade de Corumbáiba. Todavia, a cidade era pequena, a falta de trabalho para o pai trouxe dificuldades para a família, o que comprometeu o sustento e os planos de um futuro melhor na cidade. Foi na ocasião que seus pais tiveram a ideia de cultivarem hortaliças, e, através do plantio e vendas na cidade, conseguiram, na época, o sustento da família, garantindo, em parte, sua subsistência. Mas, como a família estava aumentando, o que ganhavam com as vendas já não era mais suficiente.

Foi, então, que receberam uma proposta feita por um tio, na cidade de Água Limpa, para a abertura de um bar. Ana conta que a família se mudou para a cidade de Água Limpa. E, assim, começaram um novo negócio.

Das lembranças que tem dessa época, diz ter sido muito feliz, recorda da casa onde passou boa parte da infância: “[...] era muito boa; nas minhas lembranças, a sala era enorme, dois quartos, cozinha, área de serviço. Para mim era tudo lindo e gigante, amava ficar no quintal embaixo do pé de acerola” (ANA, 2020). A narrativa de Ana nos leva às suas recordações mais sensíveis, como o pé de acerola, ou de como uma casa mesmo pequena, pode se tornar gigante, vista pelos olhos de uma criança. Esse olhar reflexivo do passado, a construção da memória, foram constituindo sua leitura de mundo.

Sobre essa época ainda relata: “[...] éramos três irmãos: Leticia, minha irmã mais velha, eu, a do meio, e o Luan, o Caçula. A vizinhança era muito boa, tinha, na esquina, uma cabeleireira que eu não lembro o nome, mas vivia lá em casa conversando com minha mãe” (ANA, 2020). A narrativa de Ana traça o gosto pela infância, lembra, com saudades, das crianças com quem conviveu, suas aventuras e brincadeiras de uma época tão especial. Conforme Ana (2020), “[...] brincávamos até de madrugada, éramos muitas crianças, vinham de vários lugares da cidade a vizinhança e até o doce de dona Maria”. Essas lembranças a fazem

voltar no tempo, selecionar experiências para sentir outra vez aquelas sensações: “[...] corríamos para a rua de baixo para brincar escondido do lado da casa deles. Lá morava dona Maria, ela fazia os melhores doces que já comi” (ANA, 2020). E ainda sobre a infância:

[...] minha mãe tomava conta do bar. E quando não estava lutando muito, meu pai ia para a fazenda roçar pasto, ou, como diziam por lá, trabalhar de boiadeira. Passava, às vezes, até quinze dias trabalhando fora, quando era dia dele chegar, era maravilhoso, ficávamos o dia todo sentados na calçada esperando ele apontar na rua, quando, finalmente, vimos ele, apostava corrida para ver quem conseguia abraçar ele primeiro. (ANA, 2020)

Aos sete anos, inicia os estudos no colégio Estadual Bernardino Guimarães, o único da cidade na época. Segundo os seus relatos, gostava muito do colégio, dos colegas e professores. Entretanto, os dias da família, na cidade de Água limpa, estavam terminando. A mãe decide que era hora de tentar a vida em uma cidade maior, com mais oportunidades. A cidade escolhida foi Caldas Novas/GO, cidade vizinha de Água limpa. Sobre a mudança, Ana (2020) relata: “[...] fomos nós... Caldas novas, caímos direto no pior setor que tinha lá na época. A criminalidade só aumentava, o colégio que meu pai me matriculou era muito longe, quatro quilômetros de distância, não era sempre que dava para ir de coletivo, o dinheiro era pouco”.

Recorda o curto espaço de tempo que passaram na cidade, e uma série de fatores que comungaram para que isso acontecesse. Em seus relatos, ela diz que, em Caldas Novas, estudou em escolas muito perigosas, e que isso trouxe um desconforto muito grande para ela e a família. Na época, ela conta que o uso e tráfico de drogas eram comuns na escola, independente do horário de aula. A presença de policiais, muitas vezes, solicitados, em situações embaraçosas de alunos, que se envolviam com o crime, passou a ser comuns no cotidiano escolar.

Ressalta que o simples fato de ir à escola com sua bicicleta era inseguro, pois poderia voltar para a casa sem ela. Mesmo, com todas essas dificuldades, o trajeto deveria ser cumprido, pois a necessidade de estudar em uma escola pública falava mais alto.

Outra vez, a violência é uma dificuldade para Ana, pois haviam saído de Recife por conta dela, o que deixou impressões que, ainda hoje, percebemos em sua fala. Ela experimentou a violência na escola, e a necessidade de estar em uma instituição, mesmo nesse contexto, uma realidade vivida por milhares de estudantes brasileiros.

Ressalta que, para ela e a família, em especial a mãe, a violência e a falta de segurança entre outros fatores, fizeram a família deixar a cidade no ano seguinte. Sobre essa decisão, relata: “[...] não tinha futuro. Não tinha como a gente continuar lá, porque o bairro já era um bairro muito perigoso, porque... Aí ela decidiu: ‘Não, vamos embora, porque lá é mais calmo’”

(PERCÍLIA, 2020). A mãe de Ana, decide retornar para Corumbaíba, por ser uma cidade mais tranquila para viver e criar os filhos. Iriam recomeçar outra vez.

Assim, no ano de 2001, como residentes do município de Corumbaíba, Ana seguiu seus estudos e concluiu o ensino fundamental I. Estudou na escola municipal Osório Martins Cardoso. Ao passo que ela estudava, começou também a trabalhar, e, aos treze anos, já trabalhava como doméstica, traçando, assim, o perfil de uma mulher batalhadora, que inicia sua jornada de trabalho ainda muito cedo.

Ana foi mãe muito jovem, e, nas suas palavras, ela nos conta desse sentimento “[...] descobri que estava grávida, um sentimento único! Medo com felicidade. Consegui me formar no ensino fundamental mesmo com o bebê no colo” (ANA, 2020). Em virtude das dificuldades dessa época, e da necessidade de cuidar do bebê, Ana dá uma pausa nos estudos e vai morar na fazenda. Após quatro anos, ela tem o segundo filho. Com oito anos na fazenda, ela e a família decidem voltar para a cidade de Corumbaíba. Nessa época, Ana é aprovada num concurso público na cidade. Bom, Ana tem sua terceira gravidez, e, como ela diz: “completei meu time” (ANA, 2020). Os dois adolescentes foram alunos da Escola Professor Alberto de Moraes Holanda. Ana Percília também integrou o quadro de funcionários da escola.

A arte de ser participante da história do outro é também uma maneira de interpretação da nossa própria história. Para Galvão (2005, p. 330), “não se trata de uma batalha pessoal, mas é um processo ontológico, porque nós somos, pelo menos parcialmente, constituídos pelas histórias que contamos aos outros e a nós mesmos, acerca das experiências que vamos tendo”. À medida que processamos a narrativa do outro e a interpretamos, vamos reinterpretando também a trama da nossa vida.

Anésio Araújo de Castro

“Eu batalho, acredito em Deus e não tenho medo do futuro” (ANÉSIO, 2020).



Foto 4. Fonte: pesquisa de campo, fevereiro de 2020 – acervo pessoal da participante

Era tarde de uma quinta-feira, vinte e um de fevereiro de dois mil e vinte. Anésio e sua esposa, Elcinéia, receberam-me em sua casa para a entrevista/conversa. Estavam empolgados e se mostraram interessados em me contar as histórias das suas vidas. Algumas experiências e impressões que tiveram ao longo dos anos, que os fizeram pensar em algumas lembranças e observarem os lugares que os caminhos percorridos os levaram.

Anésio tem sessenta e um anos de idade, é natural de Miguelópolis/SP. É casado com Elcinéia e tem quatro filhos, três adultos e uma adolescente. Nasceu no dia 09 de setembro de 1958. Ele é filho de José de Andrade Castro e Rosa Araújo. Anésio conta que o pai tinha o apelido de Nésio, e que ele recebeu o nome de Anésio (Nezinho), como era conhecido na infância, pela família e amigos. O nome recebido foi como uma homenagem ao pai. O pai era mecânico e motorista de caminhão, a mãe dona de casa.

Com relação à infância, ele nos conta que a família era grande, o pai se casou várias vezes, o que deu a ele vários irmãos. Ele recorda que, apesar de nascer em uma família economicamente humilde, nunca lhes faltaram os recursos para a sobrevivência. Anésio (2020)

“Era tudo simples, bem simples”. A cidade de Miguelópolis/SP, na época da sua infância, era uma cidade pacata, tranquila, “sossegada”, como ele mesmo diz.

Suas recordações o levam às reuniões de família no período do natal, ano novo, e aos momentos em que a família se reunia para fazer pamonha! Percebemos, através dos seus relatos, que a infância lhe deixou saudades.

Aos seis anos de idade, inicia seu processo de escolarização. Da escola, as lembranças voltam ao período da ditadura militar e à educação moral e cívica. O cotidiano da escola, as fileiras para a entrada, e de como tudo era organizado. Cantavam o hino nacional, o hino da bandeira, e realizavam as orações. Depois, as turmas seguiam para as suas salas de aula. Uma educação rigorosa, segundo ele, um lugar no tempo e no espaço, onde não se faziam muitos questionamentos.

Na adolescência, começou a trabalhar numa oficina mecânica, e os estudos acabaram ficando um pouco de lado. As mudanças de cidade, realizada pela família, também contribuíram para a pausa nos estudos. Naquela época, os pais direcionavam os filhos para o trabalho, e os adolescentes apenas iam. O trabalho adolescente não era remunerado. Ele conta que trabalhava mesmo para aprender a profissão. E foi a profissão de motorista, herdada do pai, que aprendeu. É torneiro mecânico, mecânico e motorista.

Anésio relata que a juventude foi tranquila, sem problemas com drogas ou bebidas alcóolicas, numa cidade interiorana. Ele nos conta que, na época, os adultos não conversavam sobre drogas com os jovens, era quase que proibido falar sobre essas questões consideradas arbitrárias.

Já, adulto, morando em Uberlândia/MG, Anésio se separa do primeiro casamento, e à procura de emprego, chega em Corumbáiba/GO, por volta dos 40 anos de idade. A empresa na qual veio procurar trabalho não o contratou. E, apesar do fato de não ter sido contratado pela empresa, ele decidiu permanecer na cidade trabalhando em oficinas mecânicas.

Na mesma época, abriu vagas para um concurso municipal em Corumbáiba. Na época, conheceu Elcinéia, sua atual esposa. Os dois prestaram o concurso municipal, e ambos foram aprovados. Em seguida se casaram.

A escolarização de seu Anésio, assim como de muitos brasileiros, foi interrompida ainda muito cedo, e só depois de trinta anos que havia deixado a escola, ele retorna. Ele entrou para a EJA, concluindo o fundamental. Logo, conclui o Ensino Médio, no Colégio estadual Simon Bolívar, em Corumbáiba/GO. “[...] moro aqui em Corumbáiba há vinte e um anos. E foi

aqui que eu estudei no Ensino Médio... É no Médio? Médio? Depois de trinta anos parado da escola”.

Seu Anésio, como é conhecido no município de Corumbaíba, diz que chegou a prestar vestibular para Direito na UNIPAC/Araguari/MG. Coursou até o segundo período do curso, mas, por questões financeiras, não pôde continuar. Sobre esse episódio, ele relata “[...] devido às situações financeiras né, era particular, e a coisa apertou muito, e fui obrigado a abandonar”. (ANÉSIO, 2020). Contudo, ele assegura que o fato de passar em um vestibular, e mesmo que cursando poucos períodos, foi ótimo para ele. Segundo ele, a experiência superou suas expectativas de vida.

Funcionário público, atua como motorista do transporte escolar, conhece bem as estradas que ligam o município de Corumbaíba às cidades vizinhas e à zona rural. Nos relatos do Anésio, percebemos que, ao falar da sua experiência de vida, narra também suas impressões sobre os alunos que transporta. Ao que parece, essas observações contam sua história como motorista.

Transportou estudantes durante muitos anos, e seu convívio com eles lhe trouxe algumas percepções sobre a educação e o comportamento estudantil. Sua história de vida comunga com as de dezenas de crianças, adolescentes e jovens. Uma vez motorista estudantil, Anésio constrói sua história de vida com experiências conjuntas à escola, alunos, professores.

Ele mesmo relata algumas observações

“[...] desde a hora que eles levantam cedo, entram em um veículo, passa na casa do outro, pega o outro, passa na casa do outro, pega o outro, aqui, na cidade, ainda vai passando de ponta a ponta, aí eles vão dentro do mesmo veículo, chegam lá e ficam dentro da mesma escola” (ARAÚJO, 2020).

“E, hoje, eu estou aí, sou funcionário público municipal, e, como sempre, trabalhando na área escolar, transporte escolar” (ARAÚJO, 2020).

As vivências profissionais, entrelaçadas com amizades construídas, o levaram a desempenhar vários papéis, tais como motorista, amigo, colaborador, conselheiro e pai. Seus relatos deixam suas impressões: “[...] eu na realidade... eu não transporto o menino da zona rural né. Na realidade, eu transporto menino da zona urbana para zona rural, e os funcionários, professor, tudo, eu transporto” (ARAÚJO, 2020). E quando o pergunto sobre a expectativa para o futuro, Anésio (2020) diz:

Eu fiquei aqui, gosto daqui, não pretendo sair daqui. Eu me adaptei, fiz muitas amizades aqui, a gente mora na casa própria da gente, que é uma casa simples, mais confortável pelo nosso meio de vida né. E aí vai, a gente vai vivendo desse jeito. E minha expectativa de vida é assim, e daqui mais um pouco de

tempo, eu tô aposentando, não está faltando muito tempo, e daí, eu vou ficar aqui mesmo... rss, na Corumbaíba mesmo, esperando a mulher aposentar também. Depois a gente sai para a estrada, viajar um pouco. Enquanto a filha fica estudando e fazendo a vida dela.

A perspectiva do futuro espera por uma oportunidade, no caso do Anésio, o desejo de uma aposentadoria tranquila ao lado da família, e como ele diz, sair pela estrada e viajar. [...] Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” essas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. Para Huberman, (2007), a narração é mais um exercício de uma reinterpretação do que de um relato, é buscar no passado um sentido, para, assim, perceber o que se produziu até o presente. E, assim, a narrativa trabalha com essa sequência entre passado, presente e futuro, em todos os momentos do relato, reinterpretando e percebendo o que se passou, aonde chegou e aonde deseja ir.

Elcinéia Guimarães da Silva Castro

Não sou uma sonhadora, mas o que almejo para o futuro são realizações dos sonhos da minha filha Andressa Rosa, (ELCINÉIA, 2020).



Foto 5 - Fonte: pesquisa de campo, fevereiro de 2020 – acervo pessoal da participante

O encontro com Elcinéia aconteceu em sua residência, em companhia do marido Anésio, que também é um dos narradores. A entrevista/conversa aconteceu de modo descontraído, como quem conversa com amigos.

Elcinéia Guimarães da Silva Castro é esposa do Anésio, tem cinquenta e um anos de idade, nasceu no município de Corumbáiba/GO, em 16 de novembro de 1968. Filha de Elza Caetano e Antônio Guimarães, o pai era pedreiro e sua mãe dona de casa, e sobre a história da origem do seu nome, ela conta que foi seu pai quem o inventou: “Ele queria um nome diferente e inventou”. Em seu relato, lembra, com carinho, do pai, e diz que dava birra quando ele saía para trabalhar, ela sorri ao lembrar o fato” (ELCINÉIA, 2020).

Elcinéia trabalha na educação há vinte e um anos, dos quais fala com alegria e convicção de quem faz da Educação sua maneira de pensar o mundo. Seus relatos, a respeito da sua própria história de vida, são entrelaçados com os anos nos quais dedicou a sua vida às práticas educativas.

Nossa narradora se descreve como uma pessoa rotineira, tranquila, feliz e realizada. E, ao buscar na memória as aventuras de criança, ela relata:

Nunca me esqueço, que, na época, era uma grande aventura para mim, era quando meu pai me colocava em cima da casa para arrumar uma antena de rádio, eu era bem pequenina, e para descer, eu tinha que pular nele, que estava no chão. Eu tinha toda confiança do mundo. No Natal eu não dormia, com medo do Papai Noel. Morria de medo de ver aquele velhinho, ficava quase a noite toda chamando a mamãe porque eu estava com medo. Quando acordava de manhã, a mamãe, lá na cama, mostrando os presentes que Papai Noel nos deixou. (ELCINÉIA, 2020).

As lembranças remetem às expectativas de criança, e como os fatos vividos nesse período da vida são tão marcantes para ela. As impressões dessa época são contadas com alegria, entusiasmo, emoção! Esse processo de rememoração trouxe significados para a sua formação como Pedagoga, e no tocante às questões que se tornaram importantes em sua vida, como sua percepção da escola como uma família.

Ao lembrar os tempos da escola, relata que, na época, não tinham a liberdade de hoje, mas, ainda, assim, era o ponto de encontro principal das crianças, e lembra que o recreio era muito desejado por elas. Sobre a infância, Elcinéia (2020) diz: “acho que a infância a gente não esquece, uma casa humilde e uma ótima vizinhança, onde os quintais se transformavam em um só, não tinha muro, não tinha cerca, e as crianças ficavam à vontade, indo de um quintal para outro, e os adultos também. Era uma família”.

Na juventude, morando em Corumbáiba, ela nos conta que o ponto de encontro era o famoso clubinho do Fernando. Era o local de festa, onde todos encontravam amigos, namorados, um ponto dos encontros e das danças. Relembra, também, que todos se divertiam na praça central. Sobre a boa lembrança, Elcinéia exclama: “Tempos que não voltam mais!”

Ela relata que ela e a irmã foram para a cidade de Caldas Novas/GO, em busca de trabalho, e, por lá, ficaram dois anos. Mas, como logo surgiram oportunidades de trabalho no município de Corumbáiba, elas regressaram para cidade natal.

Em seguida, a Prefeitura Municipal de Corumbáiba lança o concurso público, ela é aprovada, e, nessa época, também se casa. O início da carreira na educação lhe levou ao vestibular, cursou Pedagogia na UEG, Caldas Novas/GO.

Sobre experiências que marcaram sua vida, ela nos conta, “Momentos muito marcantes na minha vida foi o nascimento da minha filha, com dezesseis anos hoje, e de todos os meus sobrinhos e sobrinhas, que tenho paixão, e o meu inesquecível casamento, que, graças a Deus, foi um sucesso, três dias de festa! Ela sorri (ELCINÉIA, 2020).

A maneira espontânea e convicta de Elcinéia nos traz leveza, ela constrói a narrativa da própria vida, de uma maneira muito simples, e sempre sorrindo. Suas experiências de vida

estão muito próximas da escola, de inúmeras crianças e adolescentes. Histórias essas que ela conta em conjunto com a própria história de vida, pois boa parte de sua trajetória foi construída num contexto educacional.

Além de mãe, após algum tempo, Elcinéia passou a integrar o quadro de funcionários da Escola Professor Alberto, que, segundo ela, foi uma experiência de vida. Ela sempre fala de suas impressões sobre os acontecimentos que marcaram sua vida, citando sua maneira de desempenhar suas funções na escola.

[...] só uma história de vida permite captar o modo como cada pessoa, permanecendo ela própria, se transforma. Só uma história de vida põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma a sua identidade, num diálogo com os seus contextos [...] (MOITA, 2007, p. 116).

A leitura de mundo de uma pessoa está ligada à narrativa como construção social. Quando narramos a nossa história, automaticamente colocamos em evidência a nossa maneira de interpretar o mundo. Nesse sentido, vale dizer que, quando interpretamos o mundo, o “EU” está sendo interpretado também.

Divina Márcia Aparecida Vieira

“Desejo coisas boas, para cada cidadão desse nosso Brasil” (DIVINA, 2020)



Foto 6 –Fonte: pesquisa de campo, fevereiro de 2020 – acervo pessoal da participante

Era tarde de vinte de fevereiro de 2020, dia marcado para me encontrar com a Dona Divina em sua casa. Sorridente, ela estava feliz, e, ao mesmo tempo, apreensiva, por conta da entrevista/conversa. Sua espontaneidade e seus risos nos dizem muito sobre sua personalidade. Ela queria contribuir para a pesquisa, e isso era claro na maneira como me recebeu em sua casa.

Divina Márcia Aparecida Vieira nasceu em vinte e um de janeiro de mil novecentos e setenta. Tem cinquenta anos, é natural de Corumbaíba/GO, casada, tem três filhos, Theiza, Silmar Júnior e Natanael. De sorriso fácil, dona Divina relata suas experiências de vida de maneira espontânea e leve, e, apesar de todos os desafios presentes na vida, Dona Divina não deixa de lado a boa risada. Nossa narradora nos conta que a vida foi marcada por insistente trabalho braçal.

[...] porque eu mudei para Corumbaíba. Porque na primeira vez eu achei muito desenvolvimento particular, uma coisa eu vivia lavando roupa para os outros néh... lutando para pagar um particular para minha filha, então, foi aonde que eu lutei para o meu filho continuar na ponte¹⁴ (DIVINA, 2020).

¹⁴ (Ponte) é como ficou conhecido o povoado Quinca Mariano, onde está localizada a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda. É assim chamado por fazer divisa com o estado de Minas Gerais, e ser banhada pelo Rio Paranaíba.

Assim, como inúmeras mulheres brasileiras, Dona Divina é uma típica mãe que resistiu às dificuldades econômicas e sociais para que seus filhos tivessem melhores oportunidades educacionais do que ela mesma teve. Sua narrativa nos dá um vislumbre do orgulho dessa mãe.

Embora prestativa e muito alegre na sua narrativa, Dona Divina fala pouco da sua própria história, dando ênfase ao contentamento com a escolarização dos filhos. Suas percepções sobre a própria história de vida são condensadas através das experiências que teve na criação dos filhos, o que nos leva a pensar no impacto de como as experiências com os filhos são postas na visão de si mesma. Percebemos isso através de sua fala: “[...] a gente não é formada, eu fiz só até o quarto ano (do Ensino Fundamental), então, tinha que procurar a melhora para eles” (DIVINA, 2020). O sucesso dos filhos passou a ser prioridade em sua vida.

Sobre sua História de vida, ela nos diz ter tido muitas lágrimas, mas muitas alegrias também. O trabalho sempre esteve presente, o pai lavrador e a mãe Dona de casa ensinaram ela e os irmãos sobre os labores da vida. Ela conta que estudou na Escola Couto de Magalhães, “na época, não tinham essas coisas de rede social” (DIVINA, 2020), tudo era mais divertido, e que as pessoas conversavam mais. Seu primeiro trabalho fora de casa foi de doméstica, na casa dos outros, como ela relata.

Diz estar feliz com a vida, com as vitórias de superação que teve ao longo da sua trajetória. Divina é breve em cada frase, não é de estender a narrativa, mas seu sorriso e sua emoção nos falam sobre uma mulher batalhadora, uma brasileira que decidiu lutar para que os filhos fossem um pouco mais adiante.

Temos muitas histórias que poderiam ser contadas, mas relatamos as que se tornaram, de fato, significativas para nós, ou que nos sentimos seguros ao narrarmos. “Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata, é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos, e de como vemos ou sentimos o que nomeamos” (LARROSA, 2002, p. 21). Uma mesma história pode ser contada de muitas maneiras. Contudo, a autobiografia é contada a partir da visão que o narrador tem de si mesmo. Essa interpretação biográfica que ele faz retrata sua história de maneira subjetiva, dentro dos processos que as experiências na sua trajetória de vida lhe trouxeram. A narrativa é capaz de representar a identidade individual e projetá-la socialmente.

Elisângela Alves de Souza

E não pretendo parar minha vida de estudos tão cedo. Quero estar em constante aprendizado, pois chegar ao tão sonhado ser professora, foi um sonho de criança. (ELISÂNGELA, 2020)



Foto 7 - Fonte: pesquisa de campo, fevereiro de 2020 – acervo pessoal da participante

Elisângela Alves de Souza tem quarenta anos, é natural de Corumbáiba/GO, casada com Carlos Roberto Alves de Souza, tem dois filhos, Gabriel Venâncio e Carlos Eduardo. Filha de Jaci Alves de Souza e de Maria de Lurdes Francisca dos Reis, ela relata uma infância tranquila, com a liberdade de viver as aventuras de criança em uma cidade pequena do interior de Goiás, onde as pessoas conheciam as famílias uns dos outros, o endereço, o trabalho. Um tempo em que as crianças podiam brincar na rua até altas horas.

Elisângela é católica praticante e diz ter na religião sua força. Ela se descreve como uma mulher de personalidade forte, que se impõe quando precisa, mas, que, na mesma medida, se desmancha com os detalhes da vida, relata que, na juventude, era apaixonada pela dança: “Como gostava de dançar”! O tempo foi passando, e com a chegada dos filhos, as reuniões de família é que se tornaram sua atividade preferida.

Um dos seus robes, “cantar no chuveiro”, ela diz e sorri! Com o nascimento da neta, este ano, diz andar se desmanchando por aí, experiência que a fez perceber um novo contexto em sua vida. Tudo passa tão rápido, e a chegada de uma neta a fez perceber o tempo, o tempo da gente, o tempo que vai deixando um legado e inúmeras significações.

Sua narrativa não nos dá detalhes pontuais de suas experiências de vida, fala pouco de sua infância e adolescência, sua fala é conduzida para o seu processo de escolarização.

Como é natural de Corumbáiba, Elisângela cursou a Educação infantil, Ensino Fundamental I, em escolas do município. Novamente, ela não destaca esse período, passa por esse recorte no tempo de forma ligeira, como quem quer contar o próximo capítulo da história. Como diz Bolívar, (2002a, p.138), “no fundo, a vida só pode ser representada em forma de narração”. É a partir da adolescência que sua vida é mais enfatizada. Sobre esse momento, ela conta, desde o entusiasmo que tinha na escola até a perda do ano letivo, quando a família mudou para a cidade de Caldas/Novas e não encontrou vaga no colégio para ela. Sobre esse episódio na vida, ela relata:

Eu me mudei para lá em meados de março, abril. Chegando lá, não encontrei vaga em nenhuma escola; conseqüentemente, perdi o ano escolar. Fiquei arrasada. No ano seguinte, retornamos à nossa Corumbáiba; diretamente, fui matriculada no colégio, graças a Deus. E foi só alegria. Mas ainda no (Ensino) Fundamental II, novamente, parei de estudar no final da oitava série, dessa vez, ficando por quatro a cinco anos parada, fora da escola. Mas sempre meu coração, com aquela vontade de estudar, de retornar aos estudos. Agora, já casada, com filho, é mais difícil; mas, graças a Deus, tive o apoio do meu marido, da minha mãe, da minha família, para prosseguir com os estudos. Voltei a estudar na EJA (Educação de Jovens e Adultos) (ELISÂNGELA, 2020).

Elisângela relata que, embora tenha enfrentado algumas dificuldades no seu processo educacional, como não conseguir a vaga em uma escola no município de Caldas Novas, e precisar interromper os estudos em alguns momentos, relata seu processo formativo de maneira muito positiva, e narra sua história de vida como um processo de superações. Mas, ela continuava a sonhar com sua formação acadêmica.

A rápida mudança de cidade não lhe trouxe muitas alegrias. O sentimento que percebemos na sua narrativa é frustração. Para a maioria dos adolescentes, perder um ano letivo implica em muitos outros aspectos sociais. A turma que passou de ano, a frustração de ter perdido o ano inteiro, todas essas questões são muito acentuadas nessa faixa etária.

No ano seguinte, retorna com a família à Corumbáiba e integra novamente o quadro de alunos do município, em que permanece até o Ensino Fundamental II, momento em que interrompe os estudos. A ruptura demarca não só uma pausa nos estudos, mas o início de um novo contexto de vida. Ela se casa, e já, com filhos, cita as dificuldades do retorno à escola, que era uma meta para sua vida.

Elisângela almejava realizar o sonho de se tornar professora, e embora, nessa época, parecesse distante, ela foi encorajada pela família a continuar os estudos. Coursou a EJA no Colégio Estadual Simon Bolívar, também localizado em Corumbáiba, onde concluiu com êxito o Ensino Médio.

Os anos se passaram e Elisângela presta concurso público para gari, mas é direcionada a trabalhar no hospital municipal Santa Terezinha, localizado no município de Corumbáiba. Em suas palavras “[...] terminei a EJA né...fiquei parada por um tempo, aí surgiu o concurso para prefeitura, fiz o concurso para gari, passei em trigésimo quarto lugar, demorou demais me chamar, mas me chamou. Mas, não fui para varrer rua não, fui direto para o hospital municipal, ficando lá por cinco anos” (ELISÂNGELA, 2020). Posteriormente, presta um novo concurso público, e, dessa vez, para auxiliar educacional. Passa a integrar o quadro de profissionais do SEMEI / Comecinho de vida. Cada vez mais próxima da educação, e em sala de aula, percebeu que era o momento oportuno para a decisão de prestar o vestibular. Aprovada, cursou Pedagogia, e, em 2019, concluiu na Universidade Paulista (UNIP).

[...] quando tive o meu segundo filho, que fui trabalhar no CEMEI, no comezinho de vida, na faxina, por mais uns seis anos, sempre observando, amando estar ali. Sabe, então, mais uma vez, teve concurso para auxiliar educacional, passei em terceiro lugar. Com a graça de Deus, fui para tão sonhada sala de aula. Novamente, Deus tocando no meu coração e eu com vontade, retornei aos estudos novamente, só que, agora, faculdade, ser professora né... fui para a faculdade UNIP/Caldas Novas (ELISÂNGELA 2020).

Hoje, Pós-graduanda em Neuro psicopedagogia, Psicanálise infantil e Saúde Mental, pelo Instituto Saber, faz ressalvas sobre a Educação e sobre sua história de vida, conduzida por percalços e paragens, além de processos de ressignificação. Para Delory Momberger (2008, p. 37): “[...]é a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida, é ela enfim que dá uma história à nossa vida: nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque nós temos uma história; nós temos uma história porque nós fazemos a narrativa de nossa vida”. Os recortes temporais que escolhemos, a maneira como narramos os acontecimentos, dão sentido à nossa história de vida. Esses processos narrativos invadem a memória e a interpretam, singularizando a trajetória de cada pessoa.

Considerações parciais do capítulo

O objetivo deste capítulo foi conhecer a história de vida dos narradores, pais e mães, que optaram por matricular seus filhos na Escola Professor Alberto de Moraes Holanda.

As “histórias tornaram-se um meio de capturar a complexidade, a especificidade e a inter-relação dos fenômenos com que lidamos” (CARTER, 1993, p. 6). Contar a própria história é uma tarefa instigante. A volta ao passado nos mergulha em lembranças significativas, e, ao mesmo tempo, nos traz responsabilidades sobre o nosso presente e futuro. Ao observarmos as narrativas dos pais, sobre suas histórias de vida, vamos desenhando, em nossa mente, suas características mais elementares.

Ouvir os pais, seus momentos, suas angústias, alegrias, as impressões de suas vidas, nos levam a ampliar nossas leituras de mundo. Percebemos, ao decorrer das narrativas, que nenhum dos pais tiveram privilégios econômicos, vieram de famílias sem muitos recursos e tiveram que escrever uma nova história.

Contudo, é perceptível a importância que dão aos percursos, de como cada decisão, cada enfrentamento, cada “fracasso”, se podemos usar esse termo, deram uma nova dimensão as suas vidas e disposição em serem protagonistas da própria história de vida. A reinterpretção de si mesmos, dentre contextos desafiadores, trouxe a eles novos significados.

Na fala da Ana Percília, notamos o quanto as decisões familiares determinaram seus caminhos formativos, e a figura da mãe como autoridade é significativo. Seu processo formativo diz muito sobre questões que prioriza atualmente, como a criação dos filhos, em um lugar sossegado e seguro. Nos relatos do Sr. Anésio, ser motorista e conduzir crianças, adolescentes, jovens e professores, durante muitos anos, o tornou um colaborador educacional, que ora é motorista, ora conselheiro, ou mesmo, amigo.

É notório, nos relatos da Nívia, ao relembrar os anseios do pai, suas dificuldades como chefe de família, ao criar cinco filhos do trabalho na roça, e o incentivo dele para que ela estudasse. A Elcinéia fala de si mesma mesma, quando fala dos alunos, da escola, de como recebe os pais. O dia a dia como uma profissional da educação a leva a uma construção social, e, ao mesmo tempo, fala de sua personalidade, construindo, assim, sua história de vida.

Os relatos da Janãine lançam luzes sobre as questões sociais e o pensamento sobre a educação. Vemos, em seus relatos, suas inquietações sobre os desajustes educacionais e de como ela faz reflexões. Percebemos, nas falas da Elisângela, que a construção da história de

vida pode ser desafiadora, e, mesmo diante de quebras e paragens, existe um caminho possível de ser trilhado, perseguido, construído.

Nas narrativas da dona Divina, as lutas das mulheres para que os filhos tenham uma melhor condição formativa é evidente. E a maneira como descreve o processo educacional dos filhos fala de si mesma e da maneira com que ela percebe a própria existência.

No entanto, percebemos o quanto a construção das nossas trajetórias de vida, nossas experiências, a família em que nascemos, a cultura, a religião, os costumes, o meio da nossa existência diz de nós. A forma com que as narrativas surgem nos dá impressões cíclicas, a adolescência, que é construída a partir da infância, a juventude, através da adolescência, e a maturidade através de todo percurso histórico da vida.

A maneira com que os narradores se perceberam, falaram muito dos estímulos externos que impactaram as suas subjetividades: “ao modo como a narrativa opera como instrumento do pensamento ao construir a realidade” (BRUNER, 1991, p. 6). Ao retratarem as histórias de vida, disseram sobre os valores e criação que receberam de seus pais, da escola, dos acontecimentos em suas vidas, e até a escolha da profissão é um retrato daquilo que viveram ao longo do caminho, mesmo quando não tiveram a oportunidade de escolha, e tiveram que se reinterpretarem.

Percebemos o quanto as experiências transformam nosso mundo interior, e como o processo de interpretação individual é ideológico, reflexivo e identitário.

As impressões das biografias nos fazem compreender, em alguma medida, a construção social, de como os processos individuais, histórias de vida, subjetividades, são determinantes numa sociedade, ampliando nosso olhar sobre essa mesma sociedade.

CAPÍTULO III

A ESCOLA PROFESSOR ALBERTO DE MORAIS HOLANDA A PARTIR DAS NARRATIVAS DOS PAIS DOS ALUNOS.

O objetivo deste capítulo foi analisar a escola Professor Alberto de Moraes Holanda a partir das narrativas dos pais dos alunos.

A família é a primeira instituição da qual a criança participa, seus primeiros passos, as primeiras descobertas, as primeiras percepções do mundo se dão no ambiente familiar. Os pais são responsáveis diretos pela educação dos filhos, a qual é assegurada também pelo poder público, já a escola, se responsabiliza pela escolarização das crianças.

Para Guzzo e Tizzei (2007, p. 42), "a família representa um ambiente extremamente importante para o desenvolvimento da criança, porque é o primeiro sistema em que o ser humano se insere na sociedade, por meio do qual começa a estabelecer seu vínculo com o mundo". Observamos a importância e a necessidade da participação dos pais no processo de ensino-aprendizagem dos filhos, uma vez que a família é a comunidade mais próxima da criança, e a maneira com que a criança se relaciona dentro do contexto familiar, está diretamente ligada ao seu desenvolvimento escolar.

Nessa perspectiva, acreditamos que a família, escola, poder público, dentre outros sistemas sociais, devem desempenhar seu trabalho de forma conjunta, para o desenvolvimento das crianças e adolescentes. O (ECA), no seu artigo 4º, discorre:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à liberdade e a convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1990).

Percebemos que, mesmo diante da responsabilidade e necessidade da presença dos pais no cenário escolar, bem como, na educação dos filhos, eles têm sido pouco explorados nos estudos referentes à educação. No nosso caso, sobre os estudos concernentes às instituições escolares, não localizamos nenhum trabalho acadêmico que biografasse uma instituição escolar pelas narrativas dos pais. Essa informação se deu a partir dos levantamentos de estudos e de pesquisas no campo das instituições escolares, que pudessem contribuir para a nossa pesquisa.

Constatamos que esse incidente acontece por conta de buscarmos ouvir informações de especialistas educacionais, como professores, diretores, coordenadores, os sistemas peritos,

como pontua Giddens (1991). Contudo, ao não reconhecermos a importância das narrativas dos pais sobre a educação, escolarização e sobre a escola, desprezamos um terreno rico de aprendizado. “[...] se toda pessoa tem direito à educação, é evidente que os pais também possuem o direito de serem, senão educados, ao menos, informados no tocante à melhor educação a ser proporcionada a seus filhos” (PIAGET, 2007, p. 50). As contribuições dos pais, no processo de escolarização dos filhos, são sentidas dentro e fora da sala de aula. A criança, quando apoiada nos seus estudos, têm um índice de aprendizagem mais consistente que o das crianças que não recebem esse apoio.

Além disso, num período de tantas mudanças sociais, e, principalmente, no ano corrente, em que as salas de aula se transformaram na sala de casa, e os quadros escolares foram substituídos por computadores, os pais compartilham seus conhecimentos, como mediadores pedagógicos, e sem os quais seria impossível o ensino remoto para as crianças e adolescentes. Há tempos, a escola impõe aos pais uma incumbência no ensino de atividades escolares para casa, e o fato é que muitos pais não dispõem de condições necessárias para ajudar seus filhos. Sentimos essa dificuldade na crise que estamos enfrentando neste ano de 2020, e penso que seria o momento oportuno para uma discussão educacional, que tivesse como alvo a preparação dos pais para um trabalho conjunto com a escola. Pois, se existe uma cobrança sobre eles, seria plausível um preparo.

Todavia, uma nova perspectiva educacional surge a partir da Covid-19¹⁵, e, por mais que tudo ainda esteja sem clareza, fazemos reflexões da escola, que, agora, se configura como escola do passado, sobre a perspectiva de um novo modelo educacional, que está sendo desenhado, e de como os pais se tornaram indispensáveis no ensino-aprendizagem dos filhos.

Um novo modo de pensamento social, educacional, físico, intelectual, está posto, e, sem sombra de dúvidas, a partir desses novos caminhos sociais, os pais terão um lugar de maior atuação educacional.

¹⁵A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves.(ver referências).

A Escola Professor Alberto de Moraes Holanda a partir das Narrativas dos Pais dos Alunos.

As narrativas nos proporcionaram múltiplos significados, e ao compreendermos esse terreno cheio de interpretações, buscamos na análise de conteúdo, que é um método usado em pesquisas qualitativas, elencar as categorias de análise, tendo como referência o trabalho de Laurence Bardin (2016). Recorremos à proposta da autora que estrutura sua obra da seguinte forma: 1) *pré-análise*, 2) *exploração do material* e 3) *tratamento dos resultados, inferência e interpretação*. Assim por meio da escuta das narrativas, observação das entrevistas transcritas, fomos direcionados a um processo de biografização institucional. Para Bolívar (2012), a experiência vivida não é capturada pela pesquisa. Ela é, na verdade, criada no próprio processo da pesquisa. Nessa perspectiva, ao biografarem a escola, os pais realizam um trabalho, como um desenho de representações e significados, para além daquilo que já está determinado por conceitos educacionais especializados, ou preso de maneira linear no papel. No nosso caso, ouvimos aqueles que não estão presentes no chão da escola, mas se fazem presentes na comunidade escolar e na vida dos filhos, de maneira permanente. Dessa forma, biografam a instituição. Nesse sentido, ouvi-los é uma maneira de priorizar o diálogo.

Además, un enfoque narrativo prioriza un yo dialógico, su naturaleza relacional y comunitaria, donde la subjetividad es una construcción social, intersubjetivamente conformada por el discurso comunicativo. El juego de subjetividades, en un proceso dialógico, se convierte en un modo privilegiado de construir conocimiento. (BOLÍVAR, 2002, p. 4)¹⁶

Para Bolívar (2012), quando os narradores colocam em cena experiências, dão sentido às trajetórias de suas vidas. Assim, a pesquisa narrativa é construída entre narrador que conta uma história e pesquisador que interpreta essa história.

Do mesmo modo, ao fazerem a biografia institucional “as narrativas como nós estratégicos na construção do sentido de comunidade, são os meios pelos quais se manifesta a memória institucional, a história e se constitui a identidade organizacional e profissional” (BOLÍVAR, 2014, p. 330). Biografar uma instituição, sob a égide dos pais, nos possibilitou perceber a instituição através de outras lentes, uma dimensão que deu condições aos pais, por

¹⁶ Além disso, uma abordagem narrativa prioriza um eu dialógico, seu caráter relacional e comunitário, em que a subjetividade é uma construção social, intersubjetivamente moldada pelo discurso comunicativo. O jogo das subjetividades, em um processo dialógico, torna-se uma forma privilegiada de construção do conhecimento. (BOLÍVAR, 2002, p. 4, *Tradução da pesquisadora*)

meio das narrativas, interpretem e deem sentido à escola Professor Alberto. Para Delory Momberger (2011, p. 342):

[...] a biografia poderia ser definida como uma dimensão do agir humano que permite aos indivíduos, dentro das condições de suas inserções sócio-históricas, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos. Tal atividade de biografização apresenta-se como uma hermenêutica prática, um marco de estruturação e de significação da experiência que permite ao indivíduo criar uma história e uma forma própria – uma identidade ou individualidade – para si mesmo.

Esse processo interpretativo possibilita ao narrador dar um significado, através da experiência da vida, de maneira a estruturar os acontecimentos. É, também, segundo Bolívar (2012), uma tarefa artística, semelhante ao bom jornalista, que constrói uma excelente descrição de uma realidade, a partir de um caso. Isso se dá quando o pesquisador produz seu relatório final de pesquisa.

Nessa perspectiva de biografização, elencamos algumas categorias possíveis para a análise:

- *As percepções dos pais sobre a participação da comunidade escolar e o diálogo na escola Professor Alberto*
- *A falta de adaptação na escola da cidade e as desigualdades*
- *A segurança na escola e a disciplina dos alunos*
- *Família, comunidade e afetividade na escola*

Trouxemos, ainda como contribuições, os estudos de Antônio Bolívar (2019), para compreendermos a escola, família e município. Fazemos uma breve referência à violência em uma reflexão sobre escritos de Maffesoli (1987). Buscamos as contribuições de Garcia (2003) e Freire (1979) para discutirmos sobre as classes sociais, e, por fim, buscamos referência em Henri Wallon (1975), seu conceito de afetividade, refletindo um pouco sobre os jogos de linguagem em Wittgenstein (1989) e o diálogo em Bakhtin (2009).

As percepções dos pais sobre a participação da comunidade escolar e o diálogo na escola Professor Alberto

Para Delory Momberger (2011, p. 342), as experiências que temos, são, de fato, construídas; constroem-se biograficamente. Ao biografarem a escola, percebemos o movimento de representações que os pais fizeram sobre ela, e um aspecto que observamos em todo o

processo narrativo é que essas representações foram feitas a partir do processo de interpretação das próprias histórias de suas vidas, ou seja, a identidade biográfica dada à instituição partiu das experiências e representações que tinham das próprias trajetórias de vida, o que culminou numa construção biográfica:

[...] essa construção biográfica da experiência é *per se* uma *aprendizagem*, sendo que o indivíduo mobiliza, como em toda aprendizagem, os recursos biográficos adquiridos em suas experiências prévias para *apreender* o que as circunstâncias da vida suscitam e *integrá-lo* no sistema construído de suas representações e saberes biográficos. (DELORY MOMBERGER, 2011, p. 342)

A maneira com que os relatos aparecem, suas representações e significados, nos falam desses saberes biográficos. Observemos o relato de Nívia, ao definir o contato das famílias com a Escola Professor Alberto.

Eu não quero generalizar, mas as famílias, essas de zona rural, ainda são aquelas famílias de colaboração, são aquelas famílias, assim, que mandam uma fruta do seu quintal para a escola, às vezes, oferecem algum trabalho voluntário, (nas) reuniões de pais, eles são bem mais participativos, os que não vão é porque não têm condições mesmo, mas os que têm sempre vão. Então, eu acho que, diante disso aí, eu acho que é onde os professores têm condições de desenvolver, é onde a escola tem condições de estar fazendo um trabalho melhor, então, o ambiente, sendo harmônico, ele cativa. Então, é diante disso aí é que os professores são cativados a estar disponibilizando até o seu tempo, porque esses trabalhos que eu falo, fora de hora, não são remunerados. E sempre a gente, que a gente participa das festas que eles fazem, estão todos alegres, todos trabalhando. E a gente sabe que é tudo voltado para melhorias dos nossos filhos. Então, eu acho que é isso aí que leva os professores, por mais que, às vezes, seja difícil (NÍVIA, 2020).

Nívia, ao narrar os acontecimentos na escola Professor Alberto, não está relatando só o que viu na escola, mas as suas próprias experiências de vida.

Ao buscamos entender essa combinação de acontecimentos nas trajetórias de vida dos narradores, fazemos um paralelo entre elas, e a maneira que pensam a escola Professor Alberto, temos a impressão que buscaram, na instituição, a resposta para as dificuldades que viveram ao longo da vida, o amor aos filhos e a necessidade de proporcionar a eles um lugar em que se sintam valorizados, respeitados, ao mesmo tempo em que pudessem aprender.

No tocante à mobilização de recursos econômicos, podemos dizer que surgem como um acalento, um amparo, na visão de quem vivenciou as dificuldades financeiras, principalmente, nas escolas de zona rural.

Essas representações de convivência entre as famílias e a escola aguçam as lembranças, a fruta que é colhida e levada para a escola, a festinha, o bingo, essas sensações

que não são só físicas, mas emotivas, que os levam a um processo profundo de rememoração, ao prazer da lembrança da vida de criança, os fazem pensar na oportunidade dos filhos sentirem também essas emoções, e, ao identificarem a escola como um lugar de liberdade, em que existe a colaboração da comunidade, estão dando um significado pessoal e intransferível ao lugar, pois é um modo subjetivo de pensar e sentir a instituição.

Esse processo de socialização da escola junto às famílias é destacado também pelos outros pais, como uma característica, um estilo da escola Professor Alberto, e, embora haja uma grande queixa da maioria das instituições escolares sobre a falta dos pais na escola, nas reuniões e no processo de escolarização, os narradores aqui fazem menção de como a escola consegue desenvolver esse papel social em conjunto com a comunidade, bem como, em angariar recursos financeiros para o local, trazendo a comunidade escolar para perto;

Porque lá não eram só os professores. Bingo, doação para poder fazer bingo, para poder arrecadar dinheiro, para poder estar empregando melhorias, na compra de material didático... Assim, é um trabalho pelo qual a gente sabe que eles não recebem. Eles não são, não são remunerados por esse trabalho, pela organização de festas, para poder arrecadar dinheiro, para poder melhorar alguma coisa lá para os alunos...Então, assim, eu sou apaixonada nessa cultura. Eles trabalham com amor (NÍVIA, 2020).

Para compreendermos essa cultura, como diz a narradora, esse movimento da comunidade escolar, utilizamos as palavras de Antônio Bolívar (2019, p. 02), ao asseverar que “uma escola democrática é um modo de vida particular em comunidade, em interação e cooperação com o meio ambiente”. Um espaço democrático, nessa perspectiva, é um lugar em que existe uma cultura que tem a interação como prioridade. Uma maneira de construção organizada, com intencionalidades compartilhadas dentro de uma comunidade. Quando pensamos o termo “democracia”, é automático surgir a palavra política. Não no sentido de partidos organizados, ou, necessariamente, relativo ao governo de algum Estado. Todavia, no sentido de política, como um agrupamento ou convivência de pessoas.

A partir da premissa de interação e democracia, a comunicação e o diálogo fazem parte desse lugar democrático, pois um dos aspectos mais determinantes na democracia é a liberdade de expressão. Para Bakhtin (2009), a comunicação é uma via de mão dupla, em que ambas buscam a compreensão da fala um do outro, e que a representação dessa fala é cheia de significados e transformações. A partir das experiências individuais, e da maneira que essa experiência se desenvolve na pessoa, é que a palavra e a comunicação terão sentido. “É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não

abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados” (BAKHTIN, 1999, p. 41). Por exemplo, a narrativa de uma criança que sofreu *bullying* na escola será diferente da narrativa da criança que apenas ouviu falar sobre o *bullying*, ou a narrativa dos pais que participam literalmente dos projetos da escola será diferente daquelas dos pais que apenas ouvem falar dos projetos, e, para que o diálogo seja eficiente entre ambos, cada um precisará compreender o ponto de vista do outro.

Por meio da linguagem, como um jogo de representações, como observava Wittgenstein (1989), fazemos representações dos fatos vividos, e, assim, cada situação pede um jogo, ou jogos de linguagens, diferentes uns dos outros, dependendo do contexto e da utilização da linguagem expressada.

[...] Considere, por exemplo, os jogos de tabuleiro, com seus múltiplos parentescos. Agora passe para os jogos de cartas: aqui você encontra muitas correspondências com aqueles da primeira classe, mas muitos traços comuns desaparecem e outros surgem. [...] Pense agora nos brinquedos de roda: o elemento de divertimento está presente, mas quantos dos outros traços característicos desapareceram! E assim podemos percorrer muitos, muitos outros grupos de jogos e ver semelhanças surgirem e desaparecerem (WITTGENSTEIN 1989, p. 38).

Para o autor, é um jogo de linguagem, um modo de dar significado a cada situação e a cada representação que se faz, uma vez que a linguagem tem a finalidade de estabelecer os fatos, não apenas no sentido da palavra, mas da representação. É através do seu uso, e da maneira que é usada, que a linguagem tem sentido, uma vez que esses jogos de linguagem podem ser utilizados em diversos sistemas e de modos diferentes. Para Wittgenstein (1989), cada pessoa tem uma forma de representar o mundo, ao evidenciar semelhanças e dessemelhanças.

Considerando todas essas representações, consideremos pertinente ao texto as representações do motorista, das pedagogas, das funcionárias públicas, da trabalhadora braçal e da geógrafa, ou seja, dos Pais. Cada personalidade, com suas intenções e representações, ou jogos de linguagem sobre a escola Professor Alberto. Considerando as narrativas, percebemos um movimento em torno da palavra comunidade, e de como recebeu destaque nos relatos.

Uma comunidade, no nosso caso, a escola, só poderá ser, de fato, democrática, se houver nela esse princípio de comunicação ativa, entre todos os atores da comunidade escolar. Nenhuma formação é, de fato, completa, se não inteirada com todas as esferas dialógicas que essa comunidade apresenta. O contato realizado por palavras, gestos, sentimentos, ações, é um processo de reflexão e comunicação entre as pessoas, e, assim, de interação.

[...] e eles também ajudam, vamos supor... Lá existia um bazar, não sei se ainda existe, onde nesse bazar, os professores, os funcionários, alguém da comunidade, eles doavam roupas de criança. Então, montava uma salinha de bazar, e aí, o que acontecia: vendia essas roupas super baratinho para poder ajudar as crianças a ter o que vestir, a ter o que calçar, era coisa de dez centavos, cinquenta centavos, no máximo, um real. E eles faziam esse bazar. Com esse bazar, eles ajudavam as crianças a se vestir, e o dinheiro do lucro ia para a turma do nono ano fazer a formatura. (ANA, 2020)

Ao observarmos os relatos dos pais sobre a escola, percebemos esse movimento dialógico. Em seus relatos, percebemos que estabeleceram uma comunicação com a escola, fato que os fizeram se aproximar dela. E essa linguagem representada de forma verbal e não verbal, como quando a escola realiza um bazar para assistência dos alunos, esses movimentos de falar, ouvir, fazer, tornaram a comunicação uma chave na arte de fazer democracia.

Bolívar e García Gomez (2008, p. 03) dizem que “a influência da escola irradia no espaço e no tempo, tentando alcançar os bairros e municípios, por um lado, e projetando-se para o futuro, através dos estudantes como cidadãos ativos na sociedade em que vivem”. A maneira com que a Escola Professor Alberto interage com a comunidade escolar, no que percebemos nos relatos dos pais, parece ser no sentido de formar cidadãos para a sociedade. Entendemos o que dizem sobre a “fama” da escola e percebemos um amparo social, sentido nas narrativas dos pais ao biografarem a escola.

Em virtude desse pertencimento, Nívia defende a escola Professor Alberto, com propriedade de alguém que vivenciou boa parte de sua vida no campo, e teve contato direto com as escolas localizadas na zona rural. Desde os modelos implantados nas fazendas, como na implantação das escolas polos. Suas experiências a levam a pensar a escola, através de alguns aspectos, tais como a cultura do lugar, a disciplina e o respeito aos professores. No tocante à prática pedagógica da escola, ela destaca que, atualmente, a escola do campo tem possibilidades maiores, que, nas décadas passadas, e ressalta que o número reduzido de alunos em sala de aula faz com que o desenvolvimento desses alunos se aperfeiçoe.

Quem estuda e quem trabalha nas escolas de zona rural, eles têm tanto o aluno tem condições melhores de aprender, quanto aos professores têm condições melhores de ensinar, de transmitir os conhecimentos, né, de aplicar as suas aulas, as escolas de zona rural, como já havia dito, elas têm menos alunos, então, o professor vai aplicar as aulas dele com dez, quinze, às vezes, até menos alunos, então, o professor, diante dessa quantidade mínima, menor, ele tem condições de conhecer cada aluno. (NÍVIA, 2020)

Nívia conheceu a Escola Professor Alberto através da sogra, que era funcionária da escola, e pelos relatos do trabalho realizado por ela. Nessa época, o filho enfrentava dificuldades

de adaptação nas escolas urbanas. Ela conta que, depois de algumas tentativas na escola da cidade, decidiu matricular o filho na Escola Professor Alberto. A criança que foi alfabetizada aos 4 anos de idade, muito hábil com as atividades escolares e com a aprendizagem, necessitou de uma escola em que pudesse desenvolver a socialização e adaptação.

A matrícula em uma escola do campo conseguiu atender às necessidades específicas do filho. Uma das ressalvas feitas pela mãe é sobre a quantidade de alunos por sala, que é pequena em relação a outras realidades de crianças em sala de aula, a cultura do lugar e a cultura da escola foram fundamentais para que a adaptação acontecesse. Sobre isso ela relata:

Os alunos, eles ainda... eles são crianças que ainda seguem os padrões éticos, os costumes, são crianças mais calmas, são crianças que ouvem mais o professor, o professor tem condições de falar em sala de aula, eu falo tanto como aluna, como professora, também já fui professora em zona rural. (NÍVIA, 2020)

A relevância que a narradora dá à cultura da escola e o modo que ela se refere aos costumes do lugar tecem características da escola Professor Alberto a partir das suas experiências. Uma perspectiva que se relaciona com as suas trajetórias de vida. Essa volta às origens campestres e esse olhar sobre o processo desacelerado de ensino-aprendizagem vão construindo uma história institucional, e, ao mesmo tempo, retratando a própria narradora.

Percebemos um olhar específico, subjetivo, das mães: a Nívia, que foi criada no campo; a Ana, que vivenciou várias mudanças de cidades com a família, na busca de um lugar em que pudessem ser amparados social e economicamente. Nesse sentido, percebemos que a sensação de amparo aos filhos, na instituição, se tornou significativo para elas.

Compreendemos que, ao fazerem a biografia institucional, são biografados também os narradores, inquestionavelmente, aqui, temos um olhar para a instituição mediante uma interpretação de si mesmos, ou seja, uma dupla biografia.

Anésio também faz uma reflexão sobre essa interação comunitária, baseada em observações que faz sobre o comportamento de alguns alunos da cidade, que vão para a escola no campo, e a respeito de como se dá essa dinâmica. Na sua narrativa, para que a escola funcione num processo coletivo, lugar em que todos se sintam responsáveis pelas crianças e adolescentes, sobressaltam-se questões como convivência, aprendizado.

É notório, nos seus relatos, que o processo de interação se tornou importante para a comunidade escolar. Afirma que, na escola, o mais importante não é o cargo que se ocupa, mas, que todos os agentes escolares se sintam responsáveis no desenvolvimento dessas crianças e adolescentes, em todos os âmbitos, sejam educacionais, intelectuais, emocionais e sociais. Essa

inteireza na formação, em sua opinião, dá sentido à fama da Escola Professor Alberto, fama no sentido dos pais, que residem na cidade, buscarem por matrículas para os seus filhos na escola.

Eu vejo a fama da escola, como se diz, porque a minha filha estuda lá, desenvolveu né. Por que desenvolve? Porque sentiu vontade para desenvolver, e outra, talvez, pelo menor número de aluno por sala, fica mais fácil contato professor e aluno... e aí distribui também o melhor contato entre os outros, funciona, aí vira todo mundo tio, e pronto, acabou, e vai como se fosse pais e filhos. (ANÉSIO, 2020)

Essa maneira de perceber a realidade da escola, com um olhar de família, é notória na fala do seu Anésio. Para ele, a quantidade pequena de alunos por série também é um fator determinante, uma vez que oportuniza um contato mais próximo entre aluno/professor e os demais funcionários da escola, estabelecendo não só experiências educativas entre eles, mas elos e amizades. O que torna a escola um espaço repleto de significado, lugar em que os alunos acabam se tornando “filhos” dos funcionários, e essas crianças e adolescentes recebem isso como uma integração social, o que as fazem se sentirem importantes e valorizadas num lugar em que elas podem ser ouvidas. Sobre o entusiasmo dos alunos em estarem na escola, Anésio relata:

[...] aí eu acho que reflete muito porque... porque e acaba que, tanto criança, funcionário e professor, acaba gostando de ir. Chegou a hora de ir para escola, quer ir para escola, eu... eu quero ir porque eu não vou ter problema com transporte, todo mundo é gente boa, junto com a gente, o transporte, o funcionário tá lá já esperando para turma tomar um café de manhã ... já conhece todo mundo por nome, e aí vai pro almoço, tá todo mundo é ligado, é tia, tio e vai desse jeito, por isso que a fama da escola fica assim...os meninos querem ir, você vê eles puxarem daqui da cidade para nós irmos pro trabalho. São 25 km por dia. Eles preferem fazer 50 Km por dia... 50... até tem outras escolas que é bem mais longe, mas eles preferem fazer essa quilometragem por dia. Mas ficar num ambiente sossegado enquanto os pais ficam mais tranquilos ainda. (ANÉSIO, 2020)

As questões de transporte e deslocamento se tornaram parte do processo educativo dos alunos de Corumbáiba, que se escolarizam na Escola Professor Alberto. Para o Seu Anésio, a maneira como essa dinâmica é conduzida e a maneira com que a escola recebe essas crianças desenvolvem um ambiente mais sossegado, fazendo com que essas crianças e adolescentes queiram estar na escola. “[...] ainda os que fica na cidade, fica muito... que aquele menino... no ônibus, que viajou, tem lista de espera é grande no transporte. Então, que acontece, aí fica na fila, o que tiver uma vaga é minha” (ANÉSIO, 2020). Seu Anésio é enfático ao dizer que a questão da Escola Professor Alberto receber os alunos com um tratamento mais próximo faz diferença, no sentido das crianças e adolescentes quererem estudar nela. Para ele, o sentido de

comunidade corresponde a esse envolvimento democrático, em que é possível o diálogo e a comunicação. Do mesmo modo, os alunos percebem que podem se comunicar de forma mais direta, exercendo um sentido de pertencimento na comunidade escolar.

Como assegura Antônio Bolívar (2020, p. 3), “a escola, entre suas missões prioritárias, deve treinar todos os estudantes, como cidadãos, para participar e deliberar sobre questões comuns em uma sociedade democrática”. A ideia de democracia na escola passa primeiro pela interação e pertencimento do lugar, na medida em que pensamos ser impossível a democracia, sem liberdade ou comunicação. Nesse sentido, uma escola democrática pode ser uma escola sem muitos aparatos tecnológicos ou excesso de conhecimento ofertado. Uma escola democrática tem mais a ver com o reconhecimento do sujeito dentro de um sistema institucional.

Fazemos ressalvas sobre a escola que trabalha com a comunidade, e, partindo do pensamento de Bolívar (2020), citado acima, podemos indagar: Uma escola democrática, ou que trabalha com a comunidade, não teria também a missão de problematizar? O cidadão não é só construído por vitórias, ou ausência de frustrações. Mas, também, por meio das dissidências, das quebras, das ausências. A educação afetiva estimula o aluno sobre prática de tomada de decisões, trabalha pelo desenvolvimento da comunicação, respeitando o tempo individual e o diálogo. É papel dos educadores dar condições de aprendizado às crianças e adolescentes, argumentando e respeitando seus argumentos.

A escola Professor Alberto, como toda instituição tem seus momentos de crise, e, ao pensarmos instituição, a pensamos como a que produz significado, que compreende todas as esferas do pensamento e comportamento humano. É nela que são estabelecidos os desacordos e insatisfações, aí está a beleza de uma instituição escolar, de ser um lugar de problematização, de confrontos, pois isso é formador.

Por meio dessas reflexões, o fato de proximidade e interação não faz ausente os descontentamentos e as crises na escola, pelo contrário, quanto maior o grau de interação, mais será o grau de problematização e divergências.

A falta de adaptação na escola da cidade e as desigualdades sociais

Ao observarmos as narrativas dos pais sobre a liberdade que encontraram na Escola Professor Alberto, e de como se sentiram pertencentes à escola, o processo de socialização,

comunicação e interação, surgem outras indagações: não seriam também as questões sociais quesitos para a afinidade com a escola?

As desigualdades são um problema global, elas estão presentes em todas as sociedades. No Brasil, está vigente, desde os seus marcos históricos, sejam elas econômicas, de gênero, raciais ou religiosas, elas marcam as relações dentro dos diversos sistemas sociais. Alguns fatores são apontados para justificativa dessas desigualdades: concentração de renda, congelamento nos recursos destinados à educação, a corrupção, entre outros. O fato é que, embora esse assunto venha sendo bastante discutido e alvo político ao longo dos anos, as ações públicas, para amenizar essas desigualdades, foram quase invisíveis nos âmbitos políticos, sociais e culturais do país. Sobre as desigualdades no Brasil:

O destino não estava traçado e o caminho não era único, ainda que o passado tenha o seu peso no presente. O Brasil foi fundado sobre o signo da desigualdade, da injustiça, da exclusão: capitâneas hereditárias, sesmarias, latifúndio, Lei de Terras de 1850 (proibia o acesso à terra por aqueles que não detinham grandes quantias de dinheiro), escravidão, genocídio de índios, importação subsidiada de trabalhadores europeus miseráveis, autoritarismo e ideologia antipopular e racista das elites nacionais. Nenhuma preocupação com a democracia social, econômica e política. Toda resistência ao reconhecimento de direitos individuais e coletivos. (GARCIA, 2003, p. 9)

Os reflexos do empobrecimento econômico, ao longo da história brasileira, são sentidos nos quatro cantos do país. As desigualdades vêm se sustentando a partir de uma subdivisão dos recursos econômicos, culturais e ideológicos. Essa subdivisão desigual e arbitrária vem assegurando a falta de desenvolvimento e oportunidades às classes desfavorecidas. Essas desigualdades podem ser percebidas na busca por emprego das famílias brasileiras.

Essas desigualdades sociais também refletem no convívio dentro das instituições escolares. Percebemos que muitos pais optam por matricularem seus filhos em uma determinada escola, por não sentirem a discriminação nela, ou, pelo menos, sentirem de forma amena. Quando observamos os relatos dos pais, ao narrarem o próprio comportamento, ou o comportamento dos filhos na escola Professor Alberto, percebemos esse sentimento, e como algumas situações vividas nas instituições anteriores os fizeram procurar outra instituição de ensino.

Nesse sentido, temos os relatos da dona Divina, que, em suas narrativas, fala de seu contentamento com a escolarização dos filhos, suas percepções sobre a aprendizagem, que traçam uma busca contínua de uma mãe que percorre caminhos para a formação deles. Faz

algumas ressalvas sobre as dificuldades que teve em pagar aulas particulares, uma vez que seus recursos financeiros eram angariados lavando roupas em casas de família.

A luta de dona Divina é um retrato de muitas famílias brasileiras que buscam melhores condições formativas para os filhos, e, nesse percurso, enfrentam o preconceito e a discriminação social. Isso é sentido na sua fala “[...] olha, com todo respeito, lá não tem esse negócio de porque é filha de Fulano, é filha de Sicrano, não. Se errou, você está entendendo, para mim, com o respeito são todos iguais. Não tem esse negócio” (DIVINA, 2020). Observamos, nos relatos dela, um sentimento de aversão em relação ao tratamento menosprezado em relação às famílias economicamente desfavorecidas.

As dificuldades, na trajetória educacional dos filhos, segundo seus relatos, começaram cedo, ainda no período de alfabetização. Com a mudança para a fazenda, os filhos passam a integrar a escola no campo. Dona Divina percebeu que eles começaram a ter bons resultados, e faz algumas atribuições sobre isso, dentre as quais, ressalta o número pequeno em sala de aula, o atendimento direcionado, as dificuldades específicas dos alunos e a maneira que a escola interage com a família. Sua narrativa nos faz pensar que o respeito ressaltado por ela está no sentido de os filhos não se sentirem discriminados socialmente.

Quando a família retorna ao município de Corumbáiba, Dona Divina decide manter os filhos na Escola Professor Alberto e ressalta: “[...] é unida, tem união. Está entendendo? Não tem aquele tipo, assim, de... não, são todos unidos, são todos iguais, não tem nenhum melhor do que o outro” (DIVINA, 2020). Dessa forma, o termo “iguais”, todos iguais, nos levam a uma observação sensível, percebida na fala da nossa narradora. O fato de se sentir igual nos remete a um tratamento desigual em outras instituições escolares.

Ainda, nessa direção, temos “[...] porque a comunidade da Ponte Quinca Mariano é uma comunidade pobre. A maioria dos alunos da zona rural, mesmo os que vão da cidade, a maioria são os alunos pobres” (ANA, 2020). A discriminação social é um ato violento, desumano, e que permeia a sociedade brasileira. Quando nos encontramos dentro de uma comunidade em que sentimos essas questões de forma mais amena, a tendência é nos sentirmos pertencentes àquele lugar, como um reflexo de autoproteção humana.

[...] Quando algum professor precisava sair porque ia ter alguma reunião, o primeiro que estivesse (perto), ia tomar conta da sala de aula. E não precisava pensar que, se fosse a merendeira, ou a diretora, ou a que trabalhava na faxina, ou qualquer pessoa, que eles iriam tratar diferente; qualquer um que estivesse ali dentro seria tratado da mesma forma. Para eles, não tinha esse ‘trem’ de falar: ‘ah, a professora pode isso, a merendeira não pode aquilo’. Tanto, que

nos dois anos que eu trabalhei lá, ao final do ano, todos os do nono ano me davam camiseta de formatura com meu nome (ANA, 2020).

A relevância que os pais dão às condições sociais nos leva a pensar que um dos fatores elencados, ao optarem pela escola Professor Alberto, está ligada a questões de discriminação. O fato de serem reconhecidos na escola os fizeram se sentirem pertencentes a ela. Percebemos, nas narrativas, questões de cunho social, uma vez que a maioria dos alunos recebidos pela escola Professor Alberto é de classe social baixa.

Sobre o público da escola,

A Escola Professor Alberto se localiza na zona rural, mas o público dela não é um público de origem majoritariamente camponesa ou de origem de trabalhadores rurais, porque o povoado da Ponte Quinca Mariano é formado por pessoas vindas das cidades; em sua maioria, são crianças e jovens que vieram das periferias pobres das outras cidades. Então, eles vêm, e os pais vão trabalhar como caseiros, ou no comércio local, e, aí, eles se instalam (no povoado) e se matriculam (na escola). Então, o perfil dos discentes lá não é um perfil majoritariamente oriundo do campo (JANÃINE, 2020).

Pelas narrativas dos pais, percebemos que a escola Professor Alberto, além de conseguir a inserção dos alunos de diversas vertentes sociais, também faz um trabalho que é reconhecido pela comunidade escolar. O contato da Janãine com a escola Professor Alberto aconteceu no ano de 2002, quando assumiu o concurso público no município de Corumbaíba e foi lecionar a disciplina de geografia na instituição. Seus relatos acerca da sua experiência docente, e, posteriormente, como mãe, ao matricular sua filha na instituição, nos trazem algumas reflexões sobre a escola e elenca alguns fatores:

[...] nesse caso o primeiro fator seria quantidade de alunos por sala. Escolas estaduais no geral, e, nas municipais, nos grandes centros, existe uma média de alunos acima de trinta alunos por turma. Então, qualquer sala de aula que você pegar, aqui em Corumbaíba, na rede estadual, que, no caso, tem lá do sexto ao nono né, você encontra esse número de alunos. Somado a isso, existe também um problema nas escolas da rede estadual em Goiás, que é com relação à disponibilidade de professores né, não é realidade só de Corumbaíba, e eu sei que isso aí é a nível de Estado, em quase todas, mas que há uma falta de professores muito grande. Então, por exemplo, um professor está de licença médica, ou por qualquer outro motivo, ele precisa se afastar da sala de aula, não há uma contratação imediata de substitutos. Então, assim, os dias letivos, que, muitas disciplinas ficam sem ser ministradas, na rede estadual, é muito alto, e, além disso, você ainda tem a questão de professores que são contratados, e que não são da área para atuar, no caso do município, a gente percebe que há uma preocupação em torno disso. Então, raramente, você tem a falta de um professor em sala de aula, lá, então, eu acredito que esses dois fatores, tanto do ponto de vista da quantidade de alunos por sala, primeiro fator. Segundo, a questão da presença e da qualidade dos professores que estão em sala de aula né, é fundamental, e um terceiro fator, que eu já trabalhei na

escola, então, conheço a dinâmica do funcionamento da escola. (JANÃINE, 2020)

Na observação que ela faz, a condição de oferecer um ensino mais direcionado pelo quantitativo dos alunos faz toda a diferença na qualidade de aplicação pedagógica. Esse fato, somado a um direcionamento mais acentuado, no que diz respeito ao aprendizado individual do aluno, torna o ensino mais consistente. A qualidade profissional docente da escola, bem como o fato de ter integrado e conhecer a dinâmica educacional, foram fatores relevantes para que a filha estudasse na escola.

Além disso ela é uma defensora da Escola do Campo e tem se dedicado aos estudos sobre o tema. Ela faz algumas considerações em seus relatos, e assegura ser existente um projeto político de fechamento dessas escolas. Então, as escolas que permanecem abertas estão em uma luta constante para se manterem. Quando pergunto se ela percebe esse movimento urbano/campo, sua narrativa é:

Você tem um conflito constante nesse sentido, porque, ao mesmo tempo, que você tem todo um movimento histórico né, aqui em Goiás, na nossa região, sei lá, desde a década de 1970, com a modernização da agricultura, que foi colocado para nós, que o importante era a cidade, a indústria, o progresso, e que o campo era vazio, burro, atrasado, que, portanto, tudo que existisse no campo deveria ser modernizado, renovado, substituído. Então, o processo de modernização da agricultura, o agronegócio, isso aí chega aqui para nós em Goiás muito forte né, e começou a mudar e muda até a maneira de pensar, de enxergar das pessoas. Ah... mas você vai querer que seu filho estude lá na roça não... tem que estudar na cidade, a escola da cidade é muito mais bonita, a escola da cidade é muito melhor, então, isso é um movimento muito perverso de negação, de apagar realmente as nossas origens né, que são do campo, as práticas, os saberes os sabores... (JANÃINE, 2020)

Seus relatos nos conduzem a uma reflexão sobre a educação no/do campo. Seus estudos e suas vivências trazem percepções carregadas de valores camponeses, cultivados ao longo da história de sua vida. Há de se destacar a preocupação com a docência, muitas vezes, colocada em xeque, que também é alvo da sua narrativa, bem como as experiências que teve na infância e adolescência, como aluna que, sendo moradora do campo, vinha se escolarizar nas escolas da cidade.

Um fator preponderante no contexto da escola Professor Alberto é a presença de crianças e adolescentes vindas de várias partes da região, uma vez que a escola se localiza junto ao Rio Paranaíba (GO) e faz divisa com o estado de Minas Gerais, uma região onde o fluxo de rancheiros é constante.

O público que a escola atende é formado por alunos que receberam informações culturais diferentes, que vieram de espaços geográficos diferentes, filhos dos trabalhadores rurais, alunos do município de Corumbá e filhos de caseiros das diversas regiões do país que vieram para a região para trabalharem.

Essa diversidade de público, culmina numa mobilidade muito grande, a escola recebe muitos alunos, e, na mesma medida, esses alunos vão embora, pois os pais se mudam, indo para outras regiões com a família, num espaço de tempo muito curto. “[...], mas, justamente, por ser uma escola que emprega os trabalhadores dos ranchos e os trabalhadores rurais, existe um índice de mobilidade muito grande; então, o tempo todo você recebe alunos, e o tempo todo alunos vão embora” (JANÁINE, 2020). Segundo Janáine, essa rotatividade dos alunos gera, na instituição, diversos desafios no sentido pedagógico, e que, nesse sentido, entendemos que o pequeno número de alunos em sala de aula torna possível o ensino.

Ela acrescenta sobre o assunto “[...] eu acho que é um fator que se coloca como desafio para a escola, porque não adianta a escola negar esse fato, porque essa é uma característica inerente ao público que ela atende” (JANÁINE, 2020). Essa diversidade de alunos da região se tornou uma marca da escola. Pensando nessa marca da Escola Professor Alberto, percebemos a importância e a necessidade da permanência da escola, pois, sem ela, poderia se tornar inviabilizado o ensino dessas crianças, filhas e filhos dos caseiros que vêm a trabalho para a região. A escola é um lugar revelador de identidades, é nela que é contada a poesia e os sabores da vida. Talvez seja o lugar onde, de forma discreta, asseguro meu pensamento, ainda que nas entrelinhas.

A voz dos pais manifesta suas subjetividades, suas apreciações e suas revoltas. Talvez seja um ponto de intercessão e subjetividade, representado através do lugar em que se sintam abraçados. Acreditamos ser uma maneira de buscar uma representação social a partir da escola, ou mesmo, a fuga de uma violência simbólica, cultural e econômica, que vai além da diversidade ou afetividade.

As questões das desigualdades sociais também foram levantadas nas narrativas: será que a escola, localizada no campo, não seria também um refúgio, um amparo, para aqueles alunos e famílias que, de alguma forma, foram discriminados na escola da cidade? Será que essa adaptação se daria pelo fato dessas crianças e adolescentes não se sentirem menosprezadas na escola Professor Alberto e encontrarem nela um lugar para amenizar seus medos?

Nessa perspectiva, será que o papel da escola não seria o contrário, orientando essas crianças a enfrentarem suas crises, seus desconfortos, e, assim, amadurecerem no processo

educacional e social? Há uma estrutura social fora da escola, que não filtra quem está preparado ou não para a vida, mas que simplesmente se impõe.

Nesse sentido, nos tornamos muito conteudistas, pragmáticos ou conservadores, ao ponto de protegê-los em demasia na escola, e desprotegê-los perante a sociedade. Queremos que as crianças se tornem *experts* em cálculo, geografia, matemática, história ou língua portuguesa, que saiam modelados da escola, sem sentirem o drama econômico, social, discriminador da sociedade. Assim, a escola não os prepara para a vida fora da instituição escolar. Será que uma nota vermelha não faria bem a um aluno? O processo de trabalhar os erros, tentando encontrar as respostas, não seria importante, assim como os acertos?

A segurança escolar e a disciplina dos alunos

A violência é um aspecto social, que vem, progressivamente, assustando a sociedade. A presença da violência está impregnada em todas as esferas, sociais, políticas, intelectuais e econômicas, em todas as suas vertentes e modos de reprodução. Analisamos, aqui, a violência na escola, dentro dos seus espaços sociais, fomentada por uma reprodução social e econômica desigual e com graves falhas na sua estrutura.

Similarmente, existe uma preocupação em relação à disciplina dos alunos na escola, que faz contraponto ou interface com a violência. Será que a disciplina que propomos é um modo de combater a violência social?

Não é possível analisar a violência de uma única maneira, tomá-la como um fenômeno único. Sua própria pluralidade é a única indicação do politeísmo de valores, da polissemia do fato social investigado. Proponho, então, considerar que o termo violência é uma maneira cômoda de reunir tudo o que se refere à luta, ao conflito, ao combate, ou seja, à parte sombria que sempre atormenta o corpo individual ou social. (MAFFESOLI, 1987, p. 15)

A violência é um fator considerado pelos narradores. Percebemos, em seus relatos, a preocupação de preservarem os alunos/filhos longe das drogas e da violência urbana. E como uma maneira de preservarem os filhos, pois acreditam que a disciplina é um caminho possível.

Como vemos na fala da Elcinéia (2020), “[...] a gente tem que olhar mais hoje, que eu acho: a disciplina. Porque, em escola, hoje, a disciplina está muito complicada. Porque a falta de disciplina, às vezes, não é da escola, é o aluno que já vem de casa, às vezes, ele está vendo as coisas na rua”. Um fator levantado nas narrativas foi a questão do comportamento dos alunos,

a relevância, segundo a visão dos pais, para a qualidade do ensino-aprendizagem, e o que nomeiam como uma cultura do campo, foram expressivos para distinguirem a escola Professor Alberto.

Ainda, sobre a disciplina, Nívia (2020) nos diz que “[...] quando matriculei o Renan na escola Professor Alberto, já melhorou, já teve uma melhora muito grande, porque devido...eu sou muito rigorosa com a disciplina”. Ao relatar sobre a disciplina, Nívia nos conta que era convidada para ir até as escolas que o filho estudava, por conta da falta de disciplina, eram inúmeras reclamações sobre o comportamento, o que a levou a realizar a matrícula na Escola Professor Alberto. E os fatores que elenca para a adaptação dele na escola são o número pequeno de alunos, e, assim, a possibilidade de maior atenção dos professores e do próprio ambiente da escola.

Nas narrativas, percebemos que veem segurança na escola. “Aqui a gente sabe que tem muitas famílias desestruturadas. Os casos das drogas são maiores e a violência domiciliar é maior” (NÍVIA, 2020). A narradora trata da violência da cidade, da desestrutura familiar como fatores contribuintes para a violência na escola. Embora o campo esteja sujeito às mesmas violências, ou até maiores e não divulgadas, no relato da nossa narradora, é percebido que ela vê mais segurança na escola do campo, ao matricular o filho na escola Professor Alberto.

Encontramos, nos relatos da Ana, algo semelhante, ou seja, considerações sobre a questão da violência e de como as experiências num contexto escolar violento foram marcantes na sua história de vida. E como essas questões influenciaram na visão sobre uma instituição escolar. Quando pergunto sobre o aspecto que julga mais importante na escola, ela é pontual:

Eu acho que... dar segurança para o aluno, primeiramente. Porque, se o aluno não tem segurança, ele não tem nada. Porque... em Caldas (Novas), estudei em escolas muito perigosas, estudei no Colégio Caldas. Na época, era o tráfico, tinha muito lá, independente do horário da aula, se era de manhã, de tarde, ou de noite... era polícia entrando, era todo tipo de pessoa que... você convivia com aquilo, você ia, você não sabia se ia voltar com sua bicicleta para casa, como era... Então, era complicado. Eram quatro quilômetros para ir, quatro quilômetros para voltar, e todo dia a rotina. Tendo a bicicleta, ou não, você tinha que ir. (ANA, 2020)

Suas experiências escolares, contadas, através das suas narrativas, nos mostram algumas percepções que teve durante esse processo, que, posteriormente, refletiram no seu modo de pensar educação “[...] o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (LARROSA, 2002, p. 24). Percebemos, nos relatos dela, que a experiência com a violência lhe

afetou de tal modo a dar um significado à escola. Ela cita aspectos significativos para ela, como a tranquilidade e a proximidade com a escola. Conta-nos que conheceu a escola Professor Alberto quando morava na zona rural do município de Corumbáiba, e precisou matricular seus filhos na escola, no campo.

A filha mais velha concluiu, então, o ensino fundamental II, o filho do meio, alguns anos do ensino fundamental, ambos na Escola Professor Alberto. No 5º ano, resolveram não renovarem a matrícula por ser uma sala multisseriada. A escola do campo, em diversas ocasiões, trabalha com essas situações de multisseriação¹⁷, o que implica em muitos desafios na aplicação de conteúdo. Durante o tempo em que os filhos estudaram na escola, Ana relata como era sua interação e participação como mãe. Percebemos o bom relacionamento que desenvolveu com a escola, com o passar dos anos, em um trecho do seu relato:

[...] eu conheci ela quando eu morava na fazenda... eu morei na fazenda durante sete anos, e aí, no caso, eu tive que colocar, não tinha opção de ir para a cidade, né, e como a fama já era tão boa, nem procurei saber se tinha mesmo como ir para a cidade, e aí eu comecei a conhecer... e aí, no caso, eu só tinha a Ana Caroline que estudava. Na época, a diferença deles é de quatro anos, então, quando José nasceu, a Caroline começou a estudar. Então, foi uma época difícil, os professores lá facilitaram minha vida. (ANA, 2020)

As experiências como mãe de dois adolescentes em processo de escolarização ficaram marcadas em sua memória, construindo, ao mesmo tempo, a história da sua vida, a de seus filhos e a história institucional. São esses paralelos que dão conta do significado da escola. Em outro momento da narrativa, conta um fato que considerou significativo, qual seja, a segurança dos filhos:

[...] então, quando era preciso... vamos supor, José Wilson estava doente, precisava de eu ir ao médico, eles colocavam a Caroline no ônibus para mim, eu arrumava um jeito de ir de moto ou de carona, e eles levavam a Ana Caroline para mim, na maior segurança, dentro do ônibus, e deixava na minha mãe. Eles tinham esse cuidado de deixá-la na casa da minha mãe com a maior segurança. (ANA, 2020)

Segundo a narrativa de Ana, as experiências que teve com os profissionais da escola foi determinante para a construção da confiança entre a sua família e a instituição. Como mãe e funcionária da Escola Professor Alberto, sua narrativa é pautada por experiências de mãe,

¹⁷ Que possui várias séries, fileiras. Uma classe multisseriada no sistema educacional brasileiro, diz-se das classes cujos alunos estão em níveis distintos de aprendizagem, mas são instruídos pelo mesmo professor.

bem como profissional da escola. Seus relatos sobre essa construção institucional são acentuados e ressaltam os termos de confiança e segurança.

Não observamos fatores que diferenciem a escola no campo da urbana nos aspectos de conteúdo, mas ficam evidentes na sua narrativa, quando menciona os papéis sociais, comunitários e familiares que envolvem a instituição escolar. Essas são algumas percepções que observamos nos relatos de Ana, sobre uma instituição. Precisamente a escola Professor Alberto.

[...] então... pode sim é ter uma certa amizade, principalmente, assim, que começou com alunos de zona rural, geralmente, o aluno de zona rural, ele é mais tímido, ele é mais calmo, né, então, acaba que ele passa, às vezes, isso aí para o outro que tá chegando, mais elétrico é... Então, resumindo, vira uma família, sabe, um tentando ajudar o outro. O funcionário lá, ele corre atrás do médico para outro... principalmente, que ele está na cidade, o pai, às vezes, até um favor, entendeu? Acaba que interage mais, interage mais o funcionário, o professor com o aluno e pais, então, tem mais interação. (ELCINÉIA, 2020)

Elcinéia menciona a disciplina como um elemento proveniente da cultura do campo. Segundo ela, o fato das crianças e adolescentes serem um pouco mais tímidos corrobora para essa disciplina. Em seus relatos, ela nos explica que, quando os alunos da cidade entram em contato com os alunos do campo, cria-se um equilíbrio, pois, muitas vezes, o aluno que vem da zona urbana, chega com um comportamento muito acelerado, e esse convívio entre eles e a troca de culturas transforma o comportamento de ambos.

Os alunos, antes agressivos, segundo ela, alcançam um certo equilíbrio e constroem uma interação mais eficaz no processo educacional. Notamos, na sua narrativa, que, para ela, a cultura do lugar determina a cultura da escola, de uma maneira muito peculiar. Igualmente, percebemos, na fala do Anésio, que a questão da segurança é um dos fatores que levam os pais a matricularem seus filhos na escola no campo, como uma medida de conter a violência ou o contato com as drogas. Um desafio presente em grande parte das escolas brasileiras. Por compreensões assim, a disciplina, para os pais, se tornou importante por acreditarem que ela é um fator de segurança na instituição.

Eu acho que é, praticamente, o domínio... domínio da escola, dos estudantes, porque, hoje, está muito difícil. Os alunos não estão querendo saber de nada. Então, se não tiver domínio sobre os alunos, eu acho que o aprendizado não vem. Difícil. Então eu acho mais importante isso aí, ter uma... um certo controle sobre o aluno (ELCINÉIA, 2020).

Acostumada ao ambiente e com a rotina escolar, ela cita alguns quesitos que considera importantes numa instituição. Dentre esses fatores, ressalta o “domínio” no sentido de disciplina ser um fator importante no processo educacional.

No Brasil, a violência nas escolas tem sido um assunto extremamente difundido. De um lado, os profissionais da educação, que sofrem agressões físicas e verbais, e de outro, a presença das drogas, a desestrutura social, reflete nas escolas e na vida dos alunos. Para Abramovay (2015, p. 08), “as diversas violências, utiliza-se no plural para mostrar os diferentes significados da violência e como afetam a ordem, a motivação, a satisfação e as expectativas de todos os que frequentam a escola, têm efeitos relacionados com a repetência, a evasão, o abandono escolar”. Todavia, essa não é uma crise que tem início no ambiente escolar. A curva da violência se dá a partir de toda uma desestrutura social, econômica, cultural.

Existem, nesse contexto, diferentes tipos de violências que afetam o cotidiano das escolas, prejudicando crianças, adolescentes, jovens e o corpo técnico-pedagógico, impedindo as escolas de realizar sua principal função social, que é ensinar. Desse modo, essas questões têm efeito direto sobre a qualidade do ensino, a vida de alunos, professores e pais. (ABRAMOVAY, 2015, p. 08)

O caminho até a escola se tornou um caminho incerto, duvidoso, preocupante. A perspectiva de convivência, ética e valores, numa sociedade que usa a violência para resolução de conflitos, amedrontam não só os pais, mas toda a sociedade. Os pais procuram uma direção, o medo de um futuro incerto e violento, que coloque a vida e o futuro dos filhos em risco, os fazem procurar meios, conceitos, uma instituição que os ajude a lidar com essas opressões sociais. Seria a escola o refúgio ou um lugar que propague a violência?

Para Abramovay (2015), a escola é um lugar onde desenvolvemos amizades, privilegiada por ser um lugar de formação, mas, em muitos casos, a escola se torna excludente, local em que aqueles que não se adaptam às expectativas da comunidade escolar são deixados de lado.

À vista de tantas preocupações e incertezas, numa sociedade pós-moderna, vimos o comportamento dos pais se apegando em experiências da própria vida, dos seus processos formadores, para entenderem, e, assim, protegerem seus filhos de uma violência cada dia mais presente nas escolas brasileiras.

Somos influenciados a pensar a educação de qualidade pelo comportamento, ou pela personalidade do aluno. Embora a disciplina colabore para a aplicação de conteúdo, nem sempre o aluno mais calmo, que faz todas as tarefas, ou que nunca questiona é o que, de fato, aprende mais. Ouvi de uma professora, que, dos alunos que teve, na sua maioria, aqueles que conseguiram entrar na universidade ou que tiveram mais ascensão na carreira foram os alunos considerados medianos, ou que tinham problemas com comportamento, notas baixas etc. Até que ponto a cultura que cala a criança e a enche de dogmas poderá, de fato, beneficiá-la?

Fazemos essas reflexões: não seria um estímulo para o desenvolvimento da criança e do adolescente vivenciar suas crises? Falar de suas dores, angústias, opinar quando não concorda? Questionar as autoridades estabelecidas sobre eles? Aqui, não falamos no sentido do desrespeito ou da violência, mas sim do questionamento, de não ser privado do direito da fala, do resmungar ou de se contrapor sobre uma tradição ou situação.

Aprendemos com os nossos pais e avós que a disciplina era uma qualidade inquestionável. Quando se queria elogiar um aluno, era a disciplina que aparecia em primeiro lugar, logo se dizia: “Essa criança é muito obediente, comportada, quietinha na sala de aula, quase nem ouvimos sua voz, uma maravilha”. Talvez, esse pensamento, reproduzido ao longo dos anos, tenha se tornado uma tradição, um método de aprendizagem, como colocado no período militar.

O fato de as crianças reproduzirem sistematicamente o modelo disciplinar do silêncio era dado como o eficiente. Recordo que, no período da minha alfabetização, por volta dos anos 1992/1993, minha professora gostava muito que falássemos, cantássemos, ela vivia inventando, era uma sala onde se ouvia o barulho das crianças, foi uma época de muito aprendizado para mim e para meus colegas de classe. Contudo, quando me deparei com um sistema de disciplina mais rigoroso, meu desempenho caiu bruscamente, e só melhorou anos depois.

Acreditamos que a disciplina no que diz respeito a uma postura de aprendizado, é, de fato, necessária e construtiva. Contudo, a disciplina imposta, que silencia pelo medo, pode ser desastrosa. Faz parte do desenvolvimento da criança e do adolescente a contradição, a indagação, pois não somos seres inanimados, somos distintos uns dos outros, e essa diferenciação é que faz da instituição um lugar único de construção educacional e social.

Família, comunidade e afetividade na escola

Segundo Wallon (1975), a afetividade é necessária para o desenvolvimento pleno de uma criança. Para ele, nascemos com todas as ferramentas biológicas necessárias, mas é preciso que o ambiente proporcione estímulos para o desenvolvimento das dimensões humanas. Do mesmo modo, assegura que não existe inteligência sem afetividade, e que a criança precisa articular três dimensões: a motora, a afetiva e a cognitiva. Wallon (1995) defende a formação integral da criança nas áreas afetiva, intelectual e social. Essa formação deverá ser marcada por crises, conflitos e descontinuidades. Para Wallon (2008, p. 09), “os conflitos podem ser reconhecidos, não como a negação, mas ao contrário, como o fundamento dos processos que

tendem ao mais completo desenvolvimento da pessoa ou do conhecimento”. A afetividade, para Wallon (1995), é a maneira com que o ser humano é afetado, seja de maneira negativa ou positiva.

O eu e o outro constituem-se, então, simultaneamente, a partir de um processo gradual de diferenciação, oposição e complementaridade recíproca. Compreendidos como um par antagônico, complementam-se pela própria oposição. De fato, o Outro faz-se atribuir tanta realidade íntima pela consciência como o Eu, e o Eu não parece comportar menos aparências externas que o Outro. (WALLON, 1975, p. 159)

Ao observarmos as narrativas dos pais sobre a Escola Professor Alberto, apareceram quase que, de forma unânime, as palavras: acolhimento, família, cuidado e reconhecimento, e, ao que podemos perceber nas falas, é que tanto as crianças, adolescentes e os pais foram afetados positivamente no convívio com a escola. Sobre o que considera importante numa instituição, Elisângela, (2020) relata, “[...] agora, para com o aluno, o acolher, o acolhimento, com amor, conhecer, ter empatia, saber reconhecer as emoções e necessidades de cada um... Acima de tudo, Deus e muito amor, sabe?”. Ao biografarem a instituição, seu processo de valoração como um exemplo de escola, trouxeram à luz suas subjetividades, visto que, no momento da fala, percebemos suas emoções, ao atribuírem esses aspectos à escola.

Eu acredito assim, o ambiente na escola tem que ser um ambiente de paz, que seja favorável ao aprendizado, ao conhecimento e ao saber, e, na escola, não seria diferente, eu, como pedagoga não atuante, mas consciente que temos que estar em constante aprendizado, atualizando nosso conhecimento diariamente, e dominar os conteúdos e disciplina. Agora, para com o aluno, o acolhimento, o acolher com amor, conhecer, ter empatia, saber reconhecer as emoções e necessidades de cada uma, acima de tudo, Deus, e com muito, muito amor, acredito que todos nós somos parte da escola (ELISÂNGELA, 2020).

Sobre seu contato com a Escola Professor Alberto, Elisângela diz que conheceu a escola através dos relatos e da boa fama da escola, em Corumbaíba, e o fato de conhecer os profissionais da escola motivou a matrícula do filho. É categórica em nomear os aspectos que julga essenciais numa instituição que lida com crianças e adolescentes. Ressalta o quantitativo dos alunos, destacando o acolhimento e a parte afetiva como elementos necessários.

Observamos, nas narrativas, que as emoções não são um critério relevante unicamente por conta dos filhos. Fica evidente que esses fatores são importantes também para os pais, como atores da escola e pela maneira que foram tratados na instituição. Nesse sentido, e, a partir das falas dos pais, evidencia-se que, para eles, a afetividade é um tema indispensável em uma instituição escolar.

Tivemos uma narradora que trouxe conceitos históricos da instituição, os demais biografaram a escola em grande parte dos relatos, com conceitos ligados às subjetividades: “porque nós, seres humanos...Eu acredito ser mais fácil conseguir as coisas conosco com um lado mais amável do que com um lado reclamando, então, eu acho que isso aí levou o meu filho a se acalmar na sala de aula” (NÍVIA, 2020). O afeto é algo pertencente às pessoas, não dá para pensar educação sem pensar em afeto. E nos relatos que observamos, ele permanece em todas as etapas da vida como processo de formação social. Nívia diz: “[...] eu optei por matriculá-lo lá pelo fato de já ter passado, na época, as dificuldades com ele, de adaptação aqui nas escolas do município de Corumbáiba” (NÍVIA, 2020). As falas dos pais, ao elegerem conceitos sobre uma escola em que sentiram confiança, ao entregarem seus filhos, é elencada por eles como uma escola acolhedora, uma escola família.

Esses termos falam mais dos pais do que propriamente da escola. Elementos subjetivos em cada identidade pessoal, que atribuem à identidade institucional. Saltini (1997, p.15) enfatiza que, “as escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores”. Esse entendimento é visto também na maneira dos pais pensarem a escola.

Em sua narrativa, Elcinéia descreve um período em que a filha não se adaptou no colégio da cidade, os desafios enfrentados por muitos adolescentes, quando estão em processo de transição do primário para o ensino fundamental, fizeram com que a filha desenvolvesse algumas dificuldades no percurso escolar. A não adaptação da filha no novo colégio a levou a buscar uma nova instituição, para que ela continuasse os estudos. Elcinéia e o marido compreenderam que a escola Professor Alberto tinha as características adequadas, para o processo de adaptação da filha naquele período escolar, decidindo matriculá-la na escola no campo.

No ano seguinte, Elcinéia passa a fazer parte do quadro de funcionários da escola Professor Alberto. Ela pôde, segundo as suas narrativas, vivenciar aquilo que ouvia sobre a escola, além de entender como ocorriam os processos educativos e sociais que colocavam a escola em alto conceito popular.

Sabe, assim, o que que a gente fala, porque inclusive antes da gente ir para lá. O tempo, assim, que eu comecei e ouvi falar “não, lá é muito bom”, e os alunos que vão para lá é... tem mais autodomínio, porque, não desfazendo de escola nenhuma, mas as escolas, hoje, na cidade, tá uma lotação tremenda né, e zona rural não. Então uma sala de aula, vamos supor aí, 11 alunos né, então, é uma sala de aula tranquila. Sobra tempo de conversar até sobre a vida do aluno.

Tem o contato entre funcionário, professor e pais de aluno. Acaba que os funcionários tomam, assim, as dores. Sabe daquele aluno, a dor do colega, porque, na verdade, eles têm mais contato entre si, então, tem esse tempo, por ser menos alunos, há esse tempo (ELCINÉIA, 2020).

A entrevistada ainda enfatiza que questões como convivência e uma interação afetiva melhoram as condições de ensino/aprendizagem. Faz ressalvas sobre alunos considerados “problema” nas escolas da cidade, que passam a desempenhar um novo comportamento educacional. Comportamento que atribui ao modo como a escola trata esses alunos. Para ela, as principais diferenças entre a escola Professor Alberto e a escola da cidade é a questão de trabalho em comunidade, e mais próximo das famílias. Ressalta que compreender os modos de vida dos alunos e as causas que os levaram às situações de dificuldades passa a ser primordial, no sentido de uma intervenção de qualidade, que só será bem-sucedida, segundo ela, se realizada em conjunto com a família.

Então, o professor está sabendo, na maioria das vezes, como é a vida do aluno em casa, como é a estrutura familiar dele. Onde o professor pode estar ajudando o aluno nessa área. Então, lá é família sim. E eu falo mais: que aqui a gente tem outras escolas também na zona rural, que falam a mesma coisa, sabe? (ELCINEIA, 2020)

Nessa perspectiva, os elos de confiança são construídos de forma significativa, uma vez que contam com tempo e intervenção de qualidade, dentro da instituição escolar.

Elcinéia narra a experiência com sua filha na Escola Professor Alberto, de escolarizar numa escola no campo, ou seja, essa experiência possibilitou à adolescente a socialização novamente. Sua fala sobre o período de não adaptação na escola anterior nos dá indícios afetivos “[...] lá não é esse carinho todo não, não dá tempo para isso, não dá tempo para isso, aí ela não se adaptou lá” (ELCINÉIA, 2020). Embora ela entenda do benefício dessa socialização, faz algumas ressalvas, pois considera um tanto perigoso, no sentido de os alunos adotarem o perfil da escola como modelo, o que pode trazer problemas, uma vez que não encontrem essas mesmas características nas instituições onde continuarão seus estudos.

O quantitativo dos alunos por turma foi relatado como um dos principais fatores da aprendizagem na escola, pois, além de possibilitar uma aplicação de conteúdo mais diretiva em dificuldades específicas, o fato também beneficia o conhecimento e acompanhamento de perto.

Logo, a interação, comunicação, se tornam mais relevantes. “[...] a escola no campo tem um grande diferencial, que são todas as qualidades que têm uma escola ideal: o acolhimento, o número de alunos por turma... É quase uma aula particular, os professores têm tempo de atender os alunos com mais dificuldade, individualmente”. (ELISÂNGELA, 2020).

Na mesma direção, temos, “O professor que aplica uma aula para uma sala com oito alunos, dez alunos, tem condições de estar dando mais conteúdo, porque são menos dificuldades para ele atender. Por exemplo, uma sala de aula com vinte e cinco alunos, imagine, tem diversidades demais” (NÍVIA, 2020). Segundo elas, a possibilidade de os filhos estudarem num ambiente tranquilo e acolhedor, e com número reduzido de alunos por séries, lhes trouxe bons resultados.

Eu sou grata por eles terem acolhido meu filho, que é daqui, da zona urbana, que não faz parte do povoado. Gratidão. E, assim, foi muito bom para nós, aqui, para a nossa família, a escola acolheu ele muito bem, muito bem... Assim, a tranquilidade sobre o ensino, a tranquilidade sobre você saber que seu filho está bem, que ele está tendo o aprendizado que você espera... É gratificante, viu? Gratidão mesmo, porque foi muito bom mesmo, de verdade, graças a Deus, viu. (ELISÂNGELA, 2020)

Igualmente, o conceito de família idealizado na escola, foi bem perceptível nas falas dos pais. Na visão deles, a família, a escola, e os alunos caminham juntos. Vejamos, “Porque lá era, assim, era nossa família. Lá, desde as pessoas que limpavam, que limpavam a escola, das merendeiras, do motorista, dos professores, eles todos, assim, sempre tiveram um carinho muito grande com os alunos” (NÍVIA, 2020). O termo família é acentuado nas falas, esse sentimento de proximidade, na visão dos pais, foi um dos critérios para escolherem a escola Professor Alberto.

Sobre a adaptação, Nívia ressalta que, apesar do filho não ter dificuldades no sentido de aquisição dos conteúdos na escola da cidade, o seu processo de adaptação foi complexo. Como vimos, na fala anterior, um dos fatores evidentes nos relatos de Nívia foi a condição dos professores atenderem o filho de forma mais específica, o que aconteceu por conta do número reduzido de alunos, fator impossível nas escolas da cidade, por conta das salas de aula lotadas. Sobre a experiência na Escola Professor Alberto, ela relata:

Então, quando ele deixou de ser aquele aluno que ficava, na maioria das vezes, reclamando mais, porque estava atrapalhando as aulas, e passou a ser um aluno, assim, que... lá, já não tinha, assim, reclamações, porque eles tinham condições de atendê-lo antes de chegar em alguma coisa, assim, mais grave, de ter que chegar e ficar reclamando. (NÍVIA, 2020)

Segundos os relatos, elementos como a cultura do campo, que permeia a escola, conduz um modo menos acelerado no processo educacional, em que todos os alunos conseguem se desenvolver, cada um a seu tempo, possibilita uma estreita relação com os seus pares, estabelecendo elos de amizade e socialização. Para Nívia (2020), o aluno que se sente bem-vindo e integrante da escola tem mais possibilidades de aprender. Destaca, ainda, a instituição

como comunidade, que, embora enfrentando inúmeras dificuldades e desafios, está construindo sua história como uma escola de possíveis superações.

[...] quando passou para a zona rural, ele deixou de ser aquele aluno... Porque, aqui, nas reclamações, nunca é a escola. Geralmente é muito difícil a escola que admite: ‘Nós não estamos preparados para atender o seu filho’. Eu ouvi isso de poucos professores, e eu acho, eu acredito, que, de uma única diretora, porque, um dia, ela me chamou para poder conversar, e falou assim: ‘Olha, mãe, infelizmente, a professora e eu estou trazendo seu filho para a Secretaria, mas não é culpa dele e não é culpa sua. Na realidade, nós não temos condições de atender ao seu filho (NIVIA, 2020).

O processo de socialização, interação e compreensão do lugar em que se está integrado, perpassa por processos que ultrapassam um sistema tradicional de ensino. Aprender vai além do modo cartesiano de formar pessoas. É um conjunto de interações holísticas, sistematizações e subjetividade. De certo, nesse processo diverso de leituras de mundo, a afetividade tem seu lugar permanente. Quando pergunto a uma das mães sobre uma experiência na escola, vemos:

Quando a Ana Carolliny estava estudando aqui, não tinha... ela tinha muita vergonha, muita vergonha. Se precisasse de ela ir no quadro, fazer qualquer tarefa, ela perdia a nota, mas ela não ia, não conversava, ela não ria para quase ninguém... Então, apresentação, nunca. Então, teve um dia que ia ter uma apresentação para o Dia das Mães, e mandaram o bilhetinho para a fazenda, aí eu falei: ‘vou, mas vou ver nada não’. Ela fez uma apresentação na frente de todo mundo perfeitamente, como se não fosse aquela pessoa, sabe, como se fosse totalmente diferente. Então, ali, ela conseguiu se soltar, se mostrar. Até hoje, ela não está tendo essa intimidade, sabe, ela não tem mais isso no colégio. Ela conseguiu se soltar para ir para a frente, porque, até então, no caso, até na psicóloga ela tinha passado, para poder ver se ela se soltava, se ela conversava, se ela reagia. Ela não conseguia ir no quadro, nada. (ANA, 2020)

O processo de desenvolvimento humano passa por essa linha tênue, e, assim, como uma criança faminta, uma criança emocionalmente fragilizada também apresenta dificuldades de aprendizagem, e esse olhar em torno dos processos emocionais das crianças se tornou uma marca na escola Professor Alberto, segundo as narrativas dos pais.

Conforme a fala da Nívia a escola se tornou mais interativa do que reflexiva. Um trecho que nos leva a essa consideração: “Eu vi, assim, uma diferença muito grande. Até na harmonização na nossa família, porque, como tinha muitas reclamações, a gente deixava ele muito de castigo, e, às vezes, brigava muito, brigava muito. Então, facilitou até para nós, assim, acalmou até para nós” (NIVIA, 2020). Nesse ínterim, a possibilidade de o professor conhecer os alunos e estabelecer uma comunicação mais próxima com eles, condicionado pelo número reduzido de alunos, tornou-se significativo no processo de ensino/aprendizagem. As narrativas

destacaram a visão de socialização, comunicação e proximidade, como elementos que fazem esses alunos saírem da escola da cidade para a escola no campo.

A afetividade em Wallon nos faz percorrer esse caminho duplo, pois, no seu conceito, a afetividade é algo que nos afeta, seja algo bom ou ruim. Sabemos que, como seres pertencentes a uma sociedade, ou instituição, somos afetados nos dois sentidos. Esse afetar está presente nas salas de aula, nas reuniões da diretoria, na reprovação e repetição de série, quando a família não consegue dialogar com a escola, quando o aluno não quer mais frequentar as aulas. É um processo contínuo de construções e desconstruções.

Não percebemos essas coisas como desastrosas, mas como formadoras. Como um cientista refaz vários testes antes de colocar uma vacina no mercado, e mesmo, quando, na maioria das tentativas, algo dá errado, ele não desiste até encontrar a fórmula correta, ou, talvez, nem a encontre. Na instituição, esse movimento de erros e acertos, de choros e alegrias, de contentamento e descontentamento, formam os cidadãos.

Pensamos a educação afetiva sobre uma perspectiva de formação, que estimule o aluno sobre prática de tomada de decisões, que trabalhe pelo desenvolvimento da comunicação, respeitando o tempo individual. É papel dos educadores dar condições de aprendizado às crianças e adolescentes, argumentando e respeitando seus argumentos, ouvindo as suas vozes e o que elas dizem. A escola não precisa ser uma instituição modelo, perfeita, ela precisa só ser escola.

A maioria das pessoas adultas com quem conversamos no presente lembram e narram, com mais ênfase, como venceram os desafios, e pouco se lembram dos caminhos perfeitos. A escola não é perfeita, porque os seres humanos não são, e é exatamente nesse lugar que está sua beleza, pois estamos sempre em construção.

Considerações Parciais do capítulo III

O objetivo deste capítulo foi analisar a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda a partir das narrativas dos pais dos alunos.

Percebemos, no decorrer deste capítulo, que o significado de democracia, ou de escola democrática, para os pais, atravessaram a memória, suas significações sobre os próprios conceitos de instituição escolar, ensino-aprendizagem e comunidade. À luz das narrativas dos Pais, compreendemos que uma escola democrática pode ser descrita de várias maneiras, por várias concepções, uma vez que essas definições estão ligadas às percepções individuais.

O sentido da violência é como a escola do campo foi percebida, como um lugar de resguardar os filhos dos problemas sociais. As sombras de uma sociedade marginalizada amedrontam os pais das últimas décadas. Em contrapartida, a disciplina na escola foi elencada como uma maneira de conter essa violência, e, como isso, para eles, se tornou elementar na cultura das crianças e adolescentes no campo.

Além disso, a afetividade como processo formativo e essencial no desenvolvimento pleno das crianças e adolescentes, e, no que diz ao ensino-aprendizagem, foi bastante discutido, e, em várias ocasiões, os processos ligados à emoção tomaram conta de boa parte das narrativas.

Todavia, as maiores percepções que tivemos são concernentes ao exercício de biografarem a escola Professor Alberto, pois estavam, na verdade, biografando a si mesmos, os elos, as teias que foram construindo nas suas trajetórias de vida, seus medos, anseios e valores, assim como Larrosa (2002) enuncia sobre as experiências que nos atravessam. Os significados, que deram à escola refletiram seus próprios significados de vida. Esse pensar ideológico, social, intelectual, cultural, esse pensar paternal e maternal, ou familiar, criando uma fotografia da escola, contando a história para além dos seus muros.

Suas análises atravessaram os documentos oficiais, contando, através da narrativa, sua identidade, a partir das suas impressões, sensações e experiências, ou, a partir de uma mimese institucional que redundava do meu, ou do nosso olhar.

Pela narrativa transformamos os acontecimentos, as ações e as pessoas de nossa vida em episódios, intrigas e personagens; pela narrativa organizamos os acontecimentos no tempo, construímos relações entre eles, damos um lugar e um significado às situações e experiências que vivemos. É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida e que dá uma História a nossa vida. Em outros termos, não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; pelo contrário, temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 341)

A História de uma instituição poderá ser reproduzida por meio da narrativa, bem como a história de uma vida. E, assim, como, através dela, a vida vai tomando forma, o significado identitário de uma instituição escolar também se constrói, tecendo seus significados num tempo social e histórico.

Compreendemos, pelas narrativas dos pais, ao analisarem a escola, que, nas causas principais que os fizeram escolher a Escola Professor Alberto, para a escolarização dos filhos, priorizaram o baixo índice de violência; o quantitativo de alunos em sala de aula, o que possibilita ao professor uma maior interação com os alunos no sentido ensino-aprendizagem; a proximidade que a escola tem com as famílias; questões relacionadas às classes sociais, por ser

um lugar em que a maioria dos alunos são de classe econômica baixa; a não adaptação nas escolas da cidade, e a afetividade desenvolvida dentro da comunidade escolar. Outro critério elencado pelos pais foi a cultura das pessoas no campo, que comungavam com a própria cultura de vivência dos pais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do desenvolvimento dessa pesquisa, sobre instituições escolares, tendo como lócus a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda, não imaginávamos os caminhos que essa biografia institucional percorreria, tampouco, que fosse capaz de abarcar, de tal modo, as subjetividades das histórias de vida.

Nas primeiras orientações, quando discutíamos quem seriam os narradores, tendo em vista o trabalho com as (Auto) Biografias, pensamos outras possibilidades, até chegarmos num denominador comum, os pais. Essa escolha aconteceu, e foi viabilizada, quando os pais aceitaram nossa proposta para o processo de compreensão da Escola Professor Alberto de Moraes Holanda, reafirmando, através das narrativas, a importância e a singularidade desses atores na construção institucional.

À vista disso, propusemos uma questão norteadora: como se constituiu a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda, a partir das narrativas dos pais dos alunos? Essa questão trouxe algumas reflexões sobre as várias vozes educacionais que podem ser exploradas quando se historia uma instituição escolar.

Neste ano de 2020, fomos surpreendidos pela crise mundial advinda do Coronavírus. A educação quase entrou em colapso, e percebemos o quanto estavam vulneráveis e despreparados os governos federal, estaduais e municipais. Isso também diz das instituições escolares, entre tantas outras. O fato é que o mundo foi pego de surpresa, e, no que tange à educação, foram postos em evidência os pais, como mediadores pedagógicos. Esse novo contexto educacional mundial põe todo o sistema à prova, levando-nos a indagar como será nos próximos anos?

Emergiram na crise, esses protagonistas que são cobrados no dia a dia da escola, desafiados no auxílio das atividades escolares, para a casa, enviadas pela escola, mesmo quando não receberam preparo para tal atividade. Mesmo, com todas as responsabilidades, concernentes a eles, dificilmente, são ouvidos no processo de ensino-aprendizagem dos filhos. Quase não vemos esses atores educacionais fazerem parte da construção do Projeto Político Pedagógico da escola, o que nos faz pensar sobre a necessidade de um novo posicionamento institucional em relação aos pais.

Com o intuito de caracterizar o contexto histórico, cultural e institucional da Escola Professor Alberto de Moraes Holanda, objetivo do primeiro capítulo da dissertação, recorreremos

aos documentos oficiais encontrados no acervo da escola professor Alberto e na secretaria de educação do município de Corumbaíba.

A formalidade e as informações documentais nos levam a pensar essa escrita institucional, de maneira convencional. Contudo, ao observarmos os registros históricos, nos deparamos com informações que nos direcionaram a uma compreensão diferente da que havia construído sobre a escola Professor Alberto até aquele momento.

Como observado por Certeau (2012), sobre a reconstrução histórica, os documentos oficiais nos possibilitaram reconstruir a história da Escola Professor Alberto de Moraes Holanda, pois nos deram esses subsídios necessários para esse trabalho.

Nesse processo de reconstrução histórica, fomos levados a pensar, em cada observação, cada informação documental, descritas no PPP, nas atas, nos cadernos de ponto, nos documentos oficiais da instituição, e, ao fazermos observações, percebemos que as histórias de vida dos construtores dessa instituição estavam vivas ali, presentes nos documentos.

Foi um caminho longo para a edificação e consolidação da Escola Professor Alberto, a começar com aulas em um rancho de pau a pique até as aulas oferecidas num barracão cedido pelo Sr. Toninho, um fazendeiro da região, uma escola que só conseguiu seguir adiante por conta dos moradores da região, que lutaram para que fosse possível a presença da escola no Povoado Quinca Mariano.

Uma dificuldade presente em várias escolas do campo, que, para sobreviverem, empregam esforços dos moradores da comunidade em que estão inseridos, e pensando em todas essas questões, mais uma vez, somos tomados pela necessidade de ouvirmos as pessoas que fazem parte da comunidade escolar, bem como os pais. Pois, se a comunidade se esforça para a permanência da escola, são legítimas suas opiniões sobre ela.

A escola presente no campo nem sempre é vista como a melhor opção. Contudo, percebemos que, no caso da escola Professor Alberto, isso é diferente. Os pais fizeram questão que seus filhos estudassem nela, mesmo morando na cidade e tendo acesso a escolas próximas de suas casas. Essas decisões dos pais já davam indícios de quanto as histórias de vida marcariam essa pesquisa.

No segundo capítulo, com todo o respeito aos nossos colaboradores de pesquisa, pedimos licença para biografar suas histórias de vida, e ao fazermos esse processo de biografização, percebemos o quão surpreendente é o processo interpretativo da vida, as escolhas, os percursos, a leitura de mundo que desenvolvem, e de como todas essas experiências na trajetória de vida impactaram o processo interpretativo deles mesmos e do mundo a sua volta.

O meio, o contato com a natureza, com o campo, a cultura, costumes e a religião configuram exemplos de como todas essas áreas impactam o processo de significação individual.

Ficamos impressionados, ao percebermos que, para a maioria dos Pais, a etapa de suas vidas mais representativa, e que causou mais emoção, foi a infância, as emoções, as pausas, e de como remetiam sempre a essa época da vida.

Foi a partir dessa compreensão educacional que receberam na infância e na adolescência que procuraram biografar a escola. As emoções significativas que revisitaram no processo narrativo foram, de fato, o que os fizeram interpretar a escola Professor Alberto, e que me fez chegar a uma consideração, que os critérios de escolha da escola dos filhos têm relações com o início da vida, ou seja, das experiências que tiveram na infância e adolescência, com a família e a escola.

A revisitação da memória, esse processo reflexivo dos pais, ao contarem acontecimentos que foram marcantes para eles, a arte de se autocompreender, de dar um significado à própria vida, através da narração, também foi um processo interpretativo para mim. Compreendemos que, ao narrarem sua história, seus percursos de vida, faziam um processo de rememoração e interpretação dos acontecimentos sociais, históricos e institucionais. As narrativas nos dão oportunidades de ouvir esses personagens no curso da construção institucional.

Nesse processo de análise da Escola Professor Alberto, pelas narrativas dos pais, foram destacadas as suas prioridades, como, o diálogo, a interação, a afetividade, a segurança, a família e a comunidade e a partir dos relatos elencadas as categorias:

- ✓ *As percepções dos pais sobre a participação da comunidade escolar e o diálogo na escola Professor Alberto*
- ✓ *A falta de adaptação na escola da cidade e as desigualdades*
- ✓ *A segurança na escola e a disciplina dos alunos*
- ✓ *Família, comunidade e afetividade na escola*

Quando voltamos nas histórias de vida, compreendemos que essas representações que os pais fizeram, sobre a Escola Professor Alberto, no processo de biografização, já assistiram as próprias representações das suas trajetórias de vida. Entender essas subjetividades é um processo desafiador e provocativo, que nos leva a um processo de reflexão.

Na pesquisa, temos dois narradores, o Anésio e a Elcinéia, que, além de pais, são funcionários da escola, e, ao ouvir os seus relatos, e como são ativos na escola, podemos afirmar que a identidade de uma instituição está diretamente ligada aos seus trabalhadores e

colaboradores, e, em suas trajetórias de vida, o perfil da escola Professor Alberto diz muito da leitura de mundo dos seus trabalhadores.

Um elemento que nos levou a esse pensamento foi o fato dos pais escolherem a Escola Professor Alberto para escolarização de seus filhos, mesmo quando tinham outras possibilidades mais acessíveis a eles. A pesquisa com as (Auto)Biografias nos fez pensar nessas escolhas, e nos permitiu olhar o universo educacional sob uma nova ótica, pois, ao considerarmos a História da Instituição, estamos realizando um processo de autoconhecimento e interpretação das nossas trajetórias de vida. Todas as categorias que elencamos aqui surgiram nas histórias de vida dos pais. Nesse sentido, a escolha é uma maneira subjetiva, construída ao longo da história de vida.

Nos surpreendemos, pois pensávamos que a escolha da Escola Professor Alberto era meramente feita por questões objetivas, e, através das narrativas, percebemos que o significado institucional para os pais estava para além das objetividades, como a segurança, a tranquilidade que Ana prioriza, o afeto e o cuidado com os alunos, como Elcinéia valoriza, a tradição e os costumes do campo, colocado por Nívia, o quantitativo dos alunos e a qualidade docente levantada por Janãine. Ou mesmo a acolhida dos filhos pela escola de maneira igualitária, como descreve Divina, além do pertencimento e a responsabilidade de conduzir os alunos e os funcionários da escola, observada na fala de Anésio.

Nas experiências com as autobiografias percebemos ser uma metodologia que precisa ser sentida. No processo da construção dessa dissertação, compreendemos que biografar uma instituição escolar através dos relatos biográficos perpassou pelas subjetividades dos narradores e da instituição. Nesse percurso de compreender a teoria e a aplicação da abordagem biográfico-narrativa foi necessária uma sensibilidade interpretativa que só foi possível através de uma percepção minuciosa, onde conhecimento e emoção, caminharam de mãos dadas.

O distanciamento das nossas próprias leituras de mundo para nos aproximarmos das leituras de mundo dos outros também foi necessário. As narrativas trazem ao mundo acadêmico mais que uma metodologia, elas criam espaço para novas maneiras interpretativas da sociedade, o que vai além daquilo que é objetivo e estático.

Sobre as possíveis contribuições desta pesquisa, esperamos que contribua para próximos estudos sobre a biografização institucional, no campo das instituições escolares. Que, à vista de novos conceitos educacionais, que precisarão ser pensados a partir da Pandemia ainda vigente, propomos o desafio, que as vozes dos pais e mães sejam priorizadas, e o protagonismo que exercem hoje, em plena crise educacional, não seja descartada, mas priorizada.

Acreditamos que o novo modelo educacional demandará a presença dos pais como nunca, e, nesse sentido, aos pensarmos nos futuros projetos educacionais, eles precisarão ser ouvidos.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Pesquisa autobiográfica – tempo, memória e narrativas**. In:_. (Org.). A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 201-224.

ABRAMOVAY, R. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Texto para discussão nº 702. Rio de Janeiro: IPEA, 2000, 31 p.

ABRAMOVAY, Miriam. **Violências nas Escolas. Programa de Prevenção à violência nas escolas**. Brasília/DF: Flasco-Brasil, 2015, 21p.

ARROYO, CALDART, MOLINA, Apresentação. In: ARROYO, Miguel, Miguel Gonzalez; CALDART, R. S; MOLINA, M.C. **Por uma educação do campo**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

ARROYO, M. G. A Educação Básica e o Movimento Social do Campo. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; FERNANDES, Bernardo Mançano. **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**. Brasília. DF: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, 1999. Coleção Por Uma Educação Básica do Campo, n. ° 2.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 9. ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**/Mikhail Bakhtin (V. N. Volochínov); prefácio de Roman Jakobson; apresentação de Marina Yaguello; tradução de Michel Lahud e Yara Fratechi Vieira, com colaboração de Lúcia Teixeira Wisnk e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. – 12ª ed.- São Paulo: Hucitec, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo – SP: Edições 70, 2016.

BENJAMIN, Walter. **A imagem de Proust**. In: Magia e técnica, arte e política. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

BOCK, Ana Maria Bahia *et al.* **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BOLÍVAR, Antonio. Escuela, familia y municipio. El proyecto Atlántida de educación democrática Publicado en Carrillo Flores, In, Simó Gil, N., Soler Mata, J. (eds.) (2019): **Aprender a participar en los centros de Secundaria. Inclusión y calidad democrática** (pp. 49-71). Barcelona: Editions Universitat de Barcelona. ISBN: 978-84-9168-252-3.

_____. **Escuela, familia y municipio**. El proyecto Atlántida de educación democrática chapter, January 2019.

_____. Narrar la organización educativa: memoria institucional y constitución de la identidad. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto e BOLÍVAR, Antonio. **La investigación (auto)biográfica en educación: miradas cruzadas entre Brasil y España**. Granada: EUG; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014; pp.330-355.

_____. Dimensiones epistemológicas y metodológicas de la investigación. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto, PASSEGGI, Maria da Conceição (Orgs.). **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica Tomo I/ Coleção Pesquisa (Auto) Biográfica: temas transversais**. Universidad de Granada, España, 2012. 27p.

_____. Dimensiones epistemológicas y metodológicas de la investigación (auto)biográfica. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; PASSEGGI, Maria da Conceição (orgs.) **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica: Tomo I**. Natal: EDUFRRN; Porto Alegre: EDIPURCS; Salvador: EDUNEB, 2012. p.27-69. (Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica: Temas Transversais).

_____. “¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v. 4, n. 1, p. 1 – 26, 2002b. p.1-26.

_____. Metodologia de la investigación biográfico-narrativa: recogida y análisis de datos. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna; PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). **Pesquisa (Auto) Biográfico Temas transversais: Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica Tomo II**. Natal: EDUFRRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012, p.79 a 109 coleção Pesquisa (Auto)Biográfica: temas transversais.

BOTO, Carlota. **A Liturgia da Escola Moderna: saberes, valores, atitudes e exemplos**. Universidade de São Paulo, Brasil. 9º Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: rituais, espaços e patrimônios escolares. 2012. set./dez. 2014. Porto Alegre.

_____. A Liturgia da Escola Moderna: saberes, valores, atitudes e exemplos. In: **História da Educação (on-line)**. Porto Alegre, p. 99-127, 2014.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordinio. **Labirintos da memória: Quem sou?** São Paulo: Paulus, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**. Vol. 1. Brasília: MEC/SEI, 1998. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_voll.pdf>. Acesso em 05 de maio de 2019.

_____. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988. <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf> Acesso em 15 de jun de 2019.

_____. **Constituição** (1988). Constituição [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>. Acesso em 28 ago. 2019.

_____. **Constituição** (1946). Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm. Acesso em 28 ago. 2019.

_____. **Constituição** (1934). Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm. Acesso em 28 ago. 2019.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 10 maio de 2019.

_____. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990. http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto_crianca_adolescente_9e_d.pdf. Acesso em 11 de maio de 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus: o que você precisa saber e como prevenir o contágio**. [cited 2020 Feb 18]. Available from: <https://saude.gov.br/saude-de-a-z/coronavirus>. Acesso em 15 de dezembro de 2020.

BRUNER, J. The narrative construction of reality. **Critical Inquiry**, v. 8, p.1-21, 1991

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº19, p. 20 - 28, 2002.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Narrative inquiry: experience and story in qualitative research**. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

CALDART, Roseli Salete. **Sobre educação do campo. III Seminário do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA)**. Luziânia, Goiás, 2012.

_____. A escola do campo em movimento. In: _____. **Por uma educação do campo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

_____. Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. In: Mônica (Org.) **Educação do Campo e pesquisa: questões para reflexão**. Brasília MDA/MEC, 2010.

_____. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar/jun. 2009.

_____. Sobre educação do campo. In: SANTOS, Clarice Aparecida dos (Org.). **Educação do campo: campo – políticas públicas – educação**. (NEAD Especial: 10). Brasília: INCRA; MDA, 2008. p. 67-97.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas. In: ABRAHÃO, M. H. M. B.; PASSEGGI, M. (Orgs.). **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Tomo 1. Natal: EDUFERN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012, p. 281.

_____. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. Universidade de Paris. **Revista de Educação**. V. 17, n. 51 set. - dez. 2012.

_____. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. **Educação em Revista**, v. 27, n. 1, p. 333 – 346, abr. 2011.

_____. **Les histoires de vie. De l'invention de soi au projet de formation**. Paris, Anthropos, 2000/2004 Biographie et education. Figures de l'individu-projet. Paris, Anthropos, 2003 Histoire de vie et recherche biographique en éducation. Paris: Anthropos, 2005 La condition biographique. Essais sur le récit de soi dans la modernité avancée. Paris: Téraèdre, 2009.

_____. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal, RN: EDUFERN; São Paulo: Paulus, 2008.

FERNANDES, Bernardo Mançano. MOLINA, Mônica Castagna. **O campo da educação do campo**. s/d, p. 30-31. Disponível em: <<http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/ArtigoMonicaBernardoEC5.pdf>>. Acesso em 08 set. 2020.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Diretrizes de uma caminhada. In. (orgs) ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo NOGUEIRA, Adriano. **Teoria e Prática em Educação Popular**. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 24 ed. Rio de Janeiro: 1979. <<https://construindoumaprendizado.files.wordpress.com/2012/12/paulo-freire-educacao-e-mudanca-desbloqueado.pdf>>. Acesso em 15 set. 2020.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes médicas, 1993.

GALVÃO, C. Narrativa em Educação. **Ciência & Educação**, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ciedu/v11n2/12.pdf>>. Acesso em 05 ago. 2020.

GARCIA, R. C. Iniquidade Social no Brasil: Uma aproximação e uma tentativa de dimensionamento. **IPEA** (texto para discussão). Brasília, agosto de 2003. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=4205>. Acesso em 07 maio. 2020.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Trad. de Raul Fiker. - São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GUZZO, R. S. L; TIZZEI, R. P. **Olhar sobre a criança: perspectivas dos pais sobre o desenvolvimento**. Campinas, São Paulo, 2007.

HUBERMAN, Michel. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antonio (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007. p. 31-61.

HAGE, Salomão Mufarrej. **Agricultura Familiar: Pesquisa, Formação e Desenvolvimento**. Belém, v.11, n 1, p.173-186 /2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2003. 222p.

HONÓRIO FILHO, Wolney. Investigação biográfico-narrativa e história das instituições escolares. Atas CIAIQ 2017. **Investigação Qualitativa em Educação – Investigación Cualitativa em Educación** - Volume 1. p. 56-61.

HONÓRIO FILHO, Wolney; JACOB, Reni Maria. Uma Instituição Escolar é o que os relatos dizem o que ela é? In: **Anais do III EHECO** –Catalão/GO, agosto de 2015. p.143-160.

_____. Velhas histórias coladas à pele: a importância das histórias de vida na formação do professor. In: **Educação**. Porto Alegre: maio/ago. 2011. EdIPUCRS, v.34, n.2, p.189-197. Disponível em <
<
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/8704/6356/>>. Acesso em 05 maio. 2019.

HONÓRIO FILHO, Wolney; JACOB, Reni Maria. Uma Instituição Escolar é o que os relatos dizem o que ela é? In: **Anais do III EHECO** –Catalão/GO, agosto de 2015. p.143-160.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. Tradução: Gizele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**. São Paulo: Autores Associados/SBHE, n.1, 2001, p. 9-43.

KOLLING, Edgar Jorge, Nery-FSC; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.) **Por uma Educação Básica do Campo: memória**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. (Coleção por uma Educação Básica do Campo, nº1).

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In.: **Revista Brasileira da Educação**, Nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002. Disponível em: <
<
http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_LARROSA_BONDIA.PDF>. Acesso: 04 abr. 2020.

LARROSA, Jorge. Notas sobre narrativa e identidade. (A modo de presentación). In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.). **A aventura (auto) biográfica. Teoria & Prática**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, p. 20 – 28, jan./fev./mar./abr. 2002.

_____. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **O sujeito da educação**. Estudos foucaultianos. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; TASSONI, Elvira Cristina Martins. **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor**. Disponível em <<https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASLAAfetividadeemSaladeAula.pdf>> Acesso em 02 maio. 2019.

MAFFESOLI, Michel. **A violência totalitária, ensaio de antropologia política**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981/2001.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MENEZES, M. C. B. Implicações do desenvolvimento cognitivo e afetivo durante o processo de aquisição da leitura e escrita: contribuições da teoria de Henri Wallon. In: **IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE - III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**, 2009, Curitiba. Anais do Congresso Nacional de Educação. Curitiba: Champagnat, 2009. v. 1. p. 1670-1683.

MOITA, Maria da Conceição. **Percursos de formação e transformação**. In: NÓVOA. Antônio (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2005.

MUNANGA, Kabengele & GOMES Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. Coleção para entender, São Paulo: Global, 2006.

NOSELLA, Paulo; BUFFA, Ester. As pesquisas sobre instituições escolares: balanço crítico. In. **II Colóquio sobre Pesquisa de Instituições Escolares**. UNICAMP/Campinas/UNINOVE, São Carlos. 2006.

OHARA, J. R. M. Passado histórico, presente historiográfico: considerações sobre História e Estrutura de Michel de Certeau. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v.6, n.12, p.197-212, 16 nov.2012.

OLIVEIRA, Antônio Barbosa de. A casa de Minerva: entre a ilha e o palácio - A problemática dos discursos e lugares. In: **ANPUH - XXV Simpósio Nacional de História** – Fortaleza, 2009. Anais. 2009.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. Narrativa como prática emancipatória: pesquisando e repensando os currículos praticados na Eja. In: PAIVA, Jane; PINHEIRO, Rosa Aparecida (Orgs.). **Da pesquisa em educação à pesquisa na Eja: ações plurais, sentidos singulares**. Natal, RN: EDUFRRN, 2011 a.

OLIVEIRA, Vakeska Fortes. A escrita como dispositivo na formação de professores. In: PERES, Lúcia Maria Vaz; ZANELLA, Andrisa Kemel. **Escritas de autobiografias educativas**. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2011 b.

PASSEGGI, M, C.; Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista (Orgs.) **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 102- 130, 2010.

PIAGET, Jean. **Para onde vai à educação**. Rio de Janeiro. José Olímpio, 2007.

POLONIA, Ana da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, Volume 9, Número 2, 2005. p. 303-312 .Disponível em <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/6226>> Acesso em : 10 de nov. 2019.

Prefeitura Municipal de Corumbáiba. Disponível em <<https://corumbaiba.go.gov.br/prefeitura/>>Acesso em 27 out. 2019.

PPP. Pedagógico Político Pedagógico. Escola Professor Alberto de Moraes Holanda. Triênio 2016/2018.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de . Relatos Oraís: do “ indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Orega de M. V. (Org.). **Experimentos com histórias de vida.**: Itália – Brasil. São Paulo: Vértice 1988.p.14-43.

RAVAGNOLI, Neiva Cristina. A entrevista narrativa como instrumento na investigação de fenômenos sociais na Linguística Aplicada, **The especialista**, v. 39, Ano 2018. Disponível em:< <https://revistas.pucsp.br/esp/article/view/34195>>. Acesso em ago. 2020.

RICOEUR, Paul. **La vida: un relato en busca de narrador**. Traducción: José Luis Pastoriza Rozas. **ÁGORA** (2006), Vol. 25, nº 2: 9-22. Disponível em: <<https://textosontologia.files.wordpress.com/2012/11/ricoeur-la-vida.pdf>>.Acesso em 16 de set. 2019.

_____. **Réflexion faite**. Paris: Esprit, 1995.

ROSA, Daniela Souza da; CAETANO, Maria Raquel. **Da educação rural à educação do campo: uma trajetória, seus desafios e suas perspectivas**. Disponível em: <<http://www.portaltrilhas.org.br/download/biblioteca/da-educacao-rural-a-educacao-docampo.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2020.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SANFELICE, José Luís. História e historiografia de instituições escolares. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.35, p. 192-200, set.2009 - ISSN: 1676-2584 Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/35/art13_35.pdf>. Data de acesso: 27 fev. 2020.

_____. História das Instituições escolares. In.: NASCIMENTO, M. I. M.; SANDANO, W.; LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. (orgs.). **Instituições escolares no Brasil. Conceito e**

reconstrução histórica. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Sorocaba, SP: Uniso; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007, p.75-93.

SAVIANI, Demerval. **História das idéias pedagógicas no Brasil.** 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. – (Coleção Memória da Educação).

_____. Instituições Escolares: conceito, história, historiografia e práticas. In: **Cadernos de História da Educação** - nº. 4. , jan/dez, 2005.

SANTOS, M. S. **Memória coletiva e teoria social.** São Paulo: Anna Blume, 2003.

SIMÕES, Willian; TORRES, Miriam Rosa. **Educação do campo: por uma superação da educação rural no Brasil.** Curitiba, 2011.

SOLARI, Aldo B. O objeto da sociologia rural. In: SZMRECSÁNYI, T. e QUEDA, O. (org.). **Vida rural e mudança social.** São Paulo: Nacional, 1972.

SOROKIN, P. A.; ZIMMERMAN, C. C.; GALPIN, C. J. Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano. In: MARTINS, J. S. **Introdução crítica à sociologia rural.** São Paulo: Hucite1981. p. 198-224.

SOUZA, Elizeu Clementino, MEIRELES, Mariana Martins de. A forma da outra beira: escolas rurais – entre invisibilidades, permanências e perspectivas. In: **Desafios e perspectivas na Educação Rural: fazeres pedagógicos e seus múltiplos olhares.** ANTUNES, Helenise Sangoi, FARIAS, Graziela. Franceschet. (Orgs). Curitiba, PR: CRV, 2014, p. 69-85.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VAZ, A.; MENDES, R.; MAUÉS, E. Episódios e narrativas de professores – experiências e perspectivas docentes discutidas a partir de pesquisa sobre conhecimento pedagógico de conteúdo. **Reunião Anual da ANPED**, 24. Caxambu, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación e historia cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, set./dez. 1995.

WALLON, Henri. **Do ato ao pensamento.** Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. (1941-1995). **A evolução psicológica da criança.** Lisboa, Edições 70

_____. (1973/1975). A psicologia genética. Trad. Ana Ra. In. **Psicologia e educação da infância.** Lisboa: Estampa (coletânea).

WELLER, W; OTTE, J. 2014. Análise de narrativas segundo o método documentário. Exemplificação a partir de um estudo com gestoras de instituições públicas. **Civitas**, Porto Alegre, v. 1.

WITTGENSTEIN, Ludwig. “**Investigações Filosóficas**”. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1989.-(Os pensadores).

REFERÊNCIAS DAS ENTREVISTAS:

ALVES, Elisângela. **Entrevista VI**. [fev. 2020]. Entrevistadora: Milene Garcia Silva. Corumbáiba-GO, 2020. 1 arquivo *.wav (30 min). A Entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta dissertação.

ARAÚJO, Anésio. **Entrevista IV**. [fev. 2020]. Entrevistadora: Milene Garcia Silva. Corumbáiba-GO, 2020. 1 arquivo *.wav (37 min). A Entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta dissertação

CRISTINA, Nívia. **Entrevista I**. [fev. 2020]. Entrevistadora: Milene Garcia Silva. Corumbáiba-GO, 2020. 1 arquivo *.wav (47 min). A Entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta dissertação.

DANIELA, Janãine. **Entrevista II**. [fev. 2020]. Entrevistadora: Milene Garcia Silva. Corumbáiba-GO, 2020. 1 arquivo *.wav (37 min). A Entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta dissertação.

GUIMARÃES, Elcinéia. **Entrevista IV**. [fev. 2020]. Entrevistadora: Milene Garcia Silva. Corumbáiba-GO, 2020. 1 arquivo *.wav (37 min). A Entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta dissertação.

MÁRCIA, Divina. **Entrevista V**. [fev. 2020]. Entrevistadora: Milene Garcia Silva. Corumbáiba-GO, 2020. 1 arquivo *.wav (13 min). A Entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta dissertação.

PERCÍLIA, Ana. **Entrevista III**. [fev.2020]. Entrevistadora: Milene Garcia Silva. Corumbáiba-GO, 2020. 1 arquivo *.wav (24 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta dissertação.

APÊNDICES

**TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS/CONVERSAS REALIZADAS COM OS
PAIS:**

APÊNDICE A – Transcrição da Entrevista I

Corumbaíba , 21 de fevereiro de 2020.

Pesquisadora: Milene Garcia Silva

Entrevistada: Nívia Cristina da Silva

Local da Entrevista: Via (WhatsApp).

Presentes: Milene (Pesquisadora), Nívia (Entrevistada).

Horário da Entrevista: HH:MM.

Duração Total do Áudio: 1h 05min 47s 986ms.

[Áudio 17/41, duração: 25s 818ms]

Pesquisadora: Nívia, nós queremos conhecer você. Conte-nos um pouco sobre você, seu nome, seu aniversário, sua cidade natal, a cidade que você reside hoje. Você trabalha? Em que você trabalha? Você estuda? Se você é casada, tem filhos... Fale um pouquinho para a gente quem é a Nívia.

[Áudio 18/41, duração: 4min 00s 658ms]

Entrevistada: Bom, quem é a Nívia: a Nívia é filha do senhor João e da dona Cândida, meus pais viveram... Nós vivemos (por um bom tempo) na fazenda, meu pai criou os cinco filhos dele do trabalho rural, então, eu nasci desse casal, senhor João e senhora Cândida, na região das Vassouras, que é na região do Areião. Eu nasci, sou natural daqui de Corumbaíba, nasci aqui e vivi, até os dezoito anos, nas fazendas, com os meus pais; quando eu completei dezoito anos, eu vim, e me mudei para Corumbaíba para dar continuidade aos meus estudos. Eu fiz até o início do colegial, o início... o primário eu fiz em escola, daquelas de zona rural mesmo, e assim que eu terminei a quarta série, que foi na época que o Romário foi eleito pela primeira vez, que ele criou as escolas polos. Aí, foi aí que eu fui para o Areião... dar continuidade nos meus estudos na escola do Areião, na Escola Santa Terezinha. Na época... é até engraçado que eu terminei a quarta série muito novinha e meu pai não tinha condições de... eu não tinha para onde ir, para dar continuidade aos meus estudos, e na época, meu pai tinha tomado a decisão de:

‘Não, ela não vai sair da escola. Ela vai ficar repetindo a quarta série.’. Até ele já havia dito que iria me rematricular na quarta série na escola da zona rural. Aí, quando o Romário foi eleito e criou as escolas polo, quando eu iniciei no Areião, eu repeti o... porque não tinha o quinto ano na época, ele iniciou com o primário, que era até a quarta série, e eu repeti a quarta série de novo. Aí, fiz o restante, até o segundo ano... o primeiro... Eu concluí o primeiro magistério na escola do Areião, Santa Terezinha, só que eu sempre tive a vontade de seguir a carreira de... eu gostaria de fazer Direito e eu não queria a área da Educação, então, por isso eu resolvi vir embora para Corumbaíba. Aí, eu vim embora para Corumbaíba, mas, infelizmente, não tive condições de fazer a faculdade que eu almejava, que é o Direito; rodei, rodei, rodei e acabei prestando o vestibular para Licenciatura em Artes Visuais, pela UFG (Universidade Federal de Goiás), na modalidade à distância, a qual eu concluí e é meu curso de nível superior que eu tenho. Então, eu me casei, sou esposa do senhor Ricardo, e nós temos dois filhos, que são o Renan, aluno da Escola Professor Alberto, e o Davi que... o Renan, de dezesseis anos, e o Davi, de seis anos.

[Áudio 19/41, duração: 1min 44s 918ms]

Entrevistada: Então, continuando com a pergunta ‘Quem é a Nívia?’, agora eu vou falar um pouco (sobre) depois do meu casamento. No começo, nós somos de famílias humildes, e hoje, tudo o que nós temos, o pouquinho que nós temos foi conquistado com muita dificuldade, com muito trabalho. Quando a gente... o início, para eu estudar, a gente, alunos de zona rural, a gente tinha a nossa condução, que pegava a gente nos pontos para poder levar para a escola, mas a gente andava em média seis quilômetros para a gente chegar nos pontos, para a gente chegar no Areião para poder estudar. Então, minha vida, assim, nunca foi muito fácil. Mas graças a deus, a gente tendo deus e determinação, a gente vai conseguindo. Então, eu consegui, eu estudei, do jeito que eu queria, eu me casei, tenho meus filhos, tenho a minha casa, que foram meu marido e eu quem construímos... Por cinco anos nós trabalhamos todos os finais de semana e feriados construindo a nossa casa, graças a deus, e, nesse período, eu prestei o concurso da Câmara, e graças a deus, passei, e sou funcionária pública do Legislativo, dia 8 de abril agora faz onze anos. Então, isso aí é um pouco da Nívia.

[Áudio 20/41, duração: 1min 05s 518ms]

Pesquisadora: Nívia, você tem um histórico de estudos em escolas rurais. Você conhece bem a dinâmica de uma escola rural e, em especial, as do município de Corumbáiba. Você fala desde a fundação das escolas polo, você traz para a gente essas lembranças, e, também, não só as escolas rurais, mas você também teve a oportunidade de estudar em escolas aqui mesmo na cidade, no município de Corumbáiba. Então você conhece tanto a dinâmica da escola rural como a dinâmica da escola da cidade. E, para você, o que é mais importante numa escola? Para a Nívia, o que é mais importante numa escola, numa instituição escolar, conhecendo esses dois universos?

[Áudio 21/41, duração: 59s 318ms]

Pesquisadora: Sua história de vida é marcada com muito empenho, muita dedicação. Você acredita, Nívia, que, para a sua formação, ter estudado em uma escola rural contribuiu de forma diferente do que se talvez você tivesse estudado ali nos primeiros anos, nos anos iniciais, nos primeiros anos iniciais do Ensino Fundamental, que você disse que foram cursados em uma escola rural... Você acha que essa base, esses primeiros anos contribuíram de forma diferente? Ou em que medida isso afetou sua formação já na adolescência e na sua juventude? Você acha que isso foi um fator determinante para a sua formação?

[Áudio 22/41, duração: 6min 34s 738ms]

Entrevistada: Bom, eu vou relatar um pouco a minha experiência como aluna das escolas onde eu estudei e também vou relatar um pouco da minha experiência como mãe dos alunos, dos meus filhos, e as experiências deles nas escolas que eles estudaram também. Então, como eu já havia dito, eu estudei só aqui no município de Corumbáiba. Só a faculdade, o curso superior, que foi em Catalão. Mas os demais, foram todos conhecimentos, aprendizado, das escolas do município mesmo. Então. A dinâmica das escolas de zona rural... Toda a vida eu defendi que quem estuda e quem trabalha nas escolas de zona rural, eles têm um... tanto o aluno tem condições melhores de aprender, quanto os professores têm condições melhores de passar, de transmitir os conhecimentos, de aplicar as suas aulas. Por quê: as escolas de zona rural, como eu já havia dito, têm menos alunos. Então, o professor vai aplicar as aulas dele com salas com dez, quinze, ou, às vezes, até menos alunos. Então, o professor, diante dessa quantidade mínima, assim, menor, de alunos, tem condições de conhecer melhor cada aluno. Porque, no decorrer

do ano, aquela convivência, por ser menos alunos em sala de aula, o professor está quase aplicando uma aula individualizada para cada aluno. E é por isso que eu acredito, hoje, eu sempre... eu vejo que os alunos de zona rural, por mais que às vezes não tenham a tecnologia que os alunos daqui da cidade têm, eles têm condições melhores de aprender. Não é porque, para falar, assim, que os professores são melhores; não são, porque são os mesmos professores. Os professores que aplicam aula, dão aula, na zona rural, são os mesmos professores que aplicam, dão, aula aqui no município. Então, a realidade das escolas de zona rural, com base na minha experiência, no meu ponto de vista, (o aluno) tem condições de ter um melhor desempenho justamente por isso. E, sem contar que a cultura ainda é diferente, por mais que a tecnologia chegou até as fazendas, mas ainda é diferente. Os alunos, ainda são crianças que ainda seguem os padrões éticos, os costumes, são crianças mais calmas, são crianças que ouvem mais o professor, o professor tem condições de estar, de falar em sala de aula. Eu falo isso de experiência tanto de aluno como de professora, porque eu já, eu já fui professora também. Eu já fui professora de zona rural, eu já fui professora aqui no colégio. Então, eu, eu defendo o aprendizado, por mais que... a gente tem quem vai para a zona rural, tem o deslocamento, tem as dificuldades do transporte, tem, às vezes, a tecnologia, não tem... aqui às vezes é melhor do que... agora que as escolas têm (acesso à) Internet, podem contar com (o acesso à) Internet, porque antes não tinham, era só o conhecimento do livro didático mesmo, mas, mesmo assim, eu vejo que, nas escolas de zona rural, o aprendizado é melhor. Tem, o professor tem condições de aplicar uma aula mais eficaz, porque, por ser menos alunos, ele aplica uma aula baseado na realidade de cada, cada aluno, porque cada aluno tem uma maneira de aprender. E aqui na cidade, em Corumbáiba, já é diferente, porque aqui as salas são cheias, são, em média, vinte, vinte e cinco alunos, para um único professor. Então, não tem essas condições de o professor estar conhecendo ali, ó, detalhadamente, cada perfil de aluno. Humanamente impossível. Então, é por isso que eu defendo que, pelo fato de ser menos alunos, eu, assim, na minha vivência, na minha experiência de aluna e de professora, o aprendizado é melhor. Aqui no nosso município, é melhor... a minha base, que eu tive, eu trouxe a minha bagagem, praticamente, foi toda da zona rural. E, graças a deus, eu passei no vestibular de uma faculdade federal, eu tive condições de passar num concurso, e, assim, e aí foi uma do outro, e meu conhecimento foi praticamente, minha aprendizagem, foi tudo de escola de zona rural. Eu estudei aqui em Corumbáiba dois anos.

[Áudio 23/41, duração: 6min 43s 878ms]

Entrevistada: Como eu já havia relatado, eu tive muita dificuldade com o Renan, que foi o que estudou na Escola Professor Alberto, lá na Ponte. Eu... enquanto ele era aluno das escolas aqui do município, eu tive muita dificuldade com a adaptação dele. Porque quando ele (tinha, aproximadamente,) dois anos, três anos, foi a época que eu mais estava estudando para passar em vestibular e em concurso, e para ele deixar eu estudar, eu tinha que passar uma tarefinha para ele também. E, com isso, eu alfabetizei o Renan com quatro anos; com quatro anos o Renan era alfabetizado. Quando eu coloquei ele, no comecinho de vida... com quatro anos era o... Maternal, Jardim (de Infância), eles estavam traçando, aprendendo os traços, e o Renan já sabia ler e escrever. Então, não tinha nada que fazia o Renan ficar quietinho. Não tinha nenhuma tarefinha que ocupava o tempo do Renan. Porque o Renan... as tarefinhas de traçado, uma tarefinha de traçado, para quem sabia ler e escrever... Enquanto as crianças demoravam quarenta minutos para fazer a tarefinha, o Renan demorava cinco. E como segurar uma criança dentro da sala de aula sem fazer nada? Então, eu tive muita dificuldade com o Renan. Quando eu tinha alguns professores - porque nós temos excelentes professores - que passavam de um ano para outro, ele foi seguindo essa dificuldade, porque ele estava muito à frente da escola. Então, quando ele passava de uma série, de um ano para outro, que tinha a sorte de pegar um professor muito capacitado, ainda ia bem, porque os professores levavam uns 'presentes' para ele todos os dias: levavam umas dez tarefinhas a mais e davam de presente para ele, ou, senão, um risco de um desenho bem grande para ele colorir, de presente, porque ele terminou a tarefinha dele mais rapidinho. Quando eu tinha a sorte... porque o Renan pegou a nossa saudosa Marinense, que eu, nossa, eu amo de paixão, foi o ano que eu mais tive sossego na minha vida, e foi quando ele foi aluno dela. Porque essa foi uma das professoras que dava, levava, uns presentes para ele. Então, eu tive muita dificuldade, e eu fui tendo essa dificuldade todo ano, todo ano. Aí foi, até que minha sogra, que era professora da Escola Professor Alberto, falou, falou assim: 'Não, vamos matricular na escola de zona rural porque é menos aluno e é mais puxado, porque, querendo ou não, porque tem condições de dar mais conteúdo, e eu acredito que vai dar certo'. Aí, foi, graças a deus, foi a luz no meu caminho. Porque a minha vida não era fácil não, eram muitas reclamações. Não tinha condições de prender a atenção do Renan aqui. E por serem muitas, muitas crianças, eu acho que mais agitado ele ficava, então eu tive muita dificuldade com o Renan, e lá foi uma maravilha. Quando eu falei assim: 'Não, então eu vou matricular e eu vou mandar ele para a escola de zona rural', nossa, foi muito bom. É, assim, eu... A minha experiência com escola de zona rural é muito boa, eu respeito demais o aprendizado no nosso município. Que, se a gente quiser, se a gente fizer a nossa parte... porque

não adianta, a escola sozinha também não faz tudo, acho que a gente tem que querer. Se o aluno... se ele quiser, ele tem condições de aprender. Porque eu não fui a única que passei em escola, em faculdade federal, estudando nas escolas aqui do município, principalmente das zonas rurais; são, já houve, vários. A gente tem conhecimento de vários alunos que já passaram em escolas, em faculdades federais, que já passaram em concurso. Então, da minha experiência com as escolas do município, eu tenho nada que reclamar. Muito pelo contrário, só a agradecer. A gente sabe que a educação ainda precisa melhorar, mas o que... o que nós temos condições (de fazer), de um modo ou outro já é de grande valia. Então, eu sou imensamente grata. Porque graças aos meus estudos, a minha realidade hoje é diferente da maioria dos meus familiares, então eu... Eu sei que toda a vida eu fui muito determinada, estudei demais, tive muita dificuldade, que, no início... meu pai trabalhava, ele ganhava um salário seco para (cuidar) de cinco filhos. Então, a gente não tinha condições de comprar livro, não tinha condições de estar investindo, então, a gente, assim... foram muitas dificuldades, mas graças a deus, andou tendo um pouco de dedicação, a gente vai indo e consegue. Eu parei, eu dei uma pausa nos meus estudos porque, depois que os meus filhos nasceram, como eu já havia dito, eu tive que me dedicar mais a eles pelo fato de serem crianças que não podem dar febre porque podem convulsionar, então sempre me dediquei, assim, a ter um cuidado muito grande com eles. E, se deus quiser, eu quero retornar aos meus estudos.

[Áudio 24/41, duração: 13s 018ms]

Pesquisadora: Nívia, conte para a gente como você conheceu a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda. O que você sabe, o que você conhece sobre a sua história.

[Áudio 25/41, duração: 38s 178ms]

Pesquisadora: Nívia, pelo que nós percebemos na sua fala, o Renan é um filho, um aluno, extremamente inteligente, competente, esforçado... Quais foram os motivos que levaram vocês, você e seu esposo, a matricularem o Renan na Escola Professor Alberto de Moraes Holanda? Por que a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda? Conte para a gente o porquê dessa escolha, dessa escola, em especial.

[Áudio 26/41, duração: 4min 12s 958ms]

Entrevistada: Então, eu passei a conhecer a Escola Professor Alberto através da minha sogra. Como eu já havia dito, ela era professora, foi professora de lá. Porque a minha experiência como aluna veio da escola Santa Terezinha, que é a do Areião. Mas eu passei a conhecer a escola da Ponte através da minha sogra, e das experiências, da minha vivência, enquanto o Renan foi aluno de lá. Então, a gente passou a conhecer melhor a escola através... depois que eu matriculei ele, é que a gente teve, assim, um contato, que acompanhou (a escola) mais de perto. Então, assim, é uma escola que não tem muitos alunos e eu optei por matriculá-lo lá pelo fato de já ter passado, na época, as dificuldades com ele, de adaptação aqui nas escolas do município de Corumbaíba, no município não, de Corumbaíba... E quais foram os pontos que (me levaram a) decidir matricular o Renan na escola lá da Ponte, a Escola Professor Alberto: primeiro, pelo fato de a minha sogra ser professora lá, na época ela era professora lá; e, segundo, pelo fato de o trajeto, do percurso, ser, além de ser mais perto, asfaltado. Como eu já havia dito, eu tenho muito medo porque são crianças que não podem ter febre, porque se tiverem febre, tem que entrar em contato muito rápido com os pais porque têm que ser medicadas muito rápido, porque senão convulsiona. Então, foi por isso que eu decidi colocar o Renan, matricular o Renan, lá na Escola Professor Alberto. Não que uma seja melhor do que a outra. As três escolas do nosso município, tanto a da região do Areião, quanto a da Ponte, quanto a do Bálsamo, são excelentes escolas. E, assim, como eu falei, a cultura é diferente. Eu não sei se pelo fato de ter condições de trabalhar, de desenvolver um trabalho melhor, a equipe se torna uma equipe muito boa. Por exemplo, lá na Escola Professor Alberto, a gente saía daqui, do ônibus, a gente sabia que podia mandar o filho da gente para lá, assim, com... não precisava ter medo. Porque lá era, assim, era nossa família. Lá, desde as pessoas que limpavam, que limpavam a escola, das merendeiras, do motorista, dos professores, eles todos, assim, sempre tiveram um carinho muito grande com os alunos. Principalmente... assim, eu estou falando do meu filho. Eu sou eternamente grata (à escola). Hoje, às vezes, eu nem tenho muito conhecimento. (Alguém me vê), sabe que eu sou mãe do Renan, passa e pergunta pelo Renan. Então, assim, foi uma escola muito boa. Graças a deus. A gente tem que... Assim, a parte da escola, eu tenho certeza que eles fizeram. Agora, o resto é com ele. Se ele vai dar continuidade, se ele vai estudar, mas... (Quanto) à minha experiência, como mãe de aluno da escola, eu só tenho a agradecer.

[Áudio 27/41, duração: 53s 938ms]

Pesquisadora: Nívia, você fala sobre as dificuldades que você teve com o Renan nas escolas aqui de Corumbá por questões de comportamento. Por mais que ele seja uma criança muito inteligente, é uma criança agitada. Talvez problemas com socialização, e tudo, quando você cita a questão das reclamações na escola, ou de professores. Você acha que o fato de você ter matriculado o Renan na Escola Professor Alberto, de alguma forma, direcionou o Renan a um novo comportamento? A escola deu condições para que o Renan, de alguma maneira, de algum modo, pudesse agir de forma diferente?

[Áudio 28/41, duração: 1min 32s 218ms]

Entrevistada: A equipe escolar, na época, era aquela equipe que corria atrás. Isso aí eu respeito demais, admiro demais, esse trabalho voluntário a que aqueles profissionais se dedicavam. Às vezes, precisavam de um material, alguma coisa didática para poder melhorar o conhecimento. Eu falo por experiência, porque as escolas de zona rural não recebem, não têm todas as tecnologias que as escolas daqui têm. Então, eu admiro demais o trabalho desses profissionais. Porque lá não eram só os professores. Bingo, doação para poder fazer bingo, para poder arrecadar dinheiro, para poder estar empregando melhorias, na compra de material didático... Assim, é um trabalho pelo qual a gente sabe que eles não recebem. Eles não são, não são remunerados por esse trabalho, pela organização de festas para poder arrecadar dinheiro, para poder melhorar alguma coisa lá para os alunos... Então, assim, eu sou apaixonada nessa cultura. Eles trabalham com amor.

[Áudio 29/41, duração: 1min 04s 478ms]

Pesquisadora: Nívia, a que você atribui essa vontade desses profissionais da Escola Professor Alberto de Moraes Holanda irem trabalhar com esse empenho, com essa alegria? Você até citou que a escola no campo, a escola rural, às vezes não recebe os mesmos benefícios da escola da cidade. E, mesmo assim, você cita esses profissionais como pessoas que vão trabalhar muito satisfeitos e contentes. E, às vezes, eles precisam até enfrentar um transporte e levantarem mais cedo. A que você atribui essa característica desses profissionais de irem trabalhar, assim, com todo esse empenho, essa dedicação na Escola Professor Alberto de Moraes Holanda? Você acha que isso é reflexo do trabalho que a escola faz?

[Áudio 30/41, duração: 5min 54s 938ms]

Entrevistada: Então, como eu já havia dito, o Renan foi alfabetizado muito novinho. Então, é muito difícil até hoje, é uma criança alfabetizada com quatro anos. É alfabetizado mesmo. O Renan, com quatro anos, eu comprava aquelas coletâneas de livrinhos de estorinha para ele, e ele lia as estorinhas dos livrinhos, ele lia sozinho. Às vezes, as pessoas até se assustavam. Não se assustavam tanto porque toda vida ele foi muito grande e as pessoas pensam, acham que ele sempre é mais velho do que realmente ele é. Mas, então, como sempre eu falo, nas escolas de zona rural, por ter menos alunos, eu acredito que um professor entra numa sala de aula, eu acho, assim, com um emocional até melhor. Porque, às vezes, as minhas dificuldades com o Renan nas escolas aqui da cidade... A gente percebe que se o professor também, se ele não tiver, assim, bem, ele não tiver condições, também, de aplicar uma aula eficaz, ou de dar conta de atender a todas as crianças... Então, é onde estavam as reclamações, porque imagine uma sala com vinte e cinco alunos, aí tinha alunos que, com certeza, eram bem desenvolvidos, com certeza tinha alunos que tinham algumas dificuldades, às vezes, formas muito diferenciadas de aprendizado, e tinha o Renan, o Renan perturbando. Isso que era, as reclamações sempre assim. O Renan, pelo que a gente percebia, perturbava, porque o Renan não ficava, não prendiam a atenção do Renan. As atividades não preenchiam aquele tempo, ele terminava muito rápido. Aí o professor já estava estressado, às vezes, esgotado, quando não reclamava. E quando eu matriculei o Renan na Escola Professor Alberto, já melhorou, já teve uma melhora muito grande, porque devido... Eu sou muito rigorosa com disciplina. Quando eu chegava nas escolas daqui, praticamente todos os dias tinha reclamação, porque o Renan não ficava quieto. Como uma criança que não está fazendo, absolutamente, nada fica quieta? Principalmente o meu! Porque eu não tinha muito contato com crianças, porque, na época, éramos só nós dois em casa. Eu não tenho a cultura de deixar meus filhos na casa de coleguinhas, de brincar na rua. Então, quando ele chegava na escolinha e que ele via os coleguinhas, ele queria brincar. Aí, como ele já sabia aquela atividade, terminava rapidinho e a escola virava uma brincadeira para ele. Mas aí, diante disso... o quê: atrapalhava a aula do professor. Aí o professor já estava estressado, já tinha que dar conta daquele tanto de alunos, já tinha que atender todas as diversidades de aprendizagem deles, então, foi muito difícil. Não foi fácil. Mas aí, quando ele foi para a escola de zona rural, como eu já... eu sempre falo, eram poucos, menos alunos, o professor tem condições de atender melhor, ele dá uma aula quase que especializada, ele tem condições de dar uma aula... em cima de cada tipo de aluno, porque conhece os alunos dele, ele tem condições de atender. Então, foi

muito bom para nós, porque... Aí, como eles já sabiam que o Renan é um aluno que era, assim, estava adiantado, e que não conseguia ficar quieto, porque ele foi muito agitado mesmo, ele não consegue, ele não conseguia ficar quieto. Então, eram mais atividades, eles tinham mais atividades, eram mais conteúdos. Então, dessa forma, foi muito bom. E agora, nesse ano, ele termina o colegial. Quando eu tirei, ele terminou os estudos lá da Escola Professor Alberto, não tinha quando ele fez o nono ano, na época não tinha o Ensino Médio, aí ele teve que ser matriculado aqui no colégio. E, por mais que seja o período da manhã, que é um período, assim, que é mais puxado, ele viu, assim, uma diferença muito grande, mas eu acredito que ele tem uma base muito boa. Vamos ver, vai prestar o vestibular no final do ano, no final do ano vamos ver. Mas eu não me arrependo de ter matriculado ele lá não. Para mim, foi muito bom.

[Áudio 31/41, duração: 26s 458ms]

Pesquisadora: Nívia, através dessa experiência que você teve do Renan na Escola Professor Alberto, o que você poderia nos dizer sobre o ensino que é oferecido nessa escola? Você teve alguma experiência marcante para você ou para o Renan no período em que ele estudou na escola?

[Áudio 32/41, duração: 11s 298ms]

Pesquisadora: Nívia, você vê alguma dificuldade no trajeto de Corumbaíba para a Escola Professor Alberto? Você acha difícil essa locomoção?

[Áudio 33/41, duração: 5min 19s 418ms]

Entrevistada: Não gostaria de generalizar todos os alunos. Mas, conforme eu já havia dito nas outras entrevistas, a cultura das famílias da zona rural, por mais que hoje a Internet chegou, hoje tem Internet em todos os lugares... A tecnologia chegou lá mas a cultura ainda é diferente. Os alunos da zona rural que moram nas fazendas são... não vou generalizar, não são todos os casos, mas ainda são crianças que ainda apresentam aquela educação ética ainda, de quando o professor falar, estar mais quieto, mais calado, ouvindo... Às vezes, coisas simples, que cativam... Termina o lanche, vai e lava seu prato, guarda seu prato... Então, eu não quero generalizar e falar que a cultura daqui, dos alunos daqui da cidade é... como a do outro. Mas

não são todos, as realidades são diferentes. Aqui, a gente sabe que tem muitas famílias desestruturadas, os casos de drogas são maiores, a violência domiciliar é maior. Então, eu acredito, assim, o que leva esses professores a trabalhar, às vezes, mais felizes nas escolas de zona rural: eu acredito que, assim, faz parte... é tudo, é um contexto, é um conjunto; alunos mais fáceis de lidar, crianças mais calmas, às vezes com menos problemas, menos agitadas, porque eles, geralmente muitos, têm que levantar muito cedo, acordam muito cedo. Então, querendo, ou não, eles estão um pouco cansados porque muitos têm um trajeto muito longo ainda... Então, primeiro, eu acredito que os alunos são mais calmos. A quantidade menor de alunos facilita a realização das aulas e a comunidade é mais empenhada. Eu não quero generalizar, mas as famílias, essas de zona rural ainda são aquelas famílias de colaboração, são aquelas famílias, assim, que mandam uma fruta do seu quintal para a escola, às vezes oferecem algum trabalho voluntário, (nas) reuniões de pais eles são bem mais participativos, os que não vão é porque não têm condições mesmo, mas os que têm sempre vão. Então, eu acho que diante disso aí, eu acho que é onde os professores têm condições de desenvolver, é onde a escola tem condições de estar fazendo um trabalho melhor, então o ambiente, sendo harmônico, ele cativa. Então, é diante disso aí é que os professores são cativados a estar disponibilizando até o seu tempo, porque esses trabalhos que eu falo, fora de hora, não são remunerados. E sempre a gente, que a gente participa das festas que eles fazem, estão todos alegres, todos trabalhando. E a gente sabe que é tudo voltado para melhorias dos nossos filhos. Então, eu acho que é isso aí que leva os professores, por mais que às vezes seja difícil... Porque a escola lá do Bálsamo é muito, um trajeto muito longo, tem que levantar cedo, e nem por isso os professores acham ruim ir para lá, porque eu já fui professora de lá, e, por mais que (tenham) pontes perigosas, morros perigosos, eu amava ir para a escola do Bálsamo, porque eu era extremamente apaixonada nos alunos de lá, as crianças eram, assim, nossa, muito carinhosas, muito respeitáveis, e eu acho que é isso o que cativa os professores.

[Áudio 34/41, duração: 5min 09s 018ms]

Entrevistada: Conforme eu já havia dito, o ensino é o mesmo, entre lá e as escolas daqui. A única diferença é a maneira de transmitir, de aplicar as aulas. Até porque, eu sempre falei, eu sempre defendi que não é que os professores de lá são melhores, até porque são os mesmos professores. Então, eu volto a bater na tecla que na Escola Professor Alberto é diferente a maneira de aplicar as aulas, devido a ter menos alunos e devido à comunidade ser diferente, e

vários fatores que cativam, que levam aquela escola a desenvolver melhor as suas funções. Então, a minha experiência positiva, até porque eu não tenho condições de falar, assim, que se o Renan hoje... ele, o ensino foi a contento, até porque ele tem só dezesseis anos, ele não prestou nenhum concurso, ele vai prestar vestibular agora, no final do ano, mas, assim, a minha experiência positiva foi que ele conseguiu levar as aulas dele no decorrer do ano, dos anos, porque foram vários anos lá, com maior tranquilidade. Devido a que: por não ter mais reclamações, porque, enquanto ele estava aqui, que eu estava passando pelo problema da adaptação dele, que ele não se adaptava às aulas, então as reclamações eram constantes e, assim, eu brigava muito com ele, eu cobrava muito dele. Então, eu acredito que isso, para ele também, não era muito fácil. Eu já tive problema, assim, até de ele implicar com alguns professores, e isso aí dificultou mais ainda, agravou mais ainda o problema, ainda, porque como ele, de tanto o professor reclamar de uma criança implicada, eu acho que ele, na aula... Eu falava para ele e mais feiúra ele fazia, para chamar atenção. E quando ele foi lá para a Escola Professor Alberto de Moraes, eu não tive mais esses problemas; a adaptação dele lá foi muito boa. Então, assim, eram menos alunos, era uma sala de aula mais harmônica, menos agitada, e era mais conteúdo. O professor que aplica uma aula para uma sala com oito alunos, dez alunos, tem condições de estar dando mais conteúdos, porque são menos dificuldades para ele atender. Por exemplo, uma sala de aula com vinte e cinco alunos, imagine, tem diversidades demais. Então, às vezes tem aquele aluno que tem condições de assimilar o conteúdo rapidinho e seguir, e já tem aquelas crianças que já têm uma dificuldade, às vezes, de aprendizado, não tem um acompanhamento de pais em casa, não se desenvolvem tão bem quanto os outros... Então, a minha experiência positiva na Escola Professor Alberto foi nesse aspecto. Por ele ser uma criança desenvolvida e agitada, ele não tinha a paciência de ficar aguardando; terminava rapidinho as atividades e ele ia conversar. Às vezes, ele queria que as outras crianças brincassem com ele e a hora que o professor descuidasse um pouquinho, ele fazia quase que as atividades da sala inteira, não, para poder brincar. E lá, não, lá eram menos alunos, o professor estava de olho em todos eles... Se - é como que lá era meio que, assim, uma família, que lá é uma família - viam que ele já estava ficando agitado, já tinha terminado, colocavam ele para poder ajudar, auxiliar... Então, para mim foi muito bom, a experiência com a escola foi muito boa. Agora, eu só vou saber dos resultados quando ele prestar o vestibular. Vamos ver.

[Áudio 35/41, duração: 27s 958ms]

Pesquisadora: Nívia, quais observações você faria sobre a Escola Professor Alberto? E como você definiria a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda? Para você, o que a escola significou para você, para sua família, para o Renan... Defina para a gente como é o seu olhar sobre a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda.

[Áudio 36/41, duração: 4min 37s 758ms]

Entrevistada: Então. O trajeto, no meu caso, eu não vejo dificuldade não. Graças a deus, nunca tive medo, porque a gente aqui é... Por ser uma cidade pequena, a gente conhece todos os motoristas, a gente sabe que são excelentes motoristas, e é um percurso que é todo asfaltado. Então, não tive dificuldade nenhuma porque é muito pertinho. Para ele, ele achava até bom porque era um passeio de ônibus, que criança adora. Mas, isso, no meu caso. Mas eu sei, a gente mora aqui no município, eu trabalho no município, e eu sei de muitos casos onde a realidade é bem diferente. São crianças que moram distante e, ainda, o município não consegue atender. Consegue atender, disponibiliza o transporte para todos os alunos, mas ainda tem muitas dificuldades que o município não consegue atender. Às vezes não tem condições de estar contratando vários motoristas, várias vans... Então tem muitas crianças que têm que levantar muito cedo, e eu tenho conhecimento, aqui no município, de criança que acorda três horas da manhã. Ele sai três horas da manhã para ir para a escola e chega em casa uma, duas horas da tarde. Então, com relação ao trajeto, na minha experiência com o Renan, eu não tive dificuldade, assim, não é um trajeto difícil. Mas na minha experiência como aluna, quando eu estudei no Areião, era muito difícil no começo, porque eu acordava quatro horas da manhã, nós caminhávamos seis quilômetros, uma parte do percurso era mata fechada, a gente atravessava córrego... e eu falo que quem protege criança é deus... nós já atravessamos córrego em época de chuva, cheio, e como que a gente nunca rodou, graças a deus... e a gente chegava no ponto às seis horas da manhã. Aí, gente, na época era um ônibus, na época a gente pegava era um ônibus, e a gente entrava nesse ônibus seis horas da manhã para a gente chegar no Areião quinze para as oito (7:45), quando o ônibus não quebrava. E quando o ônibus quebrava, a gente chegava atrasado. Então, assim, na minha experiência com o Renan na Escola Professor Alberto, por a gente morar em Corumbaíba, não tive dificuldade nenhuma, foi muito tranquilo. Mas a realidade não é (igual para) todas, não é a mesma para todos os alunos; tem muitos alunos que têm muita dificuldade ainda, e têm que acordar muito cedo. Eu, toda a vida, por eu trabalhar na Câmara, eu sempre falo para os vereadores que eu tinha muita vontade para que (isso se)

resolvesse, que era um sonho meu. Porque quando eu fui professora na escola lá do Bálamo, eu tinha um aluninho que ele dormia na minha aula. Um dia eu fiquei com muita dó, porque eu, morando na zona rural, eu sei da dificuldade, e teve um professor que não, assim, não achou muito certo, um dia até pediu para ele se retirar da aula, que não ia aceitar ele dormir, e na minha, ele dormia. Às vezes, quando eu via que ele estava cansado demais, eu fazia de conta que não estava vendo ele dando aquele cochilinho dele, e eu mandava para casa porque não é fácil. Eu sei que para muitas crianças ainda é muito difícil.

[Áudio 37/41, duração: 1min 31s 198ms]

Pesquisadora: Nívia, você acha que essa atenção diferenciada que o aluno da escola rural recebe, por ser menor o número de alunos e o professor ter essa condição de atender melhor suas especificidades, que isso, no caso do Renan, você acha que isso foi um fator que fez diferença? Isso se tornou um diferencial na vida escolar do Renan? Como é o seu olhar sobre essa questão? Essa questão de o professor estar mais próximo, ou até mesmo os alunos, por ser um grupo menor, terem uma proximidade maior... Você citou essa questão anteriormente, na fala anterior, sobre a questão de os professores, de todos os profissionais, que eles fazem um trabalho muito bom, um trabalho muito próximo, um trabalho de comunidade mesmo. Você acha que esse relacionamento próximo, relacionamento onde todo mundo trabalha em equipe, trabalha mais unido, trabalha um mais próximo do outro, isso... como isso funcionou para o Renan? Isso foi bom para ele? Você viu que isso trouxe benefícios para ele e para você, para a sua família, como um todo?

[Áudio 38/41, duração: 5min 01s 038ms]

Entrevistada: Certeza! Como eu estou batendo na tecla, como eu tive muita dificuldade (com a) adaptação (dele)... nas escolas daqui da cidade... e não foi só uma não, tive problema em todas. Foi, no Comezinho de Vida, eu tive problemas; matriculei ele no Ascendino, eu não consegui, eu tive que tirá-lo (de lá); no meio do ano eu peguei e passei para o Couto, o Couto foi onde conseguiu atender melhor, foi o Couto, mas, mesmo assim, as reclamações ainda... tinha bastante ainda reclamações por (conta da) adaptação. E, com certeza, porque quando o Renan foi, passou para a zona rural, ele deixou de ser aquele aluno... Porque aqui, nas reclamações, nunca é a escola. Geralmente é muito difícil a escola que admite: ‘Nós não

estamos preparados para atender o seu filho'. Eu ouvi isso de poucos professores e eu acho, eu acredito, que de uma única diretora, porque um dia ela me chamou para poder conversar e falou assim: 'Olha, mãe, infelizmente a professora e eu estou trazendo seu filho para a Secretaria, mas não é culpa dele e não é culpa sua. Na realidade, nós não temos condições de atender ao seu filho'. E quando ele foi para a escola de zona rural, já teve esse lado da... acalmou o Renan. Eu acredito que o professor, conhecendo melhor o seu aluno, tem condições de estar atendendo e até de, às vezes, parar e estar conversando. Porque lá, na realidade é mais do que uma família. Às vezes, quando ele começava a ficar agitado, eles chamavam ele num canto e: 'Não, Renan'. Iam, conversavam com ele, então, ele deixou de ser aquele aluno indisciplinado e passou a ser aquele aluno, assim... (que) levou mais para o lado da amizade. Os professores chegavam e falavam: 'Não, Renan'. Iam, e não tive mais problemas, porque eles cativaram o Renan. Então, eu acredito que foi positivo porque... Assim, com a questão da aprendizagem, eu nunca tive problemas, eu nunca tive preocupações, porque eu sempre falei para ele, e falei assim: 'Meu filho, ou você aprende lá na escola com os professores, ou você aprende aqui em casa com a mamãe'. Então, assim, eu nunca tive, assim, muita... Com relação a aprendizado, não era o meu problema; o meu problema sempre foi maior com a questão, assim, da adaptação (dele) mesmo. Então, quando ele deixou de ser aquele aluno que ficavam, na maioria das vezes, reclamando mais porque estava atrapalhando as aulas, e passou a ser um aluno, assim, que... lá já não tinha, assim, reclamações, porque eles tinham condições de atendê-lo antes de chegar em alguma coisa, assim, mais grave, de ter que chegar e ficar reclamando. Às vezes chamava num canto: 'Não, Renan, você não faz isso não', 'Vamos ajudar'... E chamava de 'tia', eu acho que ele chamava a maioria dos professores, até hoje, de 'tio'... Então, eu vejo que foi muito positivo. Porque, nós, seres humanos... Eu acredito que é mais fácil de conseguir as coisas conosco com um lado amável do que com um lado reclamando. Então, eu acho que isso aí levou o Renan a se acalmar na sala de aula. E eu acredito que, eu imagino que, até facilitou no aprendizado (dele), porque às vezes não deixavam chegar no ponto de ter que ficar brigando com ele; às vezes só dispersavam ou colocavam ele para ajudar, porque já tinha terminado, já tiravam ele e já convidavam para ajudar, ou ajudar um coleguinha... Então, eu, assim, a minha experiência foi muito boa e positiva. Eu vi, assim, uma diferença muito grande. Até na harmonização na nossa família, porque, como tinha muitas reclamações, a gente deixava ele muito de castigo, e às vezes brigava muito, brigava muito. Então, facilitou até para nós, assim, acalmou até para nós. Então, assim, para mim, é uma experiência que foi muito positiva.

[Áudio 39/41, duração: 48s 558ms]

Entrevistada: Meu olhar sobre a escola é positivo. Eu desejo que o município tivesse condições de ter, em todas as escolas do município, uma Escola Professor Alberto de Moraes, ou uma Escola Pedro Coelho, ou uma Escola Santa Terezinha. Porque seria bom para os professores, eles poderiam aplicar melhor as suas aulas, e seria maravilhoso para os alunos, que poderiam ter um aprendizado mais eficaz. Então, meu olhar sobre a escola é positivo.

[Áudio 40/41, duração: 47s 738ms]

Entrevistada: (Queria dizer) que é um sonho, é utópico, porque o aprendizado não depende, como eu sempre falo, eu sempre defendo, o aprendizado não depende só da escola. A escola é só um caminho, uma orientação. E, assim, se os pais não fizerem sua parte, se os alunos não fizerem sua parte, então não tem como ter um aprendizado satisfatório. Então, eu sei que é utópico, porque as realidades são diferentes. Mas sonhar é a única coisa pela qual ainda não se está pagando imposto.

[Áudio 41/41, duração: 56s 498ms]

Pesquisadora: Isso mesmo, Nívia, um sonho. Sonhar. Nívia, muito obrigada por suas palavras, suas contribuições, para a minha pesquisa. Foi maravilhoso poder falar com você, foi um privilégio mesmo, viu? Foi muito bom. Eu quero agradecer a você, agradecer a sua disposição, sua gentileza, em me atender e me responder de forma tão prestativa às minhas perguntas e esse momento de conhecer um pouquinho através do seu olhar, da sua perspectiva, e dos seus relatos, a história da Escola Professor Alberto. Muito obrigada, viu? Foi maravilhoso. Um grande abraço para você.

APÊNDICE B – Transcrição da Entrevista II

Corumbaíba, 20 de fevereiro de 2020

Pesquisadora: Milene Garcia Silva

Entrevistada: Janãine Daniela Pimentel Lino Carneiro

Local da Entrevista: Residência da entrevistada

Presentes: Milene (Pesquisadora), Janãine (Entrevistada).

Horário da Entrevista: HH:MM.

Duração Total do Áudio: 37min 47s 707.

Entrevistada: Vamos falar um pouco sobre mim então. Meu nome é Janãine, tenho trinta e seis anos, nasci no dia 2 de setembro de 1983, cidade natal de Goiandira, que é uma cidade próxima de onde eu morava, que era a única cidade que tinha um hospital, na época. Morava no município de Nova Aurora. Hoje, eu moro em Corumbaíba, trabalho em Corumbaíba e trabalho em Morrinhos também... atualmente estudo, sou aluna de doutorado da UFG, do IESA (Instituto de Estudos Sócio-Ambientais), sou casada e tenho dois filhos, tenho o João Daniel e a Estela. A Estela foi aluna da Escola Professor Alberto. Bom, sobre minha escolarização, atualmente estou cursando o doutorado, o tema de pesquisa é As Resistências Camponesas, Práticas de Resistência Camponesa, seja nos assentamentos com a policultura, com as organizações coletivas, cooperativas, associações, papel do sindicato... até a função, também, da Educação do Campo, das escolas rurais... a influência delas nesse processo de permanência e de reprodução social dos camponeses na terra no sul goiano. Eu já estudei em escola rural... estudei, fiz parte do Ensino Fundamental I numa escola rural, numa escola... era chamada de escola isolada. Essa escola até faz parte do histórico, da dinâmica histórica da Escola Professor Alberto, porque, aqui em Corumbaíba, até os anos 1980... até os anos 1990, início dos anos 1990, até, praticamente, 1993, 1994, todas as escolas rurais eram chamadas de escolas isoladas. Eram escolas que se localizavam nas fazendas, nas diferentes regiões do município... Muitas vezes algum fazendeiro, ou algum proprietário, que tinha filho em idade escolar, doava um terreno à própria comunidade, ou, outras vezes, à Prefeitura, e construía um prédio, dessa escola. Esse prédio era geralmente formado por uma sala de aula e uma cozinha, e tinha as casinhas, que eram as antigas privadas, duas, uma para os meninos e uma para as meninas. Basicamente, as estruturas das escolas eram essas. Claro que tinha outras que funcionavam nas

sedes das fazendas, eu conheço relatos de que dizem que algumas se localizavam até nos barracões de algumas propriedades, e tudo... No início da década de 1990, basicamente 1993, qual era a situação dessas escolas: várias, existe registro de mais de trinta escolas nesse... nesse formato no município de Corumbáiba. E aí, então, o atual prefeito, ouvindo as reivindicações da comunidade com relação à qualidade desse ensino, com relação às dificuldades, também, de manter essas escolas, dificuldade, principalmente com relação a conseguir professores. Por quê: porque a maioria dos professores vinha... das professoras, que nesse caso a gente tem, que eu sei, só uns dois ou três professores de que eu conheço registro, de homens, mas a maioria das professoras morava na cidade, e elas enfrentavam muitas dificuldades para chegar até essas escolas. Então, além da precariedade do prédio, da infraestrutura, ainda tinha o problema com a questão das condições de trabalho. Então, as professoras sofriam muito com isso, sem contar que elas eram professoras, faxineiras, merendeiras... As escolas funcionavam em regime multisseriado... Então, a professora era faxineira, ministrava aula do pré-escolar à quarta série e ainda era merendeira. Então, a professora era a responsável por tudo isso. Então, os questionamentos em torno desse modelo também estavam muito grandes. Então, o que eles optaram por fazer: eles optaram por construir as escolas polos. Até foi um modelo, que eu tenho conhecimento, que foi um pouco inspirado em Piracanjuba. Na nossa região aqui, o município de Piracanjuba foi um dos primeiros a implantar o modelo de escola polo.

Pesquisadora: Foi pioneiro.

Entrevistada: É. E aí, o município de Corumbáiba visitou essas instituições, essas escolas polo de Piracanjuba e aí, decidiram, então, implantar esse modelo para Corumbáiba. E aí surgiram as três escolas fora da sede do município que a gente tem hoje: a que é do povoado do Areião, da comunidade do Bálsamo e a do povoado da Ponte Quinca Mariano.

Pesquisadora: Que é a Escola Professor Alberto.

Entrevistada: Que é a Escola Professor Alberto. Então a Escola Professor Alberto surge a partir dessa proposta dessas escolas polo. A implantação do transporte escolar, que até então não tinha... Então (houve) a implantação do transporte escolar para que essas crianças, esses jovens, pudessem cursar não só de primeira à quarta série, como era antes nas escolas isoladas, mas que

tivessem também até o oitavo ano ou a segunda fase do Fundamental, porque naquela época tinha outro nome, mas a segunda fase do Fundamental, e no caso do Areião, até o Ensino Médio. Então, que pudesse oferecer esse nível de escolaridade maior para essas crianças e esses jovens. Então, ela surge a partir dessa proposta. E eu já estudei numa escola nesse formato.

Pesquisadora: Janãine, você acabou de dizer que você já estudou em uma escola nesse formato. Quando você foi matricular sua filha na Escola Professor Alberto, o que você priorizou? Quais as questões que levaram você a matricular um filho - por mais que seja uma escola próxima, mas há um deslocamento, e é um deslocamento para a zona rural. Então você acaba deixando de matricular sua filha em uma escola da cidade, que fica a poucos metros de casa para matricular em uma escola rural?

Entrevistada: Eu acho que três fatores, nesse caso. O primeiro fator seria a quantidade de alunos por sala. Nas escolas estaduais, no geral, e nas escolas municipais, nos grandes centros, existe uma média de alunos acima de trinta alunos por turma. Assim, qualquer sala de aula que você pegar aqui em Corumbáiba na rede estadual, que, no caso, tem lá do sexto ao nono (ano do Ensino Fundamental), você encontra esse número de alunos. Somado a isso, existe também um problema nas escolas da rede estadual em Goiás, que é com relação à disponibilidade de professores. Não é realidade só de Corumbáiba, por mais que eu saiba que isso aí é a nível de Estado, em quase todas, mas há uma falta de professores muito grande. Então, por exemplo, um professor está de licença médica, ou, por qualquer outro motivo, ele precisa ser afastado da sala de aula, não há uma contratação imediata de substitutos. Então, os dias letivos que muitas disciplinas ficam sem ser ministradas na rede estadual é muito alto. E, além disso, você ainda tem a questão de professores que são contratados e não são da área para atuar. No caso do município, a gente percebe que há uma preocupação em torno disso. Então, raramente, você tem a falta de um professor em sala de aula. Então, eu acredito que esses dois fatores, tanto do ponto de vista da quantidade de alunos por sala, primeiro fator, o segundo, a questão da presença e da qualidade dos professores que estão em sala de aula, é fundamental, e o terceiro fator é que eu já trabalhei na escola, então eu conheço a dinâmica do funcionamento da escola.

Pesquisadora: Da Escola Professor Alberto.

Entrevistada: É, da Escola Professor Alberto.

Pesquisadora: Como se deu esse encontro, esse conhecimento, com a escola? Foi através do seu trabalho?

Entrevistada: Sim. Eu trabalhei lá em... quando eu assumi o concurso, em 2002, eu fui trabalhar na Escola Professor Alberto como professora, de Geografia. Então, eu já atuei lá como professora. Então, eu conheço um pouco da dinâmica da escola, sobretudo essa diferença que há em relação à quantidade de alunos por turma. Isso aí é um fator muito importante, porque possibilita uma atenção maior, um cuidado maior, com relação ao aprendizado individual do aluno.

Pesquisadora: Você participa - participou, porque sua filha já não estuda mais na Escola Professor Alberto -, você já interagiu, participou de algum projeto da escola? Você via dificuldades em trabalhar com equipe, com os professores? Como era essa dinâmica? Como funcionava?

Entrevistada: Não. Dificuldade em trabalhar com os professores, não. Houve poucos projetos, a meu ver, ao longo do ano, em que foram contactados (os pais) ou foi solicitada a presença efetiva dos pais. Eu me lembro de um projeto, em específico, que foi um dia de lazer, de arte e lazer... Não me lembro do tema, do título exato do projeto. Mas a proposta era desenvolver várias atividades com os alunos, membros da comunidade, e os pais. Então foram ofertadas lá várias ações no que se refere à saúde, beleza, lazer, jogos, brincadeiras, entretenimento, apresentações... e aí nós fomos convidados a participar. Reuniões de pais, também, eu cheguei a participar, mas só.

Pesquisadora: Janãine, como é uma escola rural, você vê alguma diferença além do que você já colocou, que é o número de alunos em sala de aula, em relação à escola no município de Corumbáiba?

Entrevistada: Não; lá tem especificidades sim. Por quê: a Escola Professor Alberto se localiza na zona rural, mas o público dela não é um público de origem majoritariamente camponesa ou de origem de trabalhadores rurais, porque o povoado da Ponte Quinca Mariano é formado por pessoas vindas das cidades; em sua maioria, são crianças e jovens que vieram das periferias pobres das outras cidades. Então, eles vêm e os pais vão trabalhar como caseiros ou no comércio

local, e, aí, eles se instalam (no povoado) e se matriculam (na escola). Então, o perfil dos discentes lá não é um perfil majoritariamente oriundo do campo. Claro que tem aqueles que moram na zona rural, na região, ali, mas esses são minoria; os outros são de Corumbaíba mesmo que vão estudar lá. Então, lá há essa característica. Mas, justamente, por ser uma escola onde emprega os trabalhadores dos ranchos e os trabalhadores rurais, existe um índice de mobilidade muito grande; então, o tempo todo você recebe alunos e o tempo todo alunos vão embora. Então, há uma rotatividade muito grande da maioria dos alunos. Mas nas escolas na cidade, a gente identifica isso em uma proporção menor; então, isso aí é algo que difere também da dinâmica da cidade.

Pesquisadora: É interessante porque esse movimento talvez se tornaria uma dificuldade para a aplicação de um currículo, porque ali são muitos alunos de níveis de escolaridade diferente. Você acha que isso é um fator preocupante? Ou não, isso não afeta o desenvolvimento dos alunos?

Entrevistada: Eu acho que é um fator que se coloca como desafio para a escola, porque não adianta a escola negar esse fato, porque essa é uma característica inerente ao público que ela atende. Então, essa rotatividade dos alunos, esses alunos que vêm de diferentes regiões, diferentes Estados, que têm dinâmicas educacionais um pouco específicas... Então, isso aí acaba se colocando para a escola como um desafio, um desafio pedagógico, eu diria. Eu, enquanto professora, assumo que isso aí é um desafio pedagógico. E a escola precisa aprender a trabalhar com isso para que isso não se torne um fator prejudicial no que se refere à qualidade do ensino que é desenvolvido.

Pesquisadora: Janãine, você citou algo interessante: a rotatividade. A maioria dos alunos são alunos não camponeses, não (provenientes) do campo, mas das cidades. Foi um fator que chamou bastante a atenção da gente, ao início, porque há um número expressivo de alunos que saem de Corumbaíba para estudar na Escola Professor Alberto. E a gente tenta entender o porquê dessa fama, dessa escolha dessa escola rural.

Entrevistada: Eu acredito, apostaria, nos motivos que eu falei. Primeiro, a questão do quadro dos docentes, que são docentes qualificados, em sua maioria (são) efetivos, e isso aí faz com que haja uma sequência, faz com que haja um trabalho mais consolidado, do ponto de vista dos

docentes. A questão da quantidade de alunos por turma, então, por exemplo, quem tem oportunidade de estudar numa sala de aula que você tem quinze alunos por turma, e você vai estudar numa sala que tem quarenta?

Pesquisadora: Você acha que, de alguma forma, também...

Entrevistada: [intervenção] E aí, o transporte escolar é gratuito, o horário de funcionamento da escola, e a distância nem é tão longa, então o tempo de viagem é um tempo curto, então, acaba... tudo asfalto. Então, acaba não se tornando um empecilho.

Pesquisadora: Um empecilho... Houve, enquanto você era professora na Escola Professor Alberto, ou durante o tempo que sua filha era aluna, houve uma experiência que você poderia registrar, que fosse marcante, que fosse diferente? Ou que tocou você?

Entrevistada: Eu vou aqui pensando. Se você quiser perguntar outra, eu vou aqui pensando.

Pesquisadora: Como você vê essa escola, a Escola Professor Alberto, se você fosse nos dizer uma palavra para representar essa escola, uma palavra, qual palavra você utilizaria?

Entrevistada: Acho que é 'acolhida'. É uma escola que consegue acolher essa diversidade. Tem os desafios ali no cotidiano para conseguir lidar com toda essa diversidade, porque ela existe, mas a escola tem um compromisso em acolher. Então, há sim uma tentativa de acolher a comunidade, de estreitar os laços com a comunidade, embora ela seja uma comunidade dinâmica e em constante mudança, de chegadas e partidas, o tempo todo. Mas eu percebo que a escola tem um esforço de fazer essa interação.

Pesquisadora: E essa rotatividade, também, talvez acabe criando uma cultura na escola, da própria escola.

Entrevistada: Sim.

Pesquisadora: Na última reunião de professores que a gente teve, que a gente reuniu os professores, foi muito citada a palavra 'família'. E foi falado que, por conta da questão de ser

poucas crianças na sala de aula, há esse contato muito próximo. Então, os relacionamentos se estreitam muito.

Entrevistada: Isso.

Pesquisadora: Você acha isso relevante também?

Entrevistada: Eu acredito que sim. Porque a escola não precisa ser um ambiente frio, um ambiente, digamos, duro. Ela pode ser um ambiente acolhedor, pode ser um ambiente diverso, acho até que é interessante (que seja).

Pesquisadora: Janãine, você tem uma experiência vasta na educação, no chão mesmo da escola. Para você, o que é mais importante numa escola?

Entrevistada: Eu acho que o respeito e a valorização do conhecimento. Acho que a gente está vivendo um momento em que o conhecimento tem sido muito desvalorizado em todos os âmbitos. E a escola precisa valorizar esse conhecimento, precisa recuperar o respeito das pessoas pela educação, o respeito pelos professores e o respeito pelos alunos também. A gente está vivendo um momento de satanização dos professores e demonização das crianças, os alunos. Então, é aquela ideia de que, na escola pública, nada que nela é feito é bom, que a escola pública é ruim, que o espaço é precário... E esse discurso tem sido reproduzido muito fortemente na sociedade, tem sido reforçado nas mídias, e a gente está vivendo um momento em que o próprio Ministério da Educação vem reproduzindo isso, abertamente, e a sociedade tem aceitado muito isso, que a escola pública não é uma boa escola, porque estudam crianças pobres, e aí vem a questão da demonização dos discentes também, por quê: são filhos de pobres, filhos de pretos, filhos de mulheres solteiras, mães solteiras, de prostitutas, enfim. E aí não tem que ter uma preocupação com a qualidade do ensino que é desenvolvido nessas escolas. Isso é muito ruim, porque tem desvalorizado os alunos e tem precarizado ainda mais o trabalho dos professores. Isso aí tem feito com que a autoestima da escola, dos professores, a função social da escola, está sendo muito penosa para quem atua na escola. Quando a gente percebe uma escola que tem uma infraestrutura relativamente boa, como é o caso da Escola Professor Alberto, que tem um quadro de professores com boas formações acadêmicas, com boas

formações até em nível pessoal mesmo, isso fortalece bastante a relação desses professores com os alunos. E quando a comunidade está mais próxima da escola, ela tende a reconhecer melhor o valor que essa escola desempenha para ela. Então, é onde a gente percebe muito... Eu me lembro de que, quando eu trabalhei lá, a gente percebia muito a vontade que as mães, que os pais, tinham de ir até a escola. Então, o que a gente identifica: uma relação de proximidade, de pertencimento da comunidade à escola, de valorização dessa escola. Um exemplo disso é a luta que a comunidade teve - e tem - pela implantação do Ensino Médio.

Pesquisadora: Na Escola Professor Alberto?

Entrevistada: Na Escola Professor Alberto. Porque se a comunidade não reconhecesse a importância da escola no lugar, se a comunidade não valorizasse a existência dessa escola, não reconhecesse a qualidade do trabalho desempenhado, eles não iriam querer, por exemplo, que fosse implantado o Ensino Médio lá. O que eles iriam querer: ‘não, fecha essa escola logo e vamos levar nossos filhos para a cidade’. Então, o que a gente percebe: um movimento contrário, de pessoas que querem sair de Corumbáiba para estudar naquela escola. Então, quer dizer que é fruto de um trabalho consolidado da equipe, da escola, que é um conjunto de uma série de fatores: política pública do município, que foi construída para organizar essas escolas polo, depois, todo o processo de construção e de manutenção do prédio da escola, a formação do quadro de professores, professores efetivos, realização de concurso público para que isso se consolidasse de maneira mais qualificada...

Pesquisadora: Janãine, eu tenho observado que isso tem se tornado cultural em Corumbáiba. Essa questão da valorização das escolas rurais, ou no campo. Você tem algum conhecimento de que exista isso em outras comunidades próximas à nossa?

Entrevistada: Estou estudando sobre isso... O que a gente percebe: a maioria das escolas que a gente visita... Por exemplo, eu visitei, recentemente, uma escola em Piracanjuba. Escola Pedro Urbano... Escola Municipal Pedro Urbano. Fica na comunidade da Areia. E a diretora, eu perguntei a ela, nem foi entrevista, perguntei a ela: ‘Você acha que a comunidade valoriza a escola?’. Ela: ‘Valoriza muito não’. Falei: ‘Mesmo? Mas por quê?’. Ela, assim: ‘Eles não vêm muito na escola quando a gente faz reunião...’, enfim. Mas aí, depois, conversando com ela, não é porque o pai e a mãe não vão na reunião sobre os filhos que eles não se importem com a

escola, que eles não valorizem a escola. A questão é que o público atingido por essa escola, no caso, da comunidade da Areia, são basicamente trabalhadores rurais. O município de Piracanjuba, a principal atividade econômica lá é (em torno da produção de) leite. Então, a escola funciona pela manhã, os pais estão na ordenha. Então, se você marcar uma reunião de pais, dificilmente eles vão largar a lida na roça para ir participar da reunião de pais. Então, é um fator que precisa ser considerado. Depois, quando nós fomos andar pelo pátio da escola, a quadra de esportes, tinha sido a comunidade que tinha feito um mutirão e uma rifa, comprou o material e fez. A escola estava passando por uma pequena reforma porque o teto tinha desabado com a chuva intensa, que foi a comunidade quem doou. Ela falou que o dinheiro que ela tinha em caixa para comprar, se não me engano, uma máquina de *xerox*, tinha vindo da festa junina que a escola participou. E, depois, ela contou, em um dado momento, que houve uma tentativa da Prefeitura de fechamento da escola, e que a comunidade ameaçou ir para a rua e chamar a imprensa. Quer dizer, isso aí é o quê: luta em defesa da escola, é luta em defesa da escola. Então, o que acontece: se a comunidade não reconhece a importância da existência da escola, não reconhece a importância do trabalho que essa escola desenvolve, ela não defende.

Pesquisadora: De uma escola do campo!

Entrevistada: Da escola do campo, então, ela não defende. Então, trazendo para a questão (do povoado) da Ponte, o que eu percebo: há uma luta da comunidade para a implantação do Ensino Médio. Se a escola não fosse importante lá, se eles não valorizassem a existência dela, eles não queriam ampliação. Eles iriam defender o fechamento.

Pesquisadora: Verdade.

Entrevistada: E aí, iriam defender o fechamento. E outra: chegue um prefeito lá e fale que vai fechar a escola para você ver a briga que ele arruma.

Pesquisadora: Isso mesmo. Verdade. Janãine, para você, você conceituaria isso como um movimento social?

Entrevistada: Sim. Porque... o que a gente entende, e eu trago o pensamento do Ariovaldo Umbelino de Oliveira; o que ele vai dizer: que a luta pela terra no Brasil acontece de duas

formas: ela acontece pelo acesso à terra e ela acontece pela luta pela permanência na terra. No caso das escolas rurais, o que a gente percebe: uma luta que as comunidades rurais têm para manter as escolas funcionando naquela comunidade. Por quê: porque eles consideram a existência da escola algo importante. Muitos pais com quem a gente conversa não querem que os filhos vão para a escola na cidade, não querem que os filhos permaneçam horas e horas no transporte escolar, geralmente... Aí, vamos pensar as (escolas) de Corumbaíba. A questão da merenda, mas aí você falou da questão de movimento social. Pode não ser, Milene, um movimento social organizado enquanto movimento social. Por exemplo, você não vai ter lá MSL (Movimento Social de Luta), MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), MCP (Movimento Camponês Popular), enfim, não é. É a própria comunidade que entende que há um interesse, esse interesse não é individual mas é coletivo, então essas pessoas reivindicam de forma coletiva algo. Então, quer dizer, eles estão lutando para garantir algo que eles acreditam que seja bom para aquela comunidade. Então, é uma forma de luta, é uma forma de resistência, é uma forma de luta para que a escola continue. No caso da (escola da comunidade) da Ponte, mesmo que eles não sejam, em sua maioria, trabalhadores rurais, mas residem no campo, eles residem na zona rural. Embora lá seja um povoado, lá se configura como zona rural, e eles enxergam a importância de haver uma escola na comunidade. Aí já é um conceito de educação popular, de escola próxima às comunidades, que é importante também. Porque aí, o que vai acontecer: nessas escolas... Lá na Escola Professor Alberto, a própria organização da alimentação escolar é diferente: você tem um café da manhã e você tem um almoço. Por que tem o café da manhã e o almoço: porque o público lá não é um público que acaba de sair de casa e já chega na escola; é um público que viaja para chegar até a escola, então, ele toma o café da manhã, estuda, bem alimentado, aí depois ele se alimenta bem para retornar para casa. Isso é no (na comunidade do) Areião, isso é na (comunidade da) Ponte. Se fosse na escola da cidade, na escola da rede estadual, por exemplo, no caso, que era a série que a Estela fazia, a gente ia ter o quê: apenas um lanche à tarde, quer dizer, no meio do período escolar. Então, o que acontece: não é uma escola preparada ambientalmente para receber as crianças e os jovens que vêm do campo. No caso da Escola Professor Alberto, é uma escola preparada para receber essas crianças.

Pesquisadora: Então, apesar de ser o currículo utilizado nas escolas da cidade, tem essa diferenciação.

Entrevistada: É. Aí, o que eu percebo... Aí, vamos pensar. Por exemplo, teve um primeiro momento em que as escolas eram escolas isoladas, que havia queixas no que se refere à qualidade do ensino nas salas multisseriadas, infraestrutura precária, deficiente, más qualidades nas condições de trabalho, enfim, havia tudo isso. Então, essa queixa dessas comunidades é que houvesse uma educação de maior qualidade para os filhos. Então, a Prefeitura, naquele contexto, entendeu que a construção das escolas polo seria... seria melhor. Só que eu tenho... Eu fiz uma entrevista com a Secretária de Educação da época, que participou desse momento junto às comunidades, foi um momento difícil, segundo ela. Porque, para ela, para eles, também foi difícil convencer a comunidade de que era um projeto que poderia dar certo. Então, havia muita insegurança, o que é normal, também, que era algo em que as famílias não conheciam a dinâmica do funcionamento. E aí, então... Então mudou de escolas isoladas para escolas polo. Essas escolas rurais, a maioria delas - e aí as de Corumbaíba, a de Catalão, a de Piracanjuba, que eu visitei, a do município de Pontalina, as de Orizona, com exceção da EFAORI (Escola Família Agrícola de Orizona), que é a de família agrícola -, mas a maioria delas, praticamente todas elas, têm o mesmo currículo, os mesmos livros didáticos, a mesma estrutura de ensino que as escolas urbanas têm. Aí está a questão. São escolas que se localizam no campo, mas não são escolas que desenvolvem uma Educação do Campo. Então, existe essa diferenciação.

Pesquisadora: Não posso colocar essa nomenclatura. É 'no'.

Entrevistada: Não. É 'no'. Pelo menos, a partir dos autores que eu entendo. Porque, o que acontece: para se consolidar como uma educação, efetivamente, do campo, é preciso que a estrutura acadêmica da escola, as disciplinas, conteúdos, enfim, contemplem as variáveis e as particularidades do campo. E aí, isso ainda é algo que precisa ser construído. Então, existem elementos que a escola já consegue fazer; citei o exemplo da alimentação, você ter um funcionário, uma funcionária que chegue e acolha essas crianças enquanto elas aguardam o início da aula.

Pesquisadora: Então, já há uma diferenciação...

Entrevistada: Já há uma diferenciação, mas não na efetiva... mas não há toda uma diferenciação, porque eu entendo, também, que é um processo. Agora, existem uma morosidade e uma negação por parte dos Estados de consolidar essa Educação do Campo. E aí é um

entendimento meu também, de que há um projeto nessa sociedade, um projeto hegemônico da sociedade e do próprio Estado, de fechamento de todas essas escolas. Existe um projeto político em andamento, há muitos anos, de fechamento de todas essas escolas. Então, as escolas que permanecem abertas estão em uma luta constante para se manterem (vivas).

Pesquisadora: Resistindo.

Entrevistada: Resistindo.

Pesquisadora: E ganhando espaço.

Entrevistada: E ganhando espaço.

Pesquisadora: Você falou algo muito interessante. No início desse projeto, o projeto da escola do campo...

Entrevistada: (Escola) polo.

Pesquisadora: (Escola) polo, tinha toda uma preocupação e uma resistência por parte da comunidade, sobre se ia dar certo, ou não. E, hoje, pelo que a gente está vendo, é o contrário, eles não querem mais que essa escola seja fechada.

Entrevistada: Isso.

Pesquisadora: Então, no município de Corumbáiba, nessa região, então, já há esse movimento inverso.

Entrevistada: Sim.

Pesquisadora: Já é um novo momento?

Entrevistada: Sim, porque você tem um conflito constante nesse sentido, porque, ao mesmo tempo em que você tem todo um movimento histórico em Goiás, na nossa região, desde a

década de 1970, com a modernização da agricultura, onde foi colocado para nós que o importante era... o importante era a cidade, era a indústria, era o 'progresso', e que o campo era vazio, burro, atrasado, e, portanto, tudo o que existisse no campo tinha que ser modernizado, renovado, substituído. Então, o processo de modernização da agricultura, o agronegócio, isso aí, chega para nós, aqui em Goiás, muito forte; e começou a mudar, e muda até hoje, a maneira de pensar, de enxergar, das pessoas. Então, por exemplo, lá, 'Você vai querer que o seu filho fique estudando lá na roça?', 'Não, tem que estudar na cidade! A escola da cidade é mais bonita, a escola da cidade é muito melhor!'. Então, isso é um movimento muito perverso, de negação, de apagar realmente as nossas origens, que são do campo; as práticas, os saberes, os sabores do campo têm que ser anulados e têm que ser substituídos pelos da cidade. E aí, a educação entra nisso com muita força. 'Então, está bom. Vamos fechar essa escola, vamos pegar esses meninos e vamos levar para a cidade.'. Lá na cidade, o jeito de pensar, o jeito de... os conteúdos, a abordagem dos conteúdos, o jeito de se vestir, e de tudo o mais, é o urbano. Então há uma negação do campo como um espaço de vida e de saber. Então, essas crianças passam a estar na cidade. E a organização da escola urbana acaba sendo 'preparada' - porque a gente sabe que, mesmo elas estando na cidade, elas também têm uma série de problemas - para receber os meninos da cidade. Então, os meninos do campo... e aí, a gente tem relatos muito grandes, e, inclusive, eu já passei por isso, de vir da roça e estudar na cidade, de ser 'os meninos do pé sujo', 'os meninos da roça que sentam no fundo da sala de aula'... Quando a gente mexe com as memórias de escola, de quem vinha da roça, sabe que isso aí é muito presente. Os meninos que nunca podem participar de nenhum projeto na escola porque moram na roça, ou que não... enfim.

Pesquisadora: É uma série de fatores.

Entrevistada: É uma série de fatores. O menino que vem na Kombi já chega cansado, aí chega na escola e o lanche vai sair só lá pelas 10:00, e ele levantou e saiu de casa à 5:00... Então, a gente tem que pensar que tem criança dentro da sala de aula que está estudando com fome, cansada, com sono...

Pesquisadora: E é tão interessante sua reflexão, porque o que a gente está vendo: que não há uma dificuldade da criança da cidade em permanecer e estudar no campo; há uma acolhida, uma proximidade; e há uma dificuldade da zona rural em vir estudar na cidade.

Entrevistada: Isso. Aí, o que a gente percebe com todo esse movimento? Então, há todo esse movimento da sociedade voltado a que essas escolas se fechem. Porque não é só a escola, mas é um projeto de sociedade que prioriza o urbano, que prioriza o desenvolvimento capitalista urbano. O capital agrário fica em torno do agronegócio, enfim, é outra lógica. Então, há um interesse desse segmento da sociedade em negar a qualidade e a importância da escola de zona rural. Então, por exemplo, aí o que você vê: que, por outro lado, você percebe que a educação que é desempenhada no campo, mesmo não estando efetivamente, ou não tendo consolidado um projeto de Educação do Campo, que consegue, realmente, fazer essa interação entre as práticas do campo, o desenvolvimento da Ciência, conseguir desenvolver um projeto para que isso se misture, para que isso possa se hibridizar e possa realmente promover o desenvolvimento da comunidade rural ao mesmo tempo que garante a permanência dos jovens no campo... enfim. Então, isso aí é uma proposta, a gente conhece algumas experiências no Brasil que têm funcionado e outras não. Mas, mesmo não havendo isso de forma consolidada, eu entendo que a permanência e a existência da escola nessas comunidades tem sido um fator positivo porque prova, e comprova, para nós que é possível, sim, ter uma educação de qualidade no campo.

Pesquisadora: Formativa. Janãine, para a gente encerrar nossa conversa, para você, como mãe, como foi essa experiência de sua filha estudar na Escola Professor Alberto? Foi positivo para você? Foi bom para ela? Foi bom para o desenvolvimento dela, para a formação dela? Qual o relato que você nos dá?

Entrevistada: Eu acredito que sim, que foi uma experiência positiva. A Estela estudou lá durante dois anos, ao longo desses dois anos ela teve essa oportunidade de conviver com essas crianças vindas de todas essas áreas, de todas essas regiões, com as crianças vindas do campo, teve a oportunidade de conviver com uma equipe menor e, com isso, uma equipe mais próxima, que é o que você falou, que cria um vínculo maior. Então, eu vejo que isso são pontos positivos. Aí, com relação aos desafios, que eu falei a você que essa é uma realidade que se constitui como desafio para a gente, enquanto professor, ou para a equipe da escola, enfim, é realmente conseguir lidar com toda essa... esse ir e vir que tem a escola, com toda essa diversidade de público... Porque aí você tem, por exemplo, lá na escola, os meninos que vêm da periferia pobre, que vieram de Uberlândia, de cidades maiores, mas, ao mesmo tempo você tem, sim, o filho do trabalhador rural, que está lá. Mas toda escola também tem isso.

Pesquisadora: É a escola diversa.

Entrevistada: É a escola diversa. A sociedade é diversa e a escola é diversa, e as pessoas tendem a achar que não.

Pesquisadora: Janãine, foi muito boa a nossa conversa, a nossa entrevista. Quero agradecer muito a você, muito obrigada.

Entrevistada: Aí, depois, se tiver mais alguma coisa que você quiser perguntar...

[interrupção da gravação]

APÊNDICE C – Transcrição da Entrevista III

Corumbaíba, 18 de fevereiro de 2020.

Pesquisadora: Milene Garcia Silva.

Entrevistada: Ana Percília Lucas da Costa.

Local da Entrevista: Casa de Câmara Municipal de Corumbaíba.

Presentes: Milene (Pesquisadora), Ana (Entrevistada).

Horário da Entrevista: HH:MM.

Duração Total do Áudio: 24min 58s 407ms.

Pesquisadora: Ana, boa tarde.

Entrevistada: Boa tarde.

Pesquisadora: Nós queríamos conhecer um pouco sobre você, sua história. Nos diga sobre você, faça sua apresentação para a gente.

Entrevistada: Meu nome é Ana Percília Lucas da Costa, eu tenho trinta e um anos, sou nascida no dia 27 de maio de 1988, eu resido aqui na cidade de Corumbaíba, trabalho na Casa de Câmara Municipal, onde é uma biblioteca, sou casada, tenho três filhos, uma de dezesseis, um de onze e um bebê de um ano e sete meses. Tenho... tive duas crianças estudando lá na Ponte, a Ana Caroline estudou quase o primário inteiro, o (Ensino) Fundamental, concluiu... o José Wilson parou porque não tinha a série dele na época porque eram poucos alunos... trabalhei na Ponte, também, por uma época.

Pesquisadora: Você disse que reside aqui no município de Corumbaíba. Você nasceu aqui? É natural daqui mesmo, da cidade?

Entrevistada: Não. Eu vim para cá tem vinte anos...

Pesquisadora: Vinte anos.

Entrevistada: ... e eu sou nascida em Recife, Pernambuco. Morei em Caldas (Novas), morei em Água Limpa, e vim parar aqui.

Pesquisadora: Com a família.

Entrevistada: Com a família.

Pesquisadora: E o seu processo de escolarização, como aconteceu? Você iniciou aqui ou em Pernambuco mesmo?

Entrevistada: Não. Quando eu saí de Pernambuco, eu tinha três anos de idade. Então, meus estudos se iniciaram em Água Limpa. Eu tinha sete anos de idade. E, quando eu fui para Caldas (Novas), acho que, na quinta série... quinta, passando para a sexta... e quando nós viemos para cá - passei só um ano em Caldas (Novas) - no sétimo, já fiz o sétimo, oitavo, na época não tinha o nono... e parei no primeiro (ano do Ensino Médio).

Pesquisadora: E para você, que foi aluna, que já vivenciou a experiência de estar em muitas escolas, como você mesma colocou... Para você, Ana, o que é mais importante em uma escola?

Entrevistada: Bom. Eu acho que... dar segurança para o aluno, primeiramente. Porque, se o aluno não tem segurança, ele não tem nada. Porque... em Caldas (Novas), estudei em escolas muito perigosas, estudei no Colégio Caldas. Na época, era o tráfico, tinha muito lá, independente do horário da aula, se era de manhã, de tarde, ou de noite... era polícia entrando, era todo tipo de pessoa que... você convivia com aquilo, você ia, você não sabia se ia voltar com sua bicicleta para casa, como era... Então, era complicado. Eram quatro quilômetros para ir, quatro quilômetros para voltar, e todo dia a rotina. Tendo a bicicleta, ou não, você tinha que ir.

Pesquisadora: Era uma cidade violenta.

Entrevistada: Cidade violenta. Foi quando minha mãe resolveu que a gente tinha que vir para cá, porque lá não tinha futuro. Não tinha futuro. Não tinha como a gente continuar lá, porque o

bairro já era um bairro muito perigoso, porque... Aí ela decidiu: 'Não, vamos embora, porque lá é mais calmo'.

Pesquisadora: Então, para você, essa questão de Corumbáiba ser uma cidade pequena, mais pacata, interiorana, traz mais segurança.

Entrevistada: Mais segurança.

Pesquisadora: Isso é importante.

Entrevistada: É.

Pesquisadora: Ana, você iniciou, ao início da sua fala, dizendo que tem filhos, ou teve filhos na escola da Ponte, que é a Escola Professor Alberto.

Entrevistada: Isso.

Pesquisadora: Quantos filhos você matriculou na escola?

Entrevistada: Dois.

Pesquisadora: Dois. Durante quanto tempo?

Entrevistada: A Ana Caroline terminou o (Ensino) Fundamental. No ano passado, no ano retrasado, desculpe-me, ela se formou no nono e lá ainda não tinha o Ensino Médio. Então, fui obrigada a trazê-la. Esse ano tem o Ensino Médio, mas só o primeiro ano; no entanto, ela está no segundo, e não teve como, de novo, levar ela, de novo.

Pesquisadora: Para ela continuar.

Entrevistada: Isso. Agora, já o José Wilson, na época, ele estava cursando a quarta série e não ia ter, por falta de alunos, porque era muito pouquinho. Então, iriam unir duas salas, iriam unir o quarto e o quinto. Então as matérias iriam ficar um pouco diferentes, divergentes. Aí, eu

conversei com a secretária (da escola), e ela falou: ‘Não, é o que você achar melhor, se você quiser colocar, nós vamos colocar junto com os meninos da quinta série, se você achar melhor que não, não...’. Então, eu falei: ‘Deixa o professor sossegado na sala dele, que fica melhor’.

Pesquisadora: Corumbaíba, pelo que a gente conversou, em nosso primeiro encontro, e a gente tem observado, tem essa cultura muito rural. Os pais gostam de matricular seus filhos na escola rural. Diga para a gente como você conheceu a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda, e o que você sabe sobre a história dessa instituição.

Entrevistada: Bom. Eu a conheci quando eu morava na fazenda. Morei na fazenda durante sete anos. E aí, no caso, eu tive que colocar, porque não tinha a opção de eu mandar para a cidade. E, como a fama já era tão boa, nem procurei saber se tinha mesmo como vir para cidade, e aí eu comecei a conhecer. Aí, no caso, eu só tinha a Ana Caroline, que estudava, na época, a diferença deles é de quatro anos, então, quando o José nasceu, a Ana Caroline começou a estudar. Então, foi uma época difícil. Só que os professores lá facilitaram minha vida, porque além de dar o ensino, eles acolhiam. Então, quando era preciso, vamos supor que o José Wilson estava doente e eu precisava ir ao médico, eles colocavam a Caroline no ônibus para mim, eu arrumava um jeito, de moto, carona, qualquer forma, e eles levavam a Caroline para mim com a maior segurança dentro do ônibus, e deixavam na (casa da) minha mãe. Eles tinham esse cuidado de deixá-la na casa da minha mãe, saber que ela estava bem cuidada. Então, já veio aí uma facilidade. E o aprendizado lá, também, não (vamos) falar mal da aprendizagem de outros lugares, mas como é menos (a quantidade) alunos, a qualidade aumenta, porque o professor tem mais tempo de ir na cadeira de um, explicar para outro, às vezes ver que a criança naquele dia não está feliz, ele senta, pergunta, sabe? E, depois, quando eu vim embora para a cidade, ela continuou estudando lá, e eu fui para lá para trabalhar. Então, aí eu comecei a trabalhar lá como merendeira. Aí, (isso) facilitou também. Só que, aí, quando mudou o mandato (da época), eu voltei para cá, para poder trabalhar aqui, fui para a cantina, e continuei deixando eles lá. Então, eles iam todo dia e voltavam. Eles saíram de lá porque não tinham como continuar mesmo.

Pesquisadora: Você citou uma série de benefícios da escola. Quando você decidiu matricular seus filhos na Escola Professor Alberto, houve um motivo principal? Houve algo que chamou sua atenção e você pensou: ‘é nessa escola que quero que meus filhos estudem’?

Entrevistada: Eu matriculei, no caso, porque eu estava na fazenda e tinha que matricular. Mas a fama da escola já era uma fama boa. Porque, no caso, o pai do José Wilson, o meu filho do meio, já tinha estudado lá. Então, a gente já tinha um contato de lá, de como era lá, sabe? Então, isso facilitou. Porque... você colocar sua criança onde você sabe que alguém que você confia já esteve é bem melhor. Você sabe que vai ser bem cuidada.

Pesquisadora: E você já tinha uma certa familiaridade com essa escola.

Entrevistada: Isso.

Pesquisadora: E como é essa questão com a escola? Você visita, ou vocês visitam, com frequência a Escola Professor Alberto?

Entrevistada: Eu...

Pesquisadora: Ou visitaram, na época que vocês estudaram?

Entrevistada: Não. Sempre que era pedido aos pais para ir, eles não colocavam muito assim, de falar: ‘não, vocês têm que vir’. Porque a vida de quem mora na fazenda não é uma vida que ‘não, não vou hoje’, e (está bem). Tem os deveres a serem cumpridos. Então, quando tinha uma necessidade maior, quando eles chegavam a mandar algum recado, eu falava: ‘não, tem que ir; porque, se eles tão chamando é porque aconteceu alguma coisa’. Mas a maioria das vezes, não. Era alguma comemoração, é alguma coisa que os alunos fizeram, que iriam apresentar para a gente, e a gente não podia deixar de ir ver, não tinha como.

Pesquisadora: Pelo que você disse, quando você matriculou seus filhos, você morava na fazenda.

Entrevistada: Isso.

Pesquisadora: Depois, você veio para Corumbáiba.

Entrevistada: Foi.

Pesquisadora: E eles permaneceram lá.

Entrevistada: E eles permaneceram lá.

Pesquisadora: Você vê alguma dificuldade no trajeto? Porque, às vezes, seus filhos deixam de estudar em escolas perto deles, na cidade, para ir para a zona rural. Há dificuldade para você? Você vê algum risco, algum perigo, ou alguma dificuldade nesse trajeto?

Entrevistada: Perigo tem, porque colocar em um ônibus não tem como... Mas o motorista passa uma serenidade para a gente. O motorista não é aquele motorista que vai, correndo, acelerando, com pressa, não. Ele é um motorista que, se precisar parar no meio do caminho, para atender a qualquer pessoa, ele vai parar. Então, são... é uma família, sabe? Junta todos e vira uma família; então, não tem com o que se preocupar. Tem o perigo de outro motorista, mas o nosso, não.

Pesquisadora: Então, mesmo assim, com o perigo com o transporte, você ainda acha que vale a pena...

Entrevistada: Vale.

Pesquisadora: ... o deslocamento.

Entrevistada: Vale, e vale muito.

Pesquisadora: Por quê?

Entrevistada: É como eu falei: o ensino. Eles passam a mesma matéria no colégio, mas o jeito de explicar, a criança pega mais fácil. Pega mais fácil porque a professora está ali, pertinho, então... E várias vezes, também, às vezes a gente está em casa, e eles mandavam mensagem para o professor: ‘professor, não entendi isso, como é que faz isso?’. O professor, na maior prontidão do mundo, atendia, e às vezes até ligava, para poder explicar.

Pesquisadora: Mesmo fora do horário?

Entrevistada: Mesmo fora do horário. A Caroline teve um professor lá, na época chamado Edinaldo, dava aula de Matemática. E Matemática não era o forte dela. Então, o que ela fazia: mandava mensagem para esse professor, perguntava... Ocorreu de esse professor fazer vídeo para ela, explicando como era para fazer. Então, não acha fácil, porque, não que os professores sejam ruins, porque são, bem dizer, os mesmos professores. Só que lá eles têm um tempo maior para cada aluno. Aqui eles não têm, porque uma sala com trinta e cinco, quarenta alunos, como que eles vão ter?

Pesquisadora: Seria um ensino personalizado?

Entrevistada: Isso. Isso.

Pesquisadora: E seus filhos, o que eles dizem? Eles gostam de estudar na Escola Professor Alberto?

Entrevistada: Bom, eles são doidos para voltar, mas... não tem jeito mais, porque, agora, do Ensino Médio, colocou o primeiro ano, acho que no ano que vem põe o segundo, e no ano que vem a Ana Caroline já termina. Talvez eu consiga que o José volte, se já estiver disponível a sala dele. Mas esse ano eu fui, de novo, como todo ano eu vou, já faz dois anos que eu vou lá e ‘não, ainda não tem’. E aí, se tiver uma oportunidade, é para lá que ele vai. E a minha mais nova, a bebezinha, quando ela estiver na idade do primário, do (Ensino) Fundamental, é para lá que eu vou mandar. Tendo a vaga, ela vai para lá.

Pesquisadora: Então é uma escola que ficou marcada na vida de vocês.

Entrevistada: Marcada, ficou marcada.

Pesquisadora: Existe, Ana, alguma diferenciação entre as escolas de Corumbaíba e a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda?

Entrevistada: Existe. Até os alunos, o jeito dos alunos. Os alunos da Quinca Mariano são humildes, são meninos que respeitam você. Aqui, não. Aqui, dependendo do lugar que você está, o aluno te perturba, o aluno faz graça com você e sai para rir com os amigos. Eu falo isso

porque eu já trabalhei lá e já trabalhei aqui. Então, é totalmente diferente. E os alunos, também, que saem da fazenda para vir estudar aqui, são diferentes também. Quando eles chegam aqui, eles custam a se adaptar. Não... Quase que não bate. Aí, tem essa diferença sim. Eles são mais cuidadosos com a gente, eles têm o cuidado de ver que você está quieta num canto, lá na Ponte, e chegar em você e perguntar: ‘tia, que que foi, que que tá acontecendo?’. Eles têm esse cuidado. Para você ver, teve um caso, uma vez, que eu cortei meu cabelo bem curtinho, bem curtinho, quase raspei minha cabeça, estava em transição o meu cabelo. Aí, cheguei lá, estava tendo uma festinha no rancho, que era festa de formatura, a hora que eu cheguei com a cabeça cortada, eles se desorientaram, falaram: ‘tia, você tá doente, que que tá acontecendo?’. Falei: ‘não, só cortei mesmo.’. Mas você precisa ver.

Pesquisadora: É, como... São experiências.

Entrevistada: São experiências.

Pesquisadora: Houve... Você está falando agora sobre experiências, algo que aconteceu com você, foi tão (bom) que eles notaram. Houve, além dessa, alguma experiência marcante para você, que aconteceu na escola, ou com o seu filho na Escola Professor Alberto?

Entrevistada: Bom, existem muitas. Assim... a Ana Caroline, quando ela estava estudando aqui, não tinha... ela tinha muita vergonha, muita vergonha. Se precisasse de ela ir no quadro, fazer qualquer tarefa, ela perdia a nota, mas ela não ia, não conversava, ela não ria para quase ninguém... Então, apresentação, nunca. Então, teve um dia que ia ter uma apresentação para o Dia das Mães, e mandaram o bilhetinho para a fazenda, aí eu falei: ‘vou, mas vou ver nada não’. Ela fez uma apresentação na frente de todo mundo perfeitamente, como se não fosse aquela pessoa, sabe, como se fosse totalmente diferente. Então, ali, ela conseguiu se soltar, se mostrar. Até hoje, ela não está tendo essa intimidade, sabe, ela não tem mais isso no colégio. Ela conseguiu se soltar para ir para a frente, porque, até então, no caso, até na psicóloga ela tinha passado, para poder ver se ela se soltava, se ela conversava, se ela reagia. Ela não conseguia ir no quadro, nada.

Pesquisadora: Ela conseguiu romper uma barreira dela mesmo dentro da escola.

Entrevistada: Romper uma barreira dela mesmo dentro da escola.

Pesquisadora: Você acha que a escola, o lugar, o ambiente, as pessoas que estão envolvidas ali têm esse poder para ajudar, para fazer com que, de alguma forma, esse aluno consiga enfrentar essas dificuldades, romper esses limites? Você acha que a escola influencia nesse sentido?

Entrevistada: Influencia. A escola ajuda muito. E, no entanto, também, os professores também, porque a comunidade da Ponte Quinca Mariano é uma comunidade pobre. A maioria dos alunos da zona rural, mesmo os que vão da cidade, a maioria são os alunos pobres. Então, além do estudo, da educação, eles ajudam a gente também a educar a criança, não só fazem o papel da educação, mas também fazem o papel de pais, também, quando precisa brigar, quando precisa conversar, e eles também ajudam, vamos supor... Lá existia um bazar, não sei se ainda existe, onde nesse bazar, os professores, os funcionários, alguém da comunidade, eles doavam roupas de criança. Então, montava uma salinha de bazar, e aí, o que acontecia: vendia essas roupas super baratinho para poder ajudar as crianças a ter o que vestir, a ter o que calçar, era coisa de dez centavos, cinquenta centavos, no máximo, um real. E eles faziam esse bazar. Com esse bazar, eles ajudavam as crianças a se vestir e o dinheiro do lucro ia para a turma do nono ano fazer a formatura.

Pesquisadora: Interessante.

Entrevistada: Então, era um projeto muito bom que eles tinham lá. E sem falar, também, nos professores. Os professores eram... Teve um caso de uma professora chamada Renata. Ela dava aula lá não sei se... não lembro se era primeira série, alguma coisa assim, e tinha um aluno que morava na fazenda, e a gente passava de ônibus. Quando ele morava na beira da rodovia, ele pegava o ônibus com a gente. E esse menino reclamando, os coleguinhas dele, todos, tinham bicicleta, ele não tinha bicicleta, e o assunto vai e o assunto vem, e ele contou dentro da sala de aula e a professora escutou. Quando foi no último dia de aula, ela foi de carro, com uma bicicleta amarrada. Comprou uma bicicleta e deu para o aluno.

Pesquisadora: Olha que lindo!

Entrevistada: Então, não é em qualquer lugar que se faz isso. Onde um professor compra uma bicicleta e dá para um aluno?

Pesquisadora: Então, esse trabalho desempenhado pelos docentes é um trabalho, também, social.

Entrevistada: É, querendo ou não.

Pesquisadora: É um trabalho social.

Entrevistada: É um trabalho social mas que...

Pesquisadora: Pela escola em geral.

Entrevistada: Só pela escola ali, porque não tem de onde sair. Eles mesmos fazem.

Pesquisadora: Então, esse relacionamento, essa interação, você tocou, agora, nesse sentido social. É a escola que chama a responsabilidade também para os aspectos sociais das crianças...

Entrevistada: É.

Pesquisadora: Legal.

Entrevistada: Tem projeto social também... Muitas vezes, a gente queria fazer alguma coisa, alguma festinha, alguma comemoração, e não vinha verba, juntavam os professores: ‘não, vamos fazer um bolo para Fulano, para Siclano’. Então, a gente tinha aquele cuidado de fazer para eles. Às vezes, chegava aluno lá e falava: ‘nossa, tia, tô com vontade de comer isso’. Sabe? Era uma coisa que não tinha como você negar. Talvez não tinha lá na cozinha, mas a gente ia se juntar e ia fazer aquilo.

Pesquisadora: Ana, você como mãe, você teve três filhos, que você disse. Você citou muitas características que me parecem que não são mais presentes na escola.

Entrevistada: Não.

Pesquisadora: E que você encontrou na Escola Professor Alberto de Moraes Holanda. Se você precisasse definir esse trabalho que a Escola Professor Alberto realiza, como você o definiria?

Entrevistada: Bom. A Escola Professor Alberto é uma família. É uma família onde desde se a criança até se os pais estiverem passando por qualquer coisa, eles estão lá para apoiar.

Pesquisadora: Entendo.

Entrevistada: Então, é família. Um conhece o outro, talvez a turma não é a mesma, mas sempre fica um lá para ensinar para o outro como é. Então, sempre fica aquele círculo, nunca acaba.

Pesquisadora: Você disse que trabalhou na Escola Professor Alberto, você foi merendeira lá.

Entrevistada: Isso.

Pesquisadora: Então, você conhece essa participação dos professores...

Entrevistada: É, dos alunos, de tudo.

Pesquisadora: ... dos alunos, dos profissionais da Educação. Como você vê essa interação? Era um relacionamento bom? Como era quando você trabalhou lá, entre vocês, esse trabalho em equipe também com os alunos?

Entrevistada: Era bom. Era bom. Quando algum professor precisava sair porque ia ter alguma reunião, o primeiro que estivesse (perto) ia tomar conta da sala de aula. E não precisava pensar que, se fosse a merendeira, ou a diretora, ou a que trabalhava na faxina, ou qualquer pessoa, que eles iriam tratar diferente; qualquer um que estivesse ali dentro seria tratado da mesma forma. Para eles, não tinha esse 'trem' de falar: 'ah, a professora pode isso, a merendeira não pode aquilo'. Tanto, que nos dois anos que eu trabalhei lá, ao final do ano todos os do nono ano me davam camiseta de formatura com meu nome.

Pesquisadora: Interessante e marcante.

Entrevistada: Então, eu tenho as duas camisetas, para você ver, não era uma coisa que eles eram obrigados a me dar. Mas é uma coisa que eles tiravam do bazar, que eles faziam um bazar beneficente, vendiam balinha, essas coisas... e eles tiravam do bolso deles e me davam camiseta todo ano. Então, tem as duas camisetas guardadas lá em casa, 'tia Aparecida'.

Pesquisadora: Olha que interessante.

Entrevistada: Então, o tratamento era igual. Eles não viam diferença.

Pesquisadora: Você citou muito... Aliás, você citou a palavra 'família'. É isso o que a escola representa para você? 'Família'?

Entrevistada: É isso.

Pesquisadora: Quais as prioridades, Ana, que você enxerga numa escola e que você acha que uma escola, para ser produtiva, para ser uma boa escola, precisa ter? O que é mais importante para você? A Escola Professor Alberto tem essas características?

Entrevistada: Tem. Primeiro, ela tem que conseguir entender o aluno. Ela tem que entender o aluno para ver por onde ela vai começar. Porque não adianta chegar dentro de uma sala de aula, dar uma matéria, explicar, se não se sabe o que está se passando com o aluno. Talvez o aluno chega, não se alimentou direito, teve alguma discussão em casa, qualquer coisa... Nos outros lugares, professor nenhum vai se incomodar com isso, (ou) vai perguntar: 'Que que tá acontecendo?', 'Tá acontecendo isso e isso'. Não; eles simplesmente vão chegar, vão passar a matéria: quer entender, entende; não quer... Na Escola Professor Alberto não. Eles têm o cuidado de chegar lá e ver: 'Que que tá acontecendo?', 'Você se alimentou?', 'Você tá bem em casa?', 'Por que que não tá sendo produtivo nosso dia?'. Eles têm isso, de saber. Em outro local, não, não tem. A Caroline, no local onde ela está, hoje em dia, o professor chega e fala: 'Se quiser, faz; se não quiser, não faz. Eu tô aqui pra passar'. Então, na Escola Professor Alberto não tem isso.

Pesquisadora: Seria para além de um trabalho (apenas) educativo; seria um trabalho humano também.

Entrevistada: Isso.

Pesquisadora: De conhecimento humano.

Entrevistada: Isso.

Pesquisadora: Muito legal. Então, Ana, eu vou fazer mais uma... Eu gostaria de fazer mais uma pergunta para você. Como você define a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda?

Entrevistada: Escola Professor Alberto... Bom, a definição dela, é até difícil achar uma palavra certa, porque é tudo. É tudo. É um começo, é um meio, é um fim...

Pesquisadora: Quais os impactos que a escola trouxe para a sua família, para a vida dos seus filhos?

Entrevistada: Só positivos. Só teve impacto positivo. Não vou falar assim: 'Ah, uma escola perfeita, não teve nada de errado'. Sempre tem. Só que os benefícios foram bem maiores do que o que aconteceu de errado, se tiver acontecido alguma coisa de errado, porque, eu, no momento, nem me lembro de se aconteceu. Mas tem que ter acontecido, porque não tem como. Mas é uma coisa da qual ficou na memória só o lado bom. É a mesma coisa de você se lembrar de mãe: você não se lembra do lado ruim.

Pesquisadora: Legal.

Entrevistada: Você só se lembra do lado bom, sabe? Não tem defeito... É isso.

Pesquisadora: É o que sobressai.

Entrevistada: É.

Pesquisadora: Ana, foi um prazer.

Entrevistada: Que isso! [risos]

Pesquisadora: Muito obrigada, que deus abençoe você...

Entrevistada: Precisando...

Pesquisadora: Está bem.

[interrupção na gravação]

APÊNDICE D – Transcrição da Entrevista IV

Corumbaíba, 21 de fevereiro de 2020.

Pesquisadora: Milene Garcia Silva.

Entrevistados: Anésio Araújo de Castro e Elcinéia Guimarães da Silva Castro

Local da Entrevista: Residência dos entrevistados.

Presentes: Milene (Pesquisadora), Anésio(entrevistado) e Elcinéia (entrevistada).

Horário da Entrevista: HH:MM.

Duração Total do Áudio: 1h 00min 53s 219ms.

Anésio: Bom, eu sou o Anésio, tenho sessenta e um anos de idade e moro aqui em Corumbaíba há vinte e um anos. E foi aqui que eu estudei no Ensino Médio... É no Médio? Médio? Depois de trinta anos parado da escola. E hoje eu estou aí, sou funcionário público municipal e, como sempre, trabalhando na área escolar, transporte escolar.

Elcinéia: Eu sou Elcinéia, moro aqui também praticamente a vida toda, sou nascida e criada aqui... Tenho cinquenta e um anos e também trabalho na área de Educação. Hoje eu trabalho na zona rural.

Pesquisadora: Para vocês, o que é mais importante numa escola?

Elcinéia: Eu acho que é, praticamente, o domínio... domínio da escola, dos estudantes, porque hoje está muito difícil. Os alunos não estão querendo saber de nada. Então, se não tiver domínio sobre os alunos, eu acho que o aprendizado não vem. Difícil. Então eu acho mais importante isso aí, ter uma... um certo controle sobre o aluno.

Anésio: Eu acho que, quase a mesma forma, mas... Eu acho que o mais importante numa escola, o que tem que ter numa escola, é a convivência. A convivência entre funcionários, professores e alunos. Se não manter essa convivência num nível gostoso, um nível normal, vira tudo mecânico, e no final, acaba que vira nada.

Pesquisadora: Como vocês conheceram a Escola Professor Alberto? Falem um pouquinho para a gente da história que vocês sabem sobre ela.

Elcinéia: Bom, a gente... Eu conheci assim: é como eu falei, eu moro aqui há tanto tempo e nunca tinha ido, sabe? Mas aí, à medida que a minha menina não se adaptou em um colégio, no meio do ano ela foi estudar lá. Eu consegui uma vaga lá... porque a fama da escola era muito boa, sabe, então... dizem que muita gente queria estudar lá, mas aí, no entanto, as vagas estavam realmente (reservadas) para (estudantes da) zona rural. Mas como eu tive o problema de a minha menina não se adaptar na escola, eu consegui essa vaga lá. Isso... Agora ela está no primeiro ano do colegial (Ensino Médio) e ela foi para lá no sexto ano (Ensino Fundamental). No meio do ano, do sexto ano. Então, eu fui lá uma vez para levá-la, porque ela tinha ficado para fazer alguns exames, e fui lá levá-la, vi a escola e gostei. Aí quando foi no ano seguinte, eu fui para lá para trabalhar. Então... a gente só ouvia falar bem, sabe, dessa escola e, inclusive, das outras também, da zona rural, (quanto a) comportamento de alunos, de amizade, professor, (relação entre) professor e aluno, esse tipo de coisa, sabe, relacionamento, assim, entre a equipe.

Anésio: E eu conheci a escola assim: como eu sou funcionário... Aliás, nós somos funcionários públicos municipais, conhecemos através do trabalho mesmo, da assistência lá na escola, e tal. Aí depois, três anos atrás, eu fui transferido para trabalhar como motorista nessa escola. Aí que eu a conheci. E a minha filha já está, a minha esposa foi junto também, aí nós... hoje é a família inteira lá.

Pesquisadora: E o senhor, que faz esse trajeto... que leva essas crianças do município de Corumbáiba para a Escola Professor Alberto, quais características o senhor notou na condução, no trajeto e no período em que o senhor esteve envolvido com essas crianças, com a escola?

Anésio: Eu, na realidade, eu não transporto menino da zona rural. Na verdade eu transporto menino da zona urbana para zona rural.

Pesquisadora: Isso.

Anésio: E...

Elcinéia: E os funcionários.

Anésio: E os funcionários, professores, tudo. É esse o transporte. É... Mas a gente... nota, sobre alunos, a gente nota, assim, a carência, a carência dos meninos da zona urbana que se transferem para a escola procurando isso, procurando um melhor aprendizado, uma melhor convivência... Então, é... parece que é... parece que correm meio que contra o tempo, contra a verdade, porque geralmente os meninos da zona rural que deveriam vir para a zona (urbana), para a zona urbana estudar.

Pesquisadora: Isso.

Anésio: E está acontecendo o contrário.

Pesquisadora: Um deslocamento inverso.

Anésio: Um deslocamento inverso da... da escola e do aluno.

Pesquisadora: Desde nosso primeiro encontro, a nossa primeira conversa, a gente tem percebido, a Elcinéia até falou de novo, agora, essa fama da escola. Que a escola se tornou uma escola famosa, pelo modo como ensina, e por diversas outras causas. Mas, para vocês, como pais, como vocês veem essa questão? Que fama é essa? Por que é atribuída essa fama à Escola Professor Alberto?

Anésio: Eu vejo a fama da escola... Eu vejo a fama dela... como se diz, sentindo na pele. Porque a minha filha estuda lá e se desenvolveu. Ela se desenvolveu lá. Por que se desenvolveu: porque se sentiu bem, se sentiu à vontade para se desenvolver... e outra: talvez pelo menor número de alunos por sala, fica mais fácil o contato entre professor e aluno, e aí distribui também o melhor contato entre o resto dos funcionários. Aí vira todo mundo 'tio' e pronto, e acabou, e vai... e vai tocando como se fossem pais e filhos.

Elcinéia: É, vira uma família, sabe... o que a gente fala de fama é porque, inclusive, antes de a gente ir para lá, o tempo que eu comecei a perceber e ouvi falar 'não, lá é muito bom', e os alunos que vão para lá... têm, têm mais... autodomínio, porque... não desfazendo de escola nenhuma, mas, as escolas hoje na cidade estão muito... em uma lotação tremenda, e na zona rural não. Então, uma sala de aula em que, vamos supor aí, há onze alunos, então, é uma sala

de aula tranquila, então o professor... é... sobra tempo até para conversar sobre a vida do aluno, tem o contato entre... funcionário, professor e pais de alunos... Acaba que os funcionários tomam, assim, as dores, sabe, daquele aluno, a dor do colega, porque, na verdade, eles têm mais contato entre si. Então tem esse tempo; por ser menos alunos, há esse tempo. Então, pode sim ter uma certa amizade, principalmente assim, que começou com aluno de zona rural... Geralmente o aluno de zona rural é mais tímido, é mais calmo. Então, acaba que ele passa, às vezes, isso aí para o outro que está chegando, para o outro mais elétrico. Resumindo, vira uma família, sabe, um tentando ajudar o outro... o funcionário lá corre atrás do médico para o outro, principalmente porque ele está na cidade, ou o pai, às vezes até um favor, entendeu, acaba... interage mais. Interage com o funcionário, o professor com o aluno e os pais. Então, tem mais interação.

Pesquisadora: Vocês acham que essa questão, pelo que eu senti, é muito uma questão de afeto, a senhora falou sobre família.

Elcinéia: É. Verdade.

Pesquisadora: Vocês acham que esse contato maior, essa proximidade maior, isso se reflete em um aprendizado maior, na escolarização da criança?

Anésio: Ah, eu acho que se reflete muito. Acho que se reflete muito por quê: porque... acaba que tanto criança quanto funcionário e professor acaba gostando de ir.

Elcinéia: Tem mais liberdade de expressão.

Anésio: Acaba gostando de ir. Chegou a hora de ir para escola, quer ir para escola. Eu quero ir, porque eu não vou ter problema com transporte, todo mundo é gente boa junto com a gente, no transporte, o funcionário já está lá esperando para a turma tomar um café de manhã, já conhece todo mundo por nome, é... e aí vai para o almoço e está todo mundo ligado, é 'tia', é 'tio', e vai, e vai desse jeito, é... Então, por isso que a fama da escola fica assim: os meninos querem ir, você vê, eles puxam daqui, da cidade para, para onde nós estudamos, para onde nós trabalhamos, são vinte e cinco quilômetros. Quer dizer, são cinquenta quilômetros por dia. Eles preferem fazer cinquenta quilômetros por dia, enquanto até tem outras escolas que são bem

mais longe, mas eles preferem fazer essa quilometragem por dia, e ficar num ambiente sossegado, enquanto os pais ficam mais tranquilos ainda aqui. Os que ficam aqui na cidade, ficam muito mais tranquilos ainda, porque a hora que põe os meninos no ônibus, que viajam, eles sossegam.

Elcinéia: E da cidade para lá, inclusive, tem uma lista de espera.

Anésio: Tem lista de espera, e grande.

Elcinéia: Porque a prioridade é dos meninos da zona rural. Então, da cidade, é... depende de vaga, depende de vaga no transporte... Então, a prioridade é para a zona rural. Mas então, o que acontece: aí fica a fila, 'a hora que tiver uma vaga, é minha'. Então, fica nisso aí.

Pesquisadora: Vocês trabalham dentro da Escola Professor Alberto. Contem para gente o cotidiano. Vocês já falaram um pouco (dele), mas o que vocês sentem, como experiência, o que marca, o que fica, para vocês. Não só como pais, como funcionários também. Porque vocês estão ali dentro, no chão da escola. Para a gente tentar entender um pouquinho essa fama, essa lista de espera para... paraa Escola Professor Alberto.

Elcinéia: Olha, eu vou falar uma coisa: o convívio é ótimo. Então, eu falo, o convívio da gente com os funcionários, todo mundo brincando com todo mundo... Tem esse tempo, a gente pode passar na porta de uma sala de aula, brincar com um aluno ou brincar com um professor, que não atrapalha, porque tem essa pausa. Porque a sala não está tão lotada, não tem aquele tumulto na sala. Então tem uma certa convivência, um diálogo, os alunos têm essa intimidade com a gente, de chegar e brincar com a gente. Eles estão à vontade, entendeu? Então, o convívio entre os funcionários, entre alunos, é perfeito. Perfeito. Não vou falar que não tem um aluno problema, porque eu acho que não fica livre disso. Hoje, no momento, eu posso até falar que a gente não tem um aluno problema. Graças a deus. Mas já aconteceu e... mas... eu acho que se torna mais fácil de resolver do que numa escola mais lotada. Então, a convivência da turma é muito boa. Todo mundo bem humorado, sabe? Então, assim, para mim, é perfeito.

Anésio: Ah, eu também penso desse jeito. Ah... Sobre o que ela falou, sobre os alunos problema, é... hoje não tem o aluno problema, mas nós temos alunos que já foram problema, você

entendeu? Então, quer dizer, ele é problema quando ele chega. Ele chega, ele é problema. Mas aí quando passar... meio semestre... um semestre, ele já não é mais aquele problema, ele já está bem mais... e com um ano inteiro, então, ele já mudou tudo. Nós temos meninos lá hoje estudando que nós falávamos ‘ó, não tem jeito, vai ter que dar a carta de alforria dele e deixar ir, porque não tem jeito, esse menino não tem jeito’, e hoje nós temos, entre eles, (quem) está entre os melhores alunos, você entendeu? O que é isso: isso é convivência, isso é jeito de conversar, é um menino que chega perto da gente e conversa, não tem esse negócio de ‘porque vai chegar perto do seu Anésio que tem que ser aquele...’, não! Chega brincando, e eu brinco com eles, eu mexo com eles, é... ponho apelido, você entendeu, e a gente põe apelido neles e não deixa virar *bullying*, ainda, mas aí vai tudo passando, e é bom até... e aquela turma, turma boa.

Pesquisadora: Ao que vocês atribuem essa questão de o aluno chegar lá sendo um aluno problema? Saindo do município de Corumbáiba, das escolas urbanas, e quando começa a estudar na Escola Professor Alberto, essa escola tem meio que esse poder de... influência, sobre esse aluno? Quais as principais diferenças que existem na escola urbana, na escola do município de Corumbáiba, para a Escola Professor Alberto?

Anésio: Eu penso o seguinte: eu penso que uma das coisas que mais acontece para essa melhoria, que você diz, essa melhoria, chama-se liberdade de conduzir. Lá, nós, todo mundo, tem a liberdade de conduzir o aluno. Por exemplo, o menino está lá fazendo alguma coisa que não deve, qualquer um dos motoristas que, às vezes... geralmente a gente está mais para o lado de fora; se eles fizerem ali, a gente já chama atenção deles ali. E não é porque nós chamamos a atenção deles que a diretora vai falar ‘não, vocês tem nada a ver com essa estória não, vocês fala para mim que eu resolvo’. Às vezes nós já trazemos o assunto para ela resolvido. Outra, também, que tem uma liberdade e mexe muito com isso aí é a Elcinéia. Porque tem os meninos, uns meninos, que a gente mexe com eles assim, bem com cuidado, e ela fala o que ela quer para eles. Ela domina eles assim que ‘não, tia, pode deixar’, e é cada meninão assim, sabe, ‘não, tia, pode deixar, eu não vou fazer mais não’. Ela tem um poder grande acima deles sem brigar com eles, sem brigar com eles. Então, eu também tenho, aí depois passa, nós temos... Isso inclui cozinheira, faxineira, sabe, todo mundo está ali em prol da escola. Não é porque é faxineira que wstá ali só para limpar chão; se ela ver um menino fazendo coisa errada ou precisando de alguma coisa, ela própria corre e já vai ver o que está acontecendo. Você entendeu? Então isso

aí vai acumulando. Eles sabem que... tem menino em escola que ele está aprontando, vamos supor que ele está só na parte de aprontar, ele está aprontando e ele sabe que, se aquela pessoa estiver vendo, aquela pessoa não vai estar nem aí para ele. Lá é o contrário: ele sabe que (a pessoa) está, lá ele sabe que está. Portanto, nós que somos motoristas, funcionários de limpeza, de cozinha, se precisar ficar, tomar conta de uma sala aí uma meia hora para fazer uma reunião de professores, vai lá e me chama: ‘Anésio, vem cá’; ‘Toninho, vem cá’; ‘fica aqui nessa sala para nós um pouquinho’. Chega lá, a gente senta lá, os meninos vão conversar com a gente e bater papo, e aí a hora passa rapidinho.

Elcinéia: É, eu falo... a diferença porque... na verdade, os professores, quase todos, que dão aulas lá, dão aulas aqui também na cidade. Então, quer dizer, o que... a gente vê professor falar assim: ‘aqui, na zona rural, a gente pode brincar, a gente tem tempo de brincar com aluno, a gente pode ser mais leve’. A gente fala, na cidade, porque, não vamos taxar... porque a diferença é o seguinte: os professores são os mesmos, a direção muda, às vezes quem está na direção aqui na cidade vai para a direção na zona rural... Mas o que acontece: eles ainda falam que, quanto à zona rural, é mais leve porque lá, (em virtude de) a sala não ser tão cheia, o tumulto é menor... vem essa coisa de afinidade mesmo com aluno, enquanto, às vezes, na escola urbana, eles têm que ser mais duros, mais rígidos porque a sala está muito lotada. Então, ele não tem esse tempo de ficar criando vínculo com aluno, porque acontece o tumulto, o aluno é mais disperso, e o aluno quer fazer bagunça, que é uma realidade... Então, é isso. Eles sempre falam esse tipo de coisa, que na zona rural, eles têm possibilidade de ser mais leves, enquanto em uma sala lotada, (devido), às vezes, à lotação... porque aí ele não tem aquele tempo de uma amizade, de uma afinidade maior... então, isso junta muito... por excesso. Porque as escolas hoje estão todas muito cheias, muito cheias, não é uma nem a outra, estão todas muito cheias.

Pesquisadora: O senhor Anésio falou uma coisa que eu achei bem interessante. O aluno, quando ele sai do município de Corumbáiba e vai para a Escola Professor Alberto... muitos deles deixam de ser aquele aluno problema. Como a Escola Professor Alberto consegue construir essa relação, essa ponte de respeito que faz essa criança mudar esse comportamento, mudar essa percepção de escola, e mudar suas (próprias) características também?

Elcinéia: Na maioria das vezes, quando ele chega lá, ele chega do jeito que ele foi, ‘eu cheguei, vou chegar aprontando’. Mas aí, não é aquilo que ele espera: chega lá, os colegas são, todos,

recatados, todos mais lentos, não tem... então ele não chega bombando quanto ele pensa que ia chegar, fazendo, aprontando. Então, aquilo ali já vai caindo. Ele não vai ficar aprontando sozinho; ele tem que ter o público, ele tem que ter a ajuda, então, às vezes tem uma pessoa, um aluno, assim, que realmente é mais rebelde, ou alguma coisa, então... Mas a escola tem jeito de estar em cima, ajudando, chamando pai, indo atrás do pai... Quantas vezes a diretora já foi na casa do aluno, porque, às vezes o pai não tem esse tempo de ir lá, ela vai, a professora vai, entendeu? O professor lá, a diretora, manda levar o aluno em casa, porque às vezes ele está com uma dor de cabeça ou passando mal, o pai não tem condição de buscar o aluno, a escola leva. Então, é a mesma coisa com o aluno: ela procura, vai atrás, se, às vezes um distúrbio, às vezes alguma coisa que precise de um psicólogo, corre atrás disso... Então, lá, é direcionado para onde for necessário. Se for um caso até de Conselho Tutelar, o Conselho Tutelar está lá junto, não deixa o aluno na corda bamba. E, sem público, ele não é muita coisa. Já aconteceu até de às vezes o aluno desistir de ir para lá, porque ele quer continuar daquele ritmo dele, mas aí, ele vai chegar lá e vai fazer o quê? Na hora da recreação lá, tem o almoço, leva o almoço, os grandes, geralmente, vão para a quadra, os meninos, vão jogar bola... E aquele? Vai ficar lá aprontando o quê? Os pequenininhos estão lá, o que vai sobrar para ele ficar aprontando na escola? Enquanto às vezes ele está lá, chega um professor, senta perto dele lá e vai conversar com ele, nada, assunto do dia, assunto da escola... Então, essa hora aí é uma hora que a turma está interagindo, porque a escola é pequena e está todo mundo ali junto. Então, um professor vai lá, tem uma conversa com ele amigável, uma conversa de amigo, assunto do dia-a-dia, então, o aluno vai se situando, ele vai vendo que ele está numa errada. Agora se ele é uma pessoa de difícil acesso mesmo, alguma coisa, e ele não quer mudar, ele dispersa, ele sai, sabe? Então, já é, assim, já teve alguns, como o Anésio falou, hoje já tem outros que eram tão difíceis e que hoje chegam abraçando todo mundo, o aluno... não, assim, porque é muito amigo, eu tenho até 'neto' lá na escola, sem ser neto, tem gente que chega e tem a liberdade de me chamar de 'avó', falar 'bênção'...

Pesquisadora: Olha a conversa.

Elcinéia: Então, o que a gente vai falar? Então é isso, o aluno não tem muito tempo, o tempo dele é muito curto para ele sair aprontando, ele não tem público, então ele não vai para frente.

Anésio: E um outro problema que nós, graças a deus, nós não temos, mas a gente fica sempre de olho, é o problema de drogas. A gente não deixa de está de olho, a gente está sempre em cima, todo mundo, tanto, sempre em cima. Mas... graças a Deus, a essa atenção, acho, e pelo jeito que os meninos acham que é lá, isso aí nunca progrediu, você entendeu? Até já tentou progredir, mas como ela tá falando, não foi adiante. Não foi adiante. Aí, o que eles fazem: vão embora. Vão embora.

Elcinéia: Eles não têm espaço para isso.

Anésio: Porque quando quer ser, ele é, não adianta não, se ele quiser ser uma coisa, ele vai ser, o aluno vai ser. Mas se ele não achar espaço e ele não achar quem o apoie, ele não vira nada não, ele se aquieta ali, ele abaixa o faro... nós temos alunos, por exemplo, que viviam aqui na cidade, estudam lá, e estudam, ainda, lá, que aí, o que a mãe fez: transferiu eles para casa dos tios... eles morando na zona rural. Por quê: da escola da zona urbana ela já tirou, mas aí ficaram aqui. Aí para tirar desse mundo aqui, ela pôs para morar na casa dos tios, lá na fazenda. Quer dizer, cortou totalmente o convívio deles com a zona urbana. E estão lá hoje os meninos, os queridinhos, ‘não, não, vem para cá, vai lá para roça para nós pescar’, ‘vai’, ‘tá’, e ‘tá’, e pronto, você precisa ver, é aquele, aquela maneira de... amadurecimento, os meninos estarem maduros... teve, deles, até quem já veio para não voltar mais para a escola, que voltou para lá e está lá estudando, e tinha parado, não ia estudar mais não.

Elcinéia: E o nosso aluno não tem uma visita sem um acompanhamento. Por exemplo, chega lá, o pai e a mãe quer falar com o filho, mesmo ele, a gente vai lá levar, então, está todo mundo sempre junto. A escola é pequena, então, se o pai está ali no portão conversando com o filho, mesmo o pai, está todo mundo ali junto, alguém está vendo, então, se chegar uma visita, ninguém vai visitar o aluno sem que a gente esteja a par disso. Então, lá não entra, não entra e não sai sem que a gente esteja...

Anésio: Dentro dos horários.

Elcinéia: É, porque aí é trancada a escola... Quando o portão não está trancado, os motoristas estão lá do lado de fora na porta da escola, porque tem uma pracinha lá, então eles estão, todo

mundo ali... Então, é um risco menor, às vezes até por falta de oportunidade, de drogas, esse tipo de coisa.

Pesquisadora: E esse modelo, assim, é, família, comunidade, onde está todo mundo muito junto, muito próximo.

Elcinéia: Muito, muito.

Pesquisadora: Isso me parece que, para além da escolarização, também se reflete muito na questão da educação.

Anésio: É.

Pesquisadora: O que vocês fariam sobre isso?

Anésio: Eu, por exemplo, eu acho que... eu acho que nós mesmos acabamos virando espelhos?

Pesquisadora: [risos] Sim.

Anésio: Acaba virando espelho, a gente mesmo. Então, nós estamos aí e lá naquela escola. Então, você não vê nenhuma daquelas pessoas grossas, sabe, sem educação para conversar com a outra pessoa, você não acha isso.

Elcinéia: Lógico que acontece!

Anésio: Às vezes tem, mas...

Elcinéia: Acontece, mas.

Anésio: Às vezes tem, mas é muito...

Elcinéia: Não tem necessidade.

Anésio: ... pouco, agora, os meninos, às vezes, a gente tem que dar um, uma falada mais forte, assim, com eles, assim, mas é só o 'ah, hm'. Quando eles levam o 'ah, hm', que eles já 'coisa' e pronto, e aí o sorriso já aparece e aí já muda, vai mudando isso aí. E lá na nossa escola, tem uma coisa que ajuda muito: não tem pessoas do lado de fora da escola, ali, sem fazer nada. Não tem, não tem. Os únicos que estão ali fora da escola, do lado de fora da escola, somos nós três motoristas, e algumas pessoas que varrem a rua lá e tal, que ficam ali, mas são pessoas de família ali. Quer dizer, não tem aqueles meninos com aquelas motos andando ali de roda (empinada), não tem menino andando de bicicleta lá fora, não tem rapazinho esperando moça, não tem nada, lá não tem nada. Quer dizer... E lá naquela escola, ou você vai lá para estudar ou você não vai, porque não tem outra coisa para fazer...

Elcinéia: A gente já encarou, sim, um pai chegando mal humorado, sabe, assim, chegando, assim, armado, como se diz, com as quatro pedras na mão, já aconteceu. Mas eu vou falar uma coisa, francamente: a nossa diretora tem um jogo de cintura que, quando eu cheguei lá, assim, eu ficava: 'gente, como que uma pessoa conversa com a outra assim', a gente fala, chamar a atenção de uma maneira, assim, tão [ininteligível], sabe, que aí a pessoa, ela desarma um assim, sabe? Então... Aluno, às vezes aconteceu até de brigar, um ir no outro, sabe, mas eu falo: nada comparado com uma escola mais cheia, sabe? Então, ali, eles só têm uma solução para eles: ficar amigos. Porque não tem para onde correr, sabe, porque ali no momento, no momento que está todo mundo tranquilo, tem que estar todo mundo junto, estar todo mundo junto porque a escola é pequena, não tem lugar para ficar dispersando os alunos, funcionários... Então, enfrenta, sim, uma resposta, alguma coisa, porque é normal, mas a obediência é muito boa.

Anésio: E eles têm que conviver todos juntos, porque...

Elcinéia: O limite é muito bom.

Anésio: ... desde a hora que eles levantam, cedo, entram em um veículo, passa na casa do outro, pega o outro, passa na casa do outro, pega o outro, aqui na cidade ainda vai passando de ponta a ponta, aí eles vão dentro do mesmo veículo, chegam lá e ficam dentro da mesma escola, e voltam nos mesmos veículos, então a convivência é meio dia, mais de meio dia de convivência social, então...

Elcinéia: Assim, e a gente não mistura muito as coisas. (Por exemplo,) a gente é funcionário e pais. Com a Andressa, lá a gente é funcionário e aluno. Então, já aconteceu de ela ser chamada na secretaria e eu estar lá fazendo minhas atividades, inclusive, eu até saio, entendeu? Porque eu não tenho nada com isso, não sei o que aconteceu, aí depois o que eu tiver que ficar sabendo ela vai contar, ou a diretora, a coordenadora, vem me contar, reclamar dela para mim. A gente não mistura as coisas lá. Eu não chego nela para (dizer) ‘não, que que isso!’, aquela, assim, imposição de mãe, gritando com o filho lá, alguma coisa, dar bronca, não. Lá é o professor com ela, a diretora e a coordenadora com ela.

Pesquisadora: Vocês disseram que, além de funcionários da escola, também são pais.

Elcinéia: Hm [concordando]. E a gente tem que ser... E é mais fácil de a gente ir lá conversar...

Anésio: Tem que separar.

Elcinéia: ... com o aluno que não tem nada a ver comigo do que com a minha filha, o meu sobrinho que já esteve lá, entendeu? Então a gente não mistura as coisas.

Pesquisadora: E, assim, como pais, vamos falar, vamos olhar por esse ângulo agora. Como pais, vocês já falaram sobre a questão de tomar bênção, que as crianças têm a liberdade até de tomar bênção da senhora.

Elcinéia: Têm.

Pesquisadora: Essa questão dessa aproximação, desse respeito, dessas raízes, parece que são valores que eles estão aprendendo.

Elcinéia: Valores.

Pesquisadora: Como pais, vocês acham que isso é importante? Até que ponto isso se reflete, e de que forma, na vida da filha de vocês? Para vocês, todas essas questões são positivas? Como vocês veem essa forma que a Escola Professor Alberto dirige suas crianças, seus alunos?

Elcinéia: Olha, eu falo que há pontos negativos, sim. Eu falo, por exemplo, por causa da minha filha, porque minha menina... ela é aluna de creche. Eu fui funcionária na creche vinte anos, certo? Então, lá é assim: é 'tia', e a 'tia de levar para casa', a gente, se vai dobrar horário, a outra 'tia' leva eles para casa e depois a gente passa lá e pega, fim de semana busca... Então, fica aquela coisa, assim, meio que misturada. Aí passou para escola municipal, a escola maior que foi aqui no...

Anésio: Couto.

Elcinéia: ... Couto, continuou a 'tia'... 'Mamãe, a minha tia', e não sei o que lá, e a 'tia, ela veio de creche, então, não desmamou. Mas aí quando ela passou para o colégio, aí a cassetada foi grande.

Pesquisadora: Ensino Fundamental.

Elcinéia: Porque lá não tinha a 'tia', não tinha o 'tio', o professor, às vezes, assim, por às vezes alguma indisciplina que a gente... não se sabe, às vezes nem um 'bom dia', que a gente sabe que existe... Então, ela ficou chocada. Aí chegou lá, era 'professor', era 'professora'... e, além do mais, tinha o professor, homem, mesmo, o que ela já estranhou. Então, lá era o 'professor' e a 'professora', não tinha a 'tia' e o 'tio'. E, eu vou te contar: ela não se adaptou lá. Não se adaptou, e às vezes chegava em casa até chorando... Mas aí, aconteceu assim, nem cumprimenta a gente, não fala nada, e se chamar de 'tio' ainda briga porque chamou de 'tio', entendeu? Aí quando passou para lá...

Pesquisadora: Aí foi nesse contexto que a senhora levou ela para se matricular na Escola Professor Alberto.

Anésio: Foi.

Elcinéia: Foi. E eu, a gente, não soube, assim, preparar ela, 'ó, depois vai ser diferente'. Porque, inclusive, as minhas amigas de escola falavam: 'ó, Andressa, quando chegar lá vai ser diferente', 'lá não vai ter sua tia'. Sempre falaram. Lá não é esse carinho todo não, não dá tempo para isso, não dá tempo para isso, aí ela não se adaptou lá. Quando ela chegou lá na Escola

Professor Alberto, ela teve tudo aquilo de novo. Aí, lá ela é misturada, tem um professor que fala assim: ‘nossa, Andressa, onde você me vê na rua, você me grita: ô, fulano!’. Então, no colégio não tinha isso. O aluno às vezes passa perto do professor, às vezes sente um certo receio, uma vergonha, e a Andressa não. Qualquer professor que ela vê na rua, ela grita, e ela vai lá, e ela. Então, passou para Escola Professor Alberto, ela voltou àquele mesmo... Então, eu falo uma coisa: não sei se isso é cem por cento bom. Alguns vão se atrapalhar por isso sim, porque quando eles chegarem lá na frente e saírem de lá, eles vão sentir a indiferença, ele vai sentir essa indiferença. Então, eu falo que às vezes tem um ponto negativo sim.

Pesquisadora: E, na questão da aprendizagem dela, quando a senhora falou que ela veio para um colégio que não tinha todo esse afeto, esse vínculo, a aprendizagem dela certamente regrediu, sim ou não? Ou foi só no quesito de relacionamento?

Elcinéia: Eu falo que sim, porque, pela primeira vez na vida, ela tirou uma nota vermelha. Porque na outra escola, na outra escola, todo ano era medalha de ouro. Então, quando ela tirou essa nota vermelha, ela chegou aqui em casa, assim, chocada, arrasada, porque ela achava que só tinha que tirar nota boa. Ela não tinha oito; era nove, dez, entendeu? Então, ela sentiu essa diferença. Só que eu falo o seguinte: não sei se foi por isso, no sentido... porque houve essa mudança, não. Era porque as coisas dificultaram mesmo, foi diferente, foi, tudo mudou, tudo mudou. Então ela teve essa nota vermelha. Porque, quando ela foi para Escola Professor Alberto, ela não continuou simplesmente com dez e dez. Realmente, não tirou mais nota vermelha, mas ela sentiu na pele quando ela sentiu o vermelho; então, eu não falo que foi por causa dessa mudança, foi uma recaída dela própria mesmo, sabe, uma dificuldade, talvez, que ela teve na matéria, então... não sei se foi.

Pesquisadora: E como é o convívio dela? Ela gosta de estudar na Escola Professor Alberto?

Elcinéia: Gosta. E muito. E eu falo: ela é amiga de todos os funcionários de lá... de todos os alunos, não. Sabe aquela rivalidade, assim, de às vezes alguma coisa na hora do recreio, acontecer, nem tudo o que ela quer acontece? Então... Mas ela gosta muito de lá. Gosta de uns... como agora, que não ia ter o primeiro ano lá, ela ficou meio assim... pensativa, depois, quando ia ter, ficou: ‘ah, mas então eu nunca vou estudar no colégio?’, ‘eu quero estudar no colégio’. Depois ela mesma decidiu que não ia vir para o colégio, que ia ficar lá mesmo. Então, ela tem

muita amizade lá, assim, sabe? Ajuda a cuidar dos pequenos... Porque lá é assim: os maiores têm aqueles cuidados, porque lá tem, inclusive, Jardim (de Infância), lá tem Jardim I e Jardim II. É do Jardim I até agora, o primeiro ano do Ensino Médio. Então os alunos têm certo cuidado com os pequenos lá, sabe?

Anésio: Ela teve a oportunidade de escolher nesse ano...

Elcinéia: É.

Anésio: ... para onde ela queria ir. Porque lá na Escola Professor Alberto só tinha até o nono ano. Aí, nesse ano é que abriu (o primeiro ano do Ensino Médio). Então, ela ficou com a oportunidade de escolher para onde ela queria ir. E nós, particularmente, achávamos que ela deveria continuar lá na Escola Professor Alberto, mas nós deixamos para ela, para ela escolher. Aí ela pensou, pensou, e escolheu ficar lá mesmo. E ficou lá mesmo.

Pesquisadora: E, para vocês, que já tiveram filhos matriculados nas escolas daqui da cidade e na escola de zona rural, vocês sentem diferença no aprendizado? Vocês sentiram alguma diferença? ‘Não, meu filho estudava lá na escola da cidade e era assim, e meu filho, quando estudou na escola rural, era de outro jeito’? Vocês percebem isso?

Anésio: Percebe. A diferença é muito grande, a diferença de aprendizado é muito mais... é muito mais complexa, ele aprende... ele não aprende uma linha, ele aprende porque tem aquela linha, você entendeu? Então, é mais... Porque lá é pouquinha gente, tem como os professores explicarem direitinho.

Pesquisadora: Você fala que é mais ampla?

Anésio: É mais ampla, porque a matéria que o professor tem que passar para quarenta alunos, para trinta alunos, como costuma ser dentro de uma outra escola, lá ele vai jogar para dez, doze. Então, cada aluno pode fazer uma pergunta durante a hora dele, durante os quarenta e cinco minutos dele. Cada aluno pode fazer uma, duas perguntas, que ainda vai sobrar tempo para ele responder. Então, ele aprende.

Elcinéia: Mas, porém, o aprendizado é mais lento. Lento no sentido de, às vezes, alguns pais terem dificuldades de ensinar ao filho.

Anésio: Os pais da zona rural.

Elcinéia: Os da zona rural, a tendência deles é trabalhar, porque é uma realidade, eles trabalham, os maiores, eles vão, eles trabalham junto com os pais, então, o aprendizado é mais lento, sabe? Não dá para ficar correndo com a matéria não, tem que tachar mais, porque, às vezes, o aluno não tem todo o tempo para estudar em casa, o pai às vezes não sabe ensinar ou não tem tempo para ajudar o filho em casa, então, é isso. Então, o aluno tem todo o tempo para sugar do professor. Mas a gente sabe, assim, que os alunos de... a pessoa que mora na zona rural, geralmente é mais tímida, é mais tímida. Então, às vezes, ela nem faz muita pergunta porque está com vergonha do professor, está com vergonha porque, às vezes, o colega ali do lado, qualquer coisa, vai pegar no pé: 'ah, não aprendeu', alguma coisa assim. Então, é mais lento. No entanto, a matéria é a mesma, é, o conteúdo é o mesmo, entendeu, o planejamento é um só, mas só que às vezes ele é mais lento no aprendizado, mais lento às vezes de resolver a questão... Então é isso, mas o conteúdo é o mesmo, inclusive o planejamento é feito junto.

Pesquisadora: E sobre a questão da estrutura física? Para vocês, como vocês veem a estrutura física da escola? Como a escola recebe e cuida dos filhos? Como é isso na visão de vocês?

Elcinéia: Eu acho o nosso espaço físico lá o suficiente, eu acho. Tinha algumas salas lá em que a gente guardava armários, 'coiseiradas'. Era, vamos supor, uma sala de despejo, a gente diria isso. Agora, no entanto, que teve de aumentar, aumentou (para ter) o primeiro ano, a gente teve esse espaço físico, a gente teve. Agora, o preparo para o ano que vem, é para construir outra sala, porque aí vai vir, no ano que vem, o segundo ano.

Anésio: Segundo ano.

Elcinéia: E depois, para o outro, o terceiro. Mas o espaço físico da gente lá, eu acho ele amplo, sim. Os meninos têm espaço de brincar, a gente tem quadra que...

Anésio: Tem duas quadras (de esportes).

Elcinéia: ... exatamente dentro, do murado, mas do lado de fora é um espaço bom que os meninos brincam todo dia, e que a gente acompanha, sabe? Então, eu acho o espaço físico ideal.

Anésio: E os meninos...

Elcinéia: O suficiente.

Anésio: E os meninos ficam... lá tem duas quadras, uma bem pequenininha, em que ficam os menores, brincando, às vezes, e vão para outra quadra, grande, os maiores, vão para lá. Mas nunca eles vão sem um... monitoramento. Não vão. Os meninos estão lá na quadra brincando. Se eles estiverem lá na quadra brincando tem um funcionário lá, ou um professor está lá. Eles não ficam lá, não vão para lá brincar: 'ó, vocês tá de horário vago, vai para lá', não. Quem está de horário vago não sai de lá de dentro do murado da escola. É, eles só vão para a quadra na hora de recreio. Eles não ficam soltos no horário vago. Eles ficam lá dentro, então, quer dizer...

Elcinéia: A gente abre o portão, e na hora de sair, fecha, e a gente é o último a entrar, que você... é trancado.

Anésio: É trancado. Eles não ficam lá correndo para qualquer lugar não.

Pesquisadora: Vocês já...

Anésio: Agora, correr lá dentro, isso eles correm mesmo.

Pesquisadora: Vocês já falaram algumas prioridades. Contem-nos quais são as prioridades na escolha de uma escola, quais foram as principais que levaram vocês dois a matricularem a filha de vocês na Escola Professor Alberto de Moraes.

Anésio: Eu, por exemplo, eu... eu levei a questão assim: a gente já, como se diz, já trabalha no município, a gente está sempre vendo. O que acontecia: as pessoas queriam levar os filhos para lá, os daqui da cidade, diretores que têm meninos estudando... Por que a filha da diretora estuda lá na escola rural? Por que o filho do fulano estuda lá na escola rural? Aí nós falamos: 'ah, então, se pode o deles, pode o nosso também'. Então, quer dizer, se uma diretora daqui da

cidade, daqui da cidade, como acontecia, está mandando a filha dele, o filho dele, estudar lá na zona rural, é porque alguma coisa de melhor tem. Então, eu fiquei curioso nesse ponto e comecei a conversar com ela. Nós começamos a conversar, ‘mas por que a fulana manda filho dela para lá?’. É como, por exemplo, alguém manda daqui para Caldas Novas para estudar na escola militar. Você entendeu? Então, um sacrifício a mais está fazendo, está, porque está sacrificando uma criança, você mandá-la para zona rural. Nós temos meninos daqui da cidade que estudam no Bálsamo. Mas daqui até o Bálsamo são quarenta e dois quilômetros de chão. E os meninos saem daqui e vão estudar lá. Se aqui fosse... Se lá não fosse melhor, ele ficava aqui, levantava 6:30, e 7:00 estava na escola.

Pesquisadora: E, agora, como é...

Elcinéia: Eu falo, assim... Estou interrompendo?

Pesquisadora: Não, não.

Elcinéia: Só completando o que ele está falando.

Pesquisadora: Tranquilo.

Elcinéia: O que a gente visa hoje: disciplina. Porque... vamos tomar a disciplina de casa. Que o filho da gente, que ele é mais disciplinado, a gente tem mais... mais afetividade com ele, porque a gente chega, vai abraçar, vai beijar... Agora, aquele indisciplinado, nem aceita que a gente chegue nele. Não é? Então, o que a gente tem que olhar mais hoje, que eu acho: a disciplina. Porque, em escola, hoje a disciplina está muito complicada. Porque a falta de disciplina, às vezes, não é da escola, é o aluno que já vem de casa, às vezes, ele está vendo as coisas na rua... Então, quando se trata de minoria, às vezes a disciplina é melhor. É mais fácil. Há mais obediência, porque... quanto mais alunos hoje, a disciplina se torna maior porque está todo mundo ali junto. Aí um não está aprendendo, às vezes um está quietinho no lugar dele, aquele outro vem e mexe e ele não vai aceitar ficar calado, então eu acho que a gente tem que visar mais hoje um lugar onde a disciplina é mais fácil. Porque quando tem os alunos disciplinados, o professor chega mais no aluno, naquele... motivo que eu falei lá, que às vezes, tem professor que fala assim: ‘lá no colégio não tem como a gente chegar e ficar de boa lá desse

jeito, tem que ser mais rígido’. Por quê: são mais alunos indisciplinados juntos. Então o professor tenta, e às vezes fica em vão. Então, eu acho que a gente tem que visar mais, hoje, a disciplina. Então, não sei se é por ser menos alunos, ou menos alunos indisciplinados juntos que se torna mais fácil cuidar deles... Então é isso. A gente olha muito, hoje, a disciplina. Que é complicada, eu acho, em qualquer lugar, sabe? Começando da casa, de casa, que está muito difícil hoje cuidar da criança, do aluno, está muito difícil a educação hoje.

Pesquisadora: Senhor Anésio falou, colocou a questão que vocês conversavam, porque o filho da diretora ia estudar, o filho do professor, do vereador, ia, saía de Corumbaíba para a Escola Professor Alberto, e vocês levantaram esse questionamento e eu também levantei... E vocês hoje, tendo essa experiência do chão da escola, porque, além de pais, vocês são funcionários... Mas, como pais, se hoje vocês precisassem falar desses motivos, o que vocês levantariam? O que vocês fariam? Vocês descobriram quais são esses motivos?

Elcinéia: Isso aí que a gente está discutindo mesmo, esses motivos... na zona rural, é menos lotação, menos indisciplina, então... Porque, hoje, se fosse para eu escolher hoje: ‘não, Andressa, você vai para’, uma escola na cidade, ou vai para Escola Professor Alberto? Eu prefiro que ela fique lá, porque lá é mais fácil de o funcionário... estão todos os funcionários juntos, todos de olho neles, enquanto na cidade não tem esse tempo todo. É mais complicado, porque é maior o número de alunos, e o número de funcionários é maior. Então, eu falo o que eu descobri: que lá é mais cativante, cativa mais o aluno, há mais paciência com o aluno, tem esse tempo de interagir com o aluno. O professor acaba que se torna pai, o professor é livre, ele vai e dá uma ‘bronca no aluno’; uma coisa que ele está vendo ali, o aluno traz problemas de casa para o professor, ele traz. Então, o professor está sabendo, na maioria das vezes, como é a vida do aluno em casa, como é a estrutura familiar dele. Onde o professor pode estar ajudando o aluno nessa área. Então, lá é família sim. E eu falo mais: que aqui a gente tem outras escolas também na zona rural, que falam a mesma coisa, sabe?

Pesquisadora: Senhor Anésio...

Anésio: Não, é isso mesmo, é... mexer com os meninos de... você... A gente está falando muito... Isso aí, a gente falando dos meninos que saem daqui e vão para lá. Mas quem ajuda muito a

gente a disciplinar, é o... corpo efetivo a disciplinar essas crianças, nesse ponto, são os próprios alunos lá da zona rural.

Pesquisadora: Isso é interessante.

Anésio: Os que moram nas fazendas. Eles chegam com o QI bem mais abaixo do que os que vão aqui da cidade, porque o que está aqui na cidade está acostumado a ver gente toda hora; então, mais uma pessoa que ele vir não vai fazer tanta diferença. Agora o menino que está lá na zona rural, ele vê muito menos gente do que aqui. Aí, o que acontece: então, ele conversa menos, ele sabe brincar menos, ele sabe fazer menos *bullying*... então vai perdendo aquilo que a 'Néia' estava falando. Aquele que vai daqui para lá cheio de gracinha perde o público. Então esse aí é o choque da escola, sabe, é aquilo ali que a gente vê. E outra: a gente hoje tem deles, que estudaram lá na... fizeram a base lá na Escola Professor Alberto, de zona rural, que hoje já são alunos formados, que têm suas vidas próprias, que de onde tirou a base: daí, tirou a base da zona rural. Enquanto você tem muitos da base da zona urbana que não conseguem, às vezes, não existe.

Pesquisadora: A Escola Professor Alberto conseguiu formar cidadãos para continuar a carreira.

Anésio: É, para continuar, para continuar.

Elcinéia: Deixa eu por um ponto que é... é minha sobrinha. Ela tem necessidade de uma professora de apoio. Então, aqui na cidade, é uma professora de apoio, é uma professora de apoio numa sala de aula, certo?

Pesquisadora: Certo.

Elcinéia: E quantos ela atende numa sala de aula?

Pesquisadora: Vários.

Elcinéia: Vários alunos. Vamos supor que sejam uns três alunos, no mínimo, porque a gente sabe que é mais. Aí, o que acontece: aí, a gente... a gente conversou, os pais dela com a gente, e tal, a direção da escola, tudo, a gente... houve uma troca de ideias... O que a gente decidiu: levar ela para lá. (Por) enquanto, lá, ela não tem professora de apoio. Mas qual a diferença do professor de apoio? Vamos supor que ela está aqui com cinco alunos, três alunos que precisam mesmo do apoio. Entre uma professora na zona rural, vamos supor que ela está com seis, dez alunos na sala, enquanto ela vai ter quantos alunos na sala precisando de apoio? Essa professora, lá, vai ter como apoiar essa aluna.

Anésio: Ela já faz as duas coisas.

Elcinéia: Ela tem como apoiar, entendeu? Enquanto, às vezes, aqui, por ter mais alunos, ela fica, às vezes, na falta, porque a professora de apoio da sala de aula é uma só, o apoio dela vai se tornar menor do que na sala de aula da zona rural com um professor só.

Pesquisadora: Verdade.

Elcinéia: Vou te contar, começou agora e já deslanchou. Mal começou e já deslanchou.

Pesquisadora: E ela estuda na Escola Professor Alberto?

Anésio: Estuda.

Elcinéia: Estuda.

Pesquisadora: Na Escola Professor Alberto também.

Elcinéia: Segundo ano.

Pesquisadora: É sobrinha de vocês.

Anésio: É. E ela estava assim: com... se falar, inclusive escutei elas falando, você falar que ela ia ser alfabetizada a partir da quinta série.

Pesquisadora: E ela já.

Anésio: E ela está quase alfabetizada aqui, ela já está lendo!

Elcinéia: Já!

Pesquisadora: No período da alfabetização mesmo. Ela tem quantos anos?

Elcinéia: No segundo ano ela está agora.

Pesquisadora: No segundo ano! Ela está até...

Elcinéia: Ela tem sete anos.

Anésio: Ela está com quanto tempo lá...

Elcinéia: Agora, começou esse ano.

Pesquisadora: Parece-me que esse atendimento personalizado, esse atendimento específico, é um ponto muito forte da Escola Professor Alberto.

Anésio: É. Acaba que se tornou um atendimento especializado.

Elcinéia: Entende.

Pesquisadora: É.

Elcinéia: E não só com ela, como acontece, a gente tem alunos lá com dificuldade no aprendizado e o professor tem... ele tem um tempo para chegar nesse aluno e explicar para ele sozinho.

Pesquisadora: Vocês atribuem a isso uma...

Elcinéia: Pode fazer uma atividade para ele, diferenciada.

Pesquisadora: Isso talvez seja um ponto forte da Escola Professor Alberto?

Anésio: É.

Pesquisadora: Esse atendimento específico?

Anésio: É.

Elcinéia: Muito.

Anésio: Milene, eu vi essa semana, não sei qual dia dessa semana, não sei se foi até aquele dia que você estava lá também, a professora, aquela que mora lá na roça, lá fora, sentada na varanda, com uma aluna dela, e os outros alunos estavam dentro da sala copiando do quadro. Eu passei e vi ela lá fora com o caderno, quer dizer, reforçando uma aluna dela.

Elcinéia: Na porta da sala de aula.

Anésio: Na porta da sala de aula, reforçando uma aluna dela aqui, e olhando os outros ali. E os outros ali eram quantos: eram seis, sete.

Elcinéia: Entende a diferença?

Anésio: Certo? Porque qualquer coisa, se o menino saiu da linha lá um pouquinho, ela só faz 'psiu', ele já está vendo, você entendeu? Então, por quê? Aquela menina que estava um pouquinho mais atrasada do que os outros lá, (a professora) a trouxe, separou ela para por ela igual aos outros.

Elcinéia: O professor dá o reforço em sala de aula.

Anésio: Ele próprio dá o reforço.

Elcinéia: Se você chegar lá, vai perceber que tem um aluno, às vezes, com a... com a mesinha colada na mesa do professor, sabe? Então, o professor está ali junto, ele reforça o aluno.

Pesquisadora: É essa proximidade...

Elcinéia: Ele tem essa condição de fazer.

Anésio: Enquanto ele dá aula, ele dá uma especializada a mais para alguém que precisar.

Pesquisadora: É essa, que vocês falaram muito, questão da aproximação. Tanto da aproximação intelectual deles, das dificuldades, com uma aproximação afetiva mesmo. É um conjunto.

Anésio: É. É um conjunto que vai fazer, porque menino, criança, é o seguinte: se você ficar brigando com ele, ficar chamando atenção, dando sermão, ele implica (com você). Aí ele não faz (o que você pede) por birra. Enquanto, se você... e se você ficar aconselhando ele, aquele conselho longo, também, ele vai indo e ele cochila, e não presta atenção no que você está falando. Mas se você tiver com ele, convivendo com ele aquilo ali, ele passa a gostar daquilo ali. Você não dá aquele conselho toda a vida, e você não está torturando.

Elcinéia: Essa semana aconteceu um negócio lá na escola que, assim, eu ri, a mãe do aluno riu, porque foi muito interessante. O aluno chegou... a mãe dele trabalha lá na escola, e ele chegou na mãe dele: 'mamãe, eu tô com dor no coração'. E o coração disparado, eu pensei que o menino estava passando mal mesmo. A barriga dele tava com batedeira, o menino amarelinho, passando mal mesmo. 'Que que foi, meu filho, que que foi?'; 'Não, nada'. Eu, 'aconteceu alguma coisa', e eu vendo. E eu pensei: 'aconteceu alguma coisa', e eu vendo ele assim, louco, 'não, meu coração tá doendo', e ela doidinha ao redor dele, e eu cheguei lá e: 'Ei, meu filho, que que foi, que que aconteceu na sala de aula?', 'Aconteceu alguma atividade que você não tava conseguindo fazer?', porque tem alguns que ficam nervosos e não conseguem. 'Não'. 'Professor, às vezes, te deu uma bronca lá?'. 'Não'. 'Aconteceu alguma coisa', 'Não, não aconteceu nada'. 'Então tá, mas nada?'. 'Você fez a tarefa que o professor deu?', 'Fiz'. Então ficou difícil. Aí eu falei para ela: 'não, vou sair que ele vai se abrir com você aí alguma coisa, magoou, com colega...'. Ô, ele chegou lá num estado, assim... Aí, passou. Aí ela pegou depois,

e ela foi atrás disso: ‘Sabe o que que é que aconteceu com o fulano?’, ‘Quê?’, ‘Ele esqueceu de fazer a tarefa de casa do professor X’. ‘Ah, não’. E ele está lá até tomando água, cheguei lá: ‘Meu filho, esqueceu?’, ‘Eu esqueci’. ‘Não, vamos lá para sua sala, pode ficar tranquilo, eu vou conversar com ela’. ‘Uai, todo mundo esquece de fazer tarefa um dia!’, ‘Então, uai, esqueceu, ela vai te dar um tempo, você vai fazer sua tarefa’, e tal, ‘Não, tá’. E ele foi, a mãe: ‘Tá calmo?’, ‘Tô’. Tomou a água e o menino foi melhorando. E eu conversando: ‘Não precisa ficar nervoso, ela vai te dar o tempo para fazer’. E aí, eu fui com ele na sala de aula. Chegou lá, eu conversei com a professora. ‘Não, uai, mas eu marquei tarefa para casa?’, e tal. Aí depois ela foi lá: ‘Néia, eu não marquei tarefa para casa, eu falei para trazer o livro’. Porque ela fala que é para eles levarem o livro só no dia que for ter, que ela for usar o livro, por causa do peso na mochila. ‘Só falei para trazer o livro, não marquei tarefa’. E eu: ‘Ah, então ele tava nervoso à toa’. Quando é mais tarde, chega a mãe rindo atrás de mim. ‘Néia, você não vai acreditar, o fulano tá te procurando na escola’. E eu: ‘Que que aconteceu?’. ‘Nossa, doidinho, desorientado, atrás de você’. ‘Mas por quê?’. ‘Porque a matéria que ele esqueceu de fazer a tarefa não era daquela, é da outra’. Aí ele foi atrás para eu conversar com o professor.

Anésio: A outra!

Elcinéia: A mãe dele foi atrás, mas ela não aguentava, ela ria. E eu, assim, ‘mas gente, não é possível!’. Era outra mesmo. Quer dizer, ele teve essa... nem na mãe dele ele confiou de ir lá e conversar com a professora. Veio atrás de mim, porque deu tudo certo, então... Entende o que acontece? Assim, não é todo mundo. Então, depois que tem confiança com um, tem que ser aquele, não adianta, não é verdade?

Pesquisadora: E isso é tão bonito! Isso são marcas que estão registradas.

Elcinéia: É, e é mãe do menino, nem atrás dela ele foi. Foi me procurando na escola para conversar com a professora.

Pesquisadora: Ele construiu um elo com você. Que bacana. Para vocês - para a gente encerrar aqui - como pais, como vocês definem a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda? Através de uma palavra, de uma fala, o que a escola representa para vocês na vida de vocês, na vida dos filhos de vocês, da filha de vocês, agora, também na da sobrinha...

Elcinéia: Olha, é... Você quer só uma palavra?

Pesquisadora: Uma palavra ou uma fala. Algo que a escola representa para vocês.

Elcinéia: Amor. Sabe? É amor, é união, é isso o que a gente sente lá. Eu sinto que lá, eu... é minha segunda casa. Eu falo que, às vezes, a gente está com problema em casa, e às vezes a gente nem se sente bem na casa da gente por causa desse determinado problema, e quando a gente está lá, não tem, sabe? Não vou falar que a escola é cem por cento. Jamais. Mas quando a gente está lá o coleguismo é muito forte, a união é muito forte. Então, lá é união, é amor, sabe? Paz, transmite uma paz para gente, então... é isso, sabe? Lá é um lugar de amor, de união.

Anésio: E eu, eu, assim... a Professor... essa escola, que nós fala, 'Escola da Ponte', a Escola Professor Alberto, é... eu acho que é tudo de bom, sabe, para a gente que tem, que tem o adolescente, a criança e o adolescente para disciplinar e educar, ela, eu acho que ela... sobre escola, ela... é isso.

Elcinéia: É... .

Pesquisadora: Gente, muito obrigada. Vocês são maravilhosos.

Elcinéia: Obrigada.

[interrupção na gravação]

APÊNDICE E – Transcrição da Entrevista V

Corumbaíba, 20 de fevereiro de 2020.

Pesquisadora: Milene Garcia Silva.

Entrevistada: Divina Márcia Aparecida Vieira.

Local da Entrevista: Residência da entrevistada.

Presentes: Milene (Pesquisadora), Divina (Entrevistada).

Horário da Entrevista: HH:MM.

Duração Total do Áudio: 13min 20s 740ms.

Pesquisadora: Boa tarde, dona Divina.

Entrevistada: Boa tarde!

Pesquisadora: Nós queremos conhecer um pouco a senhora, a sua história.

Entrevistada: Eu me chamo Divina Márcia Aparecida Vieira. Sou nascida em Corumbaíba, sou casada, sou mãe de três filhos, Teíza, Silmar Júnior e Natanael. E, a respeito da escola, lá, da Ponte, eu só sei [ininteligível], sou muito satisfeita com a escola lá da Ponte. E, se hoje, minha filha está na altura que está, agradeço a deus e, principalmente, aos professores da Ponte.

Pesquisadora: Para a senhora, dona Divina, o que é mais importante em uma escola?

Entrevistada: É o interesse dos professores, os interesses... o esforço dos professores com o aluno, que a gente... eu fiquei muito agradecida (durante) o tempo em que meus filhos conviveram lá. E não tem nada de reclamar lá não, sou muito satisfeita. E, daqui a alguns dias, está indo meu netinho. [risos]

Pesquisadora: Vai continuar. [em risos]

Entrevistada: Se deus quiser, ele está indo para lá também, para a Ponte.

Pesquisadora: Dona Divina, como a senhora conheceu a Escola Professor Alberto?

Entrevistada: Eu me mudei para a fazenda, e era muito difícil para vir para a cidade, aí eu achei melhor mandar eles para a Ponte. Por que o problema da Ponte? Eu acho, assim, que são poucos alunos, mas os professores têm interesse. Está entendendo? A sala é mais espaçosa e eles se esforçam mais.

Pesquisadora: Verdade. Quais foram os motivos... A senhora acabou de citar um motivo, o de ser uma quantidade menor de alunos... Mas quais outros motivos a senhora vê e que levaram a senhora a escolher a Escola Professor Alberto de Moraes Holanda mesmo quando a senhora veio para Corumbáiba? Porque a senhora se mudou de volta para Corumbáiba.

Entrevistada: Foi. Eu mudei para Corumbáiba. Porque, na primeira, eu achei muito desenvolvimento. Na primeira, a gente gastou com particular uma coisa que a gente não tinha condições, está entendendo? Eu vivia lavando roupa para os outros, lutando para pagar uma particular para minha filha... Então foi onde eu lutei para meus filhos continuarem na Ponte.

Pesquisadora: Então, quando a senhora veio da fazenda para o município de Corumbáiba, e os filhos da senhora começaram a estudar nas escolas do município, a senhora sentiu que eles tiveram dificuldades?

Entrevistada: Demais.

Pesquisadora: Na escolarização...

Entrevistada: Demais, demais. Agora foi... Olha, eu não tenho nada de reclamar, nada, nada.

Pesquisadora: E, quando a senhora matriculou eles na escola, o que aconteceu? O que a senhora viu que mudou? Qual foi a diferença?

Entrevistada: Desenvolvimento. (Eles) se desenvolveram, desenvolveram muito, sabe, nas matérias, (eles se) desenvolveram, até a ler, juntando as palavras melhor, sabe, escrever, escreviam muito errado.

Pesquisadora: Acaba que a senhora citou que, quando eles estudavam aqui, eles precisavam até de aulas particulares.

Entrevistada: Até aula particular.

Pesquisadora: E quando foi para lá...

Entrevistada: Cortou, acabou. Minha filha não sabia a tabuada, agradeço a uma professora de lá, porque... é como no dia que a gente comentou lá, e tinha professora, não era da cidade, não sei. Mas eu falei a verdade. Não desfiz de professor nenhum da cidade. O que eu sei é só a [ininteligível], porque quando meus filhos estavam aqui, a gente não tinha condições de pagar particular, e tinha que pagar, como que ia fazer! A gente não é formada, eu fiz só até o quarto ano (do Ensino Fundamental), então, tinha que procurar a melhor para eles, e onde meus filhos se desenvolveram foi lá.

Pesquisadora: Tem muitos pais, dona Divina, que acham dificuldade no trajeto, por ter que pegar ônibus. A senhora via dificuldade?

Entrevistada: Não.

Pesquisadora: Era um empecilho para a senhora?

Entrevistada: Não. Para mim não tinha dificuldade nenhuma. Eu acho que a melhor luta que um pai e uma mãe têm que pensar é para mandar os filhos para lá. Porque tem mãe que fala assim: 'Ah, vai pra lá, fica perdido'. Não. Como que os meus não ficaram perdidos, graças a deus? Todos (me) respeitam.

Pesquisadora: Isso.

Entrevistada: Então, tem nada de reclamar não. E aonde que, não é tão longe... E a hora que passar para a faculdade? Não vai mais longe ainda?

Pesquisadora: Isso.

Entrevistada: E como vai fazer? Aqui já está reclamando, e lá, mais na frente?

Pesquisadora: Isso, verdade. E eles, os filhos da senhora? Eles gostavam de estudar lá?

Entrevistada: Demais. Demais. Eles amavam. Eles amavam.

Pesquisadora: A senhora viu alguma diferença... a senhora já citou algumas... Quais as diferenças maiores e mais relevantes que a senhora vê entre as escolas do município de Corumbáiba e a escola da Ponte? O que acontece, na visão da senhora, que lá o desenvolvimento das crianças, na opinião da senhora, é mais concreto?

Entrevistada: Olha, eu vou te falar uma coisa: o meu modo de pensar é a liberdade que os professores... têm amizade, você está entendendo? Então, como... se ficou em dúvida, a sala está cheia? Não. Vai lá, elas explicam, não é só esse negócio, assim: 'entendeu, entendeu'. Não. Lá... Então foi onde meus filhos eram apaixonados em estudar lá, era por causa disso.

Pesquisadora: Naquele dia que a gente conversou, na reunião do Pró-Menor, falou-se muito nessa questão de família, de amizade, como a senhora falou agora, de ser, dos professores, não só dos professores, mas o motorista, as merendeiras, a diretora... Toda a equipe ali da escola...

Entrevistada: É unida, tem união. Está entendendo? Não tem aquele tipo, assim, de... Não, são todos unidos, são todos iguais, não tem nenhum melhor do que o outro.

Pesquisadora: Não tem um distanciamento.

Entrevistada: Não, não, não. Ali, se tem um mais assim, chega, e fala: 'tadinho, Fulano tá...'. Então, nossa, eu vou te (falar).

Pesquisadora: A senhora acha que essa questão é uma questão de afeto, de amor, isso ajuda no desenvolvimento da criança?

Entrevistada: Ajuda, ajuda.

Pesquisadora: Essa questão de amizade, de ser próximo.

Entrevistada: Ajuda, ajuda, ajuda sim.

Pesquisadora: O que a senhora poderia nos dizer sobre o ensino oferecido na Escola Professor Alberto?

Entrevistada: Olha, com todo respeito, lá não esse negócio de porque é filha de Fulano, é filha de Sicrano, não. Se errou, você está entendendo, para mim, com o respeito são todos iguais. Não tem esse negócio.

Pesquisadora: A senhora sentiu um tratamento...

Entrevistada: Nossa, outra família, meus filhos sentiram, você está entendendo? Teve a liberdade de chegar, de conversar...

Pesquisadora: A senhora teve participação em algum projeto na escola ou que os seus filhos participaram? A senhora conseguia? Porque, como é na zona rural, e a senhora trabalha, nem sempre dá para estar na escola.

Entrevistada: É, mas, sempre eu gostava de participar.

Pesquisadora: Então, a senhora era uma mãe ativa na escola.

Entrevistada: É. Sempre, toda vida, desde meus meninos... Ligavam, aí eles me chamavam, assim... Ligou, chegou. Era eu. [risos]. Deste jeito. Lá tinha mãe de tudo quanto é lado. E todas as vezes que me procuraram, (por um) problema, assim, (para) uma ajuda, você está entendendo, eu fazia questão de ajudar.

Pesquisadora: Então, a participação da senhora era, também, uma participação próxima da escola.

Entrevistada: Era.

Pesquisadora: A senhora acha importante...

Entrevistada: Demais.

Pesquisadora: ... essa participação dos pais, entre os pais e a escola...

Entrevistada: No meu modo de pensar, tem que ter. Porque tem que ter, acho, assim... A gente que é pai, mãe, tem que saber o que está se passando com os filhos na escola para, no final do ano, não chegar lá e culpar os professores. Está entendendo? Toda a vida, eu fui uma mãe deste jeito.

Pesquisadora: Dona Divina, hoje a gente vê muito... O que a senhora está falando é muito relevante. Hoje a gente vê que todo mundo trabalha, os pais trabalham, e nem sempre têm a oportunidade de estar na escola. E a senhora citou aspectos muito interessantes, que é essa aproximação dos professores, aproximação dos funcionários, das outras crianças mesmo, e essa interação da escola com os pais. Então, na visão da senhora, a Escola Professor Alberto abrange esses fatores? Ela faz esse trabalho? Fale para a gente quais as observações sobre isso, sobre essa interação, que a senhora faria. Para a senhora, como isso se reflete nos seus filhos?

Entrevistada: Para mim, no meu modo de viver, é um exemplo muito carinhoso, muito mesmo.

Pesquisadora: Quais as prioridades da senhora na escolha de uma escola? Para a senhora, o que é importante quando a senhora vai matricular um filho? A senhora falou que teve dois... O que a senhora pensava? ‘Não, vou matricular meu filho porque essa escola...’

Entrevistada: Ah, eu pensava, porque vamos matricular meus filhos, porque meus filhos vão ter todo o desenvolvimento, toda inteligência, porque aqui eles vão ter o resultado.

Pesquisadora: A senhora teve uma experiência marcante na Escola Professor Alberto?

Entrevistada: Tive.

Pesquisadora: Conte para a gente.

Entrevistada: Quando minha filha não sabia tabuada, passaram ela sem ela saber ler, e, depois que ela passou para a Ponte, foi uma bênção de deus, porque ela decorou a tabuada. Aí, sempre ela teve que tomar remédio para ter desenvolvimento para ler, sabe? Depois que foi para a Ponte, cortou o remédio, cortou isso tudo.

Pesquisadora: Olha que interessante. Então foi algo marcante para ela, para o desenvolvimento dela também.

Entrevistada: Foi, foi para ela também, gente!

Pesquisadora: A senhora atribui isso ao que a senhora já falou, sobre a questão da proximidade, de ser um grupo menor de alunos, um número menor de alunos... E o que mais a senhora falaria que trouxe todos esses benefícios para a sua filha, para seus filhos, na Escola Professor Alberto?

Entrevistada: O que eu falaria...

Pesquisadora: Além de todas essas coisas, que vc já citou, existe alguma coisa a mais que a senhora poderia falar para a gente? Que é diferente na EPA?

Entrevistada: Ah, o carinho deles, dos professores, é diferente, a atenção para eles, eles põem mais amor nos professores lá, sabe? Parece que eles amam os professores lá, não dá... não tem tanto trauma como os daqui...

Pesquisadora: Da cidade?

Entrevistada: ... da cidade.

Pesquisadora: Se a senhora pudesse usar uma palavra para definir a EPA, qual palavra a senhora usaria?

Entrevistada: 'Benção' e 'milagre'.

Pesquisadora: 'Benção' e 'milagre'. Muito bom. E 'Benção' e 'milagre' por que, dona Divina?

Entrevistada: Porque ela só me deu vitória, ela só me deu bênção. Tanto faz, para mim quanto para meus filhos, só vitória.

Pesquisadora: Então, a senhora, como mãe, que teve os filhos matriculados na escola rural, enxergou só aspectos positivos? Ou teve algum aspecto negativo?

Entrevistada: Não. Ainda não cheguei nesse ponto não, graças a deus.

Pesquisadora: Então, valeu a pena.

Entrevistada: Valeu a pena.

Pesquisadora: Dona Divina, muito obrigada!

Entrevistada: De nada!

Pesquisadora: Pela participação da senhora...

Entrevistada: De nada! Quando precisar, na hora.

[interrupção da gravação]

APÊNDICE F – Transcrição da Entrevista VI

Corumbaíba, 18 de fevereiro de 2020

Pesquisadora: Milene Garcia Silva.

Entrevistado: Elisângela Alves de Souza

Local da Entrevista: Via (WhatsApp).

Presentes: Milene (Pesquisadora), Elisângela (Entrevistada).

Horário da Entrevista: HH:MM.

Duração Total do Áudio: 13min 14s 328ms.

[Áudio 1/41, duração: 28s 418ms]

Pesquisadora: Elisângela, boa tarde. Tudo bem? Nós queremos conhecer um pouquinho sobre a sua história de vida. Conte-nos um pouco sobre você, seu nome, sua idade, onde você nasceu, qual a cidade em que você reside hoje, se você trabalha, estuda, se você é casada, solteira, se tem filhos... Conte-nos também um pouquinho sobre a sua escolarização.

[Áudio 2/41, duração: 9s 958ms]

Pesquisadora: Em que época você inicia os seus estudos, como aconteceu... Você tem boas lembranças dessa época? Conte para a gente.

[Áudio 3/41, duração: 2min 07s 418ms]

Entrevistada: Então. Boa tarde, Milene, meu nome é Elisângela Alves de Souza, tenho quarenta aninhos... Sou nascida, criada e resido aqui na cidade de Corumbaíba. Já saí e morei fora, por uns meses, mas a boa filha à casa torna. Retorna. Estudo, trabalho, casada, tenho dois filhos, Gabriel Venâncio com vinte e dois, Carlos Eduardo, com doze anos. Minha história de vida escolar foi um pouco turbulenta, mas graças a deus, firme. Passei pela Educação Infantil, Alfabetização, (Ensino) Fundamental I, normalmente, sempre gostei de estudar, graças a deus. No (Ensino) Fundamental II, no sexto ano, eu me mudei de cidade para a nossa vizinha cidade Caldas Novas. Eu me mudei para lá em meados de março, abril. Chegando lá, não encontrei vaga em nenhuma escola; conseqüentemente, perdi o ano escolar. Fiquei arrasada. No ano

seguinte, retornamos à nossa Corumbáiba; diretamente fui matriculada no colégio, graças a deus. E foi só alegria. Mas ainda no (Ensino) Fundamental II, novamente parei de estudar no final da oitava série, dessa vez ficando por quatro a cinco anos parada, fora da escola. Mas sempre meu coração com aquela vontade de estudar, de retornar aos estudos. Agora, já casada, com filho, é mais difícil; mas, graças a deus, tive o apoio do meu marido, da minha mãe, da minha família, para prosseguir com os estudos. Voltei a estudar na EJA (Educação de Jovens e Adultos).

[Áudio 4/41, duração: 2min 02s 078ms]

Entrevistada: Terminei o EJA, o colégio, no EJA, fiquei parada por algum tempo. Aí surgiu concurso na Prefeitura, fiz o concurso para Gari, passei em trigésimo quarto... Demorou demais para me chamarem, mas me chamaram. Mas não fui para varrer rua não, fui direto para o hospital municipal, ficando lá por cinco anos. Quando tive meu segundo filho, fui trabalhar no CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil), no comecinho de vida, na faxina, por mais uns seis anos, sempre observando, amando estar ali, sabe... Então, mais uma vez, teve concurso, para Auxiliar Educacional, passei em terceiro lugar, graças a deus, fui para a tão sonhada sala de aula. Estando em sala de aula, mais uma vez, novamente, deus tocando no meu coração, e eu com aquela vontade, retornei aos estudos novamente, só que, agora, faculdade, a tão sonhada faculdade para ser professora. Fui para a faculdade UNIP (Universidade Paulista), no polo de Caldas Novas. Foi difícil, mas vencemos em janeiro de 2019. Agora, hoje, pós-graduanda no curso de Neuropedagogia, Psicanálise Infantil e Saúde Mental pelo Instituto Saber, já, graças a deus, em fase final. E não pretendo parar minha vida de estudante tão cedo. Quero estar em constante aprendizado e chegar ao tão sonhado ser professora, foi um sonho de criança.

[Áudio 5/41, duração: 21s 378ms]

Pesquisadora: Elisângela, hoje você é uma educadora, uma pedagoga... Como você percebe a escola? Para você, quais são as características fundamentais que uma escola precisa na construção do conhecimento, do saber?

[Áudio 6/41, duração: 1min 27s 998ms]

Entrevistada: Então, Milene, eu acredito que tanto o ambiente, não só na escola, tem que ter um clima de paz que seja favorável ao aprendizado, ao conhecimento, e ao saber. E na escola, não seria diferente. Eu, como pedagoga não atuante, mas consciente de que temos que estar em constante aprendizado, atualizando nosso conhecimento diariamente, dominar os conteúdos e disciplina... Agora, para com o aluno, o acolher, o acolhimento, com amor, conhecer, ter empatia, saber reconhecer as emoções e necessidades de cada um... Acima de tudo, deus e muito amor, sabe? Na verdade, eu acredito que todos nós somos partes necessárias, fundamentais, da escola; tanto pedagogos, gestores, todos os colaboradores. A escola se faz em um todo. Tudo se torna aprendizado junto à construção do conhecimento e do saber. É assim que eu penso.

[Áudio 7/41, duração: 24s 458ms]

Pesquisadora: Elisângela, você encontra essas características, ou encontrou essas características na Escola Professor Alberto? Quais os fatores que levaram você a matricular seu filho em uma escola localizada no campo e não em uma das escolas urbanas do município de Corumbaíba?

[Áudio 8/41, duração: 1min 26s 978ms]

Entrevistada: Com certeza, Milene! Todas essas e outras qualidades encontramos na Escola Professor Alberto de Moraes Holanda. O que me levou a matricular meu filho lá foi, sim, essas qualidades, esses fatores. A escola no campo tem um grande diferencial, que são todas as qualidades que tem uma escola ideal: o acolhimento, o número de alunos por turma... É quase uma aula particular, os professores têm tempo de atender os alunos com mais dificuldade, individualmente. Esse é um dos pontos positivos da escola no campo, pois os professores são excelentes, e os mesmos, são os mesmos, da rede, aqui, urbana. Aqui é muito aluno na sala! Tem sala com quarenta alunos. Assim, é quase impossível saber como um professor, assim... tem que ter um manejo muito grande, muito grande, para poder dar conta da turma, poder dar conta do recado. Aqui, na zona urbana, é, assim... o principal, principal, é sala lotada. Aqui na zona urbana. Agora, as qualidades no campo... esse é o diferencial, esses são os fatores.

[Áudio 9/41, duração: 10s 858ms]

Pesquisadora: Elisângela, como você conheceu a Escola Professor Alberto? Você conhece algo da história dessa instituição?

[Áudio 10/41, duração: 46s 198ms]

Entrevistada: Estando já há algum tempo na área da Educação, em cidade pequena, sabemos (quem são) e conhecemos quase todo mundo. E não foi diferente com a escola. A atual gestão é bem conhecida e muito amiga de todo mundo. E a boa fama da Escola Professor Alberto já se espalhou... Sobre a história da escola, estou meio desatualizada. Sei que a escola foi criada para suprir as necessidades do Povoado Ponte Quinca Mariano, e ganhou esse nome para homenagear o professor Alberto de Moraes Holanda. É isso.

[Áudio 11/41, duração: 5s 998ms]

Pesquisadora: E seu filho gosta de estudar na escola?

[Áudio 12/41, duração: 1min 31s 658ms]

Entrevistada: Com certeza. Gosta muito, muito. Para colocar ele lá, no ano passado, eu tive que conversar com a Secretária de Educação, que era a Janaine, ela me disse para matricular ele aqui primeiro, que tinha que esperar, porque sempre a escola rural começa junto com as escolas do município, e o Estado começa antes, para não perder, e tal, porque talvez ele não conseguiria a vaga, e porque ele estava na fila de espera. Aí eu matriculei ele em outra escola e ele foi (para lá por) duas semanas. Nossa, quando ele foi para lá, era só elogios. Aqui, eles eram quarenta e cinco alunos dentro de uma sala, e lá eram seis, sete, eu acho. Ele amou os funcionários, ele amou, amou, assim, completamente mesmo. E até hoje, ele só elogia. Nunca chegou reclamando, alguma coisa, algum professor... nada, nada, nada. Ele só chega e: 'ai, aprendi isso', 'ai, foi bom isso', 'ai, foi aquilo'. E as aulas lá são dinâmicas, assim, professor falou que ia levar eles lá na Ponte, para ver as coisas, ver a realidade do povoado, e tal, e ele ama, adora, de verdade.

[Áudio 13/41, duração: 9s 798ms]

Pesquisadora: A sua participação, como mãe, na escola: ela atende suas expectativas?

[Áudio 14/41, duração: 1min 02s 158ms]

Entrevistada: Sim, eu participo sim, eu já levei, ele já ficou lá na casa de colega para fazer trabalho, eu trouxe, depois eu fui e busquei... Eu participo do necessário e, graças a deus, tem atendido todas as minhas expectativas. Melhor eu... se eu pudesse ter colocado ele lá desde a Educação Infantil, era, sabe, melhor. De verdade, mesmo, não tenho nada que reclamar da Educação Infantil aqui, do (Ensino) Fundamental I... Ele foi para lá agora, (Ensino) Fundamental II, porque aí já ia para a escola do Estado, com salas muito lotadas, e a gente achou por bem levar para lá. E todas as minhas expectativas foram, assim, alcancei todas, todas, todas as minhas expectativas, foi muito bom. Foi a melhor opção que eu fiz pelo meu filho, foi ter levado para lá, sim.

[Áudio 15/41, duração: 12s 818ms]

Pesquisadora: Se fosse para você definir a Escola Professor Alberto com uma palavra, ou, até mesmo, com uma frase, qual palavra, ou qual frase, você usaria?

[Áudio 16/41, duração: 46s 158ms]

Entrevistada: Gratidão. Eu sou grata por eles terem acolhido meu filho, que é daqui, da zona urbana, que não faz parte do povoado. Gratidão. E, assim, foi muito bom para nós, aqui, para a nossa família, a escola acolheu ele muito bem, muito bem... Assim, a tranquilidade sobre o ensino, a tranquilidade sobre você saber que seu filho está bem, que ele está tendo o aprendizado que você espera... É gratificante, viu? Gratidão mesmo, porque foi muito bom mesmo, de verdade, graças a Deus, viu?

**TRANSCRIÇÕES DAS CONVERSAS REALIZADAS COM OS PAIS/
ENTREVISTAS COMPLEMENTARES:**

APÊNDICE G – Transcrição da Entrevista VII

Corumbaíba, 18 de outubro de 2020

Pesquisadora: Milene Garcia Silva

Entrevistada: Nívia Cristina da Silva

Local da Entrevista: Via (WhatsApp).

Horário da Entrevista: HH:MM.

Duração Total dos Áudios: 28min 55s 232ms.

[Áudio 17, duração: 1min 50s 578ms]

Entrevistada: Então vamos começar a responder às questões. Sobre a minha cultura e a dos meus familiares. Nossa cultura foi a cultura da fazenda, as tradições, os costumes, porque, como eu já disse, eu fui nascida aqui no município de Corumbaíba e fui criada nas fazendas. Meu pai, ele trabalhava... rural, e nossos costumes eram simples, da fazenda mesmo, eram os terços de São João, nós crescemos com esse costume, as festas religiosas, que era o que, assim, a nossa diversão era essas festas, os terços, as festas religiosas, que a gente ficava rezando, sonhando, o ano inteiro para a gente estar participando. Nós somos de família católica, eu fui batizada na Igreja Católica, embora hoje nós não somos muito praticantes porque nós quase não frequentamos muito as igrejas. Nós temos a nossa fé, mas é mais, assim, em nossas orações em casa mesmo. Hoje, eu sou, eu tenho a minha crença, minha fé no Espiritismo, mas nós somos batizados na igreja Católica; na minha família, praticamente, quase todos são católicos.

[Áudio 18, duração: 2min 44s 198ms]

Entrevistada: A nossa vida na fazenda era assim: a nossa diversão, tirando dessas festas religiosas, era as visitas às vezes na casa dos... dos amigos, de alguns familiares que moravam nas fazendas próximas. Então, nós crescemos, às vezes a gente fazia aqueles bailes de roça, que eles falam, aniversários, ou fazia os bailes mesmo por diversão, aí tinha aqueles bailes de roça, que aquilo lá era uma alegria. Então, a gente tinha uma vida bem simples, mas nós fomos muito

felizes. E aí, como nós fomos crescendo... fomos batizados, crescemos com os costumes católicos, então a gente, quando era criança, tinha uma época que era terrível, que era a Quaresma. Como a gente não tinha, na época, uma televisão que pegava os dois canais, Globo e Bandeirantes, não sei, eu nem me lembro, não me recordo mais. Então, a gente tinha que se virar para poder se divertir e a nossa maior diversão era jogos de carta, de baralho, a gente gostava de cacheta, truco e baliza. A gente jogava muito baliza. E eu me lembro de que isso, enquanto era a quaresma, entrava na Quaresma, meu pai não deixava de jeito nenhum. Aí estava, nossa, extremamente proibido o baralho, e a Baliza também. Sempre... às vezes a gente ouvia os 'causos', tinha os mais antigos que tinham, que contavam os 'causos' das quaresmas, tinha gente que jogava baralho e escutava vozes depois, jogando partidas de cacheta, de truco, ou quem jogava Baliza, depois, à noite, ouvia as pedras batendo, então tinha as histórias das assombrações, então a gente morria de medo. Quando entrava na Quaresma para nós, aí era complicado, era bem difícil, porque era todos os dias; enquanto não chegava o Sábado de Aleluia, as brincadeiras eram todas cortadas.

[Áudio 19, duração: 2min 59s 378ms]

Entrevistada: Uma comida que eu mais gosto é... a minha preferência são comidas de sal, eu não sou muito forte, com... doce não é o meu forte não. Mas, para mim, se a comida estiver bem feita, feita com amor, eu gosto praticamente de tudo. Eu, a única comida que eu não como de jeito nenhum é o arroz. O arroz, quando eu era criança, por volta de uns sete anos, foi na época que o país passou por aquele... não sei foi aquele, o Collor... não foi... o Collor, Fernando Henrique... eu só sei que o país passou por uma situação econômica muito difícil e encareceu muito, e a gente plantava, meu pai plantava roça, nosso sustento era tirado praticamente da lavoura. E, nesse ano, bem justo no ano que estava tudo muito caro, choveu e molhou o arroz do meu pai, e ele pegou um gosto... ele pegou um gosto, meio ruim, eles falavam na época que 'ardeu', 'ardeu o arroz', era assim que eles falavam, e eu era extremamente apaixonada em arroz. Eu levantava de manhã, o arroz que sobrava da janta, eu gostava de comer ele frio, no café da manhã, eu era muito apaixonada em arroz; e aí, meu estômago não aceitou o arroz, e meu pai, na época, por estar tudo muito caro, não quis comprar... não é que ele não quisesse, ele achava injusto comprar um arroz bom e os outros filhos comerem o que ele tinha plantado, então tentaram me forçar a comer o arroz; aí, eu criei um bloqueio contra o arroz, então é uma comida que eu não como de jeito nenhum, que foi um trauma de infância tão grande que me faz

até mal, não como de jeito nenhum, se cair um grão de arroz no meu prato, eu vejo ele de longe. Então, eu não tenho problema com comida não, para mim, dependendo do horário, da situação e da fome, estando bem feita, todas são minhas preferidas. Gosto muito de massa, macarrão, macarrão da Vivenda do Camarão, nesse exato momento, para mim, se fosse para eu escolher, era a minha preferida, mas eu como de tudo, só o arroz que não.

[Áudio 20, duração: 1min 34s 578ms]

Entrevistada: Agora, com relação a música, eu gosto é do meu sertanejo do Goiás mesmo, aquelas músicas apaixonadas que têm que doer o chifre; se não for assim, eu nem... nem ouço, eu gosto é de música apaixonada. Então, falou que é sertanejo é comigo mesmo. Cantores, eu gosto é dos nossos sertanejos praticamente todos, Leonardo, Daniel, Bruno e Marrone, Zezé di Camargo e Luciano, gosto de todos, Gustavo Lima, e assim vai. Uma música, uma do Zezé, ‘Tente Outra Vez’, eu sempre gostei dela, e na época, eu estava com uns catorze, quinze anos, então, eu... parece que essa música, parece que ela me descrevia; porque na época que a gente está com aquela ilusão, que ‘nossa’, que tudo vai dar certo, e sempre vinham as decepções, e sempre tinha que tentar outra vez. Então, uma música que toda a vida eu gostei, até hoje, de que se fala assim, que faz alguma referência (à vida) é essa, ‘Tente Outra Vez’, Zezé di Camargo e Luciano.

[Áudio 21, duração: 48s 838ms]

Entrevistada: Como eu me vejo: eu acredito que eu sou um ser humano, de fácil convívio, não sou o estilo ciumento, que fico concorrendo com as outras pessoas, eu não sou, eu não me vejo uma pessoa ciumenta. Eu sou fácil de convívio, não sou de ficar brigando, não sou de ficar implicando... A única coisa... eu não tenho paciência, o meu fraco é a falta de paciência, e não sou de ficar muito tempo com nada me passando raiva; eu até empurro um pouquinho, mas o dia que eu tiro para resolver, eu resolvo. Mas eu sou uma pessoa super tranquila.

[Áudio 22, duração: 1min 26s 598ms]

Entrevistada: (Em relação) à cor, eu não tenho preferência de jeito nenhum, não consigo falar qual cor (é a minha) preferida. Eu sou muito do hoje e do agora. Às vezes, eu olho uma árvore,

o verde está lindo e maravilhoso; naquele momento, o verde é minha cor preferida. Às vezes, eu olho para o céu e vejo um azul lindo e maravilhoso, ou um rio, ou... não sei; ali, naquele exato momento a minha cor preferida é o azul. Eu, como eu fiz Artes Visuais, gosto muito de pintura, então, eu gosto muito de contraste. Eu gosto muito assim: eu uso muito um vermelho, contraste com verde, assim... Parece que eu me identifico mais com cores quentes, mas eu não consigo, de forma alguma, falar assim: 'ah, eu gosto', 'minha cor preferida é o verde', 'é o azul', 'é o vermelho'; não consigo, porque isso aí vai do dia, das circunstâncias, depende do elemento onde aquela cor está inserida, e falar assim: 'não, hoje, agora, é minha cor preferida'.

[Áudio 23, duração: 49s 338ms]

Entrevistada: Lembranças boas... parece que é a infância, não tem jeito. Diz-se que é a época em que a gente estava tudo no lar, meu pai, minha mãe, os cinco filhos, a gente, modo outro, tinha uma vida tão simples, tão humilde, mas a gente, modo outro, era feliz e não sabia. Então, tem tantas passagens boas, de que a gente se lembra, que fazem a gente rir. Então, para mim, são os meus momentos mais felizes, eram quando a gente era criança mesmo. Eram nossas brincadeiras...

[Áudio 24, duração: 1min 42s 258ms]

Entrevistada: Com relação a passeios, eu não sei se é porque hoje nós temos uma vida tão corrida, que a gente está perdendo um pouco daquela, daquele entusiasmo para passeios. A gente sempre está tão cansado... Então, hoje minha prioridade é passar meus finais de semana, feriados, férias, em casa, mas quando não está muito tumultuado, eu gosto de praticamente de todo tipo... qualquer paixão me diverte, se for para fazer ou passar um dia na beira de um ribeirão, eu acho ótimo, maravilhoso, se for para poder fazer uma viagem, ir lá para um *shopping*, eu gosto também, amo fazer visitas em orquidários, em viveiros de plantas, porque é a minha paixão número um, sou muito apaixonada por plantas, como eu já havia dito, orquídeas, minha paixão, rosas do deserto. Então, eu dependo das circunstâncias, se estiver tranquilo, eu gosto de passear, eu gosto de viajar, eu gosto... se for para poder passar um dia com a família na beira do ribeirão, eu gosto também, ou ir para uma chácara... mas devido às correrias do cotidiano, o meu passeio preferido está sendo na minha casa.

[Áudio 25, duração: 1min 32s 438ms]

Entrevistada: (Quando eu) era solteira, eu gostava muito dos forrós aqui da nossa região e da cidade, então eu não perdia nenhuma festa: a Festa do Peão, é uma [ininteligível], marcava presença em tudo. Aí, depois que eu tive os meus filhos, no caso o Renan, o mais velho, eu voltei a minha atenção cem por cento para o bem-estar dos meus filhos; então, devido a muitas brigas, eu deixei... Eu, praticamente, quase não participo mais, porque o Renan, hoje, já está com dezesseis anos, mas eu já tenho o Davi, com sete. Então, assim, lazer para mim tem que ser para a família toda, eu tenho que o bem-estar tem que, modo outro, os meus filhos sempre estar em primeiro lugar, então eu tenho, assim, eu sempre priorizo um ambiente adequado para as crianças. Então, hoje, nosso lazer está resumido praticamente a passeios, assim, mais familiares mesmo: ir para um rancho com a família, ou viajar com a família, eu sempre sou preocupada com o ambiente harmônico familiar mesmo.

[Áudio 26, duração: 3min 08s 738ms]

Entrevistada: Então, o que me deixa mais feliz: um esporte, plantar, cantar, cozinhar... Um esporte, quando eu era solteira, eu era... o pessoal me chamava de ‘piolho de quadra’. Então, eu jogava vôlei, eu era extremamente apaixonada, era minha diversão, que eu, nossa, era, o vôlei para mim sempre foi tudo. E depois que eu engravidei, que eu tive os meus meninos, eu deixei, eu acho que eu não entrei mais numa quadra. Então, hoje, o que eu mais gosto, o meu lazer preferido, são as plantas. Como eu já havia dito, eu tenho orquidário, e eu sou muito apaixonada por plantas e, em especial, orquídeas e rosas do deserto. Então, minha diversão, quando eu não estou trabalhando, no meu tempinho de folga geralmente eu estou cuidando das minhas plantas. Cantar, eu não canto nem debaixo do chuveiro, porque eu já tenho uma dificuldade na fala, eu já tenho problemas com pronúncia, então, minha oratória, nem debaixo do chuveiro, eu não canto de jeito nenhum; então, é uma, uma atividade que eu... nem nas apresentações das escolas, quando era para cantar, eu sempre, modo outro, eu não fazia parte. E gosto de cozinhar também, eu gosto, amo cozinhar. A comida aqui na minha casa, eu trabalho fora, tenho outras atividades além do meu serviço, porque eu sou funcionária pública do Legislativo, eu cumpro uma jornada de oito horas diárias, e trabalho com a Natura, já tem dezoito anos que eu trabalho com a Natura, e tem as minhas plantas que, querendo ou não, a gente... por mais que seja um *hobby*, mas eu tenho que me dedicar a elas, eu tenho que tirar um tempinho para elas, porque, senão, morrem,

mas... eu não... De cozinhar eu não abro mão. Minhas atividades de casa, hoje, eu faço tudo sozinha também, e cozinhar é sagrado para mim, o almoço eu tenho que fazer todos os dias. A minha família, eu, meu esposo e os meus dois filhos, a gente tem que se sentar na mesa todos os dias e almoçar juntos, eu não abro mão. Então, eu gosto de cozinhar também, não tem dificuldades com comida não.

[Áudio 27, duração: 3min 17s 518ms]

Entrevistada: ‘Fale sobre um talento, uma arte que faz, um dom’. Nós, todas as pessoas que estudam na área de artes, ouvimos falar muito que ‘dom não existe’, que dom é o esforço, é um empenho que a gente coloca, então tudo o que a gente for fazer, vamos supor, ‘eu quero ser pintor’, às vezes fala assim: ‘ah, eu não sou pintor porque eu não tenho o dom para pintura’. Na realidade não é a verdade, na realidade é a falta de prioridades, porque toda atividade artística, ou toda atividade, se a gente priorizar, vai ser bom naquilo. Então, às vezes, a gente pode ter facilidades. Então, eu sou uma pessoa que, quando pega alguma coisa para fazer, eu quero fazer aquilo, então eu sou assim, eu empenho. Então, tudo o que eu vou fazer, eu gosto de fazer sempre muito bem feito, eu sempre estou buscando dar o meu melhor. Então, eu sempre tive facilidade com pintura, desde criança eu gostei demais de desenhar; então, pintura nunca foi, uma dificuldade. Degradê de cores, nas aplicações, tonalidades, eu tenho, uma facilidade, eu gosto muito. E, como eu estou falando, quando a gente era criança, era nas fazendas, a gente não tinha muito o que fazer, então, a gente tinha que ficar buscando as atividades para passar nosso tempo para ter um pouco de diversão. Então, eu criei, eu fui criada próxima a pessoas que faziam crochê, que trabalhavam com bordado, aí eu fui aprendendo. Hoje, eu sei fazer crochê, eu sei fazer alguns tipos de bordado, só costura que eu não tenho talento não, eu nunca priorizei; às vezes pode até ser que eu tenha talento, mas eu nunca priorizei, é uma área que eu não entendo de jeito nenhum; mas crochê, bordado, eu já... Como eu já disse, eu sou, eu tenho Licenciatura em Artes Visuais, então, eu sobrevivo na pintura, eu gosto de pintura, eu sobrevivo em fotografias, por mais que eu tenha encostado a minha câmera, nem sei se ela está funcionando. Então, dom, dom, nós temos, todos nós, nós temos. Então, a gente tem que priorizar.

[Áudio 28, duração: 4min 58s 918ms]

Entrevistada: Bom, significado da vida, para mim, é um presente de Deus, em que a gente, eu acredito, que cada amanhecer que a gente acordar, a gente deve agradecer por Deus nos manter, por nos conceder a vida. Então, para mim, tem meu ponto, meu lado espiritual, que eu já falei que a minha crença está no espiritual, então, é uma forma de a gente estar evoluindo, então, a vida, para mim, é uma evolução... E, hoje, estou completando meus quarenta anos, e eu já saí daquela fase de buscar a perfeição; quando a gente é, nós somos mais jovens, a gente, às vezes, a gente faz tantas coisas que a gente não passa feliz, mas somos extremamente preocupados com a opinião das pessoas; então, a gente tem sempre aquela busca pela perfeição. Então, hoje, como eu já estou próximo, já vou entrar nos quarenta, eu já não... eu já não importo mais, eu já não me preocupo mais em ser perfeita. Eu já estou valorizando muito o meu interior, eu valorizo muito as minhas vontades. Nós fomos criados, nós somos educados a não fazer mal ao próximo: isso aí nós, desde crianças, foi a educação, o motor primordial, a nossa base, foi não fazer mal ao próximo. Então, hoje em dia, acho que a gente vai chegando a uma certa idade que a vida vai ganhando uma certa leveza, porque eu já tenho a minha educação de não fazer mal ao próximo, então, graças a Deus, às vezes a gente pode até cometer alguma falha, mas eu sou uma pessoa que eu durmo muito, graças a Deus, quando eu falo assim: ‘agora eu vou dormir’, eu tenho condições de dormir, de deitar e dormir, porque eu tenho minha consciência tranquila, eu tenho uma consciência muito tranquila. Então, a vida, gente, a gente não pode ficar desperdiçando com coisas pequenas, com vaidades; às vezes, deixando de fazer alguma coisa que poderia nos fazer tão feliz para poder estar buscando essa perfeição. Acho que a vida Deus deu para cada um e cada um deve seguir da forma que é feliz. Eu sempre falei para... sempre falo para as pessoas que são próximas (a mim), eu falo assim: ‘olha, a gente não tem que fazer a faculdade que outras pessoas falam que é a melhor’, ou, que tem que seguir uma determinada atividade porque outros julgam melhor. Cada um de nós, apenas nós, sabemos o que é melhor para nós. Eu sempre defendi se vender banana na esquina for o que te fazer feliz, então a gente vende banana na esquina. Hoje, nos meus próximo aos quarenta anos, é que a gente para, para poder... para pensar, porque a gente perde muito tempo com coisas tão pequenas, tão desnecessárias, e ninguém sabe o amanhã. Às vezes, a gente, modo outro, está bem hoje e o amanhã, às vezes, pode nem existir, e a gente partir, e às vezes nem viveu. Está aí a pandemia para mostrar para nós. A pandemia veio para poder nos ensinar que a mesma hora que a gente pode estar bem, pode, modo outro, não estar bem. Então, a vida foi feita para ser vivida.

[Áudio 29, duração: 49s 538ms].

Entrevistada: Então, a vida foi feita, então, na minha concepção, para ser vivida com leveza. Problemas impossíveis, resolvidos geralmente eles já estão; não cabe a nós, porque, hoje, várias pessoas não acreditam, mas eu acredito que os problemas impossíveis a gente entrega na mão de Deus porque ele existe, e segue a vida, e, a gente tem que tentar ser feliz, você tem que, modo outro, agradecer, ser grato e buscar ser feliz.

[Áudio 30, duração: 1min 12s 318ms]

Entrevistada: Então, espero ter respondido a contento os questionamentos, se ficar alguma dúvida, se ficar alguma coisa que você não entender, eu estou à disposição, viu? Pode me perguntar que eu respondo, respondo com o maior prazer. Se você quiser citar a minha (vida)... a comida, ou os costumes, não se esqueça do nosso pequi, porque eu amo pequi, e até hoje, época de pequi, eu saio com meu pai, geralmente, eu saio é com ele, e a gente vai para as fazendas para poder buscar o pequi. Inclusive, eu fiz aqui, uma parte é carne e a outra é pequi, eu não abro mão não, porque tem que ficar minha reserva; como ano passado deu muito, tenho pequi até hoje aqui congelado. Aí, se você quiser citar um dentre os costumes da nossa região, ou uma comida, eu sou apaixonada no pequi também, viu.

APÊNDICE H – Transcrição da Entrevista VIII

Corumbaíba, 21 de outubro de 2020.

Pesquisadora: Milene Garcia Silva.

Entrevistada: Janãine Daniela

Local da Entrevista: Via (WhatsApp).

Horário da Entrevista: HH:MM.

Duração Total dos Áudios: 12min 45s 850ms.

[Áudio 1, duração: 56s 758ms]

Entrevistada: Milene, a questão 1, ‘conte-nos um pouco sobre como chegou em Corumbaíba’. Eu vivia em Catalão com a minha família, e aos seis anos de idade, a minha avó faleceu. O meu avô tinha uma propriedade rural no município de Corumbaíba, e o meu pai recebeu essas terras como herança, e ele resolveu, então, mudar-se com a família para Corumbaíba. Foi assim que eu cheguei ao município de Corumbaíba, depois... E aí eu vivi no campo, então, no município, dos seis anos de idade até os quinze anos; aos quinze anos, nós nos mudamos para a cidade.

[Áudio 2, duração: 46s 898ms]

Entrevistada: A cultura da minha família e as tradições da minha família estão muito vinculadas ao modo de vida camponês. Então, às culturas camponesas goianas, e às tradições goianas. Isso, do ponto de vista das relações, de compadrio, da fartura camponesa, as festas de roça, terços, reuniões de comunidade, festa junina, andar a cavalo, a lida com o campo, os saberes do campo, tanto dos homens quanto das mulheres.

[Áudio 3, duração: 1min 25s 458ms]

Entrevistada: Então, por exemplo, um aspecto cultural muito forte na minha infância e juventude foi a música sertaneja, então era assim: as músicas que meus pais ouviam o tempo todo eram as músicas que nós conhecíamos, que nós ouvíamos. Naquela ocasião, naquele contexto, eu tinha uma tia que gostava muito de músicas internacionais românticas, e ela sempre ouvia. Então, além da música sertaneja, eu tive contato com esse gênero musical, e ele me

chama muita atenção; desde então, eu gosto bastante da música internacional romântica, enfim, muito ligada aos filmes dos anos 1990, anos 2000 também. Mas a música sertaneja (ainda é) muito presente. Claro que, depois, na graduação, no meu convívio na universidade, na pós-(graduação), enfim, e em outras vivências, eu tive contato com a MPB (Música Popular Brasileira) e outros gêneros musicais. Então, eu gosto bastante da MPB hoje, mas a questão da música sertaneja está muito presente para mim, principalmente porque era uma música que fazia parte do nosso cotidiano.

[Áudio 4, duração: 53s 438ms]

Entrevistada: Com relação à comida, alimentação, é muito, também, forte a presença da cultura camponesa, os pratos típicos goianos, o jeito goiano de cozinhar, as quitandas, os doces, o frango caipira, então, esses almoços caipiras mesmo, básicos. Tanto é que, por mais que hoje eu tenha contato com outras culinárias, enfim, essa culinária goiana, camponesa, continua sendo a melhor, aquela que remete às lembranças da infância, da juventude, aquela que traz satisfação a você, enfim. Então, é muito presente essa questão da cultura camponesa na minha vida, nos meus traços.

[Áudio 5, duração: 3min 09s 338ms]

Entrevistada: Bom, Milene, com relação à religião, eu tive a oportunidade de ter contato com várias religiões cristãs. Na minha família, o meu pai é de família espírita; então, eu convivo com Centros Espíritas Kardecistas desde a minha infância, tanto em Corumbáiba, (quanto em) Nova Aurora, Cumari, Catalão... Então, o Centro Espírita, a literatura espírita, a doutrina espírita sempre esteve presente na nossa família. A minha mãe veio de família evangélica, mas não muito atuante, então a gente convivia com esse híbrido das religiões. Só que, para além da minha família, a comunidade rural onde eu vivi a maior parte do tempo, da infância e da juventude, é uma comunidade majoritariamente católica, inclusive tinha lá o líder de comunidade, e todas as semanas, nas sextas-feiras, eram realizadas as reuniões de comunidade. Então, a partir dos ritos católicos, (que) tive contato, tenho todos os sacramentos da Igreja Católica. Tive a oportunidade de conviver também com a religião evangélica, tenho uma tia que é evangélica e bastante atuante, e, na infância, quando eu ia passar os feriados, férias, enfim, na casa dela, eu frequentava a Igreja Evangélica, a Congregação. Então, assim, tenho vivência

nessas religiões. Hoje, eu não sou praticante de nenhuma religião, eu não considero necessário, digamos assim, para a minha vida, frequentar uma religião em si. Acredito na espiritualidade, acredito que existe uma força superior que rege o Universo, que pode ser um deus, mas acredito na necessidade de praticar o bem, considerando que o bem precisa ser praticado principalmente no sentido de que a gente só deve fazer ao próximo aquilo que gostaria que fizessem (com a gente); então essa é a principal filosofia. E a questão da solidariedade, também, ‘solidariedade’ no sentido de nos ajudarmos enquanto iguais, de criarmos vínculos e ações coletivas no sentido de promover o bem, o bem individual e o bem coletivo. Então, é um pouco disso, mas uma religião em si atualmente eu não tenho, não sigo.

[Áudio 6, duração: 17s 798ms]

Entrevistada: Bom, minha cor preferida é amarelo. Para mim representa vida, luz... Como eu me vejo: eu me vejo como uma pessoa disciplinada, determinada, mas um pouco controladora.

[Áudio 7, duração: 14s 958ms]

Entrevistada: Eu me vejo como alguém que não gosta de perder tempo e nem energia, e muitas vezes, também, firme demais com as (próprias) crenças; talvez isso soe como intransigência.

[Áudio 8, duração: 1min 21s 618ms]

Entrevistada: Bom, lembranças boas da minha história de vida, são muitas. Lembro-me das pamonhadas, quando nós nos reuníamos na casa dos meus avós, eu e meus primos, para fazer pamonha, então a gente se sentava, todo mundo ali participando, preparando milho, preparando pamonha, conversando, rindo, brincando, brigando, que é normal, então isso é muito bom, isso me lembra bastante... isso na minha infância. Da minha juventude, eu me lembro da escola, a escola do campo, eu me lembro da escola na cidade, eu me lembro do quanto eu sempre gostei, bastante, do ambiente escolar, do estudo, das leituras, enfim. Lembro-me também da universidade, do momento em que eu ingressei no curso de Geografia lá da UFCAT (Universidade Federal de Catalão), antiga UFG (Universidade Federal de Goiás) Campus Catalão, o quanto isso me trouxe novas perspectivas, novas experiências, novas vivências, isso foi muito importante. Lembro-me da formatura, também, como momento muito especial..

[Áudio 9, duração: 28s 138ms]

Entrevistada: Lembro-me de ir a essas reuniões de comunidade, como eu disse para você no áudio anterior, que eram realizadas todas as sextas-feiras, e nós íamos a cavalo. Então eu me lembro da lua clara, nós irmos a cavalo, depois o caminho de volta, também, tudo isso em família, e era muito bom, então tinha um sentido muito especial.

[Áudio 10, duração: 29s 338ms]

Entrevistada: Bom, o que eu gosto de fazer: gosto da minha casa, do meu ambiente familiar, gosto de um bom boteco, adoro o ambiente de boteco, gosto dos passeios na roça, no campo, na casa dos meus pais; gosto de ribeirões, de rio, de lugar que tem água, natureza e água.

[Áudio 11, duração: 9s 698ms]

Entrevistada: Então, dos lugares que eu mais gosto de passear, eu posso dizer que são lugares (onde) eu tenho contato com a natureza, principalmente com a água.

[Áudio 12, duração: 15s 998ms]

Entrevistada: O que mais me deixa feliz: a sensação do dever cumprido. Um esporte: hoje, eu gosto... hm?

[Áudio 13, duração: 40s 918ms]

Entrevistada: Milene, com relação a esporte, eu não tenho um esporte específico, até porque eu não gosto de competição, tenho o problema de não gostar de competição. Então, eu realizo atividades físicas, já tem três anos que eu mudei o meu comportamento, e eu pratico atividades físicas. Zumba, funcional, musculação, caminhada, bicicleta. E aí, eu vou intercalando os cinco dias por semana nessas atividades físicas. Majoritariamente, a zumba e a musculação.

[Áudio 14, duração: 27s 598ms]

Entrevistada: Plantar: gosto bastante de plantas, gosto de plantar e de cuidar das plantas. Minha casa tem bastantes plantinhas. Cantar: não gosto muito, mas gosto de ouvir músicas, bastante. Cozinhar, adoro, gosto muito também de cozinhar, os pratos típicos, um bom petisco, um bom churrasco, um bom franguinho caipira.

[Áudio 15, duração: 1min 07s 898ms]

Entrevistada: O que me traz alegria... Como eu disse, a sensação de dever cumprido, a rotina, estar com minha família, estar com os meus amigos, estar sozinha, também, eu me sinto bem sozinha, faço questão de ter momentos de solidão, eu preciso disso para manter o meu equilíbrio, a minha energia, o meu equilíbrio mental, eu preciso disso ao longo do dia, ao longo da semana, ao longo do tempo, preciso desses momentos aí de reconexão íntima, nem sei se é esse o nome, mas eu gosto da solidão. Gosto da interação, mas gosto muito da solidão. Eu acho a interação um pouco desgastante, ela me rouba energia ou ela me traz muitas energias ao mesmo tempo. Então, quando eu tenho muita convivência com o público, eu me sinto cansada.

[Áudio 16, duração: 25s 758ms]

Entrevistada: O significado da vida, Milene, para mim... A vida, para mim, é aprendizado, a vida é vida, ou seja, é vitalidade, na verdade, então,

APÊNDICE I – Transcrição da Entrevista IX**Corumbaíba, 21 de outubro de 2020.****Pesquisadora:** Milene Garcia Silva.**Entrevistada:** Ana Percília Lucas da Costa**Local da Entrevista:** Via (WhatsApp).**Horário da Entrevista:** HH:MM.**Duração Total dos Áudios:** 2min 36s 738ms.

[Áudio 33, duração: 2min 36s 738ms]

Entrevistada: Bom, sobre cultura, e tradições, minha família não é muito de cultura não. Acho que o tipo de tradição que a gente sempre segue lá em casa são os aniversários. Minha mãe nunca deixa passar um aniversário em branco: sempre um almoço, um bolo, qualquer coisinha do tipo. Outra coisa, também, que eu acho legal, é que ela não abre mão de a gente almoçar com ela todo domingo, não tem desculpa, nós temos que estar todos lá. Se não estiver lá, ela liga, ela fica toda magoada, ela emburra; então, domingo não tem compromisso com mais nada, domingo. No domingo, o compromisso é o almoço na casa da minha mãe. O Natal, também; no Ano Novo ela libera a gente, ela fala assim: ‘você podem ir (para) qualquer festa, qualquer lugar’. Mas o Natal, o Natal é com ela, sempre foi com ela. E sempre vai ser também, Milene. Agora... na parte religiosa, eu não sigo uma igreja, uma religião; eu tenho Deus comigo. Não vou a culto, não vou a igreja, mas leio a Bíblia, tento seguir o que eu consigo, porque a Bíblia é muito perfeita, nós não somos perfeitos, nós, ninguém consegue seguir ela à risca. Então, vou lendo, leio bastante. Os meninos, quando eram menores, (quando) a minha irmã frequentava muito, eles iam, nunca falei que não era para eles irem, sempre eles estavam presentes na igreja... Agora mesmo, no sábado, a Caroline vai, vai ter um culto de jovens, e ela perguntou se podia ir, eu falo: ‘pode ir’... Mas para mim não é; eu prefiro seguir o meu propósito em casa, do meu jeito, do que bater de frente com alguns líderes religiosos; então, eu acho melhor ficar em casa, fazer minhas orações em casa, fazer meus agradecimentos em casa, e, em vez de pagar dívidas, prefiro fazer doações: às vezes vejo uma pessoa que está necessitando de alguma coisa, tento ajudar, uma cesta básica, um medicamento, então, dessa forma eu vou agindo.

APÊNDICE J – Transcrição da Entrevista X**Corumbaíba, 01 de novembro de 2020****Pesquisadora:** Milene Garcia Silva.**Entrevistado:** Anésio Araújo de Castro.**Local da Entrevista:** Via (WhatsApp).**Horário da Entrevista:** HH:MM.**Duração Total dos Áudios:** 21min 08s 011ms.

[Áudio 31, duração: 10min 23s 851ms]

Entrevistado: Meu nome completo é Anésio Araújo de Castro. Eu sou nascido aos 9 de setembro de 1958 na cidade de Miguelópolis, Estado de São Paulo. Eu ganhei esse nome porque meu pai chamava-se José de Andrade Castro, mas ele tinha por apelido ‘Nésio’. Então, ficou e saiu meu nome ‘Anésio’. E fiquei como ‘Nezinho’. Na minha cidade, a família, e tal, me chama por ‘Nezinho’. E a gente, por toda a vida, morou em casa simples, mas sem faltar as coisas, simples, mas com as coisas que precisava dentro, com a alimentação, a roupa, tudo muito simples. Mas, graças a Deus, tudo muito bem. A cidade onde eu nasci e cresci é uma cidade, também, pequena, mas pacata, onde todo mundo conhecia todo mundo. Meu pai, mecânico, motorista de caminhão, motorista de ônibus, e minha mãe, sempre, do lar. Chama... minha mãe se chama Rosa Araújo. E eu tenho bastantes irmãos que não são filhos da minha mãe, meu pai se casou várias vezes, então tenho bastantes irmãos, uns dez, por aí. E meu pai sempre trabalhou nessas coisas: caminhão, máquina, mecânica, e é isso aí o que ele fazia. Então, eu me recordo muito de o pessoal da minha família reunida, época de Natal, época de... dia de fazer pamonha, dia de Ano Novo... dessas coisas, eu me lembro muito da minha família reunida. Eu estudei, comecei a estudar em Miguelópolis, eu tinha apenas seis anos de idade e comecei a estudar. Aí, a escola, na época, era uma escola rigorosa, no tempo ainda do regime militar, e aquela coisa toda, tinha aquelas coisas, de cantar o hino nacional, ‘Educação Moral e Cívica’... era daquele tempo onde as crianças, antes de estudar, entravam para a sala, faziam uma oração, cantavam o hino nacional e era assim que funcionava. Aí chegou à adolescência, e eu comecei a trabalhar... [houve alguma interrupção] Como eu estava dizendo, aí chegou à adolescência e eu comecei a trabalhar. Naquele tempo a gente trabalhava aonde os pais nos mandavam. Os pais mandavam a gente trabalhar, e tal, com determinada coisa, a gente ia. E eu fui, e meu trabalho

foi em oficina mecânica; meu pai me colocou em oficina mecânica para eu aprender a trabalhar. Na época, a gente não tinha ordenado (salário) não, trabalhava em troca do aprendizado. E assim foi, foi indo, foi indo, aprendi a trabalhar, sou torneiro mecânico, mecânico e motorista. Motorista de leve, pesado, tudo de [ininteligível], viajei demais o mundo, por aí. O ‘mundo’, que eu digo, o país; viajei muito. Então, eu tive uma fase de juventude muito boa, onde a gente tinha muitas amizades, muitos amigos, tinha as namoradas da época, e tal... e era, foi uma juventude bem sossegada, sem problemas, sem brigas na rua, sem problema com bebida, sem problemas com drogas, graças a Deus, na nossa época a gente não via isso, ouvia falar mas era muito longe da gente. Não participavam; as pessoas, os adultos, procuravam não falar isso perto da gente, então era uma coisa que ficava muito longe da gente, então não me lembro não. Eu, por exemplo, vim tomar uma bebida de álcool quando eu já estava aí numa fase de dezessete anos, beber algum pouquinho assim, só para participar de alguma festinha junto com... com os colegas, para arrumar uma namorada, e tal. Então, foi assim. E a escola, eu estudei, na época eu vim estudar, comecei a estudar, cedo, mas eu não fiquei muito tempo estudando não, a gente não parava muito no lugar, meu pai gostava de se mudar um pouco, e a gente não parava muito. E eu gostava demais de máquina, trator e oficina, então eu preferia isso à escola. Aí, depois, eu vim estudar, já agora, depois, aqui em Corumbáiba. Bom, mas aí, falando sobre Corumbáiba, eu já depois de adulto, já casado, e tal, eu me separei da primeira esposa, em que eu tinha, que eu era casado, só que tem três filhos meus, hoje já todos casados. É, hoje eu tenho aqui, sou casado aqui em Corumbáiba e tenho uma filha com quinze anos, dezesseis anos já fez. Aí, então, mas eu vim para Corumbáiba, já que me foi perguntado, eu vim para Corumbáiba à procura de trabalho, que eu estava, eu morava em Uberlândia quando eu separei da esposa, fiquei meio sozinho, meio... então peguei, saí de lá e vim procurar emprego de motorista aqui. A Italc aqui estava precisando de motorista e eu vim e saí aqui. Quando eu cheguei aqui, ela não precisava mais, estava vendendo os veículos, aí eu peguei e fiquei na oficina mecânica do ‘Tonico’ aqui, e aonde apareceu também, na mesma época, conjugou (concorreu) aqui que saiu coisa da Prefeitura, eu fiz o concurso da Prefeitura, minha esposa fez também, na época a gente já namorava, eu já estava namorando essa, que é a Elcineia, que é minha esposa, fez também e a gente... passou no concurso, fomos empossados e estamos até hoje, já estamos com vinte anos de casa já. E nesse meio de tempo, a gente se casou, veio a filha... então foi assim que eu vim para Corumbáiba, vim para cá e caí meio que de paraquedas, e aqui fiquei. Fiquei, aí veio a filha, que hoje tem dezesseis anos, e foi para a escola, e tal, aí eu, nós colocamos ela na escola da Ponte, eu trabalhava na Prefeitura com ônibus, uma vez com ônibus, outra vez com

ambulância, outra vez com caminhão, e tal, e hoje já tem uns quatro anos ou cinco que eu trabalho só com ônibus escolar, e trabalho fazendo o trajeto da escola da Ponte. Então é isso aí, e eu estou aqui, acho aqui bom, gosto daqui eu me adaptei a aqui, fazendo vinte anos que eu vim para cá... Quando eu vim para cá veio um filho meu, meu menino homem, veio junto comigo... aí, com o tempo, ele chegou à idade de (servir ao) Exército, foi para Uberlândia, serviu ao Exército e por lá ficou, ele se casou e ficou por lá, junto com as outras irmãs dele, que também são casadas e moram lá. Mas, então, eu fiquei aqui, gosto daqui e não pretendo sair daqui, eu me adaptei, fiz muitas amizades aqui, a gente mora em casa própria, que é da gente, que é uma casa simples, mas confortável, com o nosso meio de vida, e aí vai, a gente vai vivendo desse jeito. E a minha expectativa de vida é assim: é daqui mais um pouco de tempo, eu estou me aposentando, não está faltando muito tempo, aí eu vou ficar aqui mesmo em Corumbaíba e esperando a mulher se aposentar também, e depois a gente sai para a estrada aí e viaja um pouco enquanto a filha fica estudando, e fazendo a vida dela. Mas eu, falando em estudando, eu, logo no começo do meu casamento, eu resolvi voltar à escola. Eu resolvi voltar à escola e comecei lá na quinta série de novo, porque eu perdi tudo, os papéis, eu comecei e vim, estudei no EJA (Educação de Jovens e Adultos), aquele ensino de jovens e adultos, fiz tudo, fiz vestibular, passei para Direito na UNIPAC (Universidade Presidente Antônio Carlos) em Araguari, aonde eu comecei a estudar e fiz até o segundo período, mas aí, devido à situação financeira, porque era muito... era particular, e tal, a coisa apertou muito e fui obrigado a abandonar o curso. Mas, ótimo para quem estava só com o quinto ano, aí depois entrar no quinto de novo e chegar à faculdade, eu achei que, para mim, eu já fiz muito. Por exemplo, prestar um vestibular, para mim, era uma coisa muito longe; no entanto, fui lá, fiz e passei. Então, é isso aí, a minha situação, a minha vida é essa. E uma frase, para eu tentar me descrever, é assim: ‘batalho, acredito em Deus, e não tenho medo do futuro’. Só isso.

[Áudio 32, duração: 10min 44s 160ms]

Entrevistado: Bom dia! Deixe-me falar um pouco sobre mim, conforme você solicitou, Milene. ‘Conte um pouco sobre sua cultura, de sua cultura de família, as tradições’... A minha cultura de família é a seguinte: a gente tem uma cultura bastante simples... a nossa religião é católica, mas ninguém foi praticante. Tem um pouco da minha família que é espírita, alguns evangélicos, mas geralmente nunca fomos muito frequentadores de igreja, certo? Todo mundo. Foi... Eu, por exemplo, eu sou uma pessoa que não vou para a igreja, mas não é por causa da

igreja, por causa do povo, é porque eu não... tive essa cultura comigo de ficar indo para a igreja. Mas, sim, sou um temente a Deus, eu acredito em Deus, creio, e... e sigo as normas de Deus, eu... sou desse jeito. Mas respeito a todos, e a nossa... a minha cultura é essa, certo? A cultura de gostar do Natal, de gostar do Ano Novo e, não tem tradição de fazer isso toda vez, não. Mas tem a tradição de reunir no Natal em tal lugar? Não, nós não temos isso não. Eu não tenho, minha família não tem. É conforme vai dar certo, nós não temos rotina, certo? E eu, a comida que eu gosto é uma comida comum, uma comida sem... sem muita coisa, uma comida mais caipira, uma comida mais caseira. Esse é meu tipo de comida, que eu gosto. E, principalmente, quando se dá para o lado de carne. Sou... gosto de massa, como massa, mas não é assim, que eu fale: 'gosto'; não. Sou mais de gostar mesmo de comida. E doces, tanto faz, variado, um com o outro. E música, eu gosto de música, todo tipo de música - ou quase todo tipo de música - eu gosto. Eu gosto de música sertaneja, também gosto do... qualquer tipo de outra música, eu gosto, música internacional... desde que seja música boa, certo? Eu não gosto dessas 'balelaiada' aí não. Mas as músicas boas eu gosto, qualquer uma, não importa quem, cantor, qualquer um, tanto faz. Aí, é assim que faz. Um cantor, uma música, que eu gosto, que eu admiro bastante, são músicas de Tião Carreiro e Pardinho, eu gosto. Gosto demais de músicas de Tião Carreiro e Pardinho. Aí, sobre a religião, eu já falei um pouco, o que é a religião, e a religião significa, eu acho que a religião significa um amparo, um caminho, sabe, uma barca em que a pessoa se apega, para se manter mais ou menos alinhado com alguma coisa boa. Então, eles... eu acho que a religião é, mais ou menos, por aí. Aí, o... agora, eu não tenho cor preferida não, a minha... eu gosto de todas as cores, mas eu me deixo levar um pouco mais pelo tom. Não é agora porque eu estou... nós estamos em época de política, mas eu levo mais pelo tom azul, sabe, toda vida eu gostei mais de um tom azul. Mas é isso mesmo. Agora minha personalidade é a seguinte: eu sou, eu me sinto, calmo, sossegado, uma personalidade, de querer as coisas mais ou menos retas. 'Reta', que eu digo, é fazer coisa mais honesta, mais, sabe, sem muita falsidade, eu não dou conta não, eu não dou conta muito de ficar, não dou conta de fazer assim, (fingir) que eu gosto de uma pessoa, fazer de conta que eu gosto dela e estar rindo, e tal. Se eu não gosto, eu não gosto, pronto, acabou. Então, eu sou assim. Então, as estórias, lembranças, de uma boa estória da vida... não. A boa estória da minha vida, que eu tenho, é a chegada dos meus filhos, eu acho muito boa essa estória, quando meus filhos chegaram e tenho eles, graças a Deus, e estão todos aí com paz, saúde, então isso aí é uma parte boa da minha história. Eu gosto de passear em lugares calmos, tranquilos, mais isolados, sabe, eu gosto muito de natureza. É isso que eu gosto: natureza, para, sabe, para eu ver as coisas, ver os rios, a mata, os bichos, é

isso aí que eu gosto. É meu tipo de... meu tipo de passeio, se for ficar por conta de eu escolher e querer, seriam esses. Agora o esporte é... gosto de esporte, gosto de futebol, gosto de qualquer esporte, desde que seja saudável. Não gosto de esporte que usa animais, eu não sou muito chegado. O único que eu gostava até um pouco mais atrás, às vezes, era uma montaria, um rodeio, um 'trem', mas ultimamente nem isso eu estou... parece que não estou admitindo ele mais. Agora, esse negócio de briga de animais, essas coisas, eu não gosto, eu detesto, não gosto disso não. Plantar, eu gosto demais de plantar, plantar qualquer coisa: plantar horta, plantar plantas, lavouras, o que se diz plantar, eu amo plantar, isso é uma coisa que eu mais gosto de fazer. Cantar: eu até gostaria de cantar, mas nunca aprendi. Agora, cozinhar, também, eu gosto de cozinhar, acho bom. Sempre que eu gosto, eu estou cozinhando, eu acho bom, sou cheio de inventar algumas comidas, e tal, isso aí me dá prazer, desde que não seja sempre. O que me traz alegria é ver a saúde que a gente tem, a saúde que a família tem e o jeito de vida que a gente leva, uma vida simples, mas agradável, sem passar muito aperto, sem deixar de passar esse aperto também - porque senão não teria graça a vida. E aí, é assim que a gente vai levando a vida. Eu, por exemplo, gosto de levar a vida deste jeito, aí eu gosto de passear, principalmente em família, sabe, principalmente junto com meus filhos, eu gosto de passear. Eu não gosto de passear com muita gente e pessoas desconhecidas, eu não sou muito disso também não. Agora, eu acho que o maior talento que eu tenho é dirigir, certo? Dirigir. E é uma das coisas que eu mais gosto de fazer, é dirigir. E dirigir... eu tenho (para mim) que dirigir é uma arte. Eu dirijo quase a minha vida toda, comecei dirigindo bem novo, na adolescência, e vivo disso, então eu tenho (para mim) que dirigir é uma arte. Por que é uma arte: porque cada milésimo de segundo é uma novidade, cada metro é uma coisa diferente, cada veículo é diferente um do outro, cada um que você encontra na estrada, um que está dirigindo na estrada, um dirige diferente do outro, cada estrada é diferente da outra, certo? Então. E a gente tem que aprender a conseguir ultrapassar essas partes aí 'de boa', sem problema nenhum, com categoria, com responsabilidade. Então, eu considero dirigir uma arte. Então, eu acredito que eu sou... o meu talento maior é dirigir. Então, é isso aí. E sobre a minha vida, minha vida é isso aí: eu trabalhar, cuidar da família, realizar meus sonhos, por exemplo, ultimamente, agora, meu sonho agora é terminar um *motor-home* que eu estou construindo, é meu sonho tem muito tempo, conseguir por ele para rodar e, a hora que puder, sair passeando pelo mundo aí, conhecendo lugares e vendo a natureza... E é isso aí. Minha vida é essa. Obrigado.

APÊNDICE K – Transcrição da Entrevista XI**Corumbaíba, 27 de outubro de 2020.****Pesquisadora:** Milene Garcia Silva.**Entrevistada:** Elisângela Alves de Souza**Local da Entrevista:** Via (WhatsApp).**Horário da Entrevista:** HH:MM.**Duração Total dos Áudios:** 5min 30s 158ms.

[Áudio 34, duração: 5min 30s 158ms]

Entrevistada: Então. Bom dia, ‘gatinha’. Venho de família humilde, tradicional na cidade, uma família numerosa, bem religiosa, mas dividida nas religiões. Sou simples, honesta, dedicada, não gosto de mentira, um pouco autoritária com os meus. Gosto de todas as comidas, por isso prefiro as coisas de sal, mas também não dispenso um docinho de vez em quando não. Música, gosto dos louvores, que me tocam na alma, um sertanejo romântico, de raiz, eu prefiro, e também um bom forró, nossa, ô época que eu dançava! Era bom! Hoje em dia não tem mais, não danço mais, mas está bom, valeu a pena. Gosto de tantos cantores e músicas que nem dá para citar um só. Lembranças, lembranças, doces lembranças. Sou católica, com a graça de Deus, Jesus e a Virgem Maria; (isto) significa, para mim, minha religião, significa renovação, é onde eu busco forças para enfrentar as adversidades da vida. Em Jesus, é no Pai, no Filho e no Espírito Santo, e junto à Virgem Maria que me renovo todos os dias. Eu me vejo uma pessoa de fé, que tenta não magoar as pessoas; porém, às vezes, com os meus, explosiva. Gosto de andar certa em tudo o que faço para não dar pé para poderem chamar minha atenção, ou alguma coisa nesse sentido. Personalidade forte, porém, de um coração enorme. Minha cor preferida: tenho muitas; acredito que um colorido me representa: um verde da esperança, um azul do céu, um branco da paz, e assim vai... não posso me esquecer do pretinho básico, amo. Uma alegria, uma coisa boa, são muitas coisas, eu sou bem, assim, sabe... meus quinze anos... quando tinha algumas pessoas que eu amo, as quais Deus levou para junto dele, quando meus filhos eram pequenos... ê, saudade. Gosto de reuniões de família, lugares onde tem natureza, água, paz... o que me deixa feliz é a paz que Deus coloca no meu coração. Não pratico esporte não, sou sedentária; gosto de caminhar, por necessidade, por causa da ‘bete’ (diabetes). Gosto de cantar... só em casa, no banheiro. Gosto de cozinhar, como demais, (então, tenho) que gostar da cozinha.

Eu me alegro com minha neta, amo demais, com Deus no coração, na igreja, em casa com a família e amigos, no trabalho, com as crianças, comendo uma carne assada, tomando uma cerveja, um vinho, jogando conversa fora... isso traz alegria, traz paz para o coração. Um dom: eu acho que tenho o dom de amar, amar demais, querer proteger demais. Talento, não tenho muitas habilidades não, mas faço tudo com amor e dedicação. Sentido da vida: sentido da vida é tanta coisa... sentido da vida é amar, é o amor de Deus, a Deus, é ter metas, é ter conquistas, é a família, é os amigos verdadeiros, é encontrar sentido para viver. É tanta coisa, 'nega', mas eu acho que respondi aí a algumas questões. Desculpe-me se não ficou bom, 'gatinha', precisando, estou aqui. Mais uma vez, desculpa a demora. Beijos, boa sorte, Deus abençoe muito, muito, muito. Fica com Deus. Estou aqui, hm! Precisando, pode ligar. Beijos, tchau.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
 REGIONAL CATALÃO
 UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
 Av. Lamartine P. Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704 020
 Fone: (64) 3441-5366.
 Ramal 204 – Coordenação. E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com
 Ramal 206 – Secretaria. E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

O Senhor (a), está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada **“Escola Professor Alberto de Moraes Holanda: Corumbaíba-GO (1989/2019) O que dizem os pais?”**. Meu nome é Milene Garcia Silva, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é Educação. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se o Senhor (a) aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra, pertence à pesquisadora responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação o Senhor (a) não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail (milenegarciasilva@gmail.com) e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do seguinte contato telefônico: (64) 99611-7402. (WhatsApp). Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, o Senhor (a) também poderá contactar o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62) 3521-1215.

Informações Importantes sobre a Pesquisa:

O título da pesquisa é: **“Escola Professor Alberto de Moraes Holanda: Corumbaíba-GO (1989/2019) O que dizem os pais?”**. Esta é uma pesquisa em educação que se utiliza da abordagem (auto) biográfica, que vem crescendo significativamente no Brasil desde 2004, quando foi realizado o I Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) biográfica. Esta abordagem apresenta-se sob duas vertentes: primeiro Narrativas (auto) biográficas como práticas de formação (formação do adulto e

formação do formador). Segundo Narrativas (auto) biográficas como metodologia e modo de (auto) biografar-se (métodos de pesquisa e modos de grafar a narrativa). Na perspectiva da segunda vertente, especialmente, vemos um território ainda amplo de investigações, especialmente na utilização de biografias e narrativas para se conhecer a história de vida de sujeitos da educação (professores, alunos, técnicos administrativos), bem como a história/biografia de instituições escolares. Esta proposta situa-se neste campo que utiliza a abordagem biográfico narrativa para investigar histórias de vida e de instituições escolares em Goiás, prioritariamente na região sudeste deste Estado. A metodologia a ser utilizada é a das histórias de vida, que se utiliza de dados tais como entrevistas áudios visuais, textos (auto) biográficos, entre outros, relacionando a história de vida dos sujeitos da educação com seus pares, bem como com a história sócio, cultural e política regional e nacional. Espera-se com esta pesquisa abrir novos campos de investigação em História da Educação no sudeste de Goiás, compreendendo estudos sobre a memória educacional nesta região. Para isso, estamos propondo uma conversa que será gravada em áudio/vídeo e o Senhor (a) pode ou não concordar com a divulgação da sua imagem e do seu nome. Não sabemos ao certo se essa nossa conversa será muito breve ou mais demorada, irá depender das estórias e lembranças que o Senhor (a) estiver à vontade para nos contar. Pode ser que o Senhor (a) se emocione ou sintase constrangido (a) ao narrar fatos que podem ter acontecido na sua vida, mas caso haja algum assunto que o Senhor (a) não queira falar a respeito, nós entenderemos. O Senhor (a) é livre para se recusar a participar ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. O Senhor (a) tem o direito de pleitear indenização garantida em lei para reparação de danos imediatos ou futuros decorrentes da sua participação nessa pesquisa. Caso concorde em dar a sua contribuição para esta pesquisa, solicitamos que informe seus dados pessoais (nome completo, RG e CPF) no preenchimento deste documento e deixe sua assinatura ao final. Antecipamos agradecimentos por sua disponibilidade e colaboração.

Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,,
RG/CPF,
abaixo-assinado, concordo em participar do estudo intitulado “Escola Professor Alberto de Moraes Holanda: Corumbáiba-GO (1989/2019) O que dizem os pais?”. Informo ter mais de 18 anos e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora responsável Milene Garcia Silva sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Corumbáiba, dede

Sobre a concessão de uso de imagens , assinale a sua opção:
--

<input type="checkbox"/> Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;
--

<input type="checkbox"/> Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.
--

Sobre a divulgação do seu nome , assinale a sua opção:

<input type="checkbox"/> Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa;

<input type="checkbox"/> Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa.

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do pesquisador responsável